



Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

LITTERATURA DO NORTE

LOURENÇO

LITTERATURA DO NORTE

TERCEIRO LIVRO

LOURENÇO

CHRONICA PERNAMBUCANA

POR

FRANKLIN TAVORA

NOVA EDIÇÃO

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71
RIO DE JANEIRO

| 6; RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

1902

Palavras que escrevi, aos 3 de julho do anno corrente, na folha exterior da original donde fôra copiado o « Lourenço » para a « Revista Brasileira ».

Esta chronica, prompta ha mais de dois annos para seguir em volume o *Matuto*, cujo é conclusão logica e natural, acaba de sahir a lume na *Revista Brasileira*, a que dedico affectos de natureza paternal.

Mudando-se o plano da publicação, tive por necessario adaptar o trabalho aos leitores da *Revista*, que eu não podia presumir fossem absolutamente os mesmos do *Matuto*. Fiz por isso muitas alterações neste manuscripto. Augmentei informações e minucias, reproduzi idéas inuteis no primeiro caso, indispensaveis no segundo. Quem lêr agora o *Matuto* e o *Lourenço*, notará algumas repetições. E' certo, porém, que, na leitura, pôde ser este desacompanhado daquelle. Pelo que respeita às repetições, passará as vistas por cima dellas o leitor benevolo, sem enxergar materia para corpo de

delicto contra o autor, attentos os motivos explicados.

Cumpre advertir que, comquanto cada uma das duas narrativas tenha acção propria, comquanto cada uma dellas possa subsistir sem a outra, para melhor conhecimento da guerra dos mascates em que ambas se inspiraram, a leitura do *Matuto* sem a do *Lourenço*, e vice-versa, não é bastante.

Esforcei-me por dar, quer no primeiro quer no ultimo, uma idéa tão completa quanto possivel, dessa guerra, ainda pouco estudada, não obstante a sua originalidade, por si só no caso de convidar a serio exame e meditação o historiador depois do economista e do politico. Pouca ou nenhuma importancia se lhe tem dado entre nós ; é certo comtudo que, sem a guerra dos mascates, a qual deixou um vallo profundo entre brazileiros e portuguezes, não teriamos a revolução de 1817, radiante alva de que fôra aquella guerra o pallido crepusculo precursor do dia da Independencia em 1822.

Antes da emancipação das colonias americanas (1776), antes da conjuração mineira (1789), reunida a nobreza com o Senado da camara de Olinda em 1710, tratou de dar á capitania de Pernambuco outra fórma de governo, independente de Portugal : foi a guerra dos mascates o primeiro grito no novo mundo contra as metropoles europeas. Não imitou Pernambuco a França nem os Estados-Unidos. Pensou e obrou por si muito antes de nesses paizes se pensar em independencia e republica.

O ajuntamento discutiu a idéa suggerida por varios nobres de se estabelecer em Olinda uma republica aristocratica modelada pela de Veneza; e si esta idéa, considerada por todos de alta magnitude, e recebida por muitos com medo, não prevaleceu, porque foram votos vencedores os dos *moderados* que, como meio de conciliar os animos discordes, propuzeram fosse aceito para governador o bispo alheio ás luctas partidarias, e a quem aliás cabia o governo, na falta do governador fugitivo, por via de successão, conforme dispunha a carta regia prevenindo as vacancias, nem por isso se deve desconhecer a prioridade de Pernambuco em cogitar na independencia.

A devassa, instaurada depois da chegada do governador Felix José Machado, occasionou homizios, prisões, sequestros, que sómente tiveram termo em 1744. A capitania ficou arruinada, muitas familias na viuvez e na miseria; muitas fortunas desapareceram: foram quatro longos annos de calamidades, de lagrimos e luto. Si não houve execuções capitaes, não foi por faltarem bons desejos ao governador e aos ministros, mas por não se poderem avir neste ponto com aquellas autoridades sanguinarias os ouvidores da Parahyba e das Alagôas; houve, porém, mortes e não poucas, por occasião dos levantes, nos assaltos e batalhas: houve assassinatos pelas estradas e até nos refugios onde os nobres tinham buscado pôr em segurança a sua vida.

Com todo o fundamento dever-se-ia reputar esta guerra como uma das mais prejudiciaes a Pernambuco, si ella não fôra a semente donde pullulou a planta da nossa iuependencia politica.

F T.

LOURENÇO

I

O governador Felix José Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcellos, que chegára a Pernambuco em 7 de outubro de 1711, depois de ter passado alguns dias em Olinda, mudou a sua residencia para o Recife, com grande desagrado e desconfiança dos nobres, porque a florescente villa era a praça forte da burguezia portugueza, que aspirava á posse e mando da capitania.

Posto que já muito augmentado, não podia no lustre e numero dos habitantes competir o Recife com a opulenta e populosa capital, que do alto do seu orgulho olhava com desdem de soberana para a humildè vizinha a quem hoje paga feudo de vassallagem. Eram poucas as ruas, quasi nenhuns os estabelecimentos publicos. Mauricio de Nassau fizera surgir da ilha pittoresca sobrados, palacios e outras obras, cujos restos ainda attestam a grandeza

do genio batavo. Mas todos estes edificios e estabelecimentos, bastantes para certificar vinte e quatro annos do dominio fecundo de um grande povo, pouco eram em comparação das ruas sem conta, dos templos sumptuosos, das habitações aristocraticas com que dos seus oiteiros descia até os valles, por entre pomares e jardins esplendidos, a Olinda dos poetas, que nascera de um conflicto de prazer das vistas de Albuquerque com as riso-nhas perspectivas que de cima desses oiteiros se descortinam, como nascera Venus do ajuntamento do sangue do céu com as escumas do mar.

A preferencia do governador feriu a nobreza nos seus fóros anciãos, e a cidade na sua justa e legitima vaidade. Todavia, os nobres teriam curtido em silencio este dobrado desdouro, si em 18 de novembro, quarenta dias depois da chegada de Felix José Machado, não fossem escandalisados com a nova inauguração do pelourinho, causa primordial da guerra extincta (1). Não podendo mais reter, em presença do novo desacato, os seus resentimentos mal occultos, os mais importantes membros da nobreza pernambucana procuraram o bispo d. Manoel Alvares da Costa, de cujas mãos o governador recebera as redeas do governo, para o consultarem sobre o procedimento que deviam ter.

O bispo, modelo de brandura christã e de con-

(1) Vid. o *Matuto*, segundo livro da *Litteratura do Norte*.

cordia fraternal, tratou de amaciar os fidalgos melindres erriçados.

— Senhores, disse elle, não ha razão para assim vos mostrardes descontentes. O ouvidor nao podia deixar de restabelecer o pelourinho, demolido em 1710 no ardor das paixões pelo povo levantado, visto que a villa está creada. Até me parece que, a não ter este procedimento, o ouvidor incorreria em culpa.

— Perdôe-me v. ex., redarguiu Estevam de Aragão. E' verdade que a villa está creada; mas, tendo opposto os nobres e os homens bons, ou antes o clero, a nobreza e o povo da capitania (que não se podem comprehender neste numero os abominaveis mascates) geral reacção a este acto, justo parecera que sem novo acto em que se visse manifesta a vontade de el-rei acerca de tal assumpto, não houvesse de parte dos ministros a menor deliberação. Poder-se-á acaso comprehender que os pernambucanos derramassem o seu sangue, que a nobreza lançasse mão das armas e gastasse rios de dinheiro para, no fim de tão sanguinolenta e dispendiosa contenda, ficarem satisfeitos com a renovação do infame padrão?! Demais, que significam a carta de d. Lourenço de Almada, e a confirmação do perdão aos nobres pelo primeiro levante sinão que estes tinham razão no dito assumpto? Declaro a v. ex. que não posso conformar-me com a opinião dos que entendem estar tudo acabado, e nada nos restar d'ora em diante

neste siugular pleito, sinão curvamos a cabeça aos que têm agora por si as autoridades que não sabem dar o devido apreço á sua honra, e á justiça entregue nas suas mãos. A meu parecer, a questão está de pé, a lucta não teve o natural desfecho. O pelourinho, ha pouco inaugurado por entre festivas demonstrações da parte dos mercadores, deve ser novamente demolido.

— Nem nos custará muito darmos aos villões esta lição, ajuntou Antonio Dias de Figueiredo. Robustos estão ainda os braços que construíram á roda do Recife essas trincheiras, que o novo governador mandou destruir tanto que tomou conta da terra, mas que as maiores e mais desesperadas investidas dos mascates não puderam romper durante quatro longos mezes de cerco. Os peitos patrioticos, que castigaram a arrogancia da villanagem, depressa voltarão ao posto, onde morrer pela patria lhes parecia mais nobre ainda do que vencer o inimigo.

— Senhores, respondeu o bispo, as guerras são cruas calamidades, que os estados devem evitar e os homens temer; ellas oppõem-se á civilisação, e a moral condemna-as. Milhões de cruzados e, o que é mais, milhares de vidas gastaram-se nesses infaustos mezes. Soffreu a agricultura, soffreu o commeriro, soffreu o governo, soffreu a familia, soffreu a religião prejuizos incalculaveis. Mas para justificar o estado lastimoso de Pernambuco, havia uma razão — o governo tinha o direito

de se fazer obedecer e a obrigação de impôr aos rebeldes obediencia. Nestes intuitos, a nobreza fez o que ordenara a sua honra e o seu dever. Mas as circumstancias actuaes não são as mesmas. A nossa resistencia ás novas autoridades metteria nas mãos dellas a arma que brandimos contra os rebeldes, e o estigma da rebeldia deixaria em nossas frentes. Cuidemos antes de reparar os grandes males que nos deixou como legado fatal essa lucta ingloria e fraticida. Deixemos o mais á conta da disciplina das cousas humanas, aos altos conselhos da providencia.

Este parecer, que tinha as principaes raizes no animo piedoso do bispo, não foi bem acceito pelos circumstantes. Entre estes, o que mais tenaz se mostrou em não se conformar com a nova direcção das cousas publicas, foi Leão Falcão d'Eça. Estava elle para os fidalgos do sul da provincia, pela sua intrepidez e exaltação, na mesma relação que Cosme Cavalcanti para os do norte. Pelo seu voto, o primeiro passo que deviam dar os pernambucanos era pôrem abaixo o pelourinho. Disse elle que tinha amigos e moradores em Tracunhaem que o seguiriam na represalia, sem entrarem na indagação dos perigos e do resultado final. Disse mais que não queria vida sinão até o momento de dar este segundo ensino aos mascates, depressa esquecidos do primeiro.

Cosme Cavalcanti trouxe tambem a sua pedra para o edificio da revolta.

— Não ignoraes que vim de proposito de Goyanna a cumprimentar o governador, porque se me mandara dizer desta cidade que « os nobres haviam assentado fazer cada qual a sua visita, e recolher-se emquanto a obrigação de algum negocio os não chamasse ». Ia eu chegando ás portas de palacio, quando sahiam de dentro João da Motta e o padre João da Costa. Ao darem com as vistas em mim, risos escarninhos são o cumprimento que tem um, olhares ameaçadores e desdenhosos são a cortezia que tem o outro. Diante dessas figuras ainda macilentas pela fome que com o cerco padeceram, todos os meus brios sentiram-se insultados. Pareceu-me que subir cabisbaixo as escadas por onde haviam descido triumphantes duas viboras peçonhentas, não era acção que se compadecesse com o meu sangue e linhagem. Dei de redeas ao cavallo e torci para traz. Não me hajaes por arrebatado, senhores. Eu já trazia nesse momento todos os meus espiritos erguidos : pelas ruas da infame povoação encontrara magotes de réles mercadores com alegres ares e palavras descompostas. Uns diziam versos em honra do seu triumpho ; outros cantavam trovas depravadas contra a nobreza, chocalhando da nossa derrota. Sabeis ao que ia essa desprezível gentalha? Ia levar os seus agradecimentos ao ouvidor e ao governador pelo restabelecimento do pelourinho.

— Cousas de imprudentes, disse o bispo. Ponghamos bem altos os nossos ouvidos para que não

escutemos insultos e injurias, e bem attentas as vistas no estudo da nossa posição. Senhores, não nos illudamos. O governador traz largos poderes, e empregará todos os meios de se fazer obedecêr. Não é tão facil como vos parece entorpecer a administração em sua marcha. Elle procura mostrar-se imparcial, si acaso o não é.

— Procurou ao principio, hoje não. Hoje tem-n'o comsigo os mascates, graças á força milagrosa do scu ouro e do dos padres da recoleta.

— Grave cousa affirmaes, sr. Falcão d'Eça, observou o bispo, em mar de quem fazia amiga censura.

Sentindo a intenção de d. Manoel, Falcão d'Eça retorquiu :

— Perdôe-me v. ex. : não estou levantando aleives. Contou-me José da Silva que, « indo com um requerimento um dia á casa do ouvidor, achára ahi dois missionarios, que naquella occasião lhe entregavam um cartucho de porte; e, querendo, sem que esta parte o visse, recebel-o, rompendo-se-lhe nas mãos o papel com o peso que embrulhava, se espalharam sobre um bofete as moedas de ouro, que cahiram em quantidade, do que ficou o que as recebera, si bem pago, em nada satisfeito da testemunha de vista » (1). Quer v. ex. que lhe aponte outros factos? No banquete que deu ha oito dias o governador em seu palacio aos mascates, acceitou peças de ouro, louvando por essa occasião

(1) *Memor. Historic. de Pernambuco.*

a intelligencia delles, e dizendo-lhes que era muito superior á dos naturaes de Pernambueo (1).

Não obstante este forte animo dos nobres contra a politica do governador e do ouvidor; não obstante a inclinação das suas paixões para um novo conflicto, que devia resolver-se em segunda guerra porventura mais encarniçada e mortifera que a primeira, poude d. Manoel, graças ao prestigio que lhe ficára do governo, ao seu sagrado ministerio, á sua piedade, ao seu esforço, dissuadir os nobres do grave pensamento que alimentavam. D. Manoel foi ainda além deste resultado.

— Sou de parecer, dissera elle por derradeiro, que cada um dos amigos presentes volte á sua casa a tratar dos seus interesses, sem outro animo em relação á administração publica sinão o de obedecer ás autoridades e ser fiel a el-rei que ellas representam.

Estas palavras foram ouvidas por todos. Até Cosme Bezerra e Falcão d'Eça dentro de vinte e quatro horas volviam a seus lares.

O bispo não se enganara nas conjecturas. De facto, Felix José Machado estava armado com todos os poderes para vencer o espirito de rebelião, fosse de que lado fosse. A côrte de Lisboa não quizera desconsiderar inteiramente os pernambucanos, importantes pelas suas tradições, posição e fortuna; mas incumbira o governador de destruir tudo o

(1) Historico.

que se parecesse com germen de resistencia, de que pudesse proceder o pensamento de tornar independente o Brazil. Não era sem razão que se previa alli este caso : soubera-se em Portugal tudo o que em Olinda se passara em 1710, por occasião de reunir-se a nobreza com o senado da camara para escolha do governador, depois da fugida de Sebastião de Castro Caldas. D. João V percorrera com as vistas algumas das cartas, em que pelo miudo se referiam a importantes pessoas do reino palavras dos nobres, reveladoras do intento de realisar essa independencia. De feito, este intento, já expresso em 1650, quando a corôa esteve para abandonar a colonia á sua propria sorte, em 1710 teve ainda mais positiva affirmação. Pedro Ribeiro da Silva, capitão-mór de Santo Antão, João de Barros Rego, capitão-mór em Olinda, João de Freitas da Cunha, mestre de campo, Bernardo Vieira de Mello, sargento-mór, emfim a principal nobreza opinara pela separação. Bernardo Vieira chegara a propôr que se declarasse a capitania em republica « *ad instar* dos venezianos ».

O primeiro cuidado de Felix José Machado depois de chegar a Pernambuco foi estudar o estado dos dois partidos que se combatiam.

Estavam ambos cançados por mais que inculcassem o contrario. Os mascates, além de cançados, não tinham meios de prosêguir a lucta. Em toda a guerra só haviam contado uma victoria — a de Sibiró. Esta mesma teve por principal origem a

circumstancia de haver o mestre de campo, commandante das tropas da nobreza, jurado ao bispo que em caso nenhum derramaria sangue; era o juramento de entregar-se ao inimigo. A victoria incruenta trouxe grande força moral aos mascates, e até lhes facilitou pelo lado do sul o fornecimento de generos, sem os quaes dentro em pouco tempo cahiria o Recife em poder dos nobres. Mas aquella impressão desvaneceu-se, e as facilidades cessaram com a victoria de Ipojuca, e a assedio da fortaleza de Tamandaré, que tanto illustraram o já illustre ajudante-de-tenente Francisco Gil Ribeiro. Felix José Machado, que trazia a intenção reservada de tomar o partido dos mascates, não pode sustentar a mascara de imparcialidade sinão nos primeiros dias; e em vez de compôr os discordes, afastar os motivos de contenda, realisar numa palavra, a obra do congraçamento, entendeu em mostrar-se forte para com os nobres em quem o cançado não pudéra ainda gerar a fraqueza, nem os grandes gastos e prejuizos o receio de cair em penuria.

Não satisfeito com a restauração do pelourinho, ordenou ao novo ouvidor João Marques Bacalháo, que com elle viera, que instituisse devassa sobre o primeiro levante, sem embargo do perdão; e nesta devassa atropellaram tão parcialmente os principios da justiça, que dezenove dos principaes nobres de Olinda, pronunciados em segredo, foram mandados prender pelo governador, em 17 de fevereiro de 1712. De alguns, como do sargento-mór Leonardo

Bezerra e do alferes André Vieira de Mello, verificou-se a prisão por ocasião de sahirem do proprio palacio do governador. As prisões continuaram. O capitão André Dias de Figueiredo, depois de passar quasi uma semana dentro de uma mina, no convento dos jesuitas em Olinda, teve de ser d'ahi arrancado para a semi-tumba das Cinco-pontas. A fugida para os mattos foi então o primeiro, sinão o unico recurso dos nobres. Em poucos dias Olinda ficou entregue sómente ás familias apavoradas, os engenhos ficaram ao desamparo, como a cidade e villas. A guerra já contribuíra poderosamente para paralyzar o serviço da lavoura; o novo golpe veio completar esta triste obra.

A capitania era um como paiz conquistado. Olinda chorava lagrimas de sangue e trajava luto. O Recife porém embalava-se entre verdores gentis e aguas mansas, como candida nymphéa.

Os mascates banqueteavam-se com os novos ministros. Chegara a sua vez.

II

O eclipse do astro dos nobres em Olinda alongou a sua sombra até Goyanna, e nelle viram medonho annuncio de proximos males todós os daquela villa que pertenciam á nobreza.

Goyanna era um dos pontos da capitania onde a causa dos mascates passara por maiores revezes. Do combate que alli se dera em a noite de 23 de agosto de 1711, haviam sahido victoriosos o sargento-mór João da Cunha, senhor do engenho Bujary, Cosme Cavalcanti, juiz ordinario, e outros fidalgos, auxiliados pelo ajudante-de-tenente Gil Ribeiro, que completamente destroçara com as suas tropas as parahybanas capitaneadas por Luiz Soares. Realisaram-se por essa occasião a morte do sargento-mór dos mascates Antonio Coelho, a prisão de Jeronymo Paz, poderoso marchante, e a de varios cabeças do mesmo partido. Era portanto de esperar que, restituído Jeronymo Paz á liberdade com a

chegada do novo governador, não se demorasse a desforra que devia ser atroz, desforra premeditada e jurada pelo feroz *procurador do povo* desde o momento da sua prisão (1).

O perigo era imminente. Trataram de prevenir-se os principaes nobres.

— Prometti ao bispo curvar a cabeça aos decretos da autoridade que nos mandaram para anniquillar-nos; mas não devo considerar-me ligado por esta promessa, porque para a fazer tive o fundamento de suppôr que o intento do governador era administrar justiça a todos igualmente. O seu ultimo procedimento prova o contrario, e eu não estou mais pela obediencia sinão pela opposição ao tyranno. A devassa continúa aberta. O governador, o ouvidor e o juiz de fóra, os tres páos da forca destinada a acabar com os pernambucanos, não param em sua obra destruidora. Jeronymo Paz diz pelas tabernas que nos ha de pôr as cordas. A' vista disso, deveremos ficar impassiveis? Não. Organizar a guerra á tyrannia cis o que nos cumpre fazer.

— Com que gente contaes vós, sr. Cosme Cavalcanti, para organizar e sustentar essa guerra? Onde estão as vossas ordenanças? Estão com os inimigos, que são as actuaes autoridades, ou os sustentadores dellas. Onde estão os nossos escravos? Uns morreram, outros fugiram; os que ainda restam, mal chegam para dar-nos agua para os pés.

(1) Vid. *Matuto*, pag. 446.

Onde estão os nossos moradores, que os não vejo, por mais que estenda as vistas? Os que não ganharam fugitivos o sertão, a fim de não servirem contra sua vontade nos regimentos que o governador vae formando a seu modo, são velhos achacados, ou meninos que para nada prestam. Dizei-me, por caridade, com quem havemos de fazer frente aos nossos carrascos?

— Tendes razão, João da Cunha — disse Luiz Vidal. O baralho cahiu nas mãos dos inimigos, que formam o jogo que lhes faz conta.

Cosme Cavalcanti redarguiu:

— Não perdi ainda a esperança de dar a esse governador que recebe em palacio aos pares as mulheres de má vida, e sustenta ahi banca de jogo, a lição que receberam de nós, por varias vezes, os que com elle se dão agora áquelle vicio, deixando-se roubar, para terem o grande vicioso ao seu lado, Corramos daqui a Itambé. Mathias Vidal deve ter muita gente reunida para arrostar com os nossos oppressores.

Ouvindo falar em Mathias Vidal, os outros fidalgos sobr'estiveram: aquelle illustre pernambueano, filho natural de André Vidal de Negreiros — um dos heróes da restauração — grangeara grande nomeada com a formação do *batalhão saiprado*, composto de sacerdotes resolutos a derramar até a ultima gotta de sangue em defesa do bispo ameaçado em sua vida pelos mascates, nos primeiros tempos do cerco do Recife.

Mas a agradável illusão durou pouco. Rumor de passos fez-se ouvir, e um novo interlocutor, entrando inesperadamente na sala, advertiu :

— Mathias Vidal desapareceu, não se sabe para onde. É o que acabo de ler em uma carta escripta por seu genro a Manoel de Lacerda.

O novo interlocutor era André Cavalcanti, que, sabendo esta triste noticia, corrêra a participal-a a Cosme Cavalcanti, seu irmão.

Cosmé reflectiu um momento.

— Não importa — disse depois. Tenho cá o meu plano, e para a sua realisação conto comvosco, sr. Luiz Vidal, e comvosco, André. Estarei enganado?

— Podeis contar, podeis contar comnosco — responderam os dois ao mesmo tempo.

— Morrerei onde morrerdes — ajuntou Luiz Vidal.

— Estando comvosco, sr. Cosme — disse André Cavalcanti — parece-me que terei por mais certa a victoria que a derrota.

— Que plano é o vosso? perguntou o sargento-mór.

— Irei para as minhas fazendas de gado no Assú.

— Estão muito distantes. Não poderei acompanhar-vos até lá — tornou João da Cunha.

— Ah! — continuou Cosmé — reunirei os meus vaqueiros e criadores que quizerem seguir-me: todos hão de seguir-me. Tenho fé que em menos de

dois mezes Felix José Machado ha de tremer ao ouvir falar em meu nome.

Um momento de silencio que succedeu a esta declaração, indicou que os valorosos pernambucanos alli congregados reflectiam sobre a sua sorte. A's palavras de Cosme, sempre de peso para os amigos, parentes e todos os que conheciam os seus grandes espiritos, seguiu-se breve mas solemne interrupção. João da Cunha foi o primeiro que se libertou desta prisão do prestigio natural da coragem e importancia pessoal.

— E quando é a vossa partida ? perguntou.

— Para tão breve a tenho assentada que talvez seja esta a ultima vez que nos achemos juntos. Ha muitos dias que me apparelhei para realisa-la. Vejo que é chegado o momento de deixar Goyanna, a fim de poder ser util a Goyanna. Os inimigos não dormem. Devemos ser, como elles, espertos e diligentes.

Cosme levantou-se, deu alguns passos em direcção a João da Cunha, abriu os braços, e apertou-o, entre elles.

— Si não nos virmos mais, seja esta a nossa despedida — disse.

Os dois fidalgos ficaram commovidos. Aquella scena foi tão inesperada, tão muda e tão eloquente que não podia ser outro o sentimento dos que tomaram parte nella.

Depois de abraçar Luiz Vidal e André Cavalcanti, João da Cunha encaminhou-se á escada.

— Vêde bem como sois, observou Cosme acompanhando-o. Antes de pordes o pé na rua, examinae primeiro si ha do lado de fóra algum vulto suspeito. Andamos cercados de espiões.

— Não ha novidade. Mathias e José ficaram embaixo; trazem armas, são valentes, e já teriam vindo a meu encontro, si houvesse qualquer desconfiança. A noite está medonha, mas elles são dois gatos do matto; vêm perfeitamente, no escuro.

— Agora nós — disse Cosme a meia voz aos irmãos, tornando á sala do sobrado, onde estas coisas se passavam. São oito horas. Á meia-noite devemos achar-nos de marcha. Ide dizer adeus á familia, emquanto tomo as ultimas providencias.

Á meia-noite tres cavalloos sellados, e cinco carregados deixavam-se ver no quintal da casa. As cargas eram formadas com barricas, caixões e malas: nas barricas em que se imaginava estarem mettidos comestiveis, o que se continha era polvora e bala: nos caixões havia armas de fogo. Quando Zacharias, escravo de estimação de Cosme, veiu dizer-lhe que as suas ordens tinham sido executadas, elle com os dois irmãos, que desde as onze horas se achavam de volta, entraram para o quarto de vestir, e com pouco tornaram á sala. Mostravam-se inteiramente disfarçados. Cada um era um perfeito sertanejo, com as suas *perneiras*, *guarda-peito* e *véstia de couro*. Quando puzeram na cabeça o chapéu, e um pegou do chicote, e outro da peia, tendo cada qual na mão esquerda um clavinote,

ninguém diria que allí se offereciam á vista tres fidalgos finos, sinão tres vaqueiros encourados que voltavam com carregamento ao sertão.

Cosme desceu ao quintal, abriu de manso a porta que communicava com a rua, e examinou cautelosamente as adjacencias: estavam mettidas em trevas: o silencio era absoluto.

Então ordenou aos escravos e arreeiros que tocassem os animaes carregados, e montando a cavallo tomou logar no cœuco do comboio. André e Luiz seguiram o seu exemplo. Aquellas sombras mudas e tristes desappareceram em menós de um minuto na erma escuridão da noite.

Passados alguns dias, João da Cunha recebeu no seu engenho, dentro de um só envoltorio, duas cartas de circumstancia. A primeira rezava assim:

« Amigo e sr. sargento-mór.

« A tempestade que desabou sobre este Pernambuco, alcançou com um raio mortal o meu amigo e sogro, quando elle julgava ter cessado a furia dos elementos. Mas a infamia do máo genio que preside actualmente aos destinos da capitania, não ha quem della possa ter conhecimento sem se encher de assombro. Tanto que constou que pela devassa aberta pelo ouvidor contra os levantes, os nobres estavam expostos ás perseguições e ás affixões que se usam nestes negocios, tratou o sr. sargento-mór honorario, meu illustre sogro, de occultar-se

nos mattos da sua propriedade Itambé. E porque foram dizer linguas serpentinas ao governador que ahí o mesmo sargento-mór honorario planejava, de accôrdo com os nobres, terceiro levante, e o dito governador tenha em muita conta o valor e os meios do sr. Mathias Vidal, o mandou declarar em um bando, que se publicou a toque de caixas, revoltoso e inconfidente. E vendo que por este meio não conseguia prendel-o, lembrou-lhe a perfidia publicar novo bando, destruindo todo o conceito que no primeiro patenteara contra aquelle sargento-mór, restituindo-lhe as honras, mandando que lhe fossem entregues todos os bens que lhe haviam sido sequestrados, e declarando por ultimo que elle podia recolher-se livremente á sua casa, que não haveria pessoa que lh-o impedisse. Mas aqui, amigo e senhor meu, é que está a nefanda perfidia, porque tudo isto não passou de laço para prender o sr. Mathias Vidal, que, confiando na palavra do primeiro magistrado desta capitania, largou mão das cautelas até aquelle momento observadas, e tanto que o tiveram fóra do esconderijo deram passos para o prender; e si a prisão se não realisou desta vez, foi porque, avisado em tempo pelos amigos de que tudo aquillo era uma traição, voltou elle ao seu esconderijo. Mas d'ahi o foram arrancar os agentes do governador, e a esta hora jaz sepultado aquelle honrado pernambucano na semitumba das Cinco Pontas, com outros companheiros de lucta e infortunio.

« A' vista disto, senhor e amigo meu, tomei a deliberação de occultar-me nestas mattas de Tracunhaem, onde vos escrevo as presentes regras, que particularmente se dirigem a chamar-vos para este abrigo, no qual o valoroso Falcão d'Eça espera dar terrivel ensino aos algozes dos pernambucanos. Si vos parecer, com a demais nobreza dessa villa, vir fazer-nos companhia nestas mattas, mandae prevenir-nos, para que todas as providencias sejam dadas a fim de se vos facilitar a entrada nos segredos.

« Deus vos garde, amigo e senhor meu.

« Vosso humilde servo,

« MARTINHO DE BULHÕES. »

A outra carta era escripta pelo bispo, e não tinha mais que as linhas seguintes :

« Amigo e sr. sargento-mór,

« Não tendo aqui um amigo que nos avise, visto que, uns por se acharem presos, outros por andarem foragidos pelos bosques, todos estão ausentes, tomo eu este caridoso officio.

« Occultae-vos com os amigos. Vae partir para ahi uma grande força commandada por João da Motta.

« Martinho pede-me que vos remetta a carta junta.

« † D. MANOEL A. DA COSTA. »

O sargento-mór acabou de ler estas cartas com

profunda magua. Chamar pela mulher, d. Damiana, e dizer-lhe em poucas palavras o que lèra, foi o seu primeiro passo. D. Damiana, posto que moça, era discreta e ajuizada. A estes dotes reunia outro — estimava muito o marido ; estimava-o como esposa e como filha. O seu conselho era o da prudencia ; o seu parecer tinha as principaes forças na confiança que inspirava áquelle que, podendo ser seu pae e sendo rico, compartira com ella a sorte e a fortuna.

— Não vos assusteis — disse o senhor de engenho, disfarçando o seu pezar. O malvado governador jurou acabar com a nobreza de Pernambuco, e vae cumprindo o juramento. Vem ahi uma grande força para prender os fidalgos de Goyanna. Em Olinda já a maldade não tem em quem pôr os dentes e as garras. Os nobres, que não cáem nas prisões, perdem-se nos mattos. D. Manoel manda dizer-me que me occulte. Não ha outra esperança de salvação. Lá se foi o tempo em que eu podia castigar tão grandes ousadias. Hoje tudo me falta. A guerra levou-me as economias que eu tinha juntas. Ha um anno que o meu engenho não móe uma canna, e as minhas lavouras mal dão para o gasto da casa. A nossa fabrica está reduzida pela morte de uns escravos, pela fugida de outros. Os meus foreiros, cançados do serviço da guerra a que foram forçados antes de chegar o governador, occultam-se agora para não serem chamados a igual inclemencia. Nestas penosas circumstancias, que

me resta fazer sinão metter-me nas brenhas ?

Nos primeiros momentos, d. Damiana, tomada de amargura, não soube o que dizer. A separação é uma morte temporaria para os esposos que se estimam : e, a esta idéa, poucos espiritos, feitos na suave paz conjugal, tão rica de brandas satisfações, não perdem a serenidade necessaria a resoluções que podem traduzir-se na privação daquellas.

Mas não se demorou a recobrar os animos. Era mulher para luctas proprias de homens. Chamavam-lhe *Escopeteira* por ser perita em atirar ao alvo. Antes de Goyanna ser atacada pelo bando de Luiz Soares, elle dissera a Cosme Cavalcanti: « Si entrardes na sala das mulheres, ficareis admirado do armamento que lá existe. Há mais de uma semana não tinha eu no engenho outra occupação que fazer cartuchame. Na casa de João da Cunha só penetrará mascate depois que Damiana da Cunha houver exhalado o ultimo suspiro. » Não fôra isto uma bravata vã e ridicula, porque na manhã seguinte defendera heroicamente com as mucamas e escravas o sobrado onde se achava, atirando contra os assaltantes, exposta aos maiores perigos (1).

— Por que motivo haveis de occultar-vos ? Estará perdida toda a esperanza ? inquiriu d. Damiana.

— Que outra esperanza me resta ? respondeu-lhe o sargento-mór. Aquelles parentes e amigos que me ajudaram a dar um ensino aos inimigos em

(1) Vid. *Matuto*, pags 362 e 398.

agosto do anno passado, abandonaram-me. Vejo-me só. Tudo se mudou para peor. Nem negros, nem moradores, nem provisões de bocca.

D. Damiana não se deu por vencida. A ausencia do marido afigurava-se-lhe mais penosa que as perseguições ordenadas pelo governador. Emquanto poude, impediu João da Cunha de resolver-se a deixar o engenho.

Chegou porém uma manhã decisiva. A tropa a que se referira o bispo, estava perto. Uma pobre mulher, amiga da familia ameaçada, viera, atravessando florestas, trazer ao senhor de engenho esta triste nova.

— Si estaes deliberado a deixar Goyanna, iremos juntos — disse d. Damiana ao marido. Não quero ficar aqui. Os nossos inimigos insultar-me-iam si eu ficasse só. Não vão elles mostrando para quanto prestam com os desacatos que, por onde passam, têm para as familias?

— Infelizmente não podeis acompanhar-me, senhora — advertiu João da Cunha. A minha jornada ha de ser ardua, por dentro de bosques, aavez de desertos medonhos e inhospitos. Ser-me-á preciso recorrer ao disfarce que não ha de valer muito em vós, porque o disfarce nas mulheres por pouco tempo engana. Ser-me-á preciso estar só para, si tiver de morrer, poder morrer só, e menos dura me ser a dôr da morte. Mas nada temaes. Ficam comvosco os ultimos escravos da nossa confiança; alguns delles carregaram-vos em seus

braços quando ereis menina. Mandei vir para junto de vós Marcellina, essa santa e piedosa mulher. Louranço, que deverá acompanhar-me, porque eu não confio em outrem para viagem de tanto risco, voltará a Bujary, e tereis nelle um defensor que valerá por cem. Deus com a sua vigilancia completará o amparo.

Confidenciava o senhor de engenho com a mulher naquelle mesmo gabinete particular onde, pouco mais de um anno antes, por s. João, reunira a principal nobreza da villa, e lhe propuzera o ataque aos mascates do Recife. Então dera mostras de força pelas quaes se pudera aferir quanto era superior áquelles em recursos quer materiaes quer mo-raes. Agora era tudo differente. Em lugar de atacar, tratava de fugir aos inimigos. Ao seu lado via sómente a mulher, que, posto fosse resoluta, e rogasse participar da sua sorte, antes lhe inspirava incerteza que decisão. Em vez de rubra soberba mostrava no gesto cauteloso pallida resignação, em vez de arrogancia tinha nas palavras maguados tons.

D. Damiana sentou-se ao pé do marido, e poz-lhe meigamente um braço sobre o hombro. Não lhe consentiu elle ficar assim mais que um instante, e levantando-se, disse :

— Partirei dentro de poucas horas. Ide tratar sem demora dos preparativos dessa jornada que o coração me annuncia ser a ultima.

D. Damiana encaminhou-se para dentro levando lagrimas a banhar-lhe as faces onde antes se accendiam, viçosas como a juventude, as rosas de felicidade agora murchas e quasi extinctas.

III

Marcellina e Lourenço, depois do incendio praticado pelo bando de Luiz Soares na casa que Francisco fizera á beira da estrada, no *Cajueiro*, logarejo distante de Goyanna uma legua, actualmente muito estendido, moravam em uma palhoça, obra da vinte braças para dentro, na mesma direcção do casa queimada. Fôra facil ao rapaz e á sua mãe de criação, mulher affeita ao trabalho do campo, tão resoluta como Francisco, seu marido, reconstruirem a antiga habitação; mas, estando os tempos muito contrarios, e receiando a cada momento hostilidades movidas pelos parciaes dos mercatores, pareceu-lhes melhor espaçar a reconstrucção para depois, contentando-se com levantarem a ligeira palhoça onde se recolheram, e cuja perda lhes seria de pouco tomo si houvessem de passar por este novo prejuizo.

A palhoça fôra de proposito feita entre umas ar-

vores grandes e ramalhudas, muito juntas e entrelaçadas, que quasi a encobriam do lado da estrada. Do lado opposto, porém, dava ella em um como descampado que se interpunha entre aquellas arvores e a renque de dendezeiros e cajueiros que circulava a lagõa, onde certa manhã Francisco surprendera Marcellina a cortar juncos para fazer esteiras.

Logo que constou em Goyanna o levantamento do cerco, Marcellina mandou Lourenço tomar o caminho do Recife.

— Não percas nem um dia, siquer ; prepara o cavallo e corre a buscar Francisco. Elle já ha de estar no Recife, ou na cidade ; e quem sabe si não espera por conducção para voltar. Quantas saudades tenho de meu marido !

E irresistivelmente as lagrimas de um amor sinceramente commovido começaram a bailar nos olhos da cabocla.

Marcellina tinha razão : havia alguns mezes que Francisco estava ausente. Cahindo na graça do ajudante-de-tenente pelos bons serviços que, com lealdade e discrição admiraveis, lhe prestara desde que com elle se encontrara ao sahir de Itamaracá, até á completa victoria no dia 23 de agosto do anno precedente, Francisco, a quem Gil Ribeiro fizera grandes vantagens, e promettera outras maiores, o tinha acompanhado ao sul, e se ccmpromettera a não o deixar sinão quando se acabasse a guerra.

— Si hei de andar almocremando com risco de

me tomarem o meu cavallo e fazerem o diabo com-migo — dissera o matuto por occasião de discorrer com sua mulher sobre a proposta do ajudante-de-tenente — melhor é que me acoste a seu ajudante, e vá ganhar meu dinheiro prestando serviços á nobreza. Esta guerra não póde durar muito, porque os *pés de chumbo* estão encurralados. Portanto, no fim de dois mezes já estarei de volta com *gimbo* bastante para encher o nosso mealheiro.

Para fazer a proposta ao matuto muito influiu em Gil, além das razões referidas, o conhecimento que tinha aquelle de toda região das mattas, desde Goyanna até Jaboatão. De sorte que Francisco era ao mesmo tempo confidente e guia do ajudante-de-tenente.

Francisco porém enganara-se, e Marcellina, a quem ao principio se afigurara, pelo interesse esperado, poder arrostar a ausencia, nos ultimos tempos sentia-se ralada de saudades e todo dia fazia novas promessas aos santos da sua devoção para que permittissem que seu marido voltasse logo.

Recebendo a ordem de sua mãe, Lourenço não gastou mais tempo no Cajueiro do que o necessario ao arranjo da jornada. No outro dia bem cedo já estava de caminho.

A vida de Lourenço entrára em nova phase depois do que se tinha passado no memoravel dia 23 de agosto de 1711.

Com o cêrco do Recife, os productos da pequena

lavoura entraram a escassear, e consequentemente a encarecer. Todos os lavradores da zona das matas, que circula o Recife, tinham acudido ao chamado do governo afim de pegar em armas, arrastando consigo os matutos e escravos que cultivavam as suas terras. Por isso, aquelles que por qualquer circumstancia especial não se acharam neste caso, e puderam proseguir o seu trabalho do campo, depressa começaram a vender por bom dinheiro as sementes e cereaes que levavam ao Recife. Compravam-lhes os capitães-móres esses productos por ordem do governo, para manter as gentes que sustentavam os presidios. E além de lhes comprarem a mercadoria, consideravam grande favor o apresentarem-se com ella, porque, sem este recurso, sustentar o cêrco lhes seria impossivel.

Marcellina, que tinha o instincto mercantil mais desenvolvido, entreviu os grandes resultados que deveria tirar das circumstancias. Infelizmente, não podia encher a medida dos seus desejos, porque além de Francisco não plantar sinão quanto era necessario ao sustento da familia (nem dispunha de meios para mais, ainda que o quizesse) o ajudante-de-tenente o levava para a capital, como dissemos ; á vista de tão favoraveis promessas, o matuto não achara argumentos com que se esquivar. Demais, Lourenço estava já um homem, e ficava com Marcellina a quem defenderia nas horas de perigo. O matuto, conhecendo os animos do

rapaz, e não havendo motivo de perder os proveitos, disse adeus ao Cajueiro, e partiu, o que não lhe custou pouco. Sempre que se separava da mulher, da casa, do seu mundo, sentia uma como mutilação na alma.

Marcellina, porém, não perdia por falta de quem a dirigisse, porque trazia em si o melhor senso administrativo e commercial que ainda se conheceu em mulher. Terras no engenho Bujary não lhe faltavam; e quanto a braços, tratou de aproveitar os que poude. Nem lhe foi preciso ir muito longe, para preencher este fim. Com a morte de Victorino, por ocasião do assalto contra o engenho e da destruição da casa, ficariam Joaquina e Marianinha ao desamparo, si Marcellina as não chamasse para sua companhia. Outra palhoça foi feita nas proximidades da de Francisco, e ali vieram morar a mãe e a filha do morto. Marcellina disse-lhes o seu pensamento, e como eram mulheres de campo, longe de oppôrem, mostraram-se delibeadas a trabalhar com vontade. Dentro de algumas semanas, lavouras graciosas cobriam uma vasta quadra de terra até aonde a vista podia alcançar. E porque tão cedo não estivesse em estado de colher-se, Lourenço, que, instruído e educado na escola de Marcellina, não tinha animo para ver perdida tão boa occasião de ganhar com que comprar uma engenhoca, adoptou, por conselho da cabocla, outro meio de interesse. Muitos plautadores careciam de coragem para ir ao Recife vender os

seus productos; levavam-n'os então á Goyanna, onde os deixavam por baixo preço. Ao principio, com algumas economias de sua mãe, e depois já com lucros da primeiras vendas, Lourenço comprava o que ninguem queria mais nas feiras; e depois, conduzia os generos comprados para Olinda e Recife, e ahi os revendia com grandes lucros. Estes lucros já chegavam para fazer aquisição de terras onde levantar uma engenhoca, e Lourenço tinha de olho uma meia legua de massapê que do outro lado das em que morava, estava em capoeira, e pertencia a um sujeito que a andava offerecendo por falta de braços que a cultivassem.

Não custou muito a Lourenço encontrar-se com Francisco no Recife; mas a sorte parecia querer caprichosamente prolongar a ausencia do matuto, e as saudades de Marcellina. Apenas o primeiro viu o segundo, correu para elle e atirou-se em seus braços.

— Tu por aqui, Lourenço! E que novas me dás de Marcellina? Fala, fala logo, filho de minha alma.

— Deixei-a boa, Deus louvado. Foi ella que me mandou buscar vosmecê. E vosmecê ainda está de farda?

— E estarei por meus peccados. Nem tu sabes o que acaba de acontecer. Quando eu já me suppunha livre e tratava de arrumar a minha trouxa, sabes o que havia de succeder? Oh! Estes mascates só queimados! Diabos o levem, os malditos!

— Que foi que succedeu ?

— Recebi ordem para continuar a servir a el-rei. Maldita foi a hora em que disse a seu ajudante que vinha com elle.

— Que está dizendo, meu pae? Pois vosmecê, que até poucos dias serviu aos nobres, vae agora servir aos mascates ?

— E' verdade, meu filho. Fizeram-me esta os endemoniados. Mas isto não é o melhor. Queres saber o resto? Por ordem do governador, foram tomadas todas as presas que seu ajudante tinha feito em Itamaracá. Tu sabes que eu devia ter parte nellas, mas, agora, fico em branco.

— Que está dizendo ?

— Lá se vão as nove sumacas e tudo o mais pela agua abaixo — bois, cavallos, joias, dinheiro; tudo vae entregar-se ao governador. Eu nas sumacas não tinha parte porque seu ajudante as tomou em Itamaracá, antes de ir para Goyanna; mas no restante devia ter meu quinhão, e não era usura, não senhor. Olha, Lourenço, eu estou falando com o coração nas mãos. No ataque do engenho Garapú, em Ipojuca, atirei-me ás trincheiras inimigas como doudo. Recebi ahi uma bala no hombro, que me deixou um rasgão no couro que já está são e logo te mostrarei. Os inimigos desampararam as trincheiras, e nós d'ahi fomos a Tamandaré, encontrando sempre gente contraria a fazer-nos fogo. Onde seu ajudante se achava, eu com elle. Nunca virei a cara á bala. Si não chega o novo governa-

dor, teríamos de contar nova victoria. Mas os tempos mudaram-se, e de Tamandaré partimos para aqui, onde tivemos noticia desta boa paga. Seu ajudante está muito desgostoso. E pelo geito das cousas, parece que vamos ter nova guerra dos fidalgos contra os mascates.

— Antes isso, meu pae, do que ficar vosmeccê ás ordens desta gente ruim, que queimou a nossa casa e levou a nossa criação.

— Eu já me lembrei de desertar, mas além de não ser isso bonito, ondê me iria metter, que elles não pudessem dar commigo? Mas, si os nobres quizerem novamente pegar em armas, podês dizer que nem um momento estarei com os pés de chumbo.

Quando ainda bem não tinha dito um ao outro o necessario, um soldado approximou-se de Francisco e intimou-o a que voltasse immediatamente ao quartel por ordem superior. Para encurtar razões, algumas horas depois Francisco sahiu em destacamento volante que devia auxiliar o Camarão em importantes diligencias contra certos nobres de Serinhaem.

Lourenço voltou ao Cajueiro verdadeiramente amargurado.

— Diabos levem a vida do soldado. E eu que já quiz sentar praça! Deus me livre. Antes ser negro captivo.

Os dissabores de Marcellina foram maiores. Esperava o marido com o coração transbordando de

alegrias, e em vez de consoladoras doçuras, recebeu o fel da prolongação da ausencia por tempo indefinido. Mas logo cahiu naquelle espirito privilegiado o balsamo da resignação.

— Que lei de fazer, meu Deus ! Tanta promessa perdida á Nossa Senhora do Rosario, a santo Christo dos milagres, ao bom Jesus dos martyrios. Os meus merecimentos não são nenhuns. Que lei de fazer !

E vòltou-se de corpo e alma ao trabalho, sua esperança, sua fé, sua consolação.

Uma tarde, já em 1712, chamou Lourenço e disse-lhe :

— Vamos augmentar o puxado, que já não tenho onde botar as esteiras novas que acabei. Estou vendo a hora que os ladrões vêm furtal-as do alpendre.

Sendo já quasi sol posto, Lourenço, para não se expòr a anoitecer-lhe dentro da matta, lembrou-se de aproveitar a madeira da casa queimada, que se estava perdendo ao tempo. Pegou de um ferro-de-cova e uma enxada, e encaminhou-se ás ruinas. Por baixo de um grande entulho, formado pelo barro das paredes e por pedaços de estacas que a força do vento e das chammas havia atirado em uma só direcção, appareciam as pontas de uns caibros que não alcançara o fogo

Era talvez este o unico entulho que não tinha sido bolido. Todo o mais espaço restante, occupado pelos destroços, mostrava-se revolvido, e em alguns

pontos viam-se até fundas covas, algumas das quaes se converteram em barreiros onde as chuvas deixavam aguas estagnadas.

Lourenço mettu a enxada no barro com vontade e em pouco tempo ouviu um som cavo echoar de sob as camadas que cobriam a madeira.

Com uma nova enxadada, um objecto estalou de baixo do instrumento. Lourenço mettu o ferro-de-cova nesse ponto, e forcejando no cabo, revirou parte dos caibros sotopostos. Ao mesmo tempo um embrulho passou por entre a terra solta, trazido na ponta do ferro. O rapaz corre presto a ver o achado. Era uma como palma de luva de couro cobrindo um objecto brando e flexivel. Com a ponta da faca que trazia ao cós, descoseu este envoltorio mysterioso, e o que lhe fica nas mãos, tirado o couro, é um papel dobrado em quatro faces.

— Que será isto, meu Deus? disse comsigo o rapaz.

Abriu o papel e leu o seguinte :

« Dou a Lourenço, orphão que Francisco dos Prazeres e sua mulher Marcellina, moradores no Cajueiro, têm como filho em sua companhia, a casa e as terras que me deu o senhor do engenho Bujary, sargento-mór João da Cunha Cavalcanti, do outro lado da estrada onde têm a sua casa os ditos moradores.

« Os limites das terras que ora dão ao referido

orphão, estão lançados por escriptura nas notas do tabellião Belchior da Fonseca e Silva.

« Goyanna, 22 de agosto de 1711.

« Padre ANTONIO DO ESPIRITO SANTO MARIZ. »

Extatico, os olhos immoveis, as pernas tremulas, Lourenço exclamou :

— Oh meu Deus ! Eu não sei o que é que estou lendo ! Serã certo que seu padre Antonio me deu a sua casa e as suas terras ? Mas como veio isso parar aqui ? E quem coseu o papel no couro ? Ah ! já entendo tudo. Foi minha mãe quem guardou esta fortuna. Foi por isso que ella andou fãzendo tantos buracos por aqui, e não cessava de procurar nestes entulhos uma coisa, que nunca disse o que era. Achei, achei, minha mãe ; está aqui, está aqui a minha fortuna, o meu dote. Deus lhe dê o pago, seu padre, Deus lhe dê muitos augmentos por me ter feito esta esmola de tanto valor. Mas onde estará seu padre ? Oh ! Si eu pudesse vel-o, abraçal-o, beijar-lhe de joelhos a bemfeitora mão... Meu Deus ! Meu Deus ! Será verdade que a casa que alli está me pertence ? E foi seu padre Antonio quem me fez este beneficio ?

Lgrimas de satisfação indizivel acudiram aos olhos do rapaz.

Passado o primeiro momento desta commoção, elle, inclinando-se, examinou o lugar d'onde o ferro-de-cova tirára aquelle thesouro, e poudes-

cobrir uma caixinda de madeira do seu conhecimento. Era a caixinha onde Marcellina costumava guardar varias orações prodigiosas para curar de maleitas e outras doenças.

Quando Lourenço se ergueu, a fim de ler de novo o papel em que parecia não aereeditar estivessem escriptas tão agradaveis coisas, sentiu atraz de si rumor de passos.

— E' minda mãe, disse consigo.

Voltando-se, viu um homem. Era João da Cunha,

— Seu sargento-mór por aqui! emendou elle, occultando instinctivamente o papel na mão.

— Vae buscar o teu cavallo, para acompanhar-me. Temos de sahir já. Não ha tempo sinão de tomares o cavallo.

— Minha mãe sabe para onde vamos?

— Sabe tudo; já me entendi com ella. Neste momento dirigiu-se a Bujary a fazer companhia á sra. d. Damiana. Não te demores, que já me parece ouvir o rumor surdo dos passos da tropa, que vem em busca de mim.

— E' já, seu sargento-mór.

Não tendo meios de guardar o papel em lugar seguro, elle o atou por dentro da camisa na cintura, envolto no mesmo couro que o tivera illeso debaixo da terra.

Antes de anoitecer tomaram a direcção de Tacunhaem.

Ficava o famoso ponto de resistencia, estabelecido e sustentado ali por Falcao d'Eça, perto do

rio que deu o nome á liga, cerca de um quarto de legua. Guarnecido de mattos por todos os lados, só se podia ir ter allí por um caminho occulto que começava entre duas pedras quasi unidas na beira do rio. Para tomar entrada entre essas pedras, era preciso seguir um bom pedaço rio acima, de verão com agua pela barriga, e de inverno a nado. Sem isto o ponto era inacessivel, porque pelo nado do Tracunhaem os mattos vinham morrer quasi dentro das aguas, entre talhados que não deixavam nenhum espaço á passagem nem de cabras; e pelos outros lados, arvores seculares, que dois homens não poderiam abarcar, serviam de natural palissada, impossivel de romper. João da Cunha, que tinha todas as indicações necessarias para entrar no pouso, mandadas pelo proprio Falcão d'Eça muito antes, chegou sem novidade ao coração do segredo.

Perto de cincoenta fidalgos, tendo á sua frente Falcão d'Eça, arrostavam nesse magestoso esconderijo todos os rigores da sorte adversa.

IV

O rigoroso inverno que cahiu sobre Pernambuco em 1713, um anno antes começara a mostrar o que havia de ser. Em agosto estavam os rios ainda muito grossos, os caminhos cortados de atoleiros, as terras baixas convertidas em vastos pantanos.

Em uma das noites mais asperas de 1712, Lourenço entrou nas mattas de Tracunhaem.

Já muito lhe custara atravessar o rio, e como não offerecesse esta passagem, sinão arriscada, para o ponto onde se escondiam os nobres, julgou aquelle prudente pernoitar por alli mesmo. Em certo fecho ao pé de um cedro colossal, em cujo tronco se via uma grande fenda na altura de um homem, poz abaixo a carga de mantimento e roupa que levava do engenho para o sargento-mór.

— Si vier por ahi alguma *trovoada*, — dissera elle comsigo, — metto-me dentro deste ôco, onde ninguem me ha de ver.

O enfado da jornada trouxe-lhe somno que depressa o prendeu, não obstante a chuva. Pela madrugada accordou, ouvindo soar tiros ao longe; e comquanto estivesse certo de se terem ordenado diligencias contra os nobres escondidos, recuperou o somno, e dormiu até o raiar do dia, que foi fresco e bello. A chuva cessara inteiramente. O sol dardava raios horizontaes por entre as folliagens, que se esclareciam tomando differente aspecto.

Apenas de pé, quando tratava de buscar o cavallo para continuar a jornada, ouviu ruido de passos e vozes perto. Os passos e as vozes foram augmentando pouco a pouco. Dentro de algum tempo aquelle ruido já era acompanhado do de retintim de muitas armas. Emfim, viu o rapaz, com espanto e confusão, desfilar por diante das arvores, que o encobriam, grande partida de soldados.

Afiguraram-se estes aos seus olhos vultos patibulares, visões pavorosas como demonios em que elle acreditava.

Tinham calças arregaçadas e enlameadas, as jaquetas pegadas no corpo, os chapéus ainda humedecidos e demudados, nas faces estampado o somno, o cansaço, a fome e a maldade, nas mãos armas sinistras e ameaçadoras.

Grande parte desta força, passante de duzentos homens, era composta de caboclos; no restante havia de tudo — negros, curibocas, mestiços, semi-brancos e até brancos.

Formava o todo uma grande mó, em cujo centro

se destacavam onze membros da nobreza. No couce da tropa mostravam-se a cavallo os coroneis Manoel Gonsalves Tunda-Cumbe e Sebastião Pinheiro Camarão, chefes do bando. A um lado delles, seguiam-nos o capitão-mór de Iguarassú, Antonio da Silva Pereira, e o de Tracunhaem João Cavalcanti de Albuquerque, que por ordem do governador auxiliaram com gente sua os dois primeiros na importante busca. O semblante destes caudilhos accusava sinistra vaidade; o daquelles tinha a expressão alvar do delator.

Quando menos esperava, impressão mais violenta deixou o rapaz attonito : descobrira, entre os prisioneiros, João da Cunha. Uma corda ligava-o com outro nobre pelo braço direito. Trazia elle a physionomia decomposta por afflicção intima, por desgosto mortal, antes vergonha filha do desdouro em que se via posto.

Em toda a sua vida, Lourenço nunca sentira dôr tão atroz. Affeito desde menino a ver no sargento-mór representada uma instituição, que elle não sabia explicar, mas que impunha a seu espirito a força de lei fatal e quasi divina — a instituição da nobreza, foi com verdadeiro assombro que testemunhou agora aquelle claro pulso aviltado pelo instrumento destinado aos réos vulgares, que só despertavam compaixão. A philosophia da vida dava pela primeira vez a ler ao bisonho almocreve uma das paginas tristes que o homem versado em letras encontra aos milhares no immenso livro da historia.

Passada esta primeira commoção, uma como revolta interior operou-se de repente em todo o seu ser.

Impulso irresistível atira-o para diante, electricamente.

Por entre os ramos que o occultam, a mão direita armada com a faca livre da bainha, mostra-se em attitude de descarregar golpe cruel. Mas a voz da consciencia sôou mais alto que a da paixão no animo do almocreve. Elle tinha diante de si duzentos homens armados.

— Será possível, — disse consigo — que eu não possa valer nesta amargura a seu sargento-mór! Desgraçado que sou! Fraco e só, diante de tanta gente forte! Triste foi a hora em que fiz esta viagem.

Subito o assalta um pensamento que elle realisa inconscientemente, mecanicamente. Põe o pé sobre a borda do grande ôco, e sobe ao páo. Ganhando posição elevada, atira dentre a folhagem a faca que empalmara, quando se lhe deparara a estranha vista. O movimento foi rapido. Como faisca electrica, a arma, descrevendo uma elliptica no vacuo, foi bater contra o alvo. Um grito quebrou a mudez dos bosques: soltara-o o Tunda-Cumbe, em cujo braço esquerdo a faca se cravara.

No mesmo instante sentiu o rapaz forte pancada contra os quadris, semelhante a que produz o bote de alentada cobra; e logo força descommunal o puxa para baixo. Mal seguro, não pôde resistir á

força que o alcançára, e teve de cahir, não ao pé da árvore, mas no interior do ôco, onde a escuridão era profunda.

Então, uma voz abafada, mas conhecida delle, segredou-lhe aos ouvidos :

— Estás doido, Lourenço? Queres que os malvados te matem?

— É vosmecê, seu Falcão? inquiriu o rapaz aturdido da descida rude, que lhe lançára grande confusão no espirito. Vosmecê quer desgraçar-me? Eu não sou bom, e não gosto que me tratem deste modo. Porque não me deixou matar aquelle *puça*, aquelle infame Tunda-Cumbe?

— Cala-te, menino, retorquiu o capitão. Tu não tens juizo; és um tolo. Que seria de ti si elles chegassem a ver-te?

— Verdade é que estou desarmado. Mas tenho muita força, Deus louvado. Era capaz de quebrar os ossos do *marinheiro*, si o apertasse entre os braços.

— Guarda a tua força para quando fôr tempo.

— Vosmecê atirou-me aqui dentro, quando eu já ia salvar seu sargento-mór. Estou zangado. Não me faça mais disso.

— Ias perder-te. Por ver a tua loucura foi que te puxei para aqui. Não sejas creança. Que farias tu, só, sem armas, sem uma faca ao menos? Alli vão amarrados parentes e amigos, que muito me merecem; mas nem por isso praticarei asneiras.

Lourenço ia responder, quando sentiu sobre os

labios a mão do capitão querendo dizer que não falasse. Ao mesmo tempo ouviu surdo rumor de passos acima de sua cabeça. Eram varios soldados que haviam corrido a ver si descobriam o autor do attentado contra o coronel.

Neste momento, o Tunda-Cumbe, rangendo os dentes, clamou inflammado na paixão que o tomara :

— Has de pagar-me, Falcão d'Eça, has de pagar-me o que ora fizeste. Hei de cortar-te as orelhas para dar de presente ao meu cão. Si estes mattos têm ouvidos, elles que ouçam a tua sentença de morte, que se ha de realisar no futuro, pois tão cobarde és que não te apresentas, e sómente me feres á traição.

Ditas estas palavras, o Tunda-Cumbe, como si reconhcesse os perigos de dar busca em dominios encobertos, alheios e desconhecidos, voltou immediatamente ao ponto onde fizera alto a tropa, qua elle ordenou seguisse a marche-marche.

— Não é nada, disse como para tranquillisar os seus. Já não vertem sangue as minhas veias ; o da estúpida nobreza de Pernambuco, descendente da Caheté com Moçambique, esse sim, não vejo atadura que o faça tão cedo estancar.

— Não o matei, mas sempre lhe dei um ensino — disse Lourenço a meia voz debaixo da terra, sentindo serenada, com as palavras do capitão, parte da sua grande colera. Assim foi bom. Os nobres precisam da tua vida, miseravel peixeiro, para to-

marem a vingança que mereces. Havemos de ver qual dos dois sangues deixará primeiro de correr em Pernambuco, si o teu sangue de bicho da outra banda, si o da nobreza de minha terra, o sangue azul daquelles que te mataram a fome e agora cobres de lama e desafôros.

E voltando-se para o capitão, accrescentou :

— E que faz vosmecê, seu Falcão d'Eça, que não mostra ao governador e ao ouvidor dos mascates para quanto presta o seu brio? Será possível que tanta gente, tanto fidalgo limpo, tanto homem rico e que sabe onde tem as ventas, esteja a soffrer as ousadias de labregos sujos, que deviam ser botados para fóra á peia?

— Veremos agora o que se ha de fazer — disse o capitão.

Os pernambucanos mettidos entre a escolta tinham sido presos por occasião da diligencia que vem apontada nas chronicas daquelle tempo com a denominação de *caçada geral*.

O fim principal desta caçada, para cujo bom resultado os bandoleiros do Camarão e do Tunda-Cumbe até amestraram cães a pegar gente no matto, era destruir pela prisão de Falcão d'Eça, que por suas grandes faculdades naturaes, se tornara o apoio da nobreza, e um dos que mais davam que pensar ao governador, aquelle asylo onde se encastellavam muitos e importantes cavalheiros.

Falcão tinha direito a esta distincção que deixou

seu nome tão conspicuamente inscripto nos annaes pernambucanos.

Tanto que, pelas primeiras prisões, a nobreza começou a procurar os mattos, ou ausentar-se para fóra da capitania, Felix José Machado, a quem não é licito recusar animos excepcionaes, considerando-se inatacavel, entregou-se a passeios, banquetes, divertimentos, digressões pelos arrabaldes, e até a grandes jogos e largas crápulas.

Nas chronicas se lêm os nomes dos que frêquentavam a banca de jogo armada em palacio, e os das meretrizes que tinham ahi entrada franca.

Um dia, disse-lhe Manoel Carneiro :

— Breve teremos uma tinguijada, sr. governador.

Tanto bastou para que este se dêsse por convidado, e no dia aprazado se achasse em casa de Carneiro com o ouvidor, o juiz de fóra, d. Francisco de Souza, e outros importantes membros do partido dos mercadores.

Não era a primeira vez que elle compellia Manoel Carneiro a augmentar os pratos da sua mesa. Mezes antes, um grande jantar se realisára alli por occasião da *botada* do engenho, ao qual compareceu Felix José Machado.

Mas nenhuma festa deu tanto que falar como a da *tinguijada*. Foram tres dias górdos. « Só em ovos sessenta patacas se despenderam ». diz admirado o principal chronista da guerra dos mascates.

Chegado o momento da apanha do peixe, o governador encaminhou-se para a beira do Capibaribe.

Não deixando o rio póços, duas tapagens tinham sido feitas com palmas de coqueiros. Entre as ditas tapagens ficava o espaço talvez de vinte a trinta braças. As aguas estavam alli dentro em um como remanso. Tirados antes os grandes ramos que por muitos dias haviam ficado sobre ellas a fim de chamar os peixes para aquelle ponto, convidados pela sombra, viam-se ainda a *meladinha*, o *melão de s. Caetano* e o *tingui*, que depois de machucados tinham sido lançados dentro da tapagem. As aguas nesse ponto estavam esverdeadas, e grandes camorins, prateadas carapebas, e tantos outros habitantes do rio mostravam-se boiando por entre as crostas venenosas, embriagados pelo forte narcotico dos cipós; outros enchiam *giquis* enfiados nas cercas.

Felix José Machado entrou na canôa que devia percorrer o ambito da tapagem, e com outros convidados de porte começou a apanhar com a mão o peixe que boiava possesso da mortal tontura.

Olhos attentos e perspicazes haveriam notado que, por entre o prazer, os risos, os gracejos, os banhos involuntarios e outros mil incidentes naturaes de semelhantes patuscadas, o governador não tirava as vistas da parte superior do rio. Havia nos seus lances d'olhos indicios de inquietação e receio. Eis os fundamentos destes dois sentimentos, que

aliás não se compadeciam com as alegrias e a confiança que costumam reinar em semelhantes reuniões.

Um mulato do capitão-mór de Tracunhaem dirigira-se ao governador em principios de junho e lhe dissera que si seu senhor, cunhado de Falcão d'Eça, e que muitos serviços prestara no primeiro levante contra Sebastião de Castro Caldas, não fosse incommodado nem sua familia, elle revelaria um grande movimento que estava planejado. Tendo a promessa não só de ser poupado o dito capitão-mór, mas tambem de se lhe dar um premio pela revelação do segredo, disse o mulato que consistia aquelle plano em um levante contra o governador, assentado entre Falcão d'Eça e outros nobres que com elle se tinham homisiado nãs mattas. Os conspiradores aproveitando-se da festa da *tingujada* no engenho de Manoel Carneiro, por occasião da qual o governador ficava distante da capital e sem meios promptos de resistir com vantagem ao assalto, deveriam sahir do esconderijo com todos os sequazes, embarcar em certo ponto em canôas, com antecipação preparadas para este fim, descer pelo rio, e surprender o governador no meio da folgança. O que se seguiria não pode o mulato dizer, mas Felix Machado comprehendeu que semelhante surpresa não podia ter um termo que lhe não fosse fatal. E porque o capitão-mór fazia parte da conspiração, visto que, temendo ser preso, se recolhera ao matto com Falcão d'Eça, mandou o governador chamal-o

pelo mesmo mulato á sua presença, ao que se não esquivou o capitão-mór, tendo sómente cuidado de comparecer ás escondidas. Felix José Machado confirmou a promessa feita ao mulato, mas exigiu, como principal condição do ajuste, que o proprio capitão-mór guiasse as forças encarregadas da *caçada geral* ao esconderijo não sabido. Esta infame condição foi acceita, e a traição teria sortido todo o effeito, si Falcão, havendo dado pela falta do cunhado na vespéra do projectado assalto, não se prevenisse em tempo.

Como conhecesse a capacidade do parente, e dêsse todo o valor á responsabilidade que a si proprio cahia como principal membro da *Liga de Tracunhaem*, congregando os companheiros, communicou-lhes francamente os seus receios.

— Não vos assusteis, porém, concluiu Falcão d'Eça. Retiros não nos faltam neste mundo virgem, para nos occultarmos do traidor. Proponho-vos que desamparemos já este pouso. Amanhã talvez já seja tarde.

Alguns dos nobres, não querendo acreditar na possibilidade de ser trahidos por parente e companheiro tão qualificado, hesitaram indecisos. Deste numero foi João da Cunha.

— Que diria de nós Albuquerque, si viesse a saber, não se verificando a vossa suspeita, Falcão d'Eça, que havíamos formado d'elle conceito tão incompativel com os homens de bem? inquiriu João da Cunha. Considero imprudente o passo que

aconselhaes, e não estou resoluto a dal-o, para não me arriscar a cahir no justo desprezo de um homem da nossa egualha. Demais, temos armas e munições. O ponto em que nos achamos, póde reputar-se inexpugnavel. Desta banda está o rio de nado, das outras, grossos páos que se amparam uns aos outros em muitas ordens á roda de nós. Porque hayemos de abandonar tão seguro abrigo? Por uma simple suspeita? Por isso sómente não o deixarei.

Fixando a vista em João da Cunha :

— Sois livre, sargento-mór, — disse Falcão; podeis ficar; eu porém não ficarei. Oxalá não se verifiquem as minhas previsões; mas o coração leal annuncia-me que, si ainda hoje pernoitarmos neste recesso, a nossa liberdade e vida correrão perigo. Podeis ficar, e comvosco os que o quizerem. Deixovos grande parte das munições de guerra. Até a primeira vista.

Falcão deu o andar. Alguns dos nobres seguiram-no immediatamente, outros pouco depois. Elle era a alma da resistencia; a sua ausencia enfraquecia os mais fortes. Com João da Cunha ficaram perto de vinte que tinham o mesmo pensar que elle. Este procedimento cravava as raizes na nobreza dos seus corações.

Mas, bem depressa tiveram a prova do quanto a sua grandeza moral se enganara. Antes do amanhecer, despertou-os do somno a perfidia. Defronte da entrada algumas balsas, vencendo a força das

aguas, atracaram entre as duas pedras; vinham carregadas de bandoleiros. O Camarão dirigiu o assalto. Exercitados na vida do matto, os seus caboclos penetraram no pouso sem grande custo, não obstante ser preciso, para chegar ahi, dar muitas voltas onde havia grandes fojos com estrepes aguçados, habilmente dispostos por baixo de camadas de folhas seccas. Os nobres sómente tiveram tempo de dar alguns tiros a que os aggressores responderam com vantagem. João da Cunha, comquanto muito animoso, teve de render-se ao grande numero, depois de ferido. Os bandoleiros saquearam o pouso, derrubaram arvores, e deslocaram pedras para o abrir e patentear.

Ao amanhecer, alguns espias vieram referir a Falcão o que se havia passado. Então, tomando escusa vereda, o chefe da liga penetrou na manga subterranea, e foi parar no cedro óco donde esperava ver a tropa, e pela vista avaliar o destroço.

À hora em que se deu começo á tinguijada, nada constava ainda a Felix José Machado sobre o resultado da diligencia ás mattas. Seu espirito por isso vacillava inquieto entre o bom e o mau exito; e seus olhos não cessavam de volver-se para o lado donde deveriam vir as canóas inimigas, si acaso a tropa não tivesse dado sobre os conspiradores a tempo de frustrar-lhes o plano.

A tinguijada durou até depois do meio-dia. Da beira do rio levaram peixe para o engenho em caguás, tão grande fôra a pescaria. O vinho, a aguar-

dente, a viola, a toada, a dança, começaram a reinar com toda a sua força. Calculando que, visto não apparecerem as canôas, deveriam estar na corda todos os conspiradores, o coração e o espirito de Felix José Machado expandiam-se gradualmente á proporção que o dia ia subindo.

Passando pela casa onde estava a balança de pesar o assucar do engenho, o governador, cujo corpo era de proporções hereculeas, teve o pensamento de se fazer pesar. Pesou dois quintaes e quatro libras (1).

Quando chegou a hora da refeição, poz-se a comer tão alambasadamente que a todos metheu assombro (2).

Sobre a tarde recebeu a communição do resultado da diligencia. Sentiu então grande desgosto por saber que Falcão d'Eça não havia cahido no trama urdido.

— Mas, sr. governador, disse o capitão-mór, vieram entre outros o capitão Antonio da Silva, o capitão Miguel Lopes, os irmãos do padre Antonio Jorge Guerra, o alferes Diogo de Carvalho Maciel, o sargento-mór João da Cunha, e um escravo de Eça, que é o seu braço direito.

O governador respondeu :

— Pois bem. Façamos conta de que o escravo vale o senhor. Dae ordem, sr. ouvidor, para que esse

(1) Historico.

(2) Historico.

vil captivo seja hoje mesmo tratado, hoje mesmo, sem falta; ouvistes, sr. ouvidor?

A ordem foi rigorosamente cumprida. À noite soube-se na Varzea que o padecente não pudera sobreviver aos tratos sinão algumas horas.

— Falção d'Eça — disse Felix José Machado, ha de chegar a tua vez.

V

A cavidade onde estavam Lourenço e Falcão d'Eça terminava, com a fôrma de funil, em abertura entre certo bamburral enredado, obra de vinte braças distante do cedro : por essa abertura difficilmente passava um homem. Rastejando um atraz do outro, chegaram os dois á extremidade, e esperaram que cessasse inteiramente o ruído dos passos dos soldados e animaes.

— Segue-me — disse Falcão a Lourenço. Nada temas. Quasi todo o dia transito por estes logares onde, para bem dizer, me nasceram os dentes.

Lourenço trazia o espirito preso a certa ordem de idéas que o envolvia como em cipoal mais intricavel do que o bamburral por onde iam. Pensava em livrar o sargento-mór, ainda que para o livramento lhe fosse preciso sacrificar a propria vida. Pensava em castigar atrozmente os inimigos que tinham levado a audacia ao ponto de prenderem o

illustre senhor de engenho, como si fôra um dos seus negros : Lourenço estava quasi fóra de si, arrebatado nas azas do desespero, da vingança e do odio.

— Seu Falcão — disse elle ao sahirem do estreito —, si vosmecê não pensa em um meio de prender, açoiar, matar, queimar os infames *camarões* e *tunda-cumbes*, escusa de estar com estes atalhos e estas voltas. Eu não sirvo para isso, não, senhor ; eu queria morrer mesmo entre elles, comtanto que matasse esse cachorro que tem feito tantos latrocínios por ahi além.

Ouvindo estas palavras, o capitão parou e encarou o rapaz, como quem queria ler-lhe o intimo atravez da face.

— E que cuidas tu, Lourenço ? inquiriu a modo de offendido. Cuidas que não é o meu pensamento de todas as horas, de todos os instantes, tomar uma vingança dos nossos inimigos ? Não sabes que estava tudo prompto para darmos hoje um assalto ao engenho de Manoel Carneiro, e tirarmos dahi o governador e o ouvidor, e enforcar depois *um nas tripas do outro* ? Mas em toda a parte ha trahidores ; Christo teve um Judas para o entregar : eu tive um cunhado. Si não fôra a infame traição, podíamos ter a esta hora nossos principaes carrascos, promptinhos para um sarapatel no meio destas mattas.

— Mas — disse Lourenço — por uma vez mentir ogo a cspingarda, a gente não deixa de lhe pôr nova escorva e fazer pontaria outra vez sobre a caça.

— Miséria, miséria sem nome! Ajustaram a minha cabeça com o governador. Venderam-me ao ouro portuguez. Denunciaram o abrigo de cincoenta patriotas, cincoenta bravos, que representam nestas mattas seculares a nacionalidade brazileira. Pernambucanos degenerados, villões ruins que lançam com esta acção infame uma mancha eterna sobre a nossa historia, rica de paginas verdadeiramente immortaes.

— E não poderemos ir tomar aquelles presos?

— Como? Poderíamos fazer uma surpresa, mas não empenhar-nos em lucta mais seria. Falta-nos exercito; só temos commandantes. O povo não está comnosco, porque o governador o não importuna, antes o chama para seu lado, fingindo-se amigo delle. Por ora contamos apenas meios de defesa, e estes mesmos escassos; meios de aggressão não temos nenhuns. Talvez para diante possamos compôr tropas regulares, que estejam no caso de fazer frente ás infantarias de Felix José Machado. Mas não há razão para desanimarmos. Tenho cá um pensamento que, si fôr posto em pratica, a victoria ha de ser necessariamente nossa. Vamos vêr o que diz da minha idéa o padre Guerra.

Eram chegados ao novo pouso, que não se distinguia por nenhuma feição particular, a não ser um embastido de arvores colossaes, que formavam com sua basta folhagem um ásulo sombrio. Nenhuma arvore fôra abatida, nenruma cabana fôra levantada. Viam-se apenas algumas rêdes arma-

das, alforques pelos pés dos páus, trouxas, malas e armas.

No momento em que chegaram Falcão d'Eça e Lourenço, havia no pouso de quinze a vinte foragidos, entre os quaes estava o padre Antonio Jorge Guerra.

— Que noticias nos trazeis ? perguntou o padre a Falcão.

— Tristes, muito tristes. O Tunda-Cumbe apanhou sempre onze dos nossos companheiros. Que lhes disse eu ?

— Grande desgraça !

— Mas não nos deixemos desanimar, senhores, por este revez. Tratemos da desforra, e eu chamo a vossa attenção para o que vou dizer-vos. Si o bispo se dirigir por uma pastoral aos povos da capitania, declarando-lhes que está em campo, e pedindo o seu auxilio contra o governo de Felix José Machado, exclusivamente empenhado em acabar com os pernambucanos, fio que o povo acompanhará o seu prelado ; e si o acompanhar, a victoria ha de ser nossa.

— Toda a difficuldade está em resolver o bispo a fazer a guerra — disse Martinho de Bullhões.

— Não a fará, não a fará nunca — disse o ajudante Bernardo Allemão.

— Si quando elle exercitava o governo, faltou-lhe animo para dirigir a guerra, como tomará hoje a sua conta esta obrigação ? inquiriu o coronel Duarte de Albuquerque.

— Mas, senhores, tornou Falcão — reflecti que, si o não fizer, elle proprio será preso, e talvez correrá risco a sua cabeça. Ignoraes o odio que lhe votam os principaes dos mascates? Ignoraes que já foi entre elles ponto resolvido tirar-lhe a vida? Tão fraco será d. Manoel que nem ao menos se defenda? Não é possível. Chegou a occasião de fazermos o Brazil grande e feliz. Não sou pela guerra de um partido contra outro, guerra pessoal e local; sou pela guerra inspirada num motivo verdadeiramente nobre — o de tornarmos nossa terra independente de Portugal. Senhores, até quando havemos de ser colonia de Portuguezes? Não poderemos prosperar emquanto não nos pertencerem os nossos proprios destinos. É chegada a occasião de quebrarmos a pesada cadeia que nos encorrenta. Não deixemos para mais tarde uma obra grandiosa, que podemos realisar hoje com algum esforço e sacrificio. Si ha dois annos, por occasião da fugida de Castro Caldas, tivéssemos levantado bem alto a bandeira da independencia braziliense, conforme o propuzeram Bernardo Vieira de Mello, Silva e outros patriotas insignes, não estaríamos agora derramados por estas mattas, separados de nossas mulheres e filhos, curtindo maguas e dôres, comendo o sobresaltado pão do homisio. Padre Guerra, padre Guerra, que fazeis, vós que sois amigo particular de d. Manoel, que fazeis, que não pegaes já da penna para o convidardes a vir collocar-se entre nós, ser o nosso general, levantar comnosco o pendão da liberdade do

meio destas solidões, que por si sós aterram a tyrannia?

Nas palavras do capitão havia o quer que era magestoso e pathetico. O sentimento nacional subira-lhe até aos labios, e d'ahi se derramava, communicando a todos que o escutavam, os tons desta paixão excelsa.

— Não creio que d. Manoel accete esta posição; elle não viu a luz no Brazil. Mas, não obstante, escrever-lhe-hei. Tendes portador seguro para lhe levar a carta?

— Quanto a isto, não vos inquieteis — respondeu Falcão d'Eça.

Então o padre, tirando de uma maleta um frasco com tinta, uma penna e papel, escreveu sobre um tronco derrubado a carta seguinte :

« Rv.^{mo} sr.

« Do seio destas mattas, refugio franco e largo contra a tyrannia, sou obrigado a enviar a v. rev.^{ma} nestras regras escriptas sobre tosco madeiro a supplica de pernambucanos exules e perseguidos.

« Rv.^{mo} sr. : Ninguem melhor do que v. rev.^{ma} póde ajuizar das nossas desgraças, porque dellas tem sido, como nós, illustre victima.

« As armas, as algemas, as injurias ainda não cessaram contra nós o scu odioso officio. Nossos inimigos não escolhem meios de anniquilar-nos.

« Tendo por elles o governador e o ouvidor, não ha offensas que destes desnaturados ministros não

consigam contra nossas pessoas, nossas familias, nossas propriedades, nossas proprias vidas.

« A caçada geral, ordenada pelo parcial governador, apanhou onze dos nossos mais estimados amigos, e illustres pernambucanos.

« Neste momento tivemos aqui noticia da prisão dos meus dignos irmãos, João Alves Guerra e Miguel Lopes. Para levarem a effeito este intento, não hesitaram ante o sangue e a morte ; pelo crime de tomar a defeza de seus senhores, um escravo fiel foi assassinado.

« Do nosso seio os bandoleiros de Camarão e Tunda-Cumbe acabam de arrancar tão importantes amigos e patricios, e sobre a cabeça destes está pendente cruel sentença de morte.

« Emfim, de toda a parte levantam-se aos céus clamores contra a tyrannia de Felix José Machado e Marques Bacalhão, instrumentos dos mascates do Recife.

« À vista de tantos e tão violentos attentados, rev.^{mo} sr., estamos deliberados a lançar mão das armas para defesa da patria e de tudo o que nos pertence.

« Essa defesa nós a imaginamos grande, forte, tenaz. O que nós queremos é a independencia de Pernambuco, e antes que v. rev.^{ma} nos pergunte qual o meio de realisar essa independencia, apressome eu a declaral-o : esse meio é a revolução.

« Aos que nos disserem, rev.^{mo} sr., que, não procedendo de el-rei mas de seu governo os males

que padecemos, haveria excesso no recurso indicado, responderei que não se podendo comprehendêr sejam bons reis aquelles que sustentam mãos governos, não ha excesso, antes ha justiça, na projectada providencia.

« Não é de hoje que na separação do Brazil do reino de Portugal eu vejo o unico remedio para os nossos males.

« Quando em 1710, em Olinda, reunidos o senado da camara e a nobreza, se tratou da eleição do governador, por ter fugido cobardemente para a Bahia Sebastião de Castro Caldas, antes que fosse feita a escolha tão honrosamente para a patria, por ter recahido na pessoa de v. rev.^{ma}, largamente se discutiu a idéa « de sacudir com os mascates o jugo de Portugal. » V rev.^{ma} sabe, de certo, que a independencia de Pernambuco era « ponto decidido e concertado pelo venerando ancião Bernardo Vieira de Mello, heróe talhado pela natureza para libertador da patria, » com seu mestre de campo, o famoso João de Freitas da Cunha, e o capitão-mór Antonio Pedro Ribeiro da Silva.

« Nesse ajuntamento, rev.^{mo} sr., votei com estes eximios patriotas para que nos « declarassemos em Republica *ad instar* dos venezianos » ; e si então os nossos votos não prevaleceram, por entender a maioria do ajuntamento que o nosso projecto era de « alta audacia e magnitude, » e que, com a mudança do odiado governador, volveriam a Pernambuco ditosos e serenos tempos, não pensam

mais assim esses mesmos que illusoriamente acreditaram na efficacia dos meios incompletos, e ao menos, todos os que nos achamos no seio destas mattas seculares, não temos por efficaz nenhum outro remedio sinão a independencia do Brazil, seja qual fôr a fórma do governo que possa elle vir a ter.

« Cheguei ao ponto essencial desta carta, rev.^{mo} sr.

« Somos por ora trinta os que nos achamos aqui : amanhã seremos talvez mil. Dos presentes não ha um só que não prefira perecer honrosamente no campo da batalha, pelejando pela liberdade da patria, a finir-se obscura e ignominiosamente nos subterrâneos das Cinco-pontas, servindo de ludibrio a estrangeiros, que nunca jamais hão de ter para nós sentimentos benevolos.

« Que é que nos falta para realisarmos a magna idéa da libertação do Brazil, ou pelo menos de Pernambuco? Falta-nos um chefe querido do povo da capitania, rev.^{mo} sr., um chefe que reuna em si altas virtudes particulares e publicas, que seja de egregias tradições, de illustre consciencia e illustrada razão, que commungue comnosco amigavelmente aos pés do altar da liberdade, que francamente, como nós, queira a revolução, por bem da felicidade dos brazileiros.

« V. rev.^{ma} preenche satisfactoriamente as condições exigidas no chefe de que necessitamos. V. rev.^{ma} é victima, como nós, da sanha dos mascates; por ter sido desde o começo da guerra o primeiro esteio

da nobreza, é alvo das iras inimigas e está exposto á prisão e á morte; por suas altas virtudes e respeitabilissima posição, póde melhor do que nenhum outro, occupar o logar mais elevado e conspicuo no movimento libertador. E logo que proclamar aos povos da capitania, todos se levantarão para o seguir, como um só homem, ao caminho da gloria.

« Eis-nos, por todas estas razões, a pedir a v. rev.^{ma} que salve a nossa patria, aceitando o logar que está por preencher-se na frente das phalanges pernambucanas.

« É esta a nossa supplica, rev.^{mo} sr.

« Vosso humilde servo e respeitador,

« Padre A. *Jorge Guerra.* »

Em menos de cinco minutos Lourenço estava de caminho para Olinda, e dois dias depois entregava a resposta do prelado, que foi desanimadora. « Que nos resta sinão curvarmos a cabeça aos decretos da providencia? » assim concluia elle.

Passado um momento, Leão d'Eça perguntou aos seus companheiros de infortunio :

— Que havemos de fazer, meus amigos?

— Si havemos de errar expatriados, famintos, sem socego de noite e de dia, e por fim cair no poder dos nossos oppressores, melhor é que, poupando tantas inclemencias e padecimentos, nos entreguemos em suas mãos. Teremos por esta fórma feito jus ao perdão d'el-rei, e salvado com as nossas vidas parte das nossas fortunas.

— Entregue-se quem quizer, disse Falcão; eu não me entregarei jámais. D'aqui não sahirei sinão morto ou livre. Ainda que todos me abandonem, não abandonarei eu estas solidões e espessuras protectoras. Até á ultima gotta de sangue resistirei á oppressão.

— Tambem nós resistiremos — disseram alguns dos foragidos.

— Resistiremos todos, Falcão — disse o padre Guerra. Não ficareis só. Trinta homens dentro de uma fortaleza batem um exercito aguerrido, quanto mais dentro de um mundo immenso e desconhecido, como são estas matta sintrincadas.

— Tendes razão, padre Guerra.

— O que devemos fazer agora, é alargar e augmentar os meios de defesa e aggressão.

— Isto corre por minha conta.

Eis como finalisou o congresso dos fugitivos, após a leitura da carta do bispo.

O espirito de resistencia em todos dominava; a firmeza de seus animos; a coragem; a fé; a convicção de que por seu numero que tendia a augmentar, e pelas condições de defesa, não havia forças que os pudessem bater, fizeram voltar-lhes aos corações o socego, um momento interrompido.

Não tendo mais que fazer alli, Lourenço, que ouvira as ultimas palavras profundamente commovido, despediu-se de Falcão d'Eça, e tomou para Goyanna.

Ia descontente e desanimado. Não lhe restava a mais pequena esperanza de salvar o sargento-mór.

A ultima carta tinha sido jogada, e perdera se a mão.

— Sempre pensei — dizia consigo — que seu Falcão faria alguma coisa; mas toda a esperança está acabada. Vejo que não posso ser bom em nada. E como terei animo para contar em Goyanna a sinhá d. Damiana, e a minha mãe esta grande desgraça? Oh! que tempos, meu Deus, que tempos! A gente não sabe meios nem modos de fugir á adversidade.

E para matar as idéas tristes que lhe iam na cabeça, começou a cantarolar as lettras de uma chula popular :

Tenho minha cachorrinha,
Que minha Yáyá me deu;
Tenho um só desgosto della :
É ser filha de europeu.

Toda moça que é briosa,
Não casa com marinho ;
Espera para casar
Com os *quindins* dos brasileiros.

Bravo, patusco,
Patusquinho, patuscão,
Marinho pé de chmbo,
Comedor e beberrão.

Lodo impuro que o exclusivismo partidario, revolvendo os corações, trazia á luz como arma de guerra, e collocava á frente da familia, primeiro santuario do povo.

VI

João da Motta chegou com a tropa a Goyanna no dia seguinte ao da partida de João da Cunha para as mattas.

Faltam-me expressões para pintar o estado de agitação da villa desde as primeiras horas do dia. Soubera-se da fugida do sargento-mór, e não fôra preciso mais para que os que eram pelos mascates se considerassem absolutamente invencíveis e irresponsáveis, e os que pertenciam ao partido opposto se sentissem mortalmente desanimados. Não havia então em Goyanna os dois partidos que antes luctavam para aniquilar-se mutuamente. Agora ella mostrava-se dividida em um campo vencedor e outro vencido; neste dominava o terror, naquelle exercia poder absoluto a vingança sedenta de escandalo e sangue. Os nobres de grande representação na villa, que, antes da chegada do governador, tinham, á frente de uma parte da população, batido o

pé á outra parte que lhes fazia face, esses desappreciavam do dia para a noite, por não serem victimas. Ficava o povo fraco e desamparado, e em cima delle cahia o peso da desforra.

Das dez para as onze horas da manhã foram presos Jorge Cavalcanti em seu sitio da Conceição, e Manoel de Lacerda quando sahia da sua propriedade do Tanquinho.

Antes disso, já se soubera em Goyanna da prisão do sargento-mór Jorge Camello de Valcacer, e dos capitães Antonio Rabello e José de Barros Cavalcanti na Parahyba, para onde se haviam retirado, logo que em Goyanna, onde, pela sua longa residencia, contavam contra si muitos dos principaes mercadores, se teve conhecimento das prisões no Recife.

Jeronymo Paes e os filhos, que chegaram com João da Motta, ao saberem que, além de João da Cunha, puderam escapar-se os irmãos Cavalcantis, lastimaram tão importantes perdas. Por sua conta procederam immediatamente a indagações a fim de averiguarem onde paravam os fugitivos. Os segredos, por mais bem guardados, acham sempre reveladores. Tanto indagaram elles que, por bocca de um famulo, vieram a ter certeza de estarem os Cavalcantis no Assú, onde possuíam fazendas de gado,

Jeronymo Paes, vencido do odio que votava a Cosme, offereceu-se a João da Motta para ir, pelo Ceará, prender os tres expatriados. Aceito este offe-

recimento, expediram-se as necessarias ordens ao governador Manoel da Rocha Lima; e Jeronymo partiu a seu destino.

A ausencia destes ardentes sequazes dos mascates moderou, mas não fez cessar inteiramente a agitação, que, como febre, dominava o povo da villa. Belchior, Manoel Rodrigues, Manoel Gaudencio, Romão da Silva, e até o preto Lauriano alentavam a effervescencia publica, ora percorrendo as ruas, em vociferações, ora commentando em adjuntos nas esquinas e adros os acontecimentos que se davam; agora soltando vivas e morros, agora penetrando nas casas onde se achavam as mulheres e filhas dos nobres para as insultar e desacatar. A medida da desforra era como o tonel das Danaides : não se enchia nunca.

Nos semblantes desfigurados desses homens que as bebidas alcoolicas, larga e gratuitamente fornecidas por taberneiros sem fé nem moral, tornavam mais malvados do que na realidade eram, liam-se baixos sentimentos e paixões indignas que a policia do tempo, em vez de açular como fazia, visto que era connivente nas desordens e motins, devia re-frear e punir.

Quando constou a prisão do senhor do engenho Bujary, subiram á altura de delirio as demonstrações de regozijo com que os inimigos a festejaram.

A' frente de um espesso magote de que faziam parte os mais afamados vultos da gentalha, Belchior correu ao condemnado engenho, alvo das mais en-

tranhaveis animadversões villãs. A casa grande mereceu as honras da primeira victima : apedrejaram-na, tomados de brutal sanha. Os insultos praticados foram tanto mais aggravantes quanto augmentaram a dôr de uma senhora illustre que no resignado martyrio buscava remedio contra a saudade. D. Damiana teve, por fim, de suster as lagrimas para cuidar da sua defesa. Afigurou-se-lhe, não sem razão, que o engenho passaria pelo mesmo transe de que fôra victima um anno antes como o sobrado do pateo do Carmo. Poucos eram os escravos restantes, e estes mesmos em sua maioria velhos. Marcellina estava ao seu lado. Por conselho della, trancaram-se todos, a fim de ver si quebravam a furia da canalha por esta demonstração de fraqueza. Os exaltados que capitaneavam a partida desordeira, tiveram um momento de senso commun, e dando-se por satisfeitos com o apedrejamento da casa, a gritaria da plebe, as injurias atiradas á *Escopeteira*, voltaram á ville, onde repetiram o que nos dias precedentes haviam feito — o insulto ás familias, a violação do lar domestico, destruindo o que não tentava a sua cobiça, e levando aquillo em que ella se comprazia.

Dias depois da feroz romaria ao engenho, novo ensejo offereceu-se ao espirito de perturbação para prolongar o seu estúpido enthusiasmo — a noticia da prisão de Cosme Cavalcanti, André Cavalcanti e Luiz Vidal. Parecia que a villa vinha abaixo, tamanha foi a vertigem das turbas sem freio.

Era situada a fazenda de gado de Cosme Cavalcanti na comarca do Assú, á margem de um rio. Receiando ser ahi mesmo perseguidos, não obstante estarem muitas leguas distantes dos rancores e vinganças pessoases, resolveram occultar-se, não na casa da fazenda, mas em uma palhoça em que os vaqueiros se recolhiam por occasião da ajunta do gado. Para mais segurança, sómente tomavam a palhoça de dia; as noites iam elles passal-as n'uma catinga.

Cosme pouco ou nada pudera fazer para a formação do corpo de milicianos que planeara. Todos os vaqueiros e creadores tinham sido chamados, antes de sua chegada, pelo governador Manoel da Rocha Lima a pegar em armas; a maioria delles occupava-se em proceder a diligencias contra a nobreza. Depois de esforços incomparaveis, reconhecendo que sómente lhe restava, como unico recurso, encobrir-se ás vistas dos que tramavam incessantemente o seu anniquilamento, chamou para junto de si os poucos sertanejos que poude reunir, e os escravos fieis. Mas esta resolução quando foi tomada, já não podia sortir o effeito esperado. Era de todos sabido que elle estava no logar, e o governador já apparelhava uma expedição para dar no rancho, quando chegou Jeronymo Paes com as requisições do governador de Pernambuco. Então não houve mais demora. Rocha Lima encarrega o coronel do Assú, João de Barros Braga, de prender a todo o custo os emigrados pernambucanos. Um vaqueiro

encontrando-se com a força deitou a correr para prevenil-os. Fizeram-lhe fogo pelas costas, e elle cahiu com uma perna quebrada, morrendo-lhe o cavallo. Ao estrondo dos tiros, o mulato Barnabé, de um dos homisiados, acode com uma espiungarda que dispara contra a tropa. O tiro emprega-se em um dos soldados e prostra-o morto por terra; mas immediatamente dão uma descarga contra o escravo que cáe atravessado de balas. Dando-se estas tristes scenas quasi defronte da palhoça, não tiveram os homisiados tempo de fugir. Perdido este recurso, trataram de combinar os meios de defesa.

— Não vejo nenhum, a não ser a fuga — disse Luiz Vidal.

— A fuga ? inquiriu André Cavalcanti. Mas por que modo ? A tropa ahi está.

Cosme cortou a discussão com estas palavras decisivas :

— Cosme Bezerra Cavalcanti, quando tem pela frente o inimigo, não sabe dar-lhe as costas. Para que nos hão de servir as armas e munições que trouxemos de Goyanna ? Luctemos como homens até morrer, mas não fujaamos jamais, como fracas mulheres, quando está com as vistas em nós o inimigo que atiraria contra nós pelas costas como se faz aos cobardes, si usassemos esse meio indigno.

Não tinha ainda acabado, quando rompeu o fogo de fóra sobre a fragil cabana.

Eram doze a dezeseis homens os que havia dentro, doze a dezeseis para um troço de cincoenta a

sessenta, bem municidados, tendo comsigo a força da autoridade. Travou-se desigual, porém fortíssima lucta; mas a victoria, ainda que demorada, não podia caber a quem estava cercado, e recebia balas por todos os lados, cada qual mais exposto ás aggressões. No medonho conflicto Cosme chegou a matar um dos aggressores, e ferir dois mortalmente. E porque, não obstante a superioridade em numero da tropa sobre os da casa, a resistencia se prolongava tenazmente, lembrou-se o coronel Braga de um recurso trivial e cobarde contra os que de dentro combatiam como heróes — o de pôr fogo na palhoça. Então a defesa tornou-se de todo o ponto impossivel. Logo que as chammas começaram a invadir o ambito, André e Luiz Vidal, depondo as armas, entregaram-se á prisão. Cosme não fez outro tanto; os seus animos não se compadeciam com esta solução de prudencia extrema: resistiu até onde foi humanamente possivel. Quando as labaredas, cercando-o por todos os lados, o ameaçavam com mais furia que os inimigos que, aliás, de fóra não cessavam de ajudar o terrivel elemento com tiros sem conta, saltou por uma janella resolvido a abrir ainda assim caminho por entre as chammas e os aggressores, intento que se frustrou.

— Isto não é nada, é a vossa hora derradeira, sr. Cosme Bezerra — disse um dos da escolta, levantando-o do chão onde o nobre cahira por occasião do salto.

Cosme, ainda aturdido da queda, volvendo as vistas ao que lhe falara, reconheceu Jeronymo Paes.

Trazia este na mão uma catana desembainhada. Dos olhos fuzilavam-lhe brilhos indescrivíveis. O rancor, a colera, a vingança satisfeita nunca tiveram mais fiel e completa expressão.

— Eu contava com o assassinato como termo natural desta perseguição — respondeu Cosme. Quando saltei pela janella para não morrer pelo fogo que a vossa cobardia poz na casa, escapuliu-me a arma da mão, e cahindo em baixo desloquei um pé. Estou que nem posso andar; valho menos que uma creança, Não é pois de admirar que me assassineis.

— Não vos façaes de fraco e innocente. Ha algumas horas que resistis com as armas nas mãos, ferindo e matando gente. Alli estão tres camaradas a quem tirastes a vida; vêde aqui quanto sangue derramado de outros tres que nem se podem mexer. Como é agora que vos pondeis n'uma cruz, dizendo que somos assassinos?

Cosme nada respondeu. Tinha nesse momento os olhos voltados para André e Luiz Vidal que, no centro da escolta, recusavam entregar os pulsos ás cordas com que, por ordem do coronel Braga, pretendiam maniatá-los.

— Somos nobres, e não temos nenhum crime, dizia Luiz Vidal. Não nos sujeitaremos jamais á infamia de nos deixar amarrar como captivos ou villões.

— O tempo da nobreza acabou — respondeu um, chacoteando.

— Falas ainda em nobreza, *mazombo*? Tu e teus irmãos não passaes de rebeldes. Havemos de pôr as cordas em todos vós. Haveis de pagar-nos o novo e o velho.

Foi frustrado todo o esforço dos vencidos. No meio dos maiores improprios, seis robustos ilheus que acompanharam a força, atarara os tres irmãos com os vaqueiros, e, o que é mais, com os proprios escravos que não haviam cahido na lucta. Quando Cosme, passada a exaltação, reconheceu que sem forças, sem armas, sem um braço livre que o defendesse, não era mais que um reu no poder de verdugos apaixonados, pensou em diminuir a humiliação; e valendo-se do momento de vir o coronel fazer-lhe certas perguntas sobre os bens que possuia, dirigiu-lha estas palavras:

— Não sei, sr. coronel, si alguma vez vos offendi. A minha consciencia apressa-se a dizer-me que nunca dei motivo ao vosso desagrado, quanto mais ao vosso odio. Mas si não é esta a verdade, peço-vos me declareis a minha culpa, que talvez possa convencer-vos da sem razão.

Braga respondeu:

— Sr. capitão, de vós nunca recebi a menor offensa. Apenas vos conheço.

— E porque então procedeis tão atrozmente com-nosco?

— Cumpro ordens. As instrucções do governa-

dor que me foram transmittidas, são positivas e rigorosas. Parece-me que, si, por qualquer circumstancia, o que Deus não ha de permittir, viesseis a escapar de meu poder, a minha cabeça pagaria esta desgraça.

— Não penseis que estranho a parte que tomastes em nossa prisão; o que estranho é a descortezia que tendes com presos a quem a adversidade não pode ainda, nem poderá nunca, fazer esquecer a nobreza natural do seu character. Uma vez presos, coronel, nem Cosme Bezerra Cavalcanti, nem André Cavalcanti, nem Luiz Vidal Cavalcanti, fugiriam jamais, ainda que lhe fosse facil a fuga. A sua palavra honrada tornaria dispensaveis cordas e algemas.

— Sr. Cosme, eu não acredito na honra, na nobreza e ainda menos na palavra de rebeldes — respondeu o coronel. Haveis de seguir amarrados até ao Recife. Às instrucções que me foram dadas, não me permittem logar a outro procedimento.

Cosme sorriu com amargura.

— Enganaes-vos, coronel, si pensaes que vos peço misericordia. Podeis, em lugar de cordas, mandar pôr em nossos pulsos pesadas algemas; podeis pôr-nos á ração de pão e agua : com isso não farieis mais do que antecipar os tratos que nos esperam na semi-tumba das Cinco-pontas. Não vos peço que mandeis afrouxar as cordas que estão cortando os meus braços, tamanha foi a força com que Jeronymo Paes os amarrou. Seriamos indignos da

causa que nos faz soffrer, si vos pedissemos brandura em vez do rigor a que temos direito.

— Não sei então o que quereis dizer.

— Quero saber si nas vossas instrucções vem determinado o itinerario, como vem ao que parece, o modo de sermos levados presos.

Depois de reflectir por alguns instantes, Braga respondeu :

— Quanto ao itinerario, nada se me determinou.

— Portanto, uma vez que nos leveis ao Recife, tereis preenchido a vossa obrigação ?

— Certamente.

— Pois bem. E' agora que vos peço um favor.

— Qual é ?

— Imaginae que em vez de sermos vossos prisioneiros, ereis vós nosso; e que, em vez de seguirmos para o Recife, teriamos de ir a um ponto além do Assú, donde sois natural, onde vistes correr a vossa mocidade, onde tendes representação. Qual dos dois caminhos preferirieis—o que passa por dentro do logar do vosso nascimento, ou o que rodeia por fóra ?

— Compreendi já o que desejaes, disse Braga.

— Em Goyanna, coronel, nasci eu, e nasceram os meus irmãos, que estão presentes. Sou ahi juiz ordinario e capitão de ordenanças; tenho ahi familia e amigos que me prezam com todas as véras. Meus amigos e parentes, vendo-me passar por dentro da villa neste estado lastimoso, sentiriam o mais acerbo desgosto. Para poupar-lhes este golpe,

peço-vos que ordeneis outro caminho, onde só encontremos inimigos ou indifferentes. Eis o favor.

Braga respondeu :

— Estaes servido. Passaremos por fóra de Goyanna.

— Prometteis então que não passarei por dentro de Goyanna, coronel ?

— Podeis ficar tranquillo, que ha de ser satisfeita neste ponto a vossa vontade.

— Coronel, perdôo-vos a parte que tendes tomado nos meus males, e desde já vos agradeço tamanha graça. Eu tinha-vos por um villão, mas agora reconheço que sois nobre. Beijo-vos as mãos.

Cosme fez uma inclinação de cabeça em signal de reverencia a Braga.

VII

Não tinha cessado ainda, si não augmentara, a agitação em Goyanna, quando Lourenço chegou ao Cajueiro, de volta de Tracunhaem.

Vinham com elle varios almocreves com quem se juntara algumas leguas atraz. Iam todos áquella villa, e eram antigos conhecidos de Lourenço, que uma hora por outra se encontrava com elles nos caminhos e ranchos.

Uma circumstancia muito contribuiu, pouco antes de chegarem ao Cajueiro, para estreitar cada vez mais as relações de sympathia que já ligavam a maioria delles ao rapaz. Foi o caso que, journadeavam muito tranquillamente, quando de improvisolhes apparece pela frente uma partida de bandoleiros. Apenas avistam o comboio, o chefe do bando e mais tres que o seguiam de perto, foram ao seu encontro; e sem mais nem mais intimam-lhes que entreguem os animaes por ordem do Tunda-Cumbe;

para que o bando pudesse realizar certa diligencia de que estava incumbido. Naquelles tempos o terror dominava todos os que não pertenciam à classe elevada do partido do governador. O povo não tinha direitos. Qualquer bandido julgava-se autorizado para apoderar-se da propriedade do pobre, e fazer d'elle o seu moço de recados. Innumeraveis paes de familia, pertencentes á classe desfavorecida, perderam muitos dias de serviço, por se occuparem na conducção de officio ou outro qualquer objecto a pontos longinquos por ordem de agentes subalternos. Por isso a intimação foi ouvida pelos almocreves como uma sentença de que não havia onde appellar.

Não estavam o bandidos acostumados a declarar as suas vontades sem as verem immediatamente cumpridas: O chefe, que vinha a cavallo, atirou-o com a força que poude sobre o matuto quemais proximo estava, dizendo arrogantemente:

— Ainda estão montados? Não ouviram o que lhes disse?

Seus olhos tinham a expressão da insolencia brutal que caracteriza o poder nos agentes subalternos.

— Montados estão e estarão — advertiu a este tempo um grito que viera echoando por sobre as cabeças dos almocreves parados na frente.

Subito, porentre elles, rompe o que soltara aquellas palavras. Era Lourenço.

Logo que se achou adiante do chefe, o rapaz proseguiu assim:

— Então vosmecê entende que quem comprou

um cavallinho com o suor do seu rosto, e delle precisa para seu meio de vida, ha de entregal-o a quem quer andar montado á custa dos outros?

— Que desaforo! gritou o chefe em brazas. Atreves-te a fazer-me observações, confiado?

— Este pé-rapado precisa de uma *roda de pau* — disse um dos da tropa, approximando-se de Lourenço.

Este já tinha o facão desembainhado na mão.

— Desaforo é o seu — respondeu elle ao chefe. Nenhum de nós está resolvido a entregar o seu animal. Ainda quando todos entregassem o seu, eu cá não entregarei o meu castanho. Si os senhores andam em diligencia, sigam o seu caminho de vagar, para não serem presentidos; agora, si andam fazendo cousas que não devem, então peor um pouco.

Soava ainda o vehemente protesto, quando um dos bandoleiros fez menção para pegar no cabresto do *castanho*; mas antes que a mão tocasse a corda, já o braço se retraia á dôr de uma forte pancada que sobre elle vibrara Lourenço, o qual, voltando-se aos almocreves, lhes falou com gesto imperioso:

— Para diante, para diante, camaradas!

E deu o exemplo, esporeando o castanho, que tão depressa sentiu a espora como rompeu caminho, aos pinotes e aos couces, por entre a tropa, de baixo de um chuveiro de pancadas.

A tropa tratou então de impedir a passagem dos outros almocreves; mas já foi tarde: o exemplo de

Lourenço levantara os espiritos. Não houve um só d'entre aquelles que não dêsse mostras de grande valor. Aos golpes dos bandidos respondiam com chicotadas e pranchadas. Estando a maioria dos bandidos a pé, não foi difficil aos almocreves escaparlhes. O chefe e dois ou tres, quando muito, que estavam cavalgando cançados animaes, ainda tentaram atalhar a fuga, descarregando as armas de fogo que traziam sobre os que fugiam. Mas, assim que viram Lourenço seguido de tres ou quatro mais animosos torcer para traz, e, de facão em punho, fazer-lhes frente, sobreestiveram, espantados de tanta coragem, e receiosos de ser victima d'elles:

— Havemos de encontrar-nos muito breve — disse o chefe.

— E' quando quizer. Ando sempre por estas estradas a qualquer hora do dia e da noite — retorquiu Lourenço.

Assim falando, voltou com os quatro a reunir-se aos outros, que, livres do empate, já corriam á brida soltã pela estrada fóra.

Começaram agora as reflexões sobre o que poderia acontecer-lhes. Fracos homens do povo, sem o menor amparo, porque o unico que tinham eram os senhores-de-engenho, por então ainda em mais estreitas condições do que elles mesmos, levaram algum tempo, não a mostrar-se arrependidos do seu procedimento, mas lastimando-se por ter a sorte creado para elles tão perigosa alternativa. Lourenço porém tratou de tranquillisal-os, o que lhe não

custou muito, porque a sua energia impuzera os seus sentimentos aos outros, que, si já o estimavam antes, agora não só começaram a respeitá-lo, mas até a achá-lo digno da sua confiança.

— Não tenham medo destes assassinos, destes ladrões do alheio, que só têm valentia para as mulheres que vestem saia para os poleiros de galinhas, as estrebarias de bestas velhas mal guardadas, e os chiqueiros de porcos.

— Elles são capazes de esperar-nos na villa e prender-nos.

— Pois então, em vez de tomarem vocês o rancho, façam a sua pousada no matto. Mas agora me lembra uma cousa. O rancho é na entrada da villa, e eu moro muito para cá no Cajueiro, como vocês sabem, e a minha casa, que por ora é uma palhoça, está sem gente, porque minha mãe foi fazer companhia á senhora do engenho Bujary. Podem vocês arranchar-se na minha palhoça, que fica da estrada muito para dentro, e de noite não se vê; amanhã de manhã seguirão então para Goyanna. De dia e dentro da villa já elles, si ahí ainda se acharem, não farão o que lhes vier aos narizes; porque, ainda que os mascates estão de cima, sempre nos povoados ha alguém que fala pelos perseguidos,

Estre alvitre de Lourenço foi aceito com reconhecimento por todos os almocreves, e ainda mais accrescentou o seu vulto, já desenhado em grande téla na imaginação delles.

Quando chegaram á palhoça, era quasi noite. Lou-

renço apenas lhes deu os esclarecimentos necessarios, continuou a jornada até Bujary, onde não se demorou, e mais tarde, com o intento de saber si o encontro com o bando já era conhecido na villa e si tomavam providencias contra os desobedientes, dirigiu-se até lá.

Goyanna estava cheia de uma noticia, mas de estrondo — a prisão dos irmãos Cavalcantis.

— Quero ter o gosto de vel-os entrar aqui amanhã com as cordas nos pulsos — dizia um mascate. Quero chegar-me ao Cosme, que de todos elles é o mais *peitudo*, e perguntar-lhe: « Onde está a tua fama, pé rapado mofino ?

Outra dizia:

— Hei de dar-lhe uma bofetada e ameaçal-o de dar outra si elle não disser em altas vozes: — « Viva quem me deu. » Só assim me pagará o pouco caso em que sempre me teve esse ruim e arrogante mazombo.

— Cá as minhas contas são com o André, que ainda pela ultima quaresma teve para mim gestos de desprezo, por lhe parecer que estavam mal pesadas uma caixas de assucar que mandara para o meu armazem. Chegou a chamar-me ladrão. Hei de lhe perguntar quem é mais ladrão — si o que está solto e livre, tratando do seu negocio, ou si o que vem amarrado, e em pouco tempo ha de subir á forca?

É impossivel dar uma idéa aproximada da angustia de Lourenço quando soube a cruel noticia, e da

afflicção, que o possuía por não poder dar incontinenti o castigo a quem o merecia, quando nos adjuntos pelas ruas, e nas portas das tabernas e das boticas, ouvia semelhantes projectos de villãs vinganças contra os nobres em quem se acostumara a não pôr as vistas sinão com respeito.

— Que desgraça, meu Deus! Parece que não ficará um fidalgo que não seja preso. Mal pensa seu Cosme o que está para lhe acontecer.

Cosme Bezerra entretanto, confiando na promessa do coronel Braga, poz o espirito ao largo, e da grandeza do infortunio tratou de tirar forças e resignação maiores que o mesmo infortunio para o vencer com dignidade.

— Estou preso como um captivo, mas no meu crime ha um protesto em favor da liberdade dos pernambucanos. Demais, desobedecer ao despotismo, á violencia, em logar de crime, é direito. Poderão matar-me, porque são assassinos; poderei subir á forca, e outro fim não espero, si antes disso não me assassinarem por estes caminhos, sob qualquer pretexto, para se verem logo livres de mim. Mas meu nome passará, com meu animo, ao grande quadro da historia de Pernambuco, onde se vêem desenhados vultos tão illustres, que basta occupar um logar ao pé delles para ter seguro o respeito dos posteros.

Mal acabara este soliloquio, quando, erguendo as vista a roda de si, sentiu que o espirito se lhe abatia repentinamente. Conhecera os logares que o

dia, ao romper, lhe ia mostrando aos olhos. Estava na estrada de Goyanna.

Mas o abatimento foi rapido; a antiga energia correu de novo pelas veias do brioso goyannista; o espirito ergueu-se-lhe fresco, forte, diante das pagagens nataes, alentado pela sua gentileza em que se deliciara nos bons tempos da mocidade.

— Vamos entrar em Goyanna, disse elle a Luiz Vidal.

— E' verdade, respondeu este tristemente.

Neste momento passou por junto dos presos o coronel.

— Sr. coronel, disse-lhe Cosme, quer ter a bondade de ouvir uma palavra?

Braga aproximou-se.

— Si me não engano, este caminho vae dar á villa de Goyanna.

— E' verdade.

— Mas vós me promettestes que passaríamos por fóra.

A estas palavras, Jeronymo Paes, que se aproximara tambem dos prisioneiros, disse:

— O sr. coronel fez esta promessa, é verdade, mas mudou de resolução por eu lhe lembrar uma circumstancia. Como extremosos filhos, segundo inculcaes, da terra que vos viu nascer, seria grande cruzza cortar, para não vel-a pela ultima vez, por escusos atalhos e rodeios.

— Eu não me dirijo a ti, villão immundo, retorquiu Cosme.

— Sr. Cosme Bezerra ! advertiu o coronel Braga.

— Dirigia-me a vós, coronel, que aliás sois também um villão ruim, um homem infame, um soldado cobarde, que outros nomes não cabem a quem falta a palavra dada a um nobre prisioneiro.

— Os cães encorrentados ladram com mais furia do que soltos, replicou Braga.

E deu o andar, emquanto Paes, achegando-se mais da mó formada pelos prisioneiros, ia talvez erguer o chicote para flagellar Cosme na face, quando foi compellido a voltar-se para inquirir com as vistas a causa de um ramalhar violênto que de um dós lados do caminho se fizera sentir.

E volver as vistas, ao ponto, foi o mesmo que ver uma partida de cavalleiros armados com facões e pistolas correr sobre a tropa. O coronel deu immediatamente ordem para que a força cercasse os presos e disparasse as armas contra os assaltantes. Poucos tiros soaram; com as humidades da noite as escorvas da mór parte das armas haviam esfriado e muitas destas mentiram fogo. Não se viu depois isso outra cousa sinão um torvelinho medonho e indescriptivel. Os cavalleiros cahiram sobre a tropa, e a patas de cavallo começaram a atropellar os que não lhes davam passagem. Braga, que descalvagara momentos antes de falar com Cosme Bezerra, não teve tempo de tomar o seu animal. Jeronymo Paz, porém, homem de luctas desabridas e de valentia, tivera tempo de saltar sobre sua cavalgadura, e com a espada investia, em defesa dos que

formavam um circulo á roda dos presos, como possesso do genio do mal.

Esta lucta durou poucos momentos, porque um dos assaltantes correu acceso em valor ao circulo, e expondo-se a dezenas de golpes, poude romper o cordão, e chegar até aos prisioneiros.

— E's tu, Lourenço, és tu, Lourenço ! claramam os nobres admirados de tanta bravura, e satisfeitos com a nova face que a sua sorte apresentava, um momento depois de ter para elles uma das mais feias carrancas.

— Sou eu mesmo, eu mesmo, seu Cosme. Em poucos instantes, seu Cosme, havemos de mostrar a estes safados mascates para quanto prestam os pernambucanos.

O facão de Lourenço cortava já os ultimos nós da corda passada á roda dos braços de Cosme, quando uma pranchada vigorosa fez o rapaz sobr'estar. Com este novo estímulo, o homem mudou-se em fera. Perdida a serenidade que o momento exigia, deixou a obra da salvação em mais de meio, e voltou-se para investir contra o seu offensor. Inexperiencia da idade, que frustou a grande obra quasi terminada.

O offensor era Jeronymo Paes. A sua coragem, si fosse ajudada de força tão extensa como ella, seria, talvez, digna de competir com a de Lourenço ; mas só este, de todos os que alli estavam, trazia os dois thesouros reunidos. Descarregar um golpe sobre Jeronymo foi o mesmo que prostral-o ; mas quando

ia acabar com este inimigo, teve de volver a sua attenção para outro ponto, donde um dos da tropa dissera aos camaradas :

— Não esmoceram, minha gente, que alli vem o Tunda-Cumbe.

João da Motta, receiando que os nobres, que andavam foragidos pelo mattos, se reunissem e tentassem tomar os presos trazidos do norte, dera ordem para que o Tunda-Cumbe que já voltara do Recife onde deixara os outros presos, fosse reforçar com gente fresca e descansada a que trazia tantos dia de jornada passando rios cheios, fomes e outras inclemencias naturaes de uma longa disgressão pelo sertão. E porque tinha recebido informação do coronel Braga sobre a hora da entrada na villa, muito cedinho fizera partir o Manoel Gonçalves com trinta homens do seu sequito.

Tunda-Cumbe cahiu sem piedade com os seus sobre os assaltantes, e não obstante terem estes já do seu lado a victoria, poudes a golpes e a tiros dispersar os que não morreram no meio da lucta.

Os assaltantes não eram outros sinão os matutos a quem Lourenço dera pousada em casa á noite anterior. Eis o que tinha havido. Voltando á palhoça com grande magua pelo que vira e ouvira nas ruas e tabernas onde se tratava da recepção hostile a Cosme e aos irmãos:

— Trago o coração negro, como tinta de escrever — dissera. Meu desgosto é tão grande que, si não

tivesse pae e mãe ainda vivos, eu me atiraria por ahí além, em busca da morte.

— Ora, deixe-se disso, Lourenço. Não vejo razão para esta zanga.

— Olhem vocês. Emquanto eu não tomar uma desforra desses mascates, e dos ladrões que andam ahí prendendo a gente limpa da terra, eu não fico bom nem tenho socego. Estou em termos de arrebentar.

Então lhes referiu o que ouvira e presenciara na villa.

— Mas porque não tiras a desforra? Que te falta? A occasião não podia ser melhor, Vamos tomar os nobres do poder da força.

— Este éo meu intento, e si vocês me ajudam...

— Ora! disse um. Somos tão sómente nove, mas assim mesmo havemos de dar que fazer.

— A minha birra é com o ladrão desse peixeiro desprezível, o desavergonhado Tunda-Cumbe, que traz galões dourados nas mangas, quando devia trazer algemas.

— Pensa você então em se pegar com o Tunda-Cumbe que, além de não ser péco, valha a verdade, traz comsigo tanto cabra matador, e tanto negro feio mandingueiro?

Lourenço sorriu em ar de mofa e impaciente.

— E porque não me hei de pegar com elle, Manoel Felix? Eu só sou capaz de lhe dar com a bainha da minha faca nas ventas, quanto mais si vocês fizerem uma perna. O *marinheiro* bem me conhece, e tem-me *ronha*. Em um *samba* que houve

o anno passado, em casa do defunto Victorino, o Tunda-Cumbe bem viu o páo da minha canôa. Ha pouco tempo mesmo elle sentiu no braço o dente daminha faca ; si as folhas dos pos não estivessem tão embrenhadas, havia de sentir o gosto della, não no braço, mas no coração, que foi para ahi que eu a atirei. Eis ahi. Vocês bem sabem a cantiga que eu canto :

Não tenho medo de homem,
Nem do ronco que elle tem,
O besouro tambem ronca,
Vae se ver, não é ninguem.

— Está bom, basta, Lourenço.

— Você tambem parece que está com medo, Antonio Luiz. Ora não seja molino, que um homem quando come carne e farinha é para ser duro.

— Eu não tenho medo. Por mim está já assentado que tomaremos os presos das mãos dos malvados.

Os matutos escorvaram algumas armas de fogo que traziam, examinaram os facões e as facas, e puzeram-se a espiar o momento do assalto. No outro dia de manhã apontou a escolta na extremidade do caminho. Foi então que, por entre as folhagens que lhe serviam de graciôsa e natural moldura, cahiram os almocreves sobre os soldados.

Lourenço luctou até não poder mais, até ficar só em campo, e seria victima debaixo do peso do grande numero do bando, si Cosme Bezerra, que

chegara a ter um braço livre, não descarregasse uma arma contra o coronel Braga. Suppondo que este ia morrer, as atenções dos bandidos e soldados dividiram-se entre os prisioneiros e o ferido. Neste momento poudo Lourenço escapar-se. O chão estava juncado de cadaveres.

Das onze horas para o meio-dia, um homem, que entrara gacheiro, afastando os mattos aqui, unindo-os acolá, para passar sem ser visto, metteu a cabeça por entre as estacas do cercado do engenho Bujary, e correu para a casa grande.

Quando o desconhecido, cujas roupas se mostravam rasgadas em alguns pontos, cobertas de sangue em outros, penetrou na sala onde sómente se achavam mulheres — D. Damiana, Marcellina, Joaquina e Marianninha — algumas dellas, amedrontadas da inesperada visão, chegaram a procurar os quartos para se trancarem, suppondo que estavam com um malfeitor em casa. Marcellina, porém, reconhecendo logo com magua o filho, correu ao seu encontro, e tomou-o nos braços.

— Minha Nossa Senhora do Rosario, Virgem Santissima! Que te fizeram, Lourenço?

Este respondeu por uma interrogação :

— Não passou por aqui seu Cosme com os irmãos?

— Não fales nisso, Lourenço, — observou Marcellina. Tem piedade daquella senhora que mal pôde enxugar as lagrimas de tantas que são. Nem tu sabes o que disseram, o que praticaram os malvados. Elles ahi vão ainda. Quasi nos matam. Olha para

aquellas urupemas. Não vês como estão quebradas e esburacadas? Não vês as paredes como estão? As balas e as pedras dos endemoniados choveram aqui dentro. Parecia que o mundo ia acabar-se, tamanho foi o estrondo, o estrago, o desatino. Com as balas e as pedras, chegavam aqui também os desaforos e as poucas vergonhas que elles diziam. A canalha do Tunda-Cumbe foi quem teve maior parte nisso. A outra gente ia occupada com seu Cosme, seu André e seu Luiz, e pouco se demorou á porta da casa. Sinhá d. Damiana ainda quiz abrir a urupema para falar a seu Cosme. Si não sou eu, ella fazia esta asneira, e talvez já não vivesse. Mas quem foi que te poz neste estado?

— Quiz ver si podia livral-os das mãos dos malvados, minha mãe; mas Deus não quiz. Quando já estavam quasi soltos, chegou o Tunda-Cumbe com a quadrilha, e não houve meio de vencer. Os meus camaradas morreram quasi todos; e eu fiquei jurado pelo Tunda-Cumbe de morrer mais cedo ou mais tarde ás suas mãos. Talvez que hoje mesmo elle ainda venha correr esta casa, ou vá á palhoça para ver si me encontra.

— Santo Christo de Ipojuca! Valei-nos, minha Nossa Senhora da Conceição!

— Olhe, minha mãe, tenha paciencia; porque o peor é o que eu lhe vou dizer agora. Eu não tenho medo do marinheiro, mas elle tem muito quem o acompanhe. Por isso, acho bom ganhar o matto por alguns dias, até ver si as cousas tomam outra cara.

— Filho de minh'alma, queres deixar-nos?

— Lourenço, Lourenço, não nos desampare — disse Marinninha.

— Que resolução é esta, Lourenço? perguntou d. Damiana, quasi soluçando.

O rapaz não soube o que dizer. Calado, impassivel, confuso, lançava olhares estupidos de uma para outra das mulheres, que assim recebiam a triste declaração da sua ausencia.

— Mas, minha mãe... sinhá d. Damiana... Marianninha... Si eu ficar aqui, ainda póde ser peor. Si elles me prenderem, si me levarem para o Recife, que será de vosmecês? Eu não vou desamparar esta casa por uma vez, minha mãe; Deus me livre disso; nem tenho coração para fazer semelhante ingratião. Andarei por aqui mesmo em roda da casa, mas dentro do matto. Si os negocios forem ficando muito feios, irei para Tracunhaem; irei reunir-me a seu Falcão, que já deve ter muita gente junta.

As mulheres ouviram attentas, no maior silencio, estes palavras, nascidas do sentimento da prudencia, que era aliás obra de Marcellina no coração do corajoso joven.

— Valha-me Deus! disse Marcellina, como quem comprehendia que era absolutamente necessario resignar-se á ausencia d'aquelle que, com ser filho de outra mulher, se tornara objecto dos seus maternas affectos.

— Elle nos queira valer, Marcellina — accres-

centou d. Damiana. Longe estava eu ainda ha bem pouco tempo de pensar neste novo revez da minha infeliz sorte.

— Hontem era seu Francisco, hoje é Lourenço que vae deixar-nos — disse Joaquina. Será o que Deus quizer.

— Já não ha corda em meu coração que não tenha estalado — accrescentou Marcellina. Mas, já que Deus assim ordena, vae, Lourenço, mette-te no matto, esconde-te bem dos facinorosos; e por nosso respeito não te percas. A Virgem Maria, na tua ausencia, ha de ser a nossa advogada, ha de proteger-nos.

Esta scena de dór foi interrompida pela chegada de um negro que acompanhara João da Cunha ás mattas, e com elle seguira para a prisão no Recife. Vendo-o coberto de suor, offegante de canção de longa jornada, d. Damiana foi a primeira que lhe falou, não sem grande sobresalto.

— Que novas nos trazes, José?

O escravo fiel e respeitoso, por unica resposta, entregou-lhe um papel que ella, inquieta e nervosa, desdobrou rapidamente. Era uma carta de seu cunhado Amador Cavalcanti, senhor de engenho, residente em Jaboação.

Eis o que continha a carta :

« Prezada prima,

« Escrevo-lhe estas regras quasi ás escuras, porque estou na semi-tumba das Cincos-pontas, onde me

recolheram hontem por ordem do governador, depois de soffrer os maiores vexames da quadrilha do Camarão, que me prendeu.

« Vim aqui encontrar meu irmão, o seu marido João da Cunha.

« Mal poderá imaginar em que estado o encontrei. Ferido, enfermo, maltratado pelos nossos verdugos... não tenho animo para lhe dizer tudo; mas o parentesco e a amizade não permitem furtar-me a este penoso dever.

« Hoje, pela manhã, elle chamou-me para junto de si; os seus ferimentos tinham-se aggravado. Mal pude entender o que me disse; digo mal: não entendi uma só das suas palavras.

« Abraçou-me, e inclinou a cabeça sobre o meu peito. Não a levantou mais, sinão, talvez para comparecer perante o Creador, que nos ha de julgar e vingar.

« Resigne-se.

« *Amador Cavalcanti* »

D. Damiana cahiu quasi sem sentidos nos braços de Marcellina. Os soluços queriam arrancar-lhe a vida.

A este tempo, Cosme Cavalcanti e os irmãos atravessavam a rua principal de Goyanna no meio do mais publico espectáculo cujo unico objecto eram elles.

. Para que fosse esplendida a recepção das illus-

tres victimas, os principaes, mercadores da villa, tinham ordenado comedias e cavalhadas.

Fogos do ar estouraram de todos os cantos e alguns sinos repicaram em signal de alegria, logo que os presos se aproximaram. Na rua das Portas de Roma armara-se um tablado pelo modelo do que se tinha levantado em Olinda, para festejar a chegada do governador, a 7 de dezembro de 1711. Ahi appareceram cinco figuras, ricamente vestidas; quatro representavam as quatro partes do mundo, e a outra, Goyanna.

O tablado ficava como o de Olinda, debaixo de uma « parreira agradavel na fórma, e abundante de uvas, com passarinhos que as depenicavam. »

Quando os presos passaram pela frente do tablado, a figura que representava Goyanna fez signal que parasse o troço, e com emphase dirigiu « em romance curioso » uma allocução a Jeronymo Paes, que exaltou como benemerito do povo e da realza. A rua não tinha mais onde se pôr um pé de pessoa. A villa em peso, uns por satisfação, outros por natural curiosidade, assistia ao estrepitoso espectáculo.

Os mercadores mais dinheirosos distribuiam aos soldados peças de ouro e bebidas finas; a plebe atirava insultos e injurias aos algemados.

Estes nunca haviam mostrado tanta nobreza no gesto e no porte. Tinham a serenidade de martyres. O silencio dava-lhes gravidade, e a elevação da face deixava manifesto que os seus espiritos, longe de

rastejarem, se sustentavam na altura do seu nome e posição.

A um insulto que lhes dirigiu o taberneiro Joaquim Rodrigues, Cosme Bezerra retorquiu :

— Insulta os nobres que vês presos, marinheiro ; mas fica sabendo que si não pudermos algum dia ajustar as nossas contas contigo, ajustal-as-hão com os teus *malungos*, que para cá vierem, os nossos filhos, os nossos netos, emfim a nossa geração : odio eterno á tua raça é a primeira herança que ensinaremos e deixaremos aos nossos descendentes.

— Toma lá que te dou, propheta sujo — retorquiu-lhe em ar de zombaria o taberneiro.

E atirou-lhe uma moeda de cobre.

VIII

Receioso de encontrar-se com algum bando inimigo, Lourenço que, ao deixar o engenho, tomara a margem direita do Tracunhaem, pela qual passava o caminho por onde se sahia de Goyanna, atravessou, não sem risco, o rio com bastante agua pelas chuvas torrencias do inverno, e metteu-se n'uma capoeira que, ao cabo de um quarto de legua, do nascente para o occidente, vinha morrer na margem esquerda.

Era quasi noite, e desde a sahida a chuva não cessára ainda, antes augmentara.

Em todas as paragens circumvizinhas não se descobria uma só habitação. O rio entrava aqui pelos mattos, sahia acolá por entre lagedos, espraivava-se além em varzeas cobertas de buritizeiros, De verão, a região que Lourenço percorria agora silencioso e pezaroso, tinha aspecto risonho; era um lindo painel, não obstante ser deserta e quasi vir-

gem. Actualmente vêm-se já por ahí casinhas de almocreves, quadras de terra cobertas de roça, partidinhos de cannas que alegam a vista e communicam ao espirito a sua graciosa fluctuação illuminada e colorida. Por esse tempo só se avistavam ahí aguas, mattos e ceu, que o verão enchia de limpidez, verdura e azul. Aos olhos de Lourenço porém não eram estas as tintas offerecidas pelas paizagens feiticeiras. Com o inverno ellas haviam tomado feições espessas e sombrias. As aguas barrentas, em varios pontos encachoeiradas, ennovellando-se com arbustos e pedras, semelhavam terras diluidas por forte ebullição, mostrando todas as fezes e lia deixadas no seu seio pelo curso de muitas idades, as folhagens inclinadas para o chão quando as aguas do ceu cahiam sobre ellas sem sopro de tormenta, ou revoltas e confusas quando a tempestade as açoitava com a sua violenta colera, apresentavam o semblante da tristeza ou do desespero; o ceu côr de cinza tinha communicativa morbidez que penetrava nos corações ternos. Emfim, longe de despertar pensamentos e sensações gratas, essa região demudada não offerecia ao hospede perdido no seio della outros presentes sinão o tédio, a ingratição e a aspereza do deserto.

Ao anoitecer, sahindo de uns paúes perigosos onde quasi se havia sumido com o cavallo, ouviu, sorpreso, o bater de uma *caçula* por alli perto. Guiado por este signal, ganhou um alto onde deu de rosto com uma casinha de barro, coberta de

pallia. Alongando as vistas, descobriu na baixada que ficava do outro lado da eminencia, uma como aldeia de indios. Contavam-se talvez de quinze a vinte palhoças. Quasi todas estavam fechadas, e sómente da que ficava mais proxima da casinha do alto se levantava aos ares, sem embargo dos pesados pingos da agua, que no momento cahiam, uma fumacinha azulada, indicando que havia moradores na palhoça.

— Já tenho, graças a Deus — pensou o rapaz — onde passar esta cruel noite de inverno.

E tirou para a casinha, donde lhe chegava aos ouvidos o som levantado pelo alternado bater das mãos de pilão sobre o milho.

Faziam a *caçula* uma rapariga e uma mulher já de idade. Aquella podia passar por branca, e não era mal parecida ; cabellos negros e cacheados emmolduravam-lhe o rosto jovial e franco ; fórmulas boleadas sem carencia de gentileza, accusavam thesouros que se perdiam occultos ou mal apreciados no ermo.

A outra mulher tinha feições e fórmulas vulgares que nenhum traço particular tornava distinctas, a não ser o olhar suspeito e a grossura corporea : ambas trajavam saia de chita e cabeção de renda. Estavam de pé, na sala posterior da casinha, perto de um banco largo, especie de porta deitada sobre quatro pés cravados no chão, a qual, pelos indicios, preenchia o officio de estrado, mesa de jantar e cama de dormir. Sobre o banco via-se um alguidar

de barro de bom tamanho, contendo certa quantidade de milho pilado; junto do alguidar um rapacôco de ferro e alguns pratos ordinarios. Dentro de um destes estava o côco, partido já em duas bandas, destinado a dar as rapas de que se devia extrahir, pela expressão, o leite grosso e saboroso. O leitor entendido nos usos do norte ha de ter comprehendido, por estas particularidades domesticas, que as duas mulheres se occupavam em fazer o popular e apreciado *mucunzá*. Ficava de permeio entre uma e outra o pilão que lhes dava pela cintura.

A quantidade de milho quebrado que se via dentro do alguidar, e o suor que aljofrava o rosto e as espaldas das mulheres, não obstante o tempo frio, revelavam que a *caçula* já ia puxada, ou antes estava perto de acabar.

Lourenço, rodeando a casa, foi parar defronte da janella de sala onde se entregavam áquella occupação culinaria as duas mulheres.

— O' de casa? disse elle.

Apenas estas palavras resoaram dentro, as moradores fizeram uma pausa, e cessou o *batecum*.

— O' de fóra — respondeu a mais velha, emquanto a mais nova, que estava occulta por traz da parede, estirou o pescoço, e com os olhos procurou ver quem era o hospede. Tão depressa porém o viu como, deixando a sua mão de pilão mettida no milho, deitou a correr para a camarinha, unico aposento encoberto que havia na casa.

— Tenha vosmecê muito boas noites, minha senhora — disse Lourenço, chegando o cavallo mais para junto da janella.

— Nosso Senhor lhe dê as mesmas — respondeu a matuta.

— Minha senhora — proseguiu o rapaz — venho pedir a vosmecê um rancho por esta noite. Com semelhante chuvada, que vosmecê bem está vendo, é impossivel a gente andar por dentro de lamas que querem engolir homem e animal.

— Meu senhor... balbuciou a mulher com evidente embaraço.

E como não passou dahi, Lourenço, compreendendo estar ameaçado de imminente recusa, acrescentou :

— Quer vosmecê acredite, quer não, o que eu lhe posso dizer é que ainda hoje não comi nem descancei. Estou resfriado desde os pés até a cabeça. Não sei bem em que alturas ando. Além disso, com rios cheios, e de noite pelo escuro, não se póde viajar.

— Meu senhor... retorquiu a mulher sempre hesitante, eu não teria duvida em lhe dar o rancho; mas o dono da casa não está em casa, e não é de bem... vosmecê bem sabe.

— Sim, si o dono da casa não está em casa, nem aqui por perto, elle é verdade, vosmecê tem razão. Mas tambem quero dizer-lhe uma cousa : eu com pouco me satisfaço. Basta que vosmecê consinta que eu me recolha debaixo deste alpendre, ao

menos emquanto boto um punhado de farinha e um pedaço de carne na bocca, e o meu cavallo descansava.

A mulher não disse uma palavra; continuou indecisa. Estava sem saber determinar-se.

Passado um momento, como visse Lourenço que não cessava a indecisão, disse o seguinte :

— Minha senhora, eu não sou nenhum malfeitor. Pela cara dou logo a conhecer.

— Não digo menos disso — retorquiu ella.

— Metto-me alli debaixo do puxado, e póde vosmecê ter certeza de que não arredarei dahi o pé sinão para ver o meu cavallo, ou tratar da jornada quando as barras vierem quebrando.

A mulher ia reforçar a recusa com outras razões, mas a um signal feito de dentro da camarinha pela moça, mudou de rumo, e respondeu sem os escrúpulos de ha pouco :

— Está bom. No alpendre póde vosmecê ficar.

— Deus é que lhe ha de pagar este favor, disse o rapaz, criando alma nova com a resposta.

E sem mais esperar, tirou para o pequenino alpendre, onde descavalgou.

Quando estava para soltar o cavallo com a peia, como é costume, ouviu dizer da janella :

— O' meu senhor? O' meu senhor?

Pela voz reconheceu a mulher, e immediatamente botou-se para aquelle ponto, onde a encontrou, tendo em uma das mãos uma cuia.

— Si vosmecê não tem o que dar ao seu cavallo,

aqui lhe offereço este bocado de milho que sempre ha de chegar para elle ir roendo durante a noite.

— Aceito o favor, e muito agradeço a vosmecê a sua lembrança. Eu já ia soltar o animal ahi ao campo, sem esperança de que elle comesse qualquer cousa, porque tudo está debaixo de agua.

Pouco depois, sob a folhagem de uma gamelleira proxima do alpendre, o cavallo quebrava com estrepito o presente da hospitalidade, e o seu dono, de uma rêde que armara, fazia-lhe companhia, comendo, com appetite devorador, da matalotagem que trazia em um sacco de couro, onde a agua da chuva não pudera penetrar.

Alli mesmo, rendendo-se ao enfado da jornada, Lourenço, recostado na rêde, adormeceu. A noite fechada, a chuva, o silencio, o ermo convidavam ao repouso.

Por volta de oito horas, não obstante estar no melhor do somno, foi despertado pelo ladrar do cachorro da casa contra o cavallo. Logo depois ouviu abrir uma porta, rumor de alguém que sahia, e as palavras seguintes :

— Não me demoro, não. Vou levar a Joanninha esta tijella de *mucunzá* para ella ceiar, e dizer-lhe que eu venho hoje fazer companhia a você.

Comprehendeu Lourenço que a mulher era dalli mesmo das vizinhanças, e viera ajudar a moradora no serviço da *caçula*. E como levantara a cabeça, deram seus olhos com suave claridade no alpendre.

Era produzida por um fogo que havia sido feito não muito distante da rêde onde elle estava.

Esta fineza com que elle não contara, deu-lhe grande satisfação.

— Boa gente é a desta casa, disse, levantando-se, para atizar o fogo, e ver o cavallo que, com os latidos do cão, se afastara um pouco da gamelleira. Pois não me pareceu assim, quando cheguei logo.

Fizera-se uma estiada, o que permittiu a Lourenço ir sem repugnancia até o logar onde estava o cavallo, que elle tocou para junto do alpendre,

Já ia sentar-se novamente na rêde, a fim de retomar o somno do ponto em que fôra interrompido, quando enxergou, á claridade do fogo, um vulto que se encaminhava para o seu lado. Era a dona da casinha. Mostrava-se cautelosa, olhando para um lado e para outro.

Quando não faltavam sinão alguns passos, Lourenço quiz levantar-se ; mas antes que se puzesse de pé, a rapariga estava sentada com elle na rêde, e apertava-o entre os braços com phrezezi de allucinada.

— Lourenço, Lourenço, você não me conhece? perguntou ella em voz baixa.

— Estou reconhecendo a sua voz, disse o rapaz, tomando posição conveniente para ver o rosto da rapariga.

— Sou Bernardina, disse ella.

— Bernardina ! Bernardina ! exclamou Lourenço.

Então, afirmando a vista, reconheceu, de feito, com indescriptivel prazer, a filha de Victorino que fôra raptada por Tunda-Cumbe, por occasião dô ataque contra o engenho.

Bernardina não parecia a mesma que estivera de tarde na caçula com a outra mulher. Substituíra a saia caseira por um vestido de chita impregnado dos cheiros do *corador* campestre. Entre os cabellos annelados, que o pente alisara momentos antes, um galhinho de alecrim rescendia suavissimo aroma. As faces estavam animadas de irradiação rosea; os braços e as espaduas accusavam recente ablução.

Ninguém diria, em presença daquelle asseio modesto, unico talvez que está ao alcance do pobre, ninguém diria que o suor do trabalho humedecera, algumas horas atraz, pelle tão fresca e limpa. O que a primeira vista se adivinhava, era que a galante cachopa havia posto particular cuidado em apparecer sem vexame ao seu camarada da meninice.

— Meu Deus! continuou elle. Como são as cousas! Quem havia de dizer que eu teria hoje este encontro? Eu bem ouvi cantar, pouco antes de chegar a este logar, um pitiguari no olho de um catolé.

— E' verdade — disse ella. Eu reconheci você, logo que o vi chegar á janella, ainda que você está muito differente. Está um moço alto e bonito de fazer a gente ter ouira de gosto só de vel-o.

— Mas porque se escondeu de mim? Porque fu-

giu tão depressa, tanto assim que a não pude ver sinão pelas costas, e por isso não pude saber que era você?

— Fugi para lhe poder falar mais tarde. Si eu me dêsse logo a conhecer á vista da mulher que sahiu d'aqui ha pouco, ella não nos deixava sós, e eu não podia abrir-lhe o meu coração, como estou fazendo. Ella é boa mulher, mas não havia de consentir que nos avistassemos, nem eu quero que ella saiba da minha vida.

— E que faz você por estas alturas, Bernardina?

— Ora! Foi a minha desgraça. Mas porque não se deita como estava ainda ha pouco? Deitemo-nos, para não parecer que estão aqui duas pessoas. Metta o seu braço por baixo do meu pescoço. Falaremos baixinho. Direi assim tudo o que lhe quero dizer. Você não sabe quanto estou satisfeita com a sua presença. Não tenha vergonha de mim. Faça de conta que ainda somos meninos.

A rapariga foi a primeira a deitar-se transversalmente na rêde : o rapaz imitou-a. Os seus halitos confundiram-se, Os negros cabellos de Bernardina espalharam-se, em ondas voluptuosas, pelas faces nedas e afogueadas de Lourenço, que parecia estar numa fascinação parva.

Perto da rêde jazia atirado um tronco secco destinado ao fogo. Bernardina, tomada de phrenesi irresistivel, alcançou con a ponta do pé a cabeça do tronco, e firmando-se nella, deu balanço á rêde. Cahiu-lhe então a chinella, e com o movimento en-

funou-se-lhe parte da saia arrendada, apparecendo, como uma tentação, o pé pequenino e metade da perna de perfeição incomparavel.

Mas Bernardina não attentou no seu estado. Era outra a ordem de idéas que lhe andava no cerebro. Fervilhava-lhe ahí a serpente do remorso e da saudade.

— Quando eu não quiz falar com você diante daquella mulher, foi justamente porque os meus segredos não eram para ella ouvir. Mas antes de tudo, não se demore : dê-me noticias dos meus. Minha mãe e Marianninha como estão? Ha quasi dois annos que as não vejo. Só Deus sabe a minha dôr, as lagrimas que tenho derramado, longe dos meus, com saudades delles.

— Ellas estão boas, Bernardina.

— Não houve nenhuma novidade?

— Houve somente a morte de seu pae.

— Desta já soube. Meu pae era tão bom para mim!...

— Mas que vida é a sua, Bernardina?

— Não me fale, não me fale, Lourenço. Nem sei como me deixei desgraçar, em vez de morrer; antes tivesse morrido. Lá não souberam que eu fui roubada por seu Tunda-Cumbe, quando entraram com elle no engenho os malvados que lhe dão força para fazer tudo o que lhe vem ás ventas?

— E que está você fazendo aqui?

— Aqui é que eu moro. Não sabe que este é o *Rancho do Sipó*?

— Pois é aqui o *Sipó*? Aqui e que o ladrão do Tunda-Cumbe tem os seus malfeitoses?

— Aqui mesmo. Ahi adiante na baixada moram elles. Só eu moro aqui com seu Tunda-Cumbe, neste deserto por onde não passa ninguem, com medo de ser atacado e assassinado.

Lourenço estava admirado do que ouvia: Nunca pensara em tal.

— Eu sou mulher — continuou Bernardina; mas assim mesmo, não tenho medo d'elle nem dos seus malfeitoses; e mais de uma vez tenho feito tenção de deixar este degredo, dê no que dêr.

— Pois este é o falado rancho do *Sipó*! inquiriu Lourenço pela segunda vez, parecendo não ter o seu pensamento preso a assumpto differente, ou fingindo-se alheio do que na realidade puzera alerta todos os seus sentidos. Ah! é verdade. Eu vi, quando vinha, as taes casinhas lá embaixo. Em boas estou mettido. Venho fugindo do malvado, e caio dentro do seu *giqui*.

Em poucas palavras referiu Lourenço os acontecimentos em que ahdara envolvido de manhã, a lucta com o Tunda-Cumbe, o juramento que este fizera de vingar-se d'elle, emfim, as circumstancias que davam á sua posição actual um character melindroso, pelos muitos perigos que a cercavam.

— Para um homem da sua coragem, Lourenço, não ha perigos, disse Bernardina. En tenho tanta confiança em você que, si você quizesse tirar-me d'aqui, eu não punha a menor duvida.

Dizendo isto, a rapariga roçava a face pela do rapaz, que, embriagado e offegante, devorava com os olhos accesos em estranho anhelos aquella imagem provocadora.

— Você diz o que eu tenho no juizo. E fique sabendo que, ainda que eu houvesse de cahir, traspassado de balas alli adiante nos atoleiros, eu a levava commigo para entregar-la á sua mãe. O ajuste de contas com o ladrão do *marinheiro*, si não pudesse ser antes, ficaria para depois. O principal era tirar você do poder d'elle, que é um ladrão muito desafortado.

— Que está dizendo? Pois você tem esta idéa? Não sei como agradecer a Deus esta mercê.

— Mas presentemente, Bernardina—observou o rapaz, pegando-lhe de uma das mãos—eu não a procurava. Nos primeiros tempos da sua ausencia, andei com Saturnino pelos mattos a ver si a achava; não foi uma nem duas vezes que fizemos isto, foram muitas que não têm conta; e si nunca viemos ao rancho do Sipó, foi porque nunca pensámos que o Tunda-Cumbe a tivesse trázido para viver junto dos negros e cabras safados que compõem a sua quadrilha. Mas desta feita o meu destino era outro.

— Eu estou aqui desde que elle me roubou do Bujary. Não viu você a mulher que estava commigo, e ficou de voltar? E' a caseira do Pedro de Lima, que elle encarregou de me espiar.

Lourenço ficou silencioso um instante, como quem reflectia.

— Agora, disse depois, a occasião não é das melhores para ir commigo, porque não vou para o Cajueiro, vou até fugindo d'elle.

— Não me diga isso, Lourenço, tornou Bernardina pezarosa. Não o deixarei sahir sem me levar em sua companhia. Ainda que vá para o inferno, irei com você, porque tão cedo não se ha de offerrecer outra occasião.

Depois de novo instante de silencio, disse o rapaz :

— Quer tomar um conselho? Deixe-me ir primeiro aonde tenho de ir, a Tracunhaem, a ver si se dá algum geito para livrar-se da prisão seu Cosme Bezerra e os irmãos. Na volta, passarei outra vez por aqui, e então você irá commigo.

— Ora, Lourenço! disse a rapariga ainda mais maguada. Você está com isto para se livrar de mim. Sou uma desgraçada.

Os olhos da gentil matuta, ha pouco tão cheios de alegres brillos, inundaram-se tristeza e lagrimas.

Lourenço, reparando na mudança, sentiu-se commovido.

Para consolar a moça, apertou-a contra o coração com ternura e meiguice infantil.

— Para que diz isso de mim, Bernardina? Você bem me conhece, e sabe que eu não sou de prometter uma cousa e fazer outra.

Nisto o cão, que ha pouco ladrara, começou a ladrar de novo. Ouvindo os latidos, Bernardina sentou-se na rêde.

— E' sinhá Manuella que volta. Não posso mais demorar-me.

— Talvez não seja ella. Fique ainda um instantinho só, Bernardina.

— Não; adeus, adeus. Si não nos virmos mais, leve este abraço para mamãe, e este outro para Marianninha.

Assim falando, a rapariga, de pé, inclinada sobre a rêde, suspendeu e apertou por duas vezes o rapaz aos seios com quantas forças tinha.

— Este agora é o seu—disse por fim.

Lourenço, quo já estava tambem de pé, foi o primeiro a tomar entre os braços Bernardina, cujas fôrmas, com o ardente contacto da despedida, lhe deixaram no corpo deleitoso quebranto.

— Dou-lhe este abraço, para que você não se esqueça de mim.

Foram estas as suas ultimas palavras. Correu para dentro rapidamente, e desapareceu.

Pouca era já a claridade espalhada no alpendre. A fogueira estava metade extincta. O frio da noite invadia o informe aposento. Lourenço, porém, não precisava de calor externo para se sentir aquecido. Tinha o fogo interior, o fogo das paixões, o fogo dos dezoito annos que as provocações quasi ingenuas de Bernardina, tão moça como elle, haviam deixado no maior grão de intensidade.

X

Os abraços de Bernardina, antes irresistível manifestação de estima e contentamento sem malícia, do que indicio de paixão deshonesto como se pôde afigurar ao leitor menos entendido na singeleza dos costumes do campo, deixaram Lourenço n'um estado de excitação nervosa que não revelava a mesma simplicidade, nem o mesmo puro incentivo. De feito, Lourenço via as cousas por outro lado. Das duas filhas do finado Victorino, fôra sempre Bernardina a que, por muito sahida, merecera a sua particular attenção. Demais, havendo tantos mezes que a não via, o vulto da seductora rapariga teve para elle, com o tom mysterioso que lhe davam as condições da actualidade, o encanto das visões inesperadas, frescas e gentis, dessas que matizam os sonhos apaixonados da juventude. Bernardina, na phantasia estreita de Lourenço, limitada ao horizonte dos bosquês, dos rios, dos engenhos, das

asperas jornadas e dos sambas rudes, surgira como a estrella boeira nas madrugadas de verão, A rapariga illuminara-se com o fogo dos dezoito annos, cujo reflexo revelava nos olhos o calor da alma. Não obstante a vida, não raro orvalhada de lagrimas, que ella arrastava na solidão agreste da sua desgraça, tinha o seu corpo ganhado formas esbeltas, as suas feições distincta vivacidade. Ao elarão da fogueira, vira elle nesse vulto de natural elegancia o quer que fosse que lhe deseobriu novos mundos até então perdidos na vacuidade do seu espirito mais positivo que sonhador.

Depois que Joaquina fôra morar junto de Marcellina, e para assim dizer á sua sombra, quasi todos os dias offerciam-se ensejos de Lourenço conversar a sós com Marianninha, impressionar-se da sua belleza fresea e rosea, e commover-se da brandura do seu natural. Muitas provas de estimação dava-lhe a filha mais nova de Joaquina e elle, si bem que não se havia ainda entregado inteiramente a este amor, porque a juventude raras vezes se deixa captivar das paixões modestas, da ternura pausada ainda que pura e immensa, sentia já por Marianninha doce affeição, que começava a encher-lhe o coração como o aroma do manaeá silvestre povoa as abobadas formadas pelas ingazeiras nas margens dos rios.

Ainda na manhã daquelle dia, depois da scena de dôr e prantos á que assistira na sala do engenho, quando Lourenço deseceu á cavallariça, seguiu atraz

delle Marianninha trazendo os olhos arrazados de lagrimas. Era a dôr da separação que lhe arrancava aos sentimentos aquella triste homenagem.

« — Lourenço, Lourenço — perguntara ella — você se esquecerá de mim ? »

« — Não me esqueço, não, Marianninha. Olhe. Quando não esperar por mim, ha de ver-me bem juntinho de você, de todos de casa, »

« — Eu não deixarei nunca de esperar por você; esperarei sempre, de dia e de noite, a todo momento. Não se occupa com ninguem, sinão com você, a minha lembrança, a minha imaginação. »

Quando o rapaz estava para tomar o cavallo, Marianninha aproximou-se, cada vez mais commo-vida.

« — Tome esta oração. Ella serve para você se lembrar de mim, e para o livrar dos perigos. »

Era uma oração prodigiosa, um *breve*, cosido dentro de um saquinho de setim, e preso a um rosario de contas tão limpidas como as lagrimas que se deslisavam pelas faces da moçoila.

« — Reze todas as noites, e todas as manhãs, á Nossa Senhora do Rosario esta coròã. Ella ha de protegê-lo. »

Com as proprias mãos, hesitantes e tremulas pela commoção, a filha de Victorino lançara ao pescoço do rapaz o talisman popular, mixto de fetichismo e catholicismo, tão conhecido das gentes do campo. Lourenço agradeceu-lhe a lembrança, o presente da despedida, e, para retribuir a fineza, apertou a

rapariga ao peito, com vontade de a levar ao sertão, ao deserto, ao desconhecido, onde necessariamente devia precisar de uma companhia, ou antes de uma companheira que suavizasse os rigores da peregrinação.

As despedidas exercem grande influencia na vida. Durante a jornada, Lourenço só pensava em Marianninha, chorosa e meiga por occasião de lhe entregar o rosario e o brevesinho. Não foi uma nem duas vezes que teve vontade de chorar de saudade, lembrando-se da menina, da mãe, do engenho, lembrando-se de tudo o que deixara, e que não sabia quando havia de tornar a ver. Foi assim, enternecido por lembrança tão grato e commovent, que elle chegou ao rancho do Sipó.

Mas Bernardina, apparecendo-lhe de improviso como uma alma bemfazeja, filha do matto, creada na solidão, uma alma nova, não obstante ser sua conhecida da infancia, apparecendo-lhe assim, quando elle menos esperava, entre uma fogueira—symbolo da paixão, e uma rêde—symbolo do gozo, por uma noite de inverno—estação propicia ao conchego, e sem outras testemunhas que os elementos mudos posto que traiçoeiros e irritantes, apagou com a sua imagem, rica de estímulos sensuaes, a doce scena de amor innocente em que se deixava entrever a irmã com o recato da alma candida, como apaga o pintor com o pincel ensopado em tintas vivas, brancas virgens retratadas em quadros ainda mais brancos do que ellas.

Depois de um instante de vacillação, o rapaz correu em busca da fugitiva moça. Esta já estava dentro de casa fazendo que repousava. Nem sombra restava de tão encantadora visão. Afigurou-se a Lourenço um momento ter-lhe ido a vida com ella. Fôra um enganoso egoismo que o provocara, que o exaccrbara, e que o havia esquecido, fugindo rapidamente quando elle mais desejava tel-o unido ao peito. Levara comsigo todas as fórmãs da seducção; todas? Não; uma tinha ficado no alpendre, talvez contra a vontade daquella tentação revestida em contornos ondulantes como os das serpentes; era o galhinho de alecrim, que Bernardina trouxera entre os cachos dos cabellos.

Lourenço achou-o pouco antes da porta, no chão, e reconhecendo-o, apanhou-o, aspirou-lhe o brando cheiro, e metteu-o entre a camisa e o corpo. Penetrando ali, a sua mão tocou involuntariamente em outro objecto que lhe veio immediatamente á lembrança — o talisman que lhe dera Marianninha, o qual, pendente do rosario, nadava sobre o peito do rapaz. Lourenço estremeceu, sentindo o contacto do breve; e seria capaz de afirmar que as paixões se lhe haviam mitigado repentinamente com esse contacto. Toda idéa que tinha de forçar a fragil porta da palhoça, varreu-se-lhe do espirito. Poderoso condão aquelle, Marianninha, aquelle que dêste a Lourenço! Poderoso, porque lhe acalmou por um instante os ardores infrenes que o atiravam para imprevidos abysmos, poderoso, porque o fez

volver á rêde, quando já ia passando de tempo. De facto, não se metteu um momento, que atravessou o terreiro, encaminhando-se á porta, que abriu, uma sombra em quem Lourenço reconheceu a grosseira Manuela.

Lourenço não dormiu mais, Em seu espirito travou-se então uma lucta fratricida — a lucta das duas irmãs — uma que resurgira depois de apagada, outra que perdera metade da sua grande força, logo que se achou defronte da primeira.

Que seria delle, solicitado por duas attracções iguaes? Ficou sem dar um passo nem para um lado, nem para outro. Tinha a inercia de um corpo pequeno, entre dous maiores de igual grandeza. Mas si a vontade cahira nessa indecisão passiva, indecisão da creança, que, vendo ao alcance dois quadros seductores, não sabe por qual delles se ha de decidir, o seu espirito parecia inclinal-o para aquella que, a poucos passos de distancia, ouvindo talvez o rumor dos seus movimentos, lhe havia despertado no coração alvoroços que se assemelhavam a chammass.

Perto do amanhecer a chuva cessou inteiramente. Á claridade do dia, as condições do estado do almocreve modificaram-se consideravelmente. A realidade, erriçada de perigos, resurgiu-lhe de novo aos olhos. Voltando-os á baixada, avistou lá a rua de casinhas que lhe avivou a idéa da quadrilha e do chefe, a que elle ia fugindo. Era tempo de deixar

a ameaçadora pousada, por algumas horas tão hospedeira e carinhosa.

Mas partir sem ver Bernardina, sem lhe protestar estima recente, cujas raizes vinham do passado, sem receber, talvez, na despedida, um daquelles sorrisos feiçiceiros que, quando a menina cantava e dansava nos sambas, deixaram tantas vezes corações atravessados de desejos mais agudos que pontas de espinho, isto afigurou-se-lhe um tormento, um impossível. Ainda esteve um instante para bater á janella sob qualquer pretexto; mas, receiando-se de não ter forças para ausentar-se, si a rapariga lhe apparecesse, quando a sua salvação exigia rapidez no apartamento, dominou o desejo, e partiu.

Não tinha ainda perdido de vista a casa, quando, ao emparelhar-se com umas arvores sombrias e fechadas, virando-se para traz, viu ir descendo a rua do rancho a mulher que fizera companhia a Bernardina. Foi o caso que Manuela, tanto que percebera, pelo rumor das pisadas do cavallo, que Lourenço deixava a casa, se despediu de Bernardina e encaminhou-se á sua cabana.

Este incidente, com que o rapaz não contava, reaccendeu-lhe o desejo de voltar. Sobresteve um instante, pensando. As arvores occultavam-n'ó inteiramente. Elle podia reflectir por quanto tempo quizesse, sem receio de ser notada a sua presença.

— Estou quasi voltando — disse comsigo, ao cabo de alguns minutos de reflexão.

Pouco depois, tomada a resolução, accrescentou :
— Ora ! Aconteça o que acontecer. Para os perigos é que são os homens.

Não se demorou mais. Com pouco, estava junto da janella que se abriu tanto que elle chegou, para deixar apparecer o rosto da gentil rapariga, mais seductor do que nunca, porque se mostrava agora orvalhado de lagrimas, como as florinhas do campo estavam nadando entre as aguas da noite.

— Eu logo vi que você não havia de se ir embora de uma vez sem me dizer adeus, Lourenço — disse ella, recobrando, com a vista do rapaz, o fulgor da sua natural expressão. Lourenço aproximou-se mais, e perguntou-lhe, a meia voz :

— Bernardina, você ainda está no parecer de me acompanhar?

Como si ouvira a voz da sua salvação, a rapariga, erguendo-se sobre as pontas dos pés, inclinou-se para fóra, e, estendendo os braços como quem queria prender o almocreve, respondeu n'um assomo de entrega, filho de absoluta confiança :

— Pois ainda pergunta, Lourenço?

— Então, venha depressa, antes que chegue alguém — tornou elle. Eu bem sei que vou correr grandes perigos ; mas, por seu respeito, commetto tudo. Que espero mais ? Acabemos já com isto. O que chegar chegou. Commigo ninguem póde.

Em poucos minutos o cardão passeiro e passarinho, que Lourenço tirara da estrebaria do engenho para se metter na jornada, tomou sobre o

dorso o rapaz e a rapariga; e não obstante esta dobrada carga, atravessou com pés seguros os atoleiros, e ganhou outra vez o caminho, sem mostrar o menor enfado, antes lesto e forte, graças ao milho que comera de noite.

Por toda a parte foram encontrando riachos chcios que se assemelhavam a rios, campos inundados que se assemelhavam a lagos, valles que se assemelhavam a correntes encachoeiradas, emfim as provas evidentes do inverno que se prolongou em Pernambuco de 1712 a 1713.

Mas Bernardina, na sua qualidade de mulher, tinha animo inexcedível. A sua organização parecia de ferro. Nada a fatigava.

Quanto mais se afastavam da colonia de malfeitores, mais animada e contente se mostrava a fugitiva.

— Estou vendo que você é muito forte, Bernardina — observou uma vez Lourenço.

— Ora ! retorquiui ella com disfarce. Neste cortado vou até o fim do mundo. Estou tão contente, como você não avalôa. Vou achando tanta graça nos mattos que eu aborrecia ainda hontem... Que bonita manhã, não é, Lourenço ? Eu vou achando tudo tão bonito, porque me soltei da prisão.

Passados momentos, accrescentou :

— Que prazer vou ter, meu Deus ! Ha tanto tempo que não vejo minha mãe e minha irmã. Chegaremos hoje a Goyanna ?

— A Goyanna ! Pois eu não lhe disse que a

nossa viagem não é para Goyanna? Si eu voltasse ao Cajueiro ou a Bujary, era o mesmo que ir metter-me na bocca da onça.

— E para onde vamos nós?

— Vamos... vamos para o sul — respondeu Lourenço, com voz hesitante. Eu estava me lembrando agora mesmo de um logar onde podemos demorar-nos algum tempo sem grande risco. Vou cortando para Jaboaão. Ahi mora seu Amador, irmão do defunto João da Cunha: Deus se lembre de sua alma. Os *Camarões* deram-lhe no engenho, e elle, coitado! está preso no Recife; mas como ninguem nos conhece nem a mim, nem a você em Jaboaão, podemos ficar ahi mesmo pelo engenho, ou em alguma casinha por perto, até vermos tudo isto em que dá.

— Ora! disse Bernardina. Estava já tão satisfeita de ver os meus de hoje para amanhã!

— Mas que lhe parece, Bernardina? Não acha que o meu plano é bom?

— É bom, Lourenço. Que havemos de fazer? Para mim, tendo sahido do poder do Tunda-Cumbe, todo logar me serve para moradia, emquanto não chega occasião de reunir-me outra vez com minha mãe.

— Muita raiva tem você do Tunda-Cumbe.

— Nem na hora da morte lhe hei de perdôar o que elle me fez contra a minha vontade.

— E porque você não fugiu logo? Nunca achou uma occasião?

— Nunca. Nos primeiros tempos o Tunda-Cumbe deixava sempre no rancho muitos espões. Eu não era senhora de sahir no terreiro sem ser acompanhada. Fui pouco a pouco perdendo a esperança de voltar para a companhia de minha mãe. Além disso, o Tunda-Cumbe disse-me uma vez que ella se tinha mudado de Goyanna, e estava em outra terra muito distante. Então tive paciencia. Quando reconheci você hontem de tarde, Lourenço, estava longe de cuidar que você havia de apparecer por estas paragens.

— Ella nunca lhe falou em se casar com você ?

— Casar-se commigo ? quem ? o Tunda-Cumbe ? Malvado ! Depois de ser parteiro na sua terra, e vendedor de peixe cá, está fidalgo. Elle havia de casar-se com filha de gente pobre ?

— E si houvesse quem o obrigasse a casar com você, era do seu gosto o casamento ?

— Eu não quero casar-me com semelhanto diabo. Renego delle ! Quem quizer que o tome para si, que eu passo muito bem sem elle. Um diabo que matou meu pae !

Lourenço deixou correr um instante em silencio, e tornou depois :

— E commigo quer casar-se, Bernardina ?

A rapariga, como si não ouvira a pergunta, ou como si fizesse que a não ouvira, nada respondeu.

— Diga, diga, insistiu Lourenço, sentindo rapido calafrio percorrer-lhe todo o corpo.

— Pois você ha de querer-me para sua mulher,

Lourenço ? respondeu ella emfim, a modo de quem via um impossivel na idéa do rapaz.

— Faça de conta que eu quero, e responda então, tornou elle, cada vez mais empenhado em obter resposta decisiva.

O logar onde estas coisas se passavam, tinha uma belleza suave, plana e ampla. De uma e outra banda estendia-se um varjado, coberto de cajueiros novos, mangabeiras, e araçazeiros bravos. Abaixava-se para o lado do occidente, mas não perdia a sua natural decoração. O sol, que nascera havia pouco, lançava sobre a face dessas milhares de arvores, quasi todas do mesmo tamanho, uma neblina de luz, que, dando, nas gottas da chuva ainda espalhadas nas folhas lisas, fazia sahir dahi uma immensa esteira de reflexos crystallinos. Dir-se-ia que a maior prodigalidade conhecida atirara por cima daquelle extenso arvoredado todos os brilhantes que têm sahido das minas do mundo. Era uma região nova, nitente, alegre, fresca, paradisiaca. Lourenço parou o cavallo, e voltou-se para encarar a rapariga, que com um dos braços lhe cingia o corpo. Todo o sentimento dos dezoito annos, vivaz como a natureza circumstante, havia acordado, ora tremulo e timido, ora affirmando a sua pujança nos impulsos mal refreios. Longe ia a imagem de Marianninha, peregrina na vastidão daquelle mundo, apropriada sómente á vida do lar onde não se querem commoções vertiginosas, indomaveis, mas mornas como a familia, despertadas pela ternura;

não pela paixão. Quem Lourenço sentia junto d'elle era a mulher ardente, de vigorosas fôrmas, de inebriante contacto, mulher que o acompanharia ao coração dos sertões mais adustos, ás margens dos rios mais arrebatados, aos braços dos valles mais ingratos ou mais estreitos, emfim era a mulher que exigia a vida do deserto com todas as suas impressões mordentes, agudas e atrozes.

Mas — a physiologia humana é um enigma indecifrável — Bernardina, ordinariamente desembaraçada, guardou silencio. A sua mão esquerda tremia no corpo do cavalleiro. Este, impaciente, pegou-lhe da outra mão, e levou-a aos labios. Em vez de quente, estava resfriada, não pela temperatura, sinão por sobresalto invencível.

— Diga, Bernardina — instou elle. Você sabe que seus olhos sempre me renderam, que suas dansas e cantigas sempre me captivaram.

E porque, ainda com isto, a rapariga continuou tenazmente calada, Lourenço accrescentou :

— Ora, deixe-se de vergonhas. Ninguem nos vê, ninguem nos ouve ; estamos sós neste deserto, e podemos fazer o que quizermos.

— Eu só me casava com você, Lourenço, si tivesse certeza de uma cousa.

— Que é ?

— Só me casava si você jurasse nunca mais voltarmos ao Cajueiro.

— Mas porque não havíamos de voltar ?

— Porque ? Pois você acha que eu teria cara

para apparecer como sua mulher diante de minha mãe e de Marianninha ? Si jura que não havemos de voltar lá nunca mais, então sim.

No primeiro momento, Lourenço não soube o que dizer. Comprehendeu e achou, além de naturaes, muito louvaveis os escrupulos da sua camarada de infancia. Desde pequeno na casa do pae, na de Victorino, nas vizinhanças, e o seu casamento com Marianninha considerava-se cousa assentada. Francisco afiançara muitas vezes que esta união havia de realisar-se.

Mas logo depois a paixão, fustigando-o com mais vehemencia, poz-lhe no espirito estas interrogações : Porque não havia de sujeitar-se á condição indicada pela moça ? Esta condição não estava tão concorde com o tempo ? Não ia elle fugindo para bem longe, sem saber quando poderia voltar ? Marianninha não ficara solteira, quasi certa de não ver realisados os seus sonhos ? Emfim, o que Bernardina propunha, não era quasi a realidade das cousas na actualidade ?

O juramento acudiu aos labios do rapaz. Si tomasse para a Parahyba, o Ceará ou Piahy, quem saberia mais delles em Goyanna ? E porque não havia de seguir para um desses logares estranhos e desconhecidos ? Estava assim elle, como ella, na flôr da mocidade ; ambos tinham grandes energias para o trabalho e a vida ; metter-se-iam n'um retiro ignorado, onde gozariam a existencia satisfeitos.

O espirito, ou antes o animo de Lourenço, oscil-

lava entre estas idéas de um lado, e aquellas do outro, quando uma lembrança, rompendo como fiação electrica o nebuloso céu do seu cerebro, o fez empalliceder. Lembrou-se de Marcellina e Francisco, seus bons paes, tão ricos de meiguices para elle. Lembrou-se especialmente de Marcellina no momento da despedida, tendo as faces banhadas de lagrimas, rogando aos santos que o protegessem, rogando-lhe que não se esquecesse della, que esquecel-a era matal-a, não porque precisasse do seu arrimo para viver, mas porque, na sua ausencia, o coação della ficava sangrando de saudades delle, e de sobrasalto pela sua conservação.

Sahiram-lhe immediatamente dos labios estas palavras :

— A troco de semelhante cousa, Bernardina, já não quero aquillo que ha pouco tanto cubiçava. Deus me livre de não acompanhar minha mãe de perto, afim de a defender quando ella precisar de ter quem a defenda. Ella fez tanto por mim — você bem sabe — quando eu era pequeno e estava no máu caminho, que a minha primeira obrigação é dar por ella a vida, si tanto fôr preciso.

Ouvindo palavras tão consoladoras, Bernardina respirou livremente, e sentiu-se alliviada do grande peso que a opprimia.

— E pensa você muito bem, Lourenço, pensa muito bem. Era isto mesmo o que eu queria e esperava que você dissesse.

— Mas, observou o rapaz, voltando ao estafado

assumpto, que tem que vamos viver casados no Cajueiro, na mesma harmonia com todos?

— Está bom, está bom; vamos para adiante. Logo falaremos sobre o que você propõe.

Tinham elles descido o declive da planicie, e estavam perto do rio Tracunhaem. No logar onde iam, o rio apenas se dava a perceber pelo medonho fragor das aguas. Si não fôra este, ainda que por alli se notavam pedras espalhadas, ninguem diria que o tinha a poucos passos de distancia mais embaixo. Ficava encoberto por uma orla de arvores espessas, de cujos galhos cahiam largos pannos de sambambaia a que um poeta chamaria barbas ou guedelhas daquelles monges seculares. De um e de outro lado appareciam pés de manacá, de cujos ramos pareciam namorar a manhã as flôres ora róxas, ora brancas, que lhe matizavam a copa.

O cavallo deu alguns passos, e atravessando, por uma lamacenta trilha, a rustica paragem, achou-se quasi de repente á beira do Tracunhaem. Do embastido passara ao descampado.

Descobriram então os dois fugitivos na vasta margem, em sua maior parte alagada, tres sujeitos armados. Haviam elles passado o rio pouco antes, e estavam apertando as cilhas das sellas, e experimentando os lóros, como quem se apparehava para apostar carreira. Do outro lado, seis *tangerinos* tocavam para dentro da agua uma boiada, passante talvez de cem cabeças.

— Meu Deus! disse baixinho Bernardina, tomada

de sobresalto, e buscando o mais possível esconder o rosto por traz do corpo de Lourenço. Que homens serão esses ?

— Si não me engano, Bernardina, vamos ter caldo derramado ; quem alli está é Pedro de Lima, Manoel Hilario e Chico Andorinha. Mas você não esmoreça, que é peor.

A rapariga quasi cae do cavallo abaixo, tamanho foi o terror que estas palavras lhe causaram ; mas Lourenço, depois de lhe dirigir outras palavras de animação, seguiu para diante na marcha em que ia.

— Lourenço, pelo amor de Deus, voltemos.

O rapaz já não tinha ouvidos para rogativas. Todos os seus espiritos estavam concentrados em um ponto—o grupo dos malfeitores.

Logo que Pedro de Lima reconheceu Lourenço, voltou-se para os companheiros, e disse-lhes :

— Chegou a occasião de tirar uma desforra deste pé-rapado. Metto-lhe a peia, e tomo-lhe a camarada.

Assim falando, o cabra, que já sabia de quanto o almocreve era capaz, em vez de pegar da peia a que se referira, segurou o bacamarte, e examinou com attenção si a escorva estava enxuta.

A esse tempo achavam-se os inimigos a dez passos de distancia.

— Tire já o chapéu, e apeie-se para passar por baixo da barriga do meu cavallo, pé-rapado de bôrra — gritou o bandido, pondo as pernas ao ca-

vallo, e indo esbarrar com violencia e arrogancia em frente de Lourenço.

A resposta não se demorou :

— Tu não sabes com quem estás falando, cabra ruim. Era preciso que eu me chamasse Pedro de Lima, que já apanhou com uma bainha de parnahyba na cara, ou Manoel Gonçalves, que já levou *Tunda* da mão de escravos no engenho *Cumbe*, para obrar esta acção de negro cambado.

Pedro de Lima não esperou por mais nada ; levantou com a mão direita o bacamarte até á altura dos peitos de Lourenço, e ameaçando-o com uma tabica que trazia na outra mão, replicou alvoroçado :

— Si queres morrer, patife, repete o que ahi disseste.

— Negro, eu te direi já com quem é que estás mettido.

Firmando-se nas cordas da cangalha em que se estribava, Lourenço deu um salto para agarrar Pedro de Lima, e com a mão procurou tomar-lhe o bacamarte. A esse tempo um tiro soou, e o cardão, em que se empregara toda a carga da arma, do bandido, rolou por terra em sangue, estrebuxando.

Immediatamente Lourenço voltou-se, temendo que debaixo do cavallo agonisante ficasse Bernardina. Poude então ver que um dos companheiros de Pedro de Lima tinha agarrado a rapariga pelos braços, e afastava-a do logar da lucta como quem queria pô-la a salvo de qualquer golpe perdido.

Quando encarou novamente Pedro de Lima, es-

tava este desmontado, e tinha uma espada de ponta direita na mão. O bacamarte descarregado pendia-lhe a tiracollo, pela correia. A seu lado estava também armado com uma catana Manoel Hilario, mameluco reforçado, cuja cara por si só era uma provocação de metter medo. Ambos os malfeitores cahiram immediatamente sobre o rapaz decididos a fazel-o em postas.

Pedro de Lima não era fraco, Manoel Hilario era assassino de profissão, Lourenço era a coragem e a força no mais alto grau. Á vista dos outros, poder-se-ia dizer delle que era uma creança. As suas feições correctas e finas, a côr branca, que parecia indicar mais sentimento de paz e indole branda, a juventude, phase da existencia em que se desconhecem ainda os recursos que a experiencia e o traquejo do mundo suggerem e aperfeiçoam, deviam tornal-o inferior na lucta de vida e morte com os dois malvados, mais velhos que elle, mais experimentados, e inteiramente familiarisados com o sangue humano pelo assassinato. Quem os visse antes de travada a briga assombrosa, pouco daria pelo joven, tudo pelos maduros matadores; mas em pouco tempo de assistencia e observação, cousa diversa se lhe afiguraria; porque a intrepidez, a temeridade, a energia muscular, a agilidade mais flexivel postas em acção por Lourenço lhe davam inquestionavel superioridade sobre os dois contendores, ainda que apostados a destruil-o e anniquilal-o.

Como conhecessem, logo nos primeiros golpes com que Lourenço respondeu aos delles, a sua incomparavel habilidade no manejo da arma branca, trataram de mettel-o entre elles dois ; Lourenço, porém, alcançando a estrategia, encostou-se ao tronco de uma ingazeira, conseguindo, por este meio, impedir que qualquer delles o pudesse atacar pelas costas, fito principal de Pedro Lima.

A lucta prolongar-se-ia por mais tempo, si Chico Andorinha não corresse a augmentar a aggressão, fazendo frente a Lourenço, emquanto os outros dois bandidos o tomavam pelos lados. Andorinha amar-rara Bernardina pelas mãos com um cabresto a um tronco, para que não fugisse. Elle conhecia-a do rancho, do Sipó, sabia que com ella estava amasiado o Tunda-Cumbe, a para prestar serviço a este, por baixa adulação, resolvera leval-a á casa.

Em vão Bernardina estorcía-se e forcejava para romper a sua cadeia; em vão carpia, arrastando-se pelo chão, a sua desgraça extrema; em vão pedia soccorro, em altas vozes, rogando que não matassem Lourenço, e protestando a innocencia delle.

Desta tribulação veio arrancal-a um estrupido vasto, medonho, após um tiro que resoara na immensa solidão. A larga margem do rio estremeceu, com uma onda sonora no interior : os terremotos devem produzir o som cavernoso que sahiu naquelle instante do chão rudemente percutido. Quem não soubesse o que era, julgaria que um cataclysmo, revolvendo as entranhas da terra, ia abrir covas pro-

fundas, guellas tenebrosas que immediatamente se illuminariam, deixando passar fogo e lavas abraçadoras. O tiro tinha sido dado por Andorinha contra Lourenço; o ruído subterraneo não fôra produzido sinão pela corrida da boiada que arrancara da beira do rio, espantada pela detonação do tiro.

Foi então tudo confusão e borborinho. O facto de arrancar uma boiada é vulgar para os que conhecem a vida sertaneja; mas sempre infunde pavor, ainda nos que melhor sabem esta feição daquella vida. Quando uma boiada arranca, uma boiada de duzentas a tresentas cabeças, pouco depois de ter deixado o pasto usual, isto é, quando está em quasi todo o vigor, e não tem ainda perdido, pelo cansaço, parte das forças ganhas na vida livre do sertão, não fica incolume e illeso o que encontra á sua frente. O chão arrasa-e, porque as moitas desaparecem, e os arbustos acamam-se torcidos ou quebrados sob os seus pés. Os espinheiros ficam lisos. Onde não havia nem uma trilha, nem uma aberta, mostram-se depois entradas novas, que o homem aproveita algumas vezes. As longas cortinas de sipós pendentes das folhagens das grandes arvores, esfrangalhadas, despedaçadas, ou deslocam-se das alturas donde as suas flores namoravam o sol e o azul ethereo, e vêm alcatifar confusas e revolvidas o chão, ou, partidas ao meio, oscillam dalli em retalhos que resistiram á invasão das centenas de cabeças bicornes que, atravez desses floridos cortinados com que a natureza de-

cora os tectos e as abobadas dos sombrios paços da espessura, abriram improvisa passagem, no desespero do panico bruto. Tudo leva de rojo a mole ambulante, na disparada. A tempestade muitas vezes não produz tantos estragos, não muda tão promptamente os aspectos da solidão.

Bernardina cosera-se com o tronco da arvore, para não ficar debaixo dos pés dos bois. Quanto a Lourenço, os seus dias parecia estarem contados. O tiro cobardemente desfechado, ferira-o gravemente em um dos hombros. O facão fugiu-lhe da mão, as pernas cambalearam, o sangue envolveu-lhe o corpo em rubra mortalha. Enfim, cahindo quasi sem sentidos, sómente elle dentre os luctadores, ficou exposto a acabar sob o peso da vaga bravia que assolava a paragem, porque os outros, não tendo podido montar os cavallos que correram espavoridos, se haviam suspendido a galhos superiores de arvores proximas, e dahi aguardaram que passasse o vertiginoso soão.

X

Por alguns momentos ouviu-se, agora perto, depois mais longe, o rude bater dos chifres das rezes, uns contra os outros, o som soturno que despedia de si o chão violentamente contundido pelas patas daquelles animaes unidos, conchegados, conforme sóem correr em semelhantes occasiões, o estalar dos ramos, o rechinar das folhas, o espadanar das lamas por onde iam elles rompendo, sem empate nem medida, no varjado esplendido.

Restabelecidos o silencio e a immobilidade do ermo, os assassinos desceram das arvores, em busca do ferido. Cobardes, faltara-lhes coragem para fazerem frente aos animaes alvoroçados e infrenes ; tiveram-n'a, porém, do sobejo para correrem ao tronco de uma arvore que, com um galho baixo e curvo, sob o qual se metterá Lourenço, e que os bois na corrida haviam saltado, o protegera e salvara.

— Já conheceste para quanto presto, *canelludo*, molleirão, que só tens parolas e desaforos? disse Pedro de Lima, arrastando por uma perna Lourenço ao meio da trilha onde a lama quasi o afoga. Eu bem disse que este cabra não servia para nada.

E porque, atravez da mutilada camisa do rapaz tomado de mortal deliquio, lhe descobriu o cinto em torno da barriga, immediatamente o cortou, suppondo que trazia dinheiro. O que encontrou foi a luva de couro dentro da qual estava o papel de doação. Indignado por ter sido illudido em sua cobiça, ia cravar o facão no peito de Lourenço, quando sentiu o braço preso por uma vigorosa mão. Viu então ao seu lado um homem, calçado de botas, vestido de preto, com um chapéu de palha na cabeça; era o dono da boiada. Junto d'elle estava um dos tangorinos e um negro, que minutos antes haviam passado o rio.

Logo que deu com os olhos no primeiro dos novos personagens, Pedro de Lima abrandou a raiva e a arrogancia, mostrando-se outro que ninguem diria ser o mesmo.

— Vosmecê me perdôe, seu João Matheus — disse, em tom respeitoso ao fazendeiro. Ha muito que eu tinha umas contas que ajustar com este pé-rapado, que sempre foi muito confiado, e parecia não fazer caso de ninguem. O peor é que, cuidando que elle trazia algum *gimbo*, só encontrei no cinto magro este papel mettido num pedaço de couro velho. Parece que é um *patuá* para livrar de arma

e de prisão ; mas a cabra não tem fé, que o *patuá* não lhe valeu, e elle fica bem castigado.

Assim falando, Pedro de Lima passou o papel da doação ao fazendeiro que, como si vira nos caracteres ahi traçados, uma escriptura cabalistica e maldita, deu um grito — mistura de espanto e consternação, volvendo rapidas vistas a Lourenço. Pedro de Lima e Manoel Hilario, a quem este gosto não escapara, puzeram os olhos em cima do fazendeiro, em ar de quem interrogava.

— E' uma oração... Não, não é uma oração... São palavras diabolicas as que estão aqui escriptas, disse-lhe o fazendeiro. Si vosmecês soubessem ler, haviam de reconhecer que este papel tem coisas infernaes. Coitado de quem o trazia!

E com gesto nervoso despedaçou o papel, dando mostras de forte commoção, que augmentava de instante a instante.

-- Mas — accrescentou logo — que querem ainda vosmecês fazer desde infeliz? Está moribundo, si ainda não morreu. Deixem-no commigo. « Não matarás » disse Deus, por bocca de Moysés aos Hebreus ; e esta sentença é hoje um dos primeiros preceitos da Christandade. Quererão vosmecês ainda matar a quem já está quasi morto?

O semblante do fazendeiro tinha adquirido feições tão particularmente severas e tristes, que não só os dois assassinos, mas até o tangedor, compa-nheiro daquelle, se sentiram tomados de espanto.

Pedro de Lima não se demorou a responder :

— Eu não o quero mais matar. Ainda quando elle desta se levante, o que eu duvido, não teria eu mais para quem é tão mofino a minha arma, porque o ensino está dado. Só peço a vosmecê que me perdôe.

Tendo dito estas palavras, cortejou o dono da boiada com quem se despedia, e encaminhou-se para o fechado em busca do cavallo. Manoel Hilario acompanhou-o, silencioso e cabisbaixo.

Um quarto de legua distante do lugar onde se deu este encontro, via-se, dentro de um capão de matto que vinha morrer á beira do rio, uma casa de tacaniça, de aspecto quasi claustral, que convidava ao repouso. A' volta fôra roçado vasto espaço, destinado a pequena lavoura, e a criação de aves e animaes miudos. Entre a casa e o matto, do lado do sul, era um extenso curral de vaccas, e ao lado do norte um curral de cabras. Logo á primeira vista, reconhecia-se que naquella situação agreste estava fundada uma fazendola^{de} gado.

O dono desda propriedade era João Matheus, sujeito magro, de cabellos e barbas compridos, que, no meio das brenhas onde se concentrara, lugar semi-barbaro, quasi inteiramente inacessivel á luz das lettras, levava grande parte do tempo a ler em seus livros. Typo mysterioso e incomprehensivel, cujo segredo ninguem penetrara. Não era casado, nem tinha familia de especie alguma, com exceção de uma negrota que lhe fazia a comida, uma negra

idosa que lhe lavava a roupa, e um negro de meia idade que era o seu pagem e confidente.

Levantava-se logo cedo, chamava as aves, e com as próprias mãos dava-lhes a ração de milho ou de arroz. As gallinhas, os patos, os perús, os capotes depinicavam os caroços, escarvavam o chão, soltavam as suas toadas — uma baças, outras argentinas — alegres, domesticos, mansos, amigos do seu senhor, em redor do qual se demoravam, como si, presos pela confiança, lhes custasse muito apartar-se de quem era tão bom para elles. João Matheus dirigia-se depois a um e outro curral, e passava as vistas por sobre as rezes, algumas cabras que andavam soltas do lado de fóra, iam a seu encontro logo que o avistavam, e tomadas de familiar ternura, lambiam-lhes as pernas ou as mãos, na mesma doce entrega da amizade que para o fazendeiro tinha a criação.

Nos primeiros tempos que succederam á chegada de João Matheus, sumiram-se algumas cabeças de gado; mais depois os ladrões começaram a excluir do numero das suas explorações a propriedade do velho, mudança que tinha natural explicação na caridade com que elle tratava aquella gente sem cultura, mas não sem o discernimento necessario para render homenagem á virtude, especialmente si lhe devia gratidão. Os pobres, os viajeiros, os doentes sem encosto encontravam em casa de João Matheus abrigo paternal e piedoso.

A sua fama, porque a fama dos bons homens vae a

grandes distancias como vão os sons, invadira as cercanias, e impuzera aos que antes o defraudavam, respeitosa afeição, que nos ultimos tempos se traduziu em estima de filhos para pae. Os proprios bandidos desenfreiados não ousavam mais penetrar na fazenda do *Jatobá*, sinão quando tinham de pedir com que matar as suas necessidades, nunca para se apossarem, como d'antes, do que lhes não pertencia. A qualquer hora do dia ou da noite, de verão ou de inverno, a porta da casa do *Jatobá* abria-se para dar agazalho a quem batia nella. Marianna — a negra, e Clara — a negrota, inquiriam do hospede si precisava de alimentos ou de remedios; os primeiros davam-lh'os ellas, os ultimos era o ancião quem os ministrava; si o casourgia, levantava-se elle, ainda que fosse fóra de horas, a fim de acudir áquelle a quem os seus soccorros deviam offerecer allivio. E porque as molestias, que ordinariamente atacavam as pessoas do povo naquellas circumstancias, eram uma dór, umas maleitas, uma *malina*, quasi sempre a limitada sciencia pratica de João Mathheus, e os remedios de que elle dispunha, bastavam a minorar sinão a extinguir o padecimento alheio.

Ao passo que cuidava tão paternalmente dos outros, não se descuidava inteiramente de si mesmo. De tudo o que havia dentro das suas terras elle vendia a quem estava nas condições de o comprar; estas vendas, porém, eram feitas sem relevar minima cubiça, nem usura da parte delle. O ancião, que diziam ter vindo do centro do Ceará ou Piauhy,

comprara a fazenda do *Jatobá* nos começos da guerra. Recebendo-a muita estragada e empobrecida, dentro de um anno lhe déra augmento que a todos causava admiração. Quando alguém lhe dizia que o seu antecessor não prosperara porque, por preguiçoso ou desmazelado, não era para andar com semelhante ramo de vida, João Matheus acudia logo, refutando estes descaridosos conceitos :

— A razão não é esta ; a razão principal é porque elle tinha talvez grande familia, emquanto eu não tenho nenhuma ; elle despendia talvez com incontentaveis credores, doenças graves, ou largas fianças os pequenos rendimentos ; eu, graças a Deus não tenho sentido a unha ou o dente destes males que amofinam tantos paes de familia amantes dos seus, e dignos da consideração de todos. Não devemos fazer maus juizos dos outros, porque não ha réo que não possa allegar a sua justificação ou as suas escusas.

A verdade, porém, é que João Matheus, que não possuia sinão aquelles tres escravos, não sentia faltas, e parecia ir amoedando já alguns lucros de manso e manso. Era isto o que dizia o povo.

Certa manhã, poz-se a caminho para Goyanna com uma grande boiada que alli devia vender por bom dinheiro. O vaqueiro Valentim ficara na fazenda ; com João Matheus, iam seis tangedores, entre os quaes um de nome Cypriano, rapaz de excellente coração, trabalhador e socegado. Depois que comprara a fazenda, era a primeira vez que arredava

d'alli o pé o dono della. Quando chegaram á beira do rio, começavam a atravessal-o os tres malfeitores que sabemos.

Os tangedores tocaram os bois para a agua, e iam estes pelo meio do rio, quando soou o primeiro tiro, o que fôra disparado por Pedro de Lima ; e comquanto as boiadas não arranquem de dentro da agua, ficaram as rezes tão espantadas, que, com a detonação do segundo tiro, quando já estavam da outra banda, deitaram a correr. Quatro dos tangedores seguiram a boiada praticando esforços, gritando aos animaes, a fim de os conterem ; dos outros dois, um sabedor das proezas dos malvados — deixou-se ficar com o negro ao pé do fazendeiro, para o defender si fosse preciso : o outro — Cypriano — condoendo-se de Bernardina, correra a salva-la, sem que o vissem os malfeitores. Quanto a João Matheus, resolvera ir em soccorro de Lourenço, parte fraca. Posto que o não conhecesse, a nobreza dos seus sentimentos suggeriu-lhe este procedimento ; e foi assim que se achou tão a ponto de livrar o moribundo da furia dos bandidos.

O fazendeiro tomou Lourenço nos braços com especial expressão de dó. De instante a instante escapavam-lhe dos labios palavras repassadas de magua e afflicção :

— Meu Deus ! meu Deus ! Quem havia de dizer que seria este o seu destino ? Está acabado. Sómente a miserecordia divina o poderá salvar.

Com o auxilio do tangedor e do negro, conduziu

o enfermo para um logar mais alto, aonde as aguas do rio não tinham podido chegar, e em pannos que trazia na maleta presa á garupa, tomou-lhes os golpes, e enxugou-lhe o sangue.

Alli esteve com elle emquanto e o negroe o tangedor improvisavam uma balsa para transportal-os á outra margem. Emfim, antes do meio-dia, Lourenço occupava o melhor aposento da casa da fazenda.

Por muitas horas esteve sem fala. João Matheus já sentia deseparal-o a ultima esperanza de salvar aquella vida, quando Lourenço, depois de um ai que lhe arrancara a dôr dos ferimentos, perguntou :

— Bernardina ? Onde está Bernardina ?

— Estou aqui, Lourenço.

A rapariga estava, de facto, á cabeceira do moribundo. Cypriano pudera salvá-a, mettendo-se pelo matto, por fugir aos bandidos, no momento em que estes falavam com João Matheus, tomando depois atalhos que lhe eram usaes, descendo á margem do rio cêrca de um quarto de legua abaixo do logar do conflicto, atravessando as aguas, e emfim levando-a á fazenda onde presumia já estar o ferido.

Junto de Bernardina, João Matheus tinha as vistas presas em Lourenço. Um dos ferimentos era profundo e mortal; requeria toda a attenção e cuidado. Por isso, aquelles dois entes, que parecia dedicarem igual affecto ao doente, não consentiam em deixal-o entregue sómente a si.

Por volta de meia-noite, taciturno, pallido, os olhos encovados, João Matheus mandou que a ra-

pariga o deixasse só com o enfermo. Ella obedeceu, levando os olhos cheios de lagrimas.

Na sala da frente havia um oratoriosinho com alguns santos. Estava aberto; um candieiro de metal esclarecia-o com sua luz amarellenta; quasi lugubre. Bernardina ajoelhou-se diante dos santos, e fez uma promessa a s. Sebastião, que se via preso a uma arvore, tendo o corpo frechado, segundo reza a chronica, por selvagens. Feita a promessa, a rapariga retirou-se, cheia de esperanza e fé, ao interior da casa.

Emquanto esta scena de piedade, que estava no espirito daquelles tempos, e ainda hoje se pratica no seio de muitas familias, se passava na sala, o fazendeiro, levado por identico sentimento religioso, propunha no quarto ao enfermo a confissão, nestas palavras :

— Lourenço, poderás confessar-te ?

Abrindo os olhos a custo, o matuto respondeu com voz pezarosa :

— Quem é que me ha de confessar ?

— O que te pergunto — retorqui o fazendeiro, é si podes cumprir este dever de todo bom christão.

— Posso e desejo, porque sei que desta não hei de escapar.

O fazendeiro levantou-se, puxou a porta do quarto contra si, deu volta á chave, e tomou por uma portinha que parecia estabelecer secreta comunicação com o aposento contiguo. Era neste que elle tinha em bom recado os seus livros e

outros objectos que muito zelava. Ao cabo de alguns minutos estava de volta á aleova, e dizia ao enfermo:

— Lourenço, os teus desejos vão ser satisfeitos.

Lourenço abriu novamente os olhos. A sua cabeceira achava-se um padre com a vestimenta negra e tala. Procurando com as vistas, á luz do candieiro que alumiaava a aleova, o fazendeiro que acabara de falar-lhe, não o encontrou. Voltando-as depois ao padre, e parecendo reconhecer nelle um antigo conhecido :

— Seu padre Antonio ! exclamou espantado.

— Tu me reconheces ? respondeu o fazendeiro, que não era outro sinão o padre Antonio de Mariz.

Lourenço, sem se poder dominar, tentou um esforço para levantar-se. Estendeu os braços como quem queria prender entre elles o sacerdote ; mas, faltando-lhe as forças, recahiu em mortal prostração, banhado de sangue.

O padre, porém, foi em seu auxilio. Inclinou-se sobre o enfermo, e pegando-lhe em uma das mãos, inquiriu brandamente :

— Que queres de mim, Lourenço ?

— Que quero ? tornou o muribundo. Quero agradecer a sua bondade, seu padre. Estou para morrer, mas ainda me lembro do que vosmecè me fez no Cajueiro, do ensino que me deu, e das terras e casa...

E como si estas palavras lhe avivassem uma lembrança obliterada inteiramente, procurou, ainda

que com dificuldade, na cintura, o cinto de algodão que sempre trazia consigo.

— Os ladrões até me tiraram o papel... o papel que vosmecê, seu padre, deixou em mãos de minha mãe... Roubaram o meu papel...

— O teu papel agora, Lourenço, é o que cumpre a todo bom christão. Estou prompto a ouvir-te.

Terminada a confissão, o padre dirigiu estas palavras ao penitente :

— Si Deus se lembrar de ti, e te sarar, imponho-te que a ninguem reveles o meu segredo.

— Seu padre, a ninguem direi quem é vosmecê; mas meu coração estará a dizer-me, a todo instante, que vosmecê é seu padre Antonio, aquelle que me ensinou a ler, que me deu muitos conselhos, que ajudou meus paes a fazerem de mim gente, que me deu a casa e as terras do Cajueiro, que tem sido para mim um segundo pae.

— Lourenço, o padre Antonio fugiu, e ninguem sabe onde elle se metteu. Quem está aqui, neste homem que vês, de barbas e cabellos compridos, magro, taciturno, mas conformado com a sua sorte, é o fazendeiro João Matheus. Estás ouvindo?

— Póde vosmecê descançar.

— Agora, pega-te com Deus, e repousa.

Desapparecendo na porta que dava para o aposento secreto, o padre foi dizendo consigo estas palavras :

— Pódes agora comparecer perante o supremo

jugador dos homens. O teu dever de christão e o meu de sacerdote estão cumpridos.

Lourenço, porém, não estava destinado a acabar obscuramente, no seio daquella solidão agreste de poucos conhecida. Dentro de algumas semanas, graças á solicitude do padre e de Bernardina, começou a sahir da região da vida que parece pertencer aos dominios da morte, tão confuso e sombrio é o seu horizonte, tão longo o crepusculo que ahi reina. As forças voltavam-lhe lentamente, por fios tenuissimos ao principio, por mais grossos canaes depois, que lhe traziam ao coração e ao cerebro a riqueza do seu antigo animo.

Uma manhã, o padre, que penetrara a forte inclinação de Lourenço por Bernardina, levantou-se muito cedo, como de costume, e encaminhou-se ao curral das vaccas, onde encontrou já Cypriano tirando leite. Immediatamente mandou chamar Bernardina para ajudar o vaqueiro no serviço.

Logo que chegou a rapariga, disse o padre a Cypriano :

— Dize-me cá uma cousa, Cypriano : que idade tens ?

— Vou fazer vinte e dois annos.

— E' uma idade casadoura, e não sei porque ainda estás solteiro.

— Como me hei de casar ? O que eu ganho mal chega para mim e para minha mãe.

— Não seja esta a duvida. Tens-me prestado muitos serviços, e eu não desgosto de ti, porque és

bom rapaz. Venho em teu auxilio. Procura uma rapariga que te agrade, que te darei gado e terras bastantes para principiaries uma fazendola.

Cypriano, que nesse momento batia no ubre de uma vacca afim de chamar o leite, ergueu-se e poz os olhos no seu interlocutor, como quem perguntava si nas palavras proferidas estava uma promessa real e séria.

— E' o que te digo — retorquiu o padre. Procura uma consorte. Mas parece que em toda esta redondeza não encontrarás nenhuma. Verdade seja — proseguiu — que para este inconveniente teriamos um remedio ao pé de nós. Olha lá. Tu salvaste Bernardina das unhas dos bandidos, atravessaste com ella os mattos e o Tracunhaem, expuzeste por ella a tua vida em terra e nas aguas, porque o Andorinha, tanto que deu pala falta, entrou a rastejar a fugitiva, para ver si a descobria. Ora, á vista de tanto risco que correste, de tanto esforço que puzeste em salvar esta menina, justo parece que ella sinta por ti, sinão affeição, ao menos qualquer inclinação, que possa vir a ser no futuro um respeitavel amor conjugal. Que dizem vocês?

Não disseram uma palavra siquer o rapaz nema rapariga.

O padre, porém, conheceu que as suas palavras tinham tido o effeito que elle calculara.

— Não se vexem com isto — tornou. Pensem no futuro que lhes offereço, e que Deus ha de

abençoar. Amanhã a esta hora e neste lugar dar-me-ão a resposta.

E retirou-se, deixando Cypriano e Beenardina no trabalho de ordenhar as vaccas.

Tanto que o padre Antanio deu o andar, Bernardina disse, a meia voz :

— Não pensei que seu João Matheus me chamava para me fazer esta entrega:

Cypriano acudiu logo :

— Para que você diz isto, sinhá Bernardina? Elle nos quer bem. Si não quizesse, elle não propunha este negocio.

— Mas elle sabe si eu quero casar com você ?

— Elle não sabe, nem eu sei. Mas a intenção é tão boa para você como para mim. Lá a você não querer casar commigo, é outro caso.

— Pois eu não quero casar com você, não, seu Cypriano, disse Bernardina com disfarce.

Cypriano não respondeu.

E porque tinham acabado o serviço, cada um se encaminhou para a casa com sua panella cheia de leite.

Logo depois, encontrando-se o vaqueiro com Bernardina, junto de chiqueiro das cabras, disse-lhe estas palavras :

— Pense no que faz, sinhá Bernardina. Olhe que amanhã bem cedo tem de dar a resposta a seu João Matheus.

— Eu já sei que resposta hei de dar.

— Qual é?

— Que quer saber?

— Quero, sim, porque tenho meu interesse ahí também.

— Pois amanhã saberá, e talvez o seu interesse tenha a sorte de ovo gôro.

E fugiu para dentro da casa. Mas antes de anoitecer de todo, teve ella de ir ao poleiro a buscar uma gallinha para Lourenço ; e quando se aproximava do girão onde as gallinhas dormiam, viu tomando chegada, um vulto que veio parar junto della. Era Cypriano, que, segundo indicavam as apparencias, não pensara em outro assumpto durante o dia, sinão no casamento, e andava rondando a rapariga.

— Então, sinhá Bernardina, que decide você? perguntou elle, pegando, de surpresa, da mão da filha de Victorino.

A rapariga estava triste. Em logar da natural vivacidade, que não perdiam nos mais arriscados transe, tinham seus olhos uma expressão de magua íntima. Em seu espirito operara-se uma revolução, cruel e devastadora. O padre Antonio chamara-a depois do almoço, e tivera com ella uma larga conferencia.

— Menina, dissera elle, seja qual for o favor que a sorte lhe tenha guardado no futuro, não se póde duvidar que o seu casamento com um rapaz de bons sentimentos, e de costumes ainda melhores, fôra a maior felicidade, e você não a devera recusar. Você não conhece Cypriano, mas eu dou teste-

munho das suas excellentes qualidades. Em toda esta redondeza não ha nenhum que possa hobrear com elle na diligencia, no trabalho, e no bom coração. Não é de hoje que eu o tenho ao meu serviço. Emfim, basta que eu lhe diga que, si Cypriano não fosse digno da minha benevolencia, eu não lhe daria o que prometti. E o que mais deseja você, minha filha? Melhor marido posso quasi assegurar-lhe que em vão procurará no mundo. Demais, minha filha, você teve a desgraça de lhe haverem roubado o unico thesouro que traz como dote a filha do pobre. Aceite portanto a minha proposta. Si Cypriano a quizer para mulher, não engeite a felicidade.

O vaqueiro não era mal parecido. Bernardina sentia até por elle inclinações vagas, que, si não fossem as condições que a ligavam a Lourenço naquelle momento, poderiam ter-se convertido talvez em amor. Quando o vaqueiro cortou com a sua faca de campo a corda que lhe apertava os pulsos, e a prendia ao tronco da arvore, ella sentiu-se tão grato ao moço por esta acção, filha da sua coragem e da sua caridade, que não teve expressões para manifestar exactamente quanto ficara captiva delle.

Arrancando-a, para que assim o digamos, das mãos do perverso, elle não a livrara sómente do Tunda-Cumbe, cujo despostimo já não podia soffrer; elle seguira com ella atravez de mattos, atravessara aguas impetuosas, e sem o menor indicio de a querer aviltar, trouxera-a respeitdsamente até á

casa da fazenda. Por muito menos tem-se visto accender-se paixões immortaes; e tudo leva a supôr que no coração da matuta alguma dessas sublimes paixões teria origem, si não se interpuzesse entre o vaqueiro e ella o vulto de Lourenço. Este vulto era sympathico á menina por mais de um motivo. Ella conhecia Lourenço desde a sua infancia, e votava-lhe affeição fraternal, quando foi roubada pelo Tunda-Cumbe.

O sentimento fraternal não era comtudo o que ella aninhara no coração depois que Lourenço, revelando a sua paixão, déra mostras de lhe dedicar especial affecto. A rapariga pouco e pouco habituara-se a querer bem ao rapaz de modo differente. Em sua longa enfermidade esse bem augmentara. A dôr approxima as almas irmãs. Elle soffria com o soffrimento da victima.

Ao principio escrupulisara amar Lourenço. « Lourenço pertence a Marianninha », dissera-lhe a consciencia em sua linguagem muda, mas imperiosa. Mas depois, com os cuidados que se julgava obrigada a prestar, e de feito prestara ao rapaz em sua longa doença, a voz intima fôra pouco a pouco abafada pelo sentimento nascente : e este resultado chegara a tal ponto que o sentimento avultara, se tornara força quasi invencivel, e a consciencia, posto que nunca inteiramente vencida, transigira por ultimo.

O amor contrariado torna-se indagador e discu-

tidor. Bernardina, antes de responder ao fazendeiro, pensara no caso.

— Que interesse tem seu João Matheus em me ver casado com Cypriano? Elle não é seu filho, não é seu irmão, não é seu parente, não é nada seu; d'onde vem este empenho? Eu bem estou vendo que o casamento não é máo, e até não desgosto de Cypriano, que não é feio, é trabalhador, e tem o genio muito brando. Tambem estou vendo que a minha pouca sorte, entregando-me a seu Tunda-Cumbe, augmentou a minha desgraça. Mas quem sabe si assim como fui desgraçada com Tunda-Cumbe, não poderei vir a ser feliz com outro homem que não seja Cypriano? O melhor é dizer a verdade a seu João Matheus, já que elle não comprehendeu ainda que eu gosto de Lourenço e Lourenço gosta de mim. O melhor é dizer-lhe que eu quero bem a Lourenço, e que só com elle me casarei.

De accôrdo com esta ordem de idéas, a rapariga deu ao padre Antonio a resposta seguinte :

— Eu não quero casar-me aqui. Lourenço, quando me tirou do rancho do Sipó, foi para me levar para a companhia de minha mãe. Si estou aqui, é porque tivemos a desgraça de encontrar-nos com os malvados que nos quizeram matar, e a Lourenço deixaram por morto. Esta é a verdade que estou dizendo a vosmecê. Agora, si eu me quizesse casar, então seria com Lourenço, que me conhece, e que é meu conhecido desde menino.

O padre, que não contava com esta resposta, poz

olhos penetrantes em Bernardina, como quem querria ler todo o passado em seu semblante. Ignorando o como compromisso que Francisco tomara para com Marianninha, ficou suppondo, por estas palavras de Bernardina, que esse amor que elle tratava de extinguir, tinha as suas raizes nos corações dos dois jovens desde os seus primeiros annos. A supposição fel-o por momentos considerar mais difficil, do que ao principio lhe parecera, impedir o consorcio ; mas, tirando argumentos do que acontecera á rapariga, retorquiu :

— Quaesquer que fôrem as relações que liguem vocè a Lourenço, minha filha, o seu casamento com elle me parece altamente inconveniente, para não dizer impossivel. Eu tenho amplo conhecimento da vida de Lourenço. Si, pela parte que Lourenço tem tomado pela nobreza, já lhe é muito arriscado, não obstante ser solteiro, viver em Goyanna, agora, que elle foi tirar a menina do poder do feroz chefe dos bandoleiros do norte, a sua estada lá, tendo em sua companhia a menina, seria a mais directa provocação á vingança desse chefe, e, pelo estado actual das cousas, Lourenço seria irremissivelmente vencido. O homem que a levasse em sua companhia para Goyanna, expôr-se-ia a morrer. Vocè, voltando á casa de sua mãe, póde ter desde já a certeza de ser novamente tirada por Tunda-Cumbe. Sómente longe dos logares, onde esse bandoleiro domina despoticamente, poderá ter alguma tranquillidade. Ora, estas paragens estão nesse

caso; mas Lourenço está impossibilitado de procurar abrigo nellas, porque a sua familia, as suas amizades, os seus benzinhos lá é que se acham, e póde-se dizer que de lá não podem ser deslocados. Seja, pois, cordata, e não engeite a felicidade que se lhe offerece; Cypriano é de um natural muito estimavel, eu conheço-o de ha muito, e folgaria de o ter casado aqui, ao pé de mim. Deixe Lourenço seguir o seu destino. Seus paes já não são creanças; mais dia menos dia, hão de precisar dos serviços e amparo do filho. Estou informado de que a mãe e a irmã da menina vivem com a mãe de Lourenço; é portante de presumir que ellas, a quem roubou o unico protector aquelle que a você roubou a honra, participem da protecção que Lourenço tem para a mãe. Dê você uma prova de benevolencia para sua mãe e sua irmã, não sendo causa, quando por outra razão não seja, ao menos em attenção ao bem estar de ambas, para que se aparte da companhia dellas aquelle de quem hoje tudo esperam.

Estas palavras exprimiam tão exactamente a verdade, que Bernardina não teve que retorquir ao padre, em resposta. Inclinou a cabeça, cravou as vistas no chão, e d'allí a pouco as lagrimas começaram a apontar-lhe nos olhos.

— Não chore, minha filha — disse o padre Antonio. Você ficará morando aqui ao pé de mim. Do que eu comer, vocês hão de comer tambem. Servirme-ão de companhia neste deserto, e eu guial-os-ei

na vida, cujos caminhos são tão *difficeis* e enredados. Em Deus fio que havemos de ter aqui a tranquillidade de espirito, e paz do Senhor, que em vão se buscaria nessas terras, que o vento da anarchia tem revolvido, e continúa a revolver.

O padre, como si considerasse vencida a difficuldade do lado de Bernardina, encaminhou-se para o quarto onde estava Lourenço ; era preciso destruir alli outro obstaculo, porventura mais forte que o primeiro. Mas, sem desanimar, antes fortificado com a victoria ganha, elle tinha quasi por certo que igual victoria ganharia. Reflectiu alguns instantes em silencio antes de penetrar no aposento do enfermo.

Lourenço estava sentado na cama, quando o padre entrou.

Pensava precisamente em Bernardina, em quem o seu espirito andava absorvido.

Tinha terminado a primeira refeição, e ficara encostado á parede, os olhos voltados para a natureza que, pela janella, nesse momento aberta, se lhe mostrava fresca, esplendida e magnificente.

— Ha quantos dias estou na cama ? perguntou elle ao padre.

— Ha talvez umas cinco semanas.

— Estou doudo por me levantar. Tenho muitas saudades da minha vida do campo.

— E dos teus não te lembras ?

— De minha mãe me lembro a toda a hora. Não vá ella cuidar que já morri por ahi além.

— E é natural que não seja outra a sua idéa.

— Coitada! Quantas lagrimas não terá derramado por mim!

— Não te amofines por isso. Vejo-te quasi são; em breve has de levantar-te. Tanto que puderes montar a cavallo, bom scrá que não retardes a tua volta. Deves encurtar a afflicção da pobresinha e das outras que com ella vivem hoje.

— E' verdade. Sinhá Joaquina e Marianninha hão de pensar tambem muito em mim.

— Mas a estas terás uma boa nova que levar. Quando souberem que Bernardina está viva, e fica amparada... E' verdade: devo dizer-te que Bernardina, que parecia estar condemnada a trazer os olhos sempre inclinados para o chão pela sua desgraça, dentro em pouco tempo será digna de entrar em qualquer casa de familia sem sentir o sangue subir-lhe ás faces, ou sem o fazer subir ás faces das donzellas e das damas honradas.

— Que quer dizer com isso, seu padre? inquiriu o rapaz, inquieto e como espantado.

— Bernardina casará dentro de algum tempo com Cypriano.

— Bernardina! exclamou Lourenço violentamente, como si lhe tivesse cahido junto um raio. Pois Bernardina vac casar-se?

— Não te commovas tanto, meu filho. Condoendo-me da infeliz rapariga, procurei-lhe essa união, que Deus ha de abençoar.

— E foi vosmecê, seu padre, quem lhe arranjou esse casamento?!

— De que te admiras? Cuidei que esta noticia, em vez de te causar escandalo, fosse origem de muita satisfação para ti. Cypriano tem uma parte nestas terras, e tantas cabeças de gado quantas forem bastantes para situar, ao lado desta, outra fazenda. Pareceu-me, Lourenço, que nenhum outro partido tão favoravel se poderia offerecer a essa menina, de quem a sorte tem feito joguete.

— E Bernardina, seu padre, e Bernardina casa-se por gosto?

— E porque não se ha de casar por gosto? Em que parte acharia ella tão bom marido? Em Goyanna onde conhecem o seu infortunio, e onde não pisará sem expôr a mil perigos a sua vida e a do homem que a levar em sua companhia?

— Meu Deus! meu Deus! como as cousas se arman! exclamou Lourenço, profundamente abalado. Eu cuidei que Bernardina....

Lourenço não poudo acabar.

A luz fugiu-lhe dos olhos. A razão perdeu-se-lhe em um mar de conjecturas. Calhiu sem sentidos sobre o leito.

Correndo a soccorrel-o, o padre Antonio dizia, a meia voz, como quem respondia a uma interrogação ou exprobração intima:

— Ant's quero vel-o morto do que ligado a uma mulher que o não mereça.

XI

Ainda hoje o sequestro é um grande mal, não obstante suavizado pelos principios novos, mal que até nos indifferentes, que o vêm realisar-se, produz vexame : pacientes ha que á dôr da vergonha preferem o suicidio.

A justiça entrã pelas casas estranhas, e, como si foram della, apprehende alli bens que os donos não deixariam passar, contra a sua vontade, ao poder de outrem, sem defesa ou resistencia formal, não raro ensanguentada. A justiça procede assim, fria, inexoravel, algumas vezes arrogante, sempre hirta. Em certos casos, talvez não cumpra o seu officio com os olhos enxutos ; mas, dado que isto aconteça, como ter uma prova da sua piedade, si a justiça traz nos olhos uma faixa que os vela ? A verdade é que a justiça não chora nunca, não tem coração, não tem entranhas ; a justiça não tem o

direito de chorar, direito vulgar que pertence a todos, até ao que não tem direito nenhum.

Era, ao menos, assim a que em Goyanna, quando na fazenda do *Jatobá* se passavam os acontecimentos que sabemos, invadiu, com surpresa dos moradores, o engenho Bujary, onde haviam feito estada a afflicção e o luto, desde que alli se teve noticia do fallecimento do sargento-mór.

Acompanhado da fêz do fóro venal, parcial, ou vingativo, o official publico, incumbido da execução, não chegou á sala da casa trazendo a composição, ainda que severa, da imagem da lei; chegou alli, precedido por insultadores canalhas, quadri-lheiros afeitos a conspurcar a modesta magestade das familias desamparadas, e a assenhorear-se do que nos lares desprotegidos encontravam agradável a sua vil cobiça; chegou alli trazendo carranca e esgares pavorosos, pelos quaes se podia afferir a sua brandura, ou antes, a sua intenção. Bastará dizer que faziam parte do sequito o Tunda-Cumbe e o Pedro de Lima, nunca assaz execrados bandidos do rancho do Sipó.

Os insultos ignobeis, as zombarias torpes não tiveram força para vencer o espirito da joven viuva. Em vez de se abater com esta face da sua adversidade, colheu ella novos alentos da aspereza do transe, primeiro tão rude por que passava.

Dois escravos, unicos que no engenho restavam da avultada fabrica, inveja de muitos vizinhos, e que, vendo approximar-se o bando, tentaram a fuga,

quasi pagam com a vida esta dedicação á senhora de engenho. Animaes, moveis, joias, tudo quanto representava qualquer valor, foi irremissivelmente sequestrado. O sargento-mór, embora fallecido, estava indiciado em crime de primeira cabeça; todos os seus haveres deviam ser confiscados para a corôa, nos termos da tenebrosa Ord. do Liv. 5.º Era isto o que dizia o executor, era isto o que repetiam, vociferando irados, os sequazes, dignos daquela legislação de sangue e rapina, que os tempos justificavam, mas não ennobreciam.

Logo que recebeu a intimação para despejar o sobrado, d. Damiana, voltando-se ao santuario, que ainda se via em cima de uma mesa, poz os olhos na imagem da sua devoção, e, trahindo a amargura que lhe ia na alma, disse :

— Para onde hei de ir, Virgem da Conceição?
Uma resposta amiga não se faz esperar :

— Para minha casa, sinhá d. Damiana, para minha casinha, que ha de ter muita honra em recebê-la.

A senhora de engenho, enternecida, cahiu nos braços de Marcellina.

— Bem sei — proseguiu a cabocla — que ella, á vista deste palacio, não merece nem que vosmecê volte para ella os olhos; está na mesma esteira dos mucambos dos negros fugidos. Mas terá lá uma escrava para olhar por vosmecê, e dar-lhe agua para os pés.

— Havemos de ver — disse um dos da multidão

— havemos de ver até quando durará este amparo reles.

— Ha de durar até quando vosmécês quizerem — respondeu, sem titubear, a cabocla. Eu sei que nada do que é meu me pertence contra a vontade de vosmecês.

— Marcellina, por piedade, cala-te — disse d Damiana, receiando-se de roubarem aquelle mesmo cantinho obscuro onde podia repousar a cabeça, depois de haver chorado livremente os seus males.

— Pois, já que tem onde se mettam, ponham-se no andar da estrada sem demora. Tudo o que está aqui, pertence a el-rei, tirado antes o que deve caber aos credores do nobre senhor fallecido.

Era, em termos ironicos, a intimiçãõ para que sahisses as duas mulheres.

D. Damiana ergueu-se immediatamente. As roupas negras, realçando-lhe a pallidez do rosto, davam-lhe aspecto senhoril, em que ainda falava a altivez de outr'ora.

Relanceou os olhos por sobre os moveis que decoravam a sala, e dos quaes ella ia apartar-se para sempre.

Dando as suas vistas, no rapido percurso, com o oratorio, pousaram ahi um momento, e dos labios lhe sahiram, sem que as vistas se afastassem, estas palavras :

— E as minhas imagens tambem me são arrancadas das mãos?

— Tudo o que **existe** no engenho, de porteiras para dentro, **pertence** á corôa, respondeu o official que dirigia a execução judicial. De tudo o que os rebeldes deixam, as suas viúvas sómente herdam a má fama.

— Vamos, **Marcellina**, disse d. Damiana, com decisão, voltando-se á cabocla.

E caminhou-se á porta, por entre a turba, que, sem intenção, se abriu, a fim de lhe dar passagem. Por algum tempo aquelles homens, ordinariamente bulhentos, não tiveram uma palavra das suas grosseiras e banaes chacotas com que menoscabarem a solemnidade de tão afflictivo momento.

Chegando em baixo, **Marcellina** disse á senhora de engenho :

— Si pudessemos tirar um cavallo da estrebaria. . Daqui ao Cajueiro é longe para vosmecê, **sinhá d. Damiana**. Como é que ha de romper tanta distancia a pé ?

— Vamos assim mesmo, **Marcellina**. Nem elles nos deixariam tirar qualquer cavallo, nem os cavallos me pertencem mais. Vamos a pé. Havemos de chegar lá, ainda que seja com a noite, ou a madrugada. Demais, o Cajueiro não é tão longe, como dizes. Daqui a uma hora, quando muito, estaremos lá.

A vida de d. **Damiana** no Cajueiro, ao principio passada de amarguras quasi inoportaveis, foi perdendo pouco a pouco os travos dos primeiros tempos. Não se demorou a resignação, devida em grande

parte ás consolações ministradas por Marcellina, que fazia tudo por adivinhar os pensamentos da sua nobre hospeda.

Uma vez, depois de certa fineza, a viuva falou nestes termos á cabocla :

— Marcellina, tu não nasceste para viver na pobreza; tu devias ser muito rica, e viver em palacio, tão nobre és nas tuas acções.

— Quer vosmecê que lhe diga uma coisa, sinhá d. Damiana? Dentro das casas de palha, na gente pobre, encontra-se muito bom coração.

Era a voz do povo que se erguia, sem floreios, em linguagem trivial, para responder á voz da nobreza vencida, mas não convencida.

A historia da alludida fineza conta-se em poucas palavras.

Dois dias depois de estar no Cajueiro a viuva de João da Cunha, travou com ella a mulher de Francisco o seguinte dialogo :

— Eu sei — disse Marcellina — que vosmecê não passa bem aqui. A casinha é pequena, e não é digna.

— Muda de conversa — respondeu-lhe d. Damiana. Que é que me falta? Vim até encontrar aqui a tranquillidade e consolação que haviam fugido da casa grande.

— Vosmecê me perdôe, mas eu bem vejo as cousas. Por sua honra, vosmecê diz que está muito bem; mas, pela minha, tambem eu hei de dizer o que conheço.

— Estou muito bem, sim.

— Pois si está bem, póde ficar melhor; e isto é o que eu quero dizer. Vosmecê póde mudar de casa, sem ir para muito longe; ficará tão perto daqui que, chamando por mim, eu daqui mesmo ouvirei a sua voz.

— Como ha de ser isso então?

— Eu estive pensando hontem de noite, e achei o que queria. Lembrei-me de que tenho em meu poder a chave da casa de seu padre Antonio, que fica alli, do outro lado da estrada. É uma casinha bonita, limpinha e bôa. Vosmecê sabe melhor do que eu que ella foi dada a seu padre por seu sargento-mór.

— E está sem morador?

— Está, sim, senhora. Na vespera de fazer a viagem, que ninguem sabe para onde foi, seu padre Antonio disse-me estas palavras que nunca mais hei de esquecer : « Como é possível que no logar para onde vou, tenha de entregar a alma a Deus, peço-te, Marcellina, que olhes por tudo o que é meu, a minha casa, a minha criação, as minhas plantaçõesinhas, de que levo tantas saudades. » A estas palavras accrescentou elle estas outras : « Si eu morrer por lá mesmo, pódem vocês dispôr de tudo o que lhes entrego ; sejam meus herdeiros ; mas, enquanto não tiverem certeza do meu acabamento, tratem de minha casa como bons vizinhos e amigos. » Eu não tenho certeza de seu padre ter morrido, e Deus queira que elle tenha ainda muitos

annos de vida, e muito breve esteja de volta ao Cajueiro a que deu tantos augmentos com a sua presença; mas, emquanto elle não chega, si a casa ha de estar enchendo-se de aranhas e de ratos, não é melhor que esteja servindo a quem já foi dono della e das terras onde ella está, e que já morou e ainda ha de morar em ricos palacios?

D. Damiana achou caminho na proposta, e aceitou-a com reconhecimento. E para que tudo salissem á feição, uma preta idosa, muito pegada com a viuva, e que fugira para o matto, por certo desgosto no engenho, vindo a saber as condições em que estava a senhora, appareceu no Cajueiro logo depois da mudança desta para alli, onde aquella ficou. Com a nova companhia d. Damiana passou-se para a casa do padre, continuando Joaquina e Marianinha a morar junto de Marcellina na palhoça que fôra levantada entre a lagôa e a casa queimada.

Estavam as cousas neste pé quando uma noite, por volta de oito horas, d. Damiana, ainda não recolhida ao seu quarto, sentiu ruido de pisadas por perto da casa. Tinham-lhe dito que, sabedora de estar com ella occultamente a escrava Felicia, a autoridade viria tiral-a ás escondidas do seu poder, a fim de adjudical-a, como os outros bens, á corôa. Novos dissabores e novas inquietações para a infeliz viuva.

Era aquelle o unico benzinho de que estava de posse; era todo o seu haver. E porque na actualidade os serviços da escrava valiam pelo de cem es-

cravos para a senhora de engenho, a idéa de lh'a tirarem trazia-a **sobresaltada** e agoniada.

Por isso, ouvindo as pisadas já ao pé da casa, correu á cozinha em busca de Felicia. Esta não se achiava allí, e a porta que dava para fóra estava aberta.

Tomada de **exaltação** momentanea, sem medir a gravidade do passo, a senhora de engenho ganhou o terreiro, resoluta a disputar a preza ao roubador que, valendo-se das trevas e do ermo, viéra, com emboscada, despojal-a do ultimo possuido.

Junto da porta estava, de pé, um homem, que parecia indagar, com as vistas, cautelosamente, si havia alguem dentro. Vendo-o só, a viuva, como si **cobrára** novos animos, encaminhou-se apressadamente até onde elle estava, e falou-lhe com vehemencia nervosa :

— Senhor, quero a minha escrava, quero a minha escrava. É o unico bem que me resta; todos os mais levaram em nome de el-rei; mas ella, não consentirei que a levem. Preciso de uma escrava para o meu serviço. A justiça deve estar satisfeita com a prata, os brilhantes, os moveis, os bens de raiz e até os santos de que me privou, quando eu delles mais necessitava para minha consolação. Faça de conta que Felicia já não existe, ou anda fugida. A unica supplica que faço á justiça de Goyanna é que me deixe a minha negra.

Estas palavras foram um raio de luz no espirito do desconhecido, que, a modo de espantado e con-

fuso, nenhuma palavra dirigira ainda á agoniada senhora. Em lugar de afastar-se, correu para ella como quem queria tomal-a nos braços.

Este gesto atemorizou a viuva, que só então pareceu medir o alcance da sua temeridade.

Faltou-lhe inteiramente a coragem para sustentar o seu papel. Quiz correr, mas entrara tanto pelo terreiro que, quando com os olhos buscou a porta da casa, viu, entre esta e ella, o desconhecido que se adiantara, e se approximava cada vez mais, fazendo menção de a querer cingir com os braços.

— Não corra, não corra de mim, sinhá d. Damiana.

Foi tarde. Temor panico tomára a gentil senhora, e após o temor viera o deliquio. Si o desconhecido a não amparasse, si a não sustentasse contra o peito, ella daria com o corpo em terra, tamanha fôra a exaltação que lhe esgotara os poucos alentos deixados pelas adversidades recentes.

O desconhecido era Lourenço. Acabava de chegar da fazenda do *Jatobá*. Deixara o cavallo preso pelas redeas no fundo do sitio, e viera, pé ante pé, cauteloso, para não ser visto, a fim de atravessar incolume a estrada e ganhar o lado opposto. Contando com o sitio deshabitado, tomara por elle para maior segurança ; mas, vendo aberta a porta da cozinha, e presentindo morador dentro da casa, por curiosidade ficara a espiar, quando sahiu d. Damiana, que de modo nenhum o pudera reconhecer, não só porque estava longe de o suppôr tão perto

della, mas tambem porque era de noite, comquanto esclarecida por tibio luar, e especialmente porque estava Lourenço trajado muito diversamente do costume, pois trazia chapéu de palha fina, burjaca preta, calças de ganga, botas de polimento, onde retiniam esporas de prata : n'uma palavra, Lourenço não era mais o matuto chão, descalço e vulgar como quando fugira de Bujary para não cahir nas unhas do Tunda-Cumbe.

Toda esta transformação, como bem se comprehende, era devida ao padre Antonio que, na hora da partida, brindára ao filho com aquelle fato novo, o cavallo mais forte que tinha, o sellim e arreios do seu uso, alguns trajos caseiros que chegavam exactamente no rapaz, e um cartucho de moedas de prata, não sem recommendar-lhe primeiro que fosse tratando de se apresentar mais dignamente para que tivesse a consideração dos homens de bem; que deixasse a vida errante, e se empregasse em trabalhos estaveis; que fugisse de batebarbas com quer que fosse; emfim que se dêsse a respeito para que qualquer malfeitor não se julgasse no caso de lhe fazer o que os tres malvados haviam praticado com elle semanas antes.

— Si tu não andasses com mulheres dos outros na garupa, não havia de acontecer o que te aconteceu.

Por ultimo disse-lhe o padre Antonio :

— Até aqui tenho sómente tratado de ti ; quero agora dar-te umas instrucções que se ligam com o

meu interesse. Ainda uma vez te encommendo, Lourenço, que a ninguém, excepto Marcellina, te succeda declarar o verdadeiro nome do dono d'esta fazenda. Não quero fazer juizos temerarios; mas uma voz intima, talvez a voz de Satanaz, está a dizer-me que, si os frades de Goyanna fôrem sabedores da minha estada nestas paragens, são capazes de mandar tirar o restante da minha inoffensiva existencia, sómente porque não consenti em prestar-me a auxiliar-os nos seus planos de iniquidade e feroz vingança. Sê prudente e cauteloso. Não tenho grande apego á vida, Lourenço; mas não desejo que ella me seja tirada por outrem ninguém sinão por aquelle que me achou merecedor de guardar este pesado deposito.

Ainda não de todo restabelecido, Lourenço deixara a fazenda por não poder vencer o desgosto de ver Bernardina casar-se com o Cypriano.

— Está em minhas mãos — dissera elle mais de uma vez — impedir este casamento, que tanto desgosto me tem dado; era só eu querer; tomava a rapariga outra vez na garupa, e abalava para este mundo que não tem fim. Mas o muito que devo a seu padre Antonio, que foi quem me arranjou tamanha desgraça, prende-me tanto as mãos que eu não posso ser bom em nada.

Bernardina, acommettida de grave enfermidade, ficara em cima de uma cama, ás portas da morte.

XII

A chegada de Lourenço foi uma festa, uma primavera para todos no Cajueiro; não foi sómente uma festa, foi principalmente uma resurreição, uma evocação que reviveu illusões e esperanças mortas, porque elle já era tido alli por perdido para sempre, á vista da sua longa ausencia e do silencio tumular que havia crescido em torno do seu nome.

Passados alguns dias depois da abortada tentativa de tomada de presos, começaram a mostrar-se no Cajueiro, umas vezes á bocca da noite, outras ao raiar do dia, nunca em hora certa, sujeitos estranhos de suspeitas cataduras, que alguns vizinhos diziam ser do rancho do Sipó. Mais de uma vez Marcellina havia sorprendido um ou outro rondando-lhe a casa, como quem espiava a vida dos moradores. De uma feita, um delles, com todo o desplante, encarando a matuta, perguntou-lhe :

— Que novas me dá você de seu filho, que ha muito ninguém lhe põe os olhos em cima? Pois era agora occasião de apparecer quem andava por estas beiradas arrotando tanta valentia.

— Eu ia perguntar mesmo a vosmecê — tornou a cabocla — o fim que lhe haviam dado; porque não sei onde elle pára. De todo o mal que aconteça ao rapaz, eu só tenho que me queixar de vosmecês, porque sem razão juraram dar-lhe fim, desde aquella matinada que os homens fizeram para soltar seu Cosme Cavalcanti. Começaram a espalhar que Lourenço tinha sido o autor da tragedia, e quasi que o matam.

— E quem foi sinão elle què metteu os outros na dansa? Não foi outro. Você deve saber de tudo, e agora põe-se de fóra, como quem não sabe como se arranjou a historia. Eu só queria ainda encontrar-o com vida. E si fosse hoje, que estou com os meus *calundús*, você e elle haviam de ver o bonito.

— Vosmecê não tem razão; o rapaz não é máo.

— Elle sempre foi muito mausinho, não por você, mas pelos bofes que trouxe do Pasmado. Pelo gosto de você elle não fazia muita cousa que não era para elle fazer, porque elle não é nada; mas é que elle já lhe tomou o folego, e não leva mais você em conta.

— O que eu sei é que vosmecês deram fim a meu filho; só me parece que nunca mais o tornarei a ver.

Ditas estas palavras, Marcellina poz-se a chorar, emquanto o espião, como si se commovera, ou vencera, nenhuma lhe voltou em resposta, e deu logo o andar.

Posteriormente espalhou-se em Goyanna que o rapaz tinha morrido. Pedro de Lima dizia a quem queria ouvir, jactando-se da sua proeza, que havia deixado por morto o filho de Francisco á beira do Tracunhaem, por occasião de encontral-o, vindo elle Pedro de Lima entender-se com o Tundacumbe sobre certo diligencia de muita circumstancia.

Ocioso será dizer quanto esta triste nova enlutou as mulheres que por tantos laços, cada qual mais estreito, se achavam ligadas ao joven almocreve. Marcellina, comquanto acostumada a receber más noticias desde que Francisco se ausentara, e que Lourenço déra em fazer frequentes jornadas para fóra; Marcellina que, muitas vezes, quando alguém vinha dizer-lhe que seu filho estava preso, que o marido era morto, tinha esta resposta invariavel : « Tempo de guerra, mentira como terra », desta vez não pode suster as lagrimas por muitos dias; e quanto mais tempo se passava, mais crescia aos seus olhos a certeza daquella infausta nova, que o testemunho pessoal de Pedro de Lima e dos dois companheiros, verificado por pessoas serias, viera confirmar em termos que não admittiam replica.

Foi nestas condições que Lourenço resurgiu inesperadamente, vivo, forte, e até mais bonito de

feições. A longa estada á sombra, pela enfermidade, e posteriormente pela convalescença, dera occasião a que as suas formas se desenvolvessem e augmentassem, se lhe afinasse e clareasse a pelle, ennegrecesse o cabello, apontasse a barba. Essas fórmas, já varonis, adquiriram um novo dom — a gentileza; os olhos, já cheios de brilho, receberam de desconhecido centro de luz novos raios em que se deixava conhecer o reflexo de paixões impacientes. A expressão dessas espheras luminosas, que graciosamente se moviam entre pestanas finas e bastas, era banhada em aureas vivacidades, com uns longes de lampejos lacteos, que um pintor poderia copiar para primor das suas estampas. Demais, — e era talvez esta circumstancia exterior o que mais affirmava a differença — no trajar, Lourenço já não era o almocreve *tu*, desasseiado e grosseiro; as novas roupas em que appareceu mettido, davam-lhe o aspecto que distingue os homens de boa procedencia e educação. Poucos mezes bastaram para o affecto do pae transformar o filho,

No outro dia pela manhã, reunidos todos na casa occupada por d. Damiana, Lourenço deu mostras de não ter mudado do seu sentimento para Francisco, assim como tinha mudado de fórmas e trajo.

— Eu vim sómente dizer-lhes, advertiu elle, que não morri, porque nem eu posso ficar por muito tempo aqui á vista de todos, nem, ainda que pudesse, ficaria, antes de saber noticias de meu pae. Eu sempre cuidei que elle já estivesse de volta;

mas uma vez que ainda não veio, uma vez que está sabe Deus onde, deve ir ver si o encontro, vivo ou morto.

— Filho abençoado, tornou-lhe Marcellina, era isto mesmo o que eu te queria dizer. Vae, e não voltes sem trazer Francisco adiante de ti. Não me digas nem por graça que elle morreu, porque assim como tu tornaste cada vez mais bonito, quando todos aqui diziam e até eu cuidava que já não existias, assim Francisco ha de tornar tambem, gordo, forte e mais maço, que Deus não ha de permittir que meu marido, tão bom, morra por ahí além sem ter quem, na hora da morte, lhe chame pelo nome de Jesus.

Nada, porém, ficou assentado quanto ao dia da partida. Lourenço disse que se sentia cansado da longa jornada; d. Damiana, que ficara muito abalada do susto e commoção por que passara na noite precedente, pediu tempo para escrever, com a devida pausa e meditação, uma carta minuciosa que Lourenço devia entregar a Amador, unico parente que, comquanto preso, a podia actualmente valer e socorrer.

Um ponto negro, que se mostrara logo no horizonte illuminado pela presença do rapaz, começou a avultar de hora em hora — a idéa do perigo que elle correria, si se deixasse ficar no Cajueiro, emquanto não seguia para o Recife. Aos olhos de Marcellina, prudente e prevenida, já começavam a apparecer a cada canto os vultos suspeitos, os es-

piões sinistros que tempos atrás haviam tido as vistas sobre a palhoça, ameaçando devassal-a e esmerilhal-a, cantinho por cantinho, na intenção de descobrir quem havia incorrido no odio dos mascastes pela sua dedicação aos nobres. Marcelina tinha o coração nas mãos, de sobresaltada e temerosa que andava. Ainda não haviam decorrido vinte e quatro horas depois da chegada de Lourenço, e já a solicitude da cabocla, estremecendo pela segurança d'elle, não sabia onde o resguardar de emboscadas e delações inimigas.

— Tu não podes ficar aqui muito tempo, Lourenço. Vê lá como te avens.

Depois de reflectir por alguns momentos, Lourenço, dando mostras de ter achado a melhor solução, tranquillizou os espiritos com estas palavras :

— Não se importem commigo. Os cabras não hão de lamber-me. Tenho um logar que ninguem suspeita, e para mim é o melhor que eu podia encontrar. Irei dormir lá todas as noites ; e até de dia, estando eu lá, não ha quem seja capaz de descobrir onde estou.

Passou-se o dia sem cousa de maior. Quando o sol desapareceu por traz da matta do Bujary, deixando cahir sobre a estrada as primeiras sombras da tarde, o rapaz, armado com faca e pistola — uma pistola que encontrara em casa do padre Antonio — despedindo-se das mulheres, tomou pelos fundos do sitio do mesmo padre, e alcançou a matta. Logo

adiante deu com o cavallo dentro do fechado onde o deixara todo o dia. Em vez de o cavalgar, foi levando-o por um cabresto, com grande difficuldade, porque não podia dar um passo sem lhe ser preciso antes abrir caminho atravez de folhagens e cipós emmaranhados, que faziam rêdes e tapagens de differentes fôrmas.

Depois de andar um bom pedaço pelo matto a dentro, parou para se orientar. Tinha o espirito confuso. Perdêra-se no labyrintho, e não sabia onde estava. Com o rigoroso inverno, as antigas verdedas haviam desaparecido, e em logar dellas, e onde suppunha encontra-las, o que achou foram arvores novas, cujos galhios se entrelaçavam, fazendo, com os longos fios e as miudas folhas dos cipós, largos pannos que o seu braço por fim já se sentia cançado de mutilar e romper. A cada passo ouvia o sibilar de cascadeis, ouvia os suspeitos ruidos da massa enorme da selva que se não affronta impunemente.

— Por onde ando eu, meu Deus? disse, começando a apoderar-se de inquietação. Estou perdido. Já nada vejo. Escureceu de todo mais cedo do que eu cuidava. Agora não ha outro remedio sinão ficar aqui mesmo.

Quando estava neste soliloquio, ouviu, não longe do ponto onde parara, rumor de cavalgada e vozes. Deu mais alguns passos para a frente, e pôde reconhecer, por entre as sombras da noite, que estava, não no seio da matta, como julgara, mas á beira do

cercado do engenho Bujary. Obra de cincoenta braças na frente delle passava a estrada, e pouco adiante se deixava ver, como uma grande lage, escavada e negra, a casa grande do engenho.

— Ora, meu Deus! Como vim ter aqui?

Ficou um momento em silencio, observando o logar, combinando as idéas, buscando uma resolução.

Não tardou muito que lhe occorreu um pensamento singular, e, na realidade, original — o de ir pernoitar na propria casa do engenho, que, com quanto sequestrada com os demais bens do defunto, nenhum destino se lhe havia dado ainda.

— E' e não é arriscado dormir lá — disse Lourenço, como si praticasse consigo mesmo. Quem é que ha de pensar que eu vou dormir no engenho? Ainda que soubessem que eu já estou em Goyanna, ninguem havia de me julgar com a coragem de ir recolher-me na casa grande, quanto mais não havendo quem saiba que eu cheguei. Em vez de arriscado, eu acho até que é o logar mais seguro que posso encontrar por aqui para estar. Nunca ninguem ha de lá ir em minha procura.

Lourenço quebrou as varas do cercado, para que o cavallo pudesse passar, e, logo que lhe pareceu estar longe a cavalgada, atravessando a estrada, tomou para a casa grande.

Chegando ahi, estranhou quasi tudo o que viu. Nada ha que desfigure tanto os logares destinados á habitação do homem como deixal-os por algum

tempo sem habitador, porque tomam conta delles outros habitantes de diversa natureza, tomam conta delles os mattos, os musgos, as parietarias, os bichos peçonhentos : a situação demuda-se : as paredes amarellecem ou ennegrecem : aqui escalmam-se, acolá embuçam-se nessa vegetação parasita que estende os seus dominios mais depressa pelas regiões onde pisou o pé, ou pousou a mão humana, do que nas regiões virgens em que plantas mais fortes e avultadas não lhe dão logar á invasão.

A' roda da casa nascera um jerebebal espesso, em cujo fechado poderia esconder-se, não um só homem, mas muitos homens; dentro d'elle, em caso de aperto, ainda mesmo de dia, Lourenço poderia occultar-se com o cavallo, sem receio de ser descoberto, a não haver suspeita ou denuncia que determinassem busca minuciosa.

O seu primeiro passo foi para a estrebaria.

— Ponho ahi o meu cavallo, e deito-me perto d'elle. Uma noite depressa se passa.

Assim fez. A porta da estrebaria estava encostada, mas não trancada. A invernoada tinha esburacado as paredes do lado do norte, e pelos buracos penetrava no interior a escassa luz da lua nova, que mal deixava distinguir os objectos, dando-lhes feições que infundiam pavor.

Lourenço poz o cavallo a comer na longa mangedoura deserta um pouco de milho que trouxera do Cajueiro, e estendeu-se sobre uma taboa velha, junto da porta.

— O ladrão que entrar aqui, ha de primeiro pisar em mim, antes de pegar e cavallo.

Tentou dormir, mas não poude. As sombras do aposento destinado a animaes, e não a homens, lançavam-lhe vagos temores no espirito. De um e outro lado ouvia silvo de cobras. Pesados sapos saltavam-lhe por cima do corpo, augmentando a intensidade das impressões desagradaveis. O mau cheiro das emanações deleterias que se desprendiam de restos de materias corruptas por tantos mezes retidas naquelle pequeno espaço, onde o ar não girava livremente, começaram a produzir no hospede tonturas e nauseas, que o determinaram a mudar de pouso.

Ponsou então em pernoitar no sobrado. Mas havia de deixar o cavallo sem defesa? Ainda si a estrebaria pudesse trancar-se...

Levando a mão á porta, deu ahi com a chave na fechadura.

— Ora bem! disse com satisfação. Fechada a porta, já não será tão facil furtarem o animal. Qualquer barulho me despertará, e em dois saltos estarei cá embaixo.

Lourenço deu volta á chave, que tirou. A porta era segura. Não a podiam pôr dentro com duas razões.

Rodeou a casa, não sem as devidas cautelas, e, vencida a escada de tijolo, parou á porta da entrada, entre as tres janellas da direita, e as outras tres da esquerda, que davam ao sobrado o aspecto

de um convento. Pela entrada principal não podia abrir caminho, visto que estava trancada; mas, como com a força das chuvas, ou da ventania fôra aberta a primeira janella da direita, para a qual não era difficil passar do peitoril de pedra e cal com que terminava o longo panno de parede que ladeava a escada, sem esforço poude elle alcançar o batente, e saltar dentro.

A sala, onde se achava, era a destinada ás mulheres. Penetrando ahi, sentiu-se tomado de instinctivo respeito, porque poucas vezes em vida do sargento-mór tivera occasião de chegar até o aristocratico aposento de d. Damiana, e sempre que nelle entrava, era seguido de todos os escrupulos que a nobreza e a representação da gentil senhora impunham aos que mais ou menos dependiam da sua casa.

A admiração do rapaz foi ainda maior quando notou que a mobilia nova, comprada por João da Cunha para occupar o logar da que fôra arremessada de cima ao pateo do engenho e ahi entregue ás chammas pelo bando do Tunda-Cumbe dois annos antes, estava no mesmo logar em que a vira pela ultima vez. O santuario, o estrado, o bofete de d. Damiana faziam nascer a illusão de morar ella ainda na sua casa, longe de qualquer constrangimento, e ainda menos penuria. O sequestro parecia não haver tido sinão um fim — o de humilhar a viuva e o nome do orgulhoso membro da nobreza.

Bem depressa porém outras foram as impressões.

A luz do luar, alongando-se pela sala em fôrma de um vasto lençol da largura da janella, mostrou-lhe a porta da alcova aberta, e lá dentro um vulto de grandes dimensões que apparecia, como uma larga mancha escura, no fundo da parede. Era a cama do casal ausente, do casal que nunca mais se de ajuntar havia alli, cama altaneira, ao paladar do tempo, para a qual se subia por degráos. Estava nua, mas tinha o estrado em ser.

Lourenço parou defrontedella ; contemplou-a por instantes ; chegou a commover-se. Aquella armação parecia-se mais com uma eça do que com o tecto de um leito onde a tranquillidade e o repouso deveram ter dado momentos de suave satisfação, Os bons tempos tinham passado por cima daquella arvore de felicidade, tinham-lhe levado os adornos e elegancia, filhos da posse e condição dos conjuges, e tinham-lhe deixado os ramos nús, seccos e desgraciosos. Representava o arcabouço da passada existencia, outr'ora vestido de lençaria, sedas e damascos, agora mal coberto por tecidos de outra especie — os que fabricavam no escuro e no silencio as aranhas, essas industriaes dos bairros despovoados. Era a imagem viva do casal já desfeito em parte pela morte. Figurava a viuva reduzida á extrema pobreza, desataviada, recolhida, em escuro canto e condição. Tudo o que fôra grandeza e soberba, desaparecera com o finado consorte.

Logo que se desvaneceu esta primeira impressão, que não podia durar muito, porque o momento não era para reflexões philosophicas, nem o cerebro do rapaz comportava larga meditação, occorreu-lhe a idéa de passar a noite na propria cama diante da qual se achava.

Mas agora eis que lhe surgem novos escrupulos no curto espirito ; nova lucta vem ahi travar-se : vem o respeito pueril dizer-lhe que não devia occupar o logar que pertencera a tão nobres e respeitaveis pessoas. Pareceu-lhe que o vulto do sargento-mór surgiria diante d'elle, com a usual arrogancia, para tomar-lhe satisfação da sua ousadia.

— Deitar-me na cama de seu sargento-mór ! advertia elle dentro em si mesmo. Dormirei em outro logar, naquelle estrado, ou naquelle canapé.

Antes de se decidir por qualquer dos moveis indicados, chegou-se á janella para ver si havia alguma novidade da banda de fóra. Era tudo silencio e immobibilidade. Abaixando a cabeça para o lado da cavallariça, e prestando attenção como quem escutava, pareceu-lhe ouvir longe, longe, o estalido do milho quebrado pelos fortes molares do cavallo. A lua estava no horizonte, e mal esclarecia a paragem com a sua luz enfraquecida. Ao cabo de pouco mais, a escuridão dentro do sobrado seria completa.

Lourenço voltou-se então para a alcova, e ganhou resolutamente a cama.

Por um phenomeno physiologico, que os sensualistas ou os materialistas talvez expliquem facil-

mente, em logar do vulto do sargento-mór, o que surgiu na fantasia do rapaz, foi a imagem da viuva, conjuncto de perfeições humanas. Deitar-se na mesma cama onde ella se deitava, afigurou-se-lhe o mesmo que ter a gentil viuva a seu lado. A intimidade com um objecto de pessoa que consideramos acima de nós, parece dar-nos a intimidade com o proprio dono delle : abate as barreiras, enche os abysmos que nos separavanr.

Illusão ou phenomeno natural, Lourenço sentiu-se immediatamente outro. Accenderam-se-lhe as paixões, determinando-lhe estremecimentos nervosos. Offegava, como si a imagem da formosa mulher fôra uma realidade, e esta alli estivera com a vida, o calor, a suavidade da pelle, a voluptuosidade do amplexo e do osculo, produzindo nelle a excitação, ou antes estimulando-lhe as suffocantes ambições da carne. Lourenço pensou em tudo o que a natureza põe nas fórmaz da mulher bella para adoçar no homem, por instantes, as agruras deixadas pelo trabalho, que é a sua lei fatal, pela inveja dos outros homens, pelas injustiças da sociedade, emfim pelas miserias da communhão exterior, que, si em certos casos protege e ampara, em outros gela crenças veneraveis, destróe incentivos nobres, desnorteia e avilta affectos que devia encaminhar e ajudar a subir, bafeja ruins paixões que desenvolve indirectamente, communica a bons corações o virus da sua perfidia, ensina maus caminhos pelo seu

exemplo, planta a semente do egoismo onde havia o germen da generosidade natural.

A illusão, casando-se com a lembrança, poz na fantasia do rapaz um quadro completo. Elle reviu, porventura mais vivamente, a scena em que representara vinte e quatro horas antes, perto da casa do padre Antonio, com a orgulhosa senhora de engenho. Sentiu novamente nos braços, desta vez com melhor consciencia, porque em lugar do inesperado de então, tinha agora o conhecimento previo e a sensação antecipada, sentiu o doce contacto do corpo de d. Damiana, inteiramente entregue ao seu corpo. A precipitação com que atravessara a estrada e fôra bater, sobresaltado e afflicto, á porta da palhoça onde já dormia Marcellina, não lhe tinha dado, além disso, occasião para bem apreciar os attractivos daquella que carregara, em desmaio. Esses attractivos desenhavam-se agora, no fundo sombrio do quarto, como si fôra em illuminada tela; e elle via-os distinctamente, um por um, cada qual mais encantador, ou fossem os grandes olhos ternos que ella puzera nelle quando tornou a si, ou fossem os espessos cabellos negros que pelos hombros se lhe espalharam, ora cobrindo, ora descobrindo o collo anhelante, ou fossem as mãos afiladas, aristocraticas, frias, em que elle pegara tremulo e commovido, ou fosse, sobre todos os outros attractivos, o corpo, nem muito pobre nem muito rico de carnes, mas muitissimo gracioso, pelas curvas brandas, pela flexibilidade comparavel á das hastes

das plantas novas que, ao mais leve toque da viração, se inclinam, e tornam logo á sua natural attitude.

Lourenço viu tudo isto, ora vagamente, ora permanentemente, sem poder ter diante dos olhos outra visão.

Não dormiu um só instante, posto houvesse levado a noite neste sonho fantastico e ideal.

Quando menos pensava, a primeira claridade do dia penetrou na camara.

Passara toda a noite lidando com a viuva do sargento-mór, no dormir mais original que ainda tivera na vida.

XIII

Aos vinte e tres annos de idade, por grandes que sejam os dissabores e desenganos, ninguem pôde impôr ás suas proprias paixões que se não agitem. O coração, como o cerebro, rege-se por leis impreteriveis. Ora, a primeira, ou, ao menos uma das principaes dessas leis, é a mocidade, que quer dizer, na linguagem pratica, força, resistencia ás adversidades, confiança no volver dos dias, esquecimento das dôres passadas, fé — não encontra outra palavra que tão bem designe o poder de não cahir aos golpes dos acontecimentos, e de arrostal-os com intrepidez — fé nas energias phisicas e nas aspirações espirituaes, que diz interiormente, com accentos propheticos : — Não esmoreças, não enfraqueças. E's moço, resiste ; vence as difficuldades ; lucta com as resistencias que se atravessam. Não vês no mundo, no passado, na historia, nos teus dias, não vês os moços dominando terriveis oppo-

sições, porqua elles têm força, porque os seus musculos, os seus nervos, o seu cerebro ainda têm vigor para muitos annos, para muito tempo, e os annos e os tempos mudam as circumstancias, matam inimigos, fazem surgir amigos novos, fazem apparecer outros merecimentos, criam novas recommendações, restabelecem o imperio da justiça, que é a lei em virtude da qual cada um deve adquirir aquillo que vale ?

D. Damiana era um poço de desgostos. De uma alta representação na villa onde nascera, cahiu na planicie da pobreza, afundou-se na obscuridade. A's sedas e aos brilhantes substituiram-se-lhe joias e roupas da viuvez. Os sorrisos que soiam entreabrir lhe os labios quando, para commemorar datas distinctas, se reunia em sua casa a primeira nobreza do logar, haviam desaparecido sob as lagrimas silenciosas e longas, que lhe desciam agora pelas faces cobertas de mortal pallidez. E' facil imaginar o desgosto que lhe acarretara a subita transformação.

Mas uma joia, um thesouro, havia ficado com ella, por não lh'o poder arrebatara a morte do marido, a ausencia dos parentes, as injurias da plebe amotinada e capitaneada pelos inimigos da nobreza, o sequestro, a rapida mudança de uma existencia talvez de fasto para uma existencia que estava ao nivel das que sustenta a caridade particular ; essa joia, esse thesouro eram os seus vinte e tres annos ; era a musculatura nova ; eram as carnes rijas, o sangue puro, o coração sem lesão, a massa ence-

phalica forte, funcionando regular e plenamente.

Para quem está em semelhantes condições, a resignação não tarda, e a resignação em casos taes é o resurgir das esperanças um instante submersas no mar dos contratempos. D. Damiana conformouse. As fadas amigas, nas quaes se acreditava então, praticando com ella, em mysterioso e secreto dialecto, tinham lançado no seu espirito estas idéas : — Pensarás que o mundo se acabou para ti, com a morte de teu marido, com a perda dos teus bens? Enganas-te. Tens belleza, e estás na flor da vida. Si choras hoje, amanhã poderás ter nos labios sorrisos novos, mais louções talvez que os que perdeste. Si estás agora na miseria, poderás d'aqui a pouco voltar á abundancia, e reergueres o sceptro que te cahiu da mão.

D. Damiana acreditou nestas vozes lisonjeiras, que não eram vozes de fadas, porque as fadas, como anjos, ou diabos, ou quesquer influencias de semelhante natureza, nunca existiram sinão nas superstições dos tempos ignaros que precederam os nossos, mas, sim, eram a linguagem natural da consciencia, enriquecida e esclarecida pela observação e pelo conhecimento da vida.

Por singular coincidencia que não é, todavia, difficil explicar, não ouviu ella estas advertencias intimas sinão depois de ter visto Lourenço. Não era elle o testemunho vivo e irrecusavel dessa verdade? De pobre e humilde, que fôra, não se ia tornando pouco a pouco outro, quer quanto ás suas

posses, quer quanto á sua condição? Não havia achado um protector, — o fazendeiro desconhecido, que talvez fosse seu pae, visto que tinha para elle extremos de affecto e liberalidade pouco commum? Esse desconhecido não poderia dar-lhe mais tarde tudo o que era seu, e definitivamente afiançar a sua completa independencia? Assim como por uma volta inesperada, a sorte se tornara propicia para quem dantes rastejava no pó dos caminhos, porque sómente para ella Damiana havia de ser implacavel e immudavel? Não era possivel que dentro de pouco tempo outra revolução rebentasse contra o governador Machado, a exemplo do que succedera ao seu antecessor, Sebastião de Castro Caldas?

« — Quem me diz — ponderava comsigo a viuva — quem me diz que, de posse novamente dos meus bens, hoje no poder da justiça ou de terceiros, não se me deparará outro marido, que me levante da humildade em quem ora jazo?

Absorta nesta ordem de idéas, por entre as quaes o vulto do rapaz se mostrava na vaga recordação da scena do terreiro, estava d. Damiana sentada á porta do sitio, com as vista embebidas no laranjal verde e florido que o sombreava, quando presentiu que se avizinhava alguém. Voltando os olhos, deu com Lourenço, que vinha chegando do engenho.

Vaga impressão de satisfação sentiu a viuva, descobrindo o rapaz. Durante a noite, sem que ella o quizesse, pensara mais de uma vez nelle. Fôra triste a sua principal idéa. Temia que lhe aconte-

cesse qualquer desastre. Si o prendessam, que seria della e das outras mulheres ?

O seu semblante, talvez por isto, talvez por nascente interesse que a ia prendendo ao rapaz, trahi u o prazer intimo que a vista delle produzira nella. Quanto a Lourenço, trazia no rosto uns longes de pallidez, nos olhos brilho humido e a modo de amortecido, que lhe não eram usuaes.

— Bom dia, sinhá d. Damiana — disse elle á viuva.

Esta, sem se poder dominar, já tinha dito antes

— Graças a Deus que te vejo, Lourenço.

— Porque diz vosmecê esta palavra ?

— Porque.... porque estes tempos estão crús. A gente deita-se livre, e accorda na prisão.

— Teriam andado por aqui em busca de mim ?

— Não, porque não sabem talvez que estás no Cajueiro. Mas a idéa de que andam nas tuas pisadas, não me deixa o espirito. A cada canto parece-me ver inimigos e perseguidores.

Lourenço mostrou-se satisfeito com estas palavras, que accusavam da parte da viuva solicitude para elle.

E, como sem consciencia, tornou irresistivelmente :

— Eu tambem levei toda a noite pensando em sinhá d. Damiana.

— Cuidavas, talvez, que me dariam na casa, que viriam fazer-me novos insultos.

— Cuidei em tanta cousa, que nem vosmecê sabe.

Cuidei em tanta coisa, em tanta coisa, meu Deus!...

De repente, accrescentou :

— Vou ver minha mãe como amanheceu. Vou dizer-lhe que os cabras me deixaram em paz por esta noite.

A primeira pessoa que o rapaz viu sentada à porta da palhoça, com os olhos na direcção d'onde elle ia, foi Marianninha. Pouco depois appareceu Marcellina.

— Deitei-me com o credo na bocca, Lourenço. Deus te abençõe. Deixa-me tomar um folego bem comprido, que levei toda a noite com um peso no coração.

Marianninha disse sómente que não era bom Lourenço andar pelas bandas da casas do padre Antonio, porque os mascates que deviam ter os olhos na negra de d. Damiana, podiam vel-o, e prendel-o. Marcellina achou razão no que dizia Marianninha; mas Lourenço dissipou estes receios, observando que quando tivessem de cercar a casa, haviam de vir de noite, e não áquellas horas.

Na manhã seguinte, voltando Lourenço do sobrado, foi sabedor de uma novidade que o abalou : a casa onde residia d. Daminia tinha sido cercada de noite, e haviam arrancado de dentro a negra Felicia.

Para ostentação do pouco caso realisou-se a diligencia á luz de fachos, e com grande acompanhamento; e para melhor fundamento desta publicidade, haviam feito correr antes voz de fama que naquella

casa estavam acoutados, além da negra, todos os escravos que tinham fugido para o matto, logo que a estrella do sargento-mór empallidecera.

Os esbirros varejaram todos os cantos e recantos, não só da casa principal, mas também de todas as palhoças da redondeza. Na de Marcellina a busca foi miuda e paciente.

O troço — já se sabe, mas devo repetil-o, ainda com o risco de me tornar enfadonho — era composto, em sua maior parte, da ralé que formava o esquadrão do Tunda-Cumbe. Informado de se planejar aquella diligencia, tinham vindo expressamente do rancho do Sipó, a pôrem, por obra as suas maldades, esses vagabundos organizados em um corpo numeroso, que chegava aos pontos mais importantes da vasta região das mattas, isto é, daquella região onde se mostravam situados os duzentos e cincoenta engenhos que se contavam então em Pernambuco. Tristes e lastimosos tempos eram estes, em que « a vil e pífla canalha vagabunda tinha permissão de entrar pelas fazendas e moradas destituidas do poder que as defendesse, a descompol-as, e roubal-as, como por officio, sem respeito á nobreza de seus donos, nem ao decóro das venerandas matronas, nellas assistentes sem armas, sem forças e sem soccorro algum que as amparasse (1). » Medonhos tempos em que « mettidos os nobres pelos mattos, suas mulheres, suas filhas e familias em

(1) *Memor. hist. de Pern.*

triste desamparo, o Camarão e o Tunda-Cumbe roubavam nas campanhas, matando cada qual por sua parte bois, vaccas e criações, e corriam e revolviam os interiores mais reconditos das casas principaes de Pernambuco, sem cortezia nem respeito ás suas donas (1). »

D. Damiana mal poudo resistir ao golpe de lhe tirarem a escrava. Tinha visto, cheia de coragem, ir-se toda a sua fortuna ; mas aquelle pequeno resto, que era quasi metade da sua existencia, attento o estado em que se achava posta, não poudo vel-o desaparecer do seu poder, sem cahir de cama.

O desacato, comquanto previsto, e a tristeza em que encontrou a senhora de engenho, snggeriram a Lourenço um pensamento que se deu pressa em realisar. A escrava foi logo arrematada por um senhor de engenho d'alli perto. Com elle entendeu-se Lourenço ; e com o dinheiro que lhe dera o padre, e uma pouca das economias destinadas por Marcellina á compra de um sitio, recomprou a Felicia. É inutil dizer a satisfação de d. Damiania, ao ver entrar novamente em casa a sua escrava de estimação.

— Obrigada, obrigada, Lourenço, disse, sentindo algumas lagrimas humedecer-lhe os olhos. Restituiste-me uma parte da minha tranquillidade, do meu socego.

Este acto foi origem de novas alterações no Ca-

(1) *Mem. hist. de Pern.*

jeiro. Marianninha, que notara grande frieza no rapaz, sentiu augmentarem-se as suas suspeitas e ciúmes.

Uma manhã, voltando Lourenço da casa de engenho, onde continuava a pernoitar, porque mais do que nunca se receiava de ciladas, viu na beira da estrada, no ponto que ficava justamente fronteiro á casa de d. Damiana, uma mulher sentada. Era a filha de Joaquina.

— Que está fazendo aqui, Marianninha?

Por unica resposta, disse-lhe a rapariga :

— Olhe, Lourenço. Ha muito que tenho tenção de lher dizer os meus sentimentos. Você é muito ingrato para mim.

— Marianninha, você parece que não está em seu juizo desde que cheguei.

— É verdade que não estou. Vivo triste, sem gosto de nada. Desde que essa mulher veiu morar aqui, foi-se embora a minha esperança. Vejo tudo còr de carvão.

— Que mulher?

— Que mulher! Faça-se desentendido. Você bem sabe a quem é que me quero referir.

— Tenha juizo, Marianninha. Você está offendendo com suas palavras uma dona que não é qual-quer. Você esta dizendo cousas á tòa.

— Estou dizendo o que meu peito sente.

— Mas eu é que não estou para ouvir cousas que não devo. Que tenho eu com o que seu peito sente?

A rapariga inclinou a cabeça. Não teve outra resposta sinão o silencio e as lagrimas.

— Não chore, tornou-lhe o rapaz. Não sei o que querem dizer estas lagrimas.

Esta fingida e calculada ignorancia de Lourenço, irritando os melindres da matutinha, deu-lhe animo para retorquir, com a cabeça erguida, em attitude de quem exprobrava :

— Querem dizer que a sua ingratidão atravessa o meu coração como faça de matador. Bernardina, desgraçada no principio, vae ter um marido, vae ter sua casa; eu sou mais desgraçada do que ella, porque estou vendo roubarem aquelle que mêm pertencia.

— Eu nunca lhe pertenci, Marianninha.

Dizendo isto, com maus modos, deu o andar, deixando a rapariga sem pinga de sangue nas faces, porque todo elle lhe refluira ao coração pela impressão nervosa.

No dia seguinte, Lourenço não a encontrou alli; mas, no outro, ella lá estava quando elle atravessou a estrada, mais tarde do que costumava.

Logo que seus olhos deram na filha de Joaquina, Lourenço encaminhou-se directamente para ella, e, com modos ainda mais rudes do que os da outra vez, falou-lhe nestes termos :

— Marianninha, não faça mais isto, não faça. Devo-lhe alguma cousa, para você ficar aqui á minha espera?

— Não me deve nada, mas quero vir vel-o.

Visivelmente contrariado, tornou-lhe Lourenço :
— Não estou para semelhantes impertinencias. Não quero que me espiem, nem é bonito você ficar aqui, á beira da estrada, onde passa tanta gente.

Mas ella respondeu-lhe com brandura que quasi o enterneceu :

— Não se zangue, Lourenço. Eu não lhe mereço ingratições, o que eu lhe mereço são outros sentimentos. Nós podíamos ser tão felizes...

— Felizes? Você é que está na obrigação de procurar a felicidade para mim, ou sou eu mesmo que a devo buscar?

— Não se zangue, Lourenço — repetiu ella. O que eu defendo não é a sua, é a minha felicidade, que me querem tirar. Eu a tinha no coração ; mas isto não valeu de nada. D'ahi mesmo a estão arrancando.

Passando adiante, Lourenço deixou-a ainda mais chorosa que no outro dia.

No momento em que a rapariga voltava á sua palhoça, Joaquina procurava-a na de Marcellina.

— Já não é esta a primeira vez que Marianninha me deixa só, e vae metter-se não sei onde. A rapariga anda tão triste que tenho medo de alguma cousa.

— Não adivinha você o que isto é? inquiriu Marcellina.

— Que será?

— Vontade de casar-se.

— Não duvido.

— Marianninha não se esquece de Lourenço.

— Lourenço é uma grande pessoa. Si eu visse minha filha casada com elle, considerava todos os meus gostos satisfeitos.

— Eu tenho muito desejo de vel-o casado. Na idade d'elle o homem perde-se depressa si não se casa logo. Ora deixe estar que eu hei de falar a Lourenço sobre este negocio. Mas não vá dizer nada á maenina. Nestes dois dias direi o que se passar.

Marianninha, ao principio quasi inteiramente desorientada com o que acontecera, tomou, por fim, uma dessas resoluções heroicas que sómente o amor suggere, estimulado pelo ciume.

— Hei de vencer Lourenço pela minha constancia.

Firme nesta resolução, foi esperal-o no ponto onde costumava.

Lourenço tinha passado a manhã mais feliz da sua vida. Os seus colloquios com a senhora de engenho nada offereciam digno de reparo; eram sempre sustentados em termos respeitosos e discretos; a coragem de Lourenço enfraquecia perante a idéa de revelar a sua mais preciosa illusão. Elle e d. Damiana conversavam sobre a guerra, as perseguições, as occurrencias do tempo. O prazer de Lourenço resumia-se em ver a viuva tão graciosa, em ouvir-lhe as palavras tão bonitas : o rapaz vivia encantado pela companhia. A viuva, do seu lado,

gostava de ver o rapaz, cujo rosto adquirira grandes attractivos; gostava de admirar nelle um grande animo.

Tanto em um como no outro o que havia, quando assim se embriavam em mutua e branda contemplação, não era sinão amor; mas este amor não sabia como se declarar; era um amor original — receio e respeito de um lado, superioridade, altivez, gratidão do outro. Era um amor que ainda não havia amadurecido — eis a verdade.

Lourenço fôra feliz naquella manhã, porque, da conversação com d. Damiana, notara de parte della menos altivez, mais benevolencia, mais intimidade, e certas revelações de ternura que, comquanto sem a penetração que a educação gera ou aguça, o rapaz interpretou como a confissão tacita de lhe ir dando posse do seu coração.

Vinha elle absorto na consideração de tão grande bem, quando, pela terceira vez, descobriu Marianinha no ponto sabido.

De chôfre, passando da satisfação ao dissabor, apressou os passos para aquelle logar. A sua exaltação revelou-se-lhe tão vivamente no rosto que a rapariga tremeu immediatamente do passo que tinha dado.

Lourenço não pôde dominar-se. Os seus instinctos animaes, tanto tempo adormecidos, accordaram impetuosos, e offuscaram-lhe, por assim dizer, o discernimento. Com a violencia que tinha quando lhe chegavam estas temiveis manifestações da in-

dole bravia, pegou no braço da rapariga, como si fôra um galho de arvores que quizesse arrancar.

— Lourenço! gritou ella aterrada. Que é isto, Lourenço?

— Ainda pergunta?

A voz soturna foi um novo motivo de pavor para a rapariga.

— Não lhe disse que não viesse mais aqui?

— Foi o ciume, o ciume...

— Ciume! — clamou elle, irando-se cada vez mais.

— Si para me ver livre de quem tanto me aborrecco, fôr necessario fazer uma morte, hei de fazel-a, hei de fazel-a.

— Não me mate, Lourenço! — supplicou a rapariga em pranto.

— Mato-te, sim. Noo quero mais enxergar-te diante dos meus olhos.

Vendo no mesmo instante luzir a faca na mão do almocreve, Marianninha empregou os esforços que poude para soltar-se. Lourenço correu atraz della, e chegou a feril-a cobardemente pelas costas. O mais vil assassinio ter-se-ia consummado, si a rapariga não alcançasse logo a palhoça.

Lourenço parou á porta, enquanto Marcellina e Joaquina tomavam nos braços a moça banhada em sangue.

— Que loucura foi esta, Lourenço? Dize-me porque fizeste esta acção tão feia? Virgem da Conceição! E eu que cuidava que estavas curado do teu mau natural, desgraçado filho.

De outro lado, Joaquina, indignada, horrorisada, dizia, com a valentia das mães offendidas :

— Pela minha benção, te peço, filha, que não olhes mais para este homem. Esquece-te delle, filha de minha alma.

Lourenço esteve um momento em silencio, contemplando estupidamente a sua triste obra. Pouco e pouco, a sua exaltação foi moderando, a sua loucura transitoria foi cedendo o logar á consciencia.

Cahiu em si. A pallidez dos finados tomou-lhe as faces. Enfiado, envergonhado, arrependido, deu o andar para onde estava Marcellina, e disse-lhe, pondo as mãos, em attitude de quem supplicava :

— Não chore, não chore, minha mãe. Estou arrependido.

— Pois não hei de chorar, quando te vejo dar tão triste cópia de ti?!

— Perdõe-me, minha mãe. Eu sou um animal, sou uma féra. Não pensei no que fiz. Tudo isto se acaba, deixando eu o Cajueiro. Vou-me embora, vou-me embora. Si eu já tivesse ido em busca de meu pae não aconteceria isto agora.

Abraçou Marcellina e sahiu enxugando os olhos.

XIV

No mesmo dia em que se deu este triste caso, um cavalleiro, acompanhado de vistosos pagens, des-cavalgou, por volta de tres horas da tarde, á porta de d. Damiana.

— Não me esperava por aqui agora, prima? — perguntou elle, logo que avistou a senhora de engenho.

Esta correu para o recém-chegado. Abraçaram-se com effusão: lagrimas de contentamento orvalharam os olhos da viuva.

— Por aqui, Amador?! Eu tinha já uma carta escripta para lhe mandar.

— Então pensava que não nos tornariamos mais a ver?

— Que poderia eu pensar sendo tão crús os nossos inimigos? Só milagre.

Amador sorriu ironicamente.

— Sim, milagre foi; milagre do deus-assucar,

ou antes do deus-dinheiro. Não me comprehende, prima? Não sabe que Christovam de Hollanda, nosso parente, preso pelo Bacalhão, a dezoito caixas de assucar, de que abriu mão sua mulher, deve o ter voltado á liberdade (1)? Não sabe que o mesmo milagre se reproduziu com André de Abril de Souza, Antonio Cavalcanti Bezerra e outros (2)? É um deus todo poderoso o deus-assucar: Felix José Machado rende-lhe culto especial, que não tem para o verdadeiro Deus — aquelle que o ha de punir pelos seus crimes. Ao deus-assucar devo tambem a minha salvação.

Amador tinha entrado. No exterior dava logo a conhecer que elle se tratava á lei da nobreza. Um pouco empertigado, um pouco arrogante, olhando por cima do hombro, era o mesmo que d'antes. A prisão não lhe abatera a vaidade. Solto, parecia mais orgulhoso que antes de ser preso.

Percorrendo as vistas por sobre os objectos que cercavam a cunhada, e sómente descobrindo nelles humildade e modestia, não poudé fugir de observar, com certo accento de moralista:

— Mas, em que estado a venho encontrar, prima! Á ultima vez que a vi, foi ao lado de mano João. Tinha você todos os mimos da felicidade e da nobreza. Venho agora achal-o só, vestida de luto, quasi desamparada neste ingrato ermo. Revezes da sorte. Mas Deus é grande. Quando você nem mais

(1) Historico.

(2) Historico.

se lembrava de mim, entro-lhe pela porta para verlar pelo seu destino. Nada lhe faltará d'ora em diante. Estou livre, outra vez livre.

Por ocasião do jantar, Amador desenrolou aos olhos da cunhada o tristonho quadro das perseguições e rigores.

Principiou contando-lhe o que elle proprio soffrera de Luiz Braz, o famigerado carcereiro das Cinco-pontas.

— Luiz Braz é a imagem fiel dos ministros, seus superiores na jerarchia, seus iguaes nas perfidias e manhas. O seu Deus já não é o deus-assucar; tambem não é o Deus d'Abr'ão, mas o deus-dobrão. Os grilhões, « feitos a molde de tormento e de martyrio, porque não têm mais de um palmo, para impedirem aos presos o andar, com o ferro quadrado e farpado para ferir, os élos tão justos que a alguns presos fazem inchar as pernas », os grilhões, inventiva do ministro da devassa, realisada pela camara, enchem as mãos de Luiz Braz de alourado fructo. « Sem mais ordem de justiça, elle os bota nos presos, para a preço de moedas d'ouro se livrarem delles. » Outras vezes, « quando quer que lh'as dêem, ameça-os com elles », o que não produz pequeno lucro. Nenhum dos presos logra escrever duas regras a quem quer que seja, sem pagar a este fiscal da tyrannia o costumado imposto. « As boas festas que Luiz Braz dá aos presos nas occasiões e dias dellas, é convidal-os para os grilhões, inventando novas ordens para botal-os, a fim de

haver, por este modo, em cambio, moedas d'ouro, porque mais que este valem em sua mão os ferros. » A este cão da porta do inferno, porque inferno é a prisão das Cinco-pontas, paguei eu o tributo extorquido pela sua fereza e perversidade. Provei dos seus grilhões; enchi-lhe do meu ouro as mãos. A carta que escrevi á prima, participando o fallecimento de seu marido, custou-me seis moedas d'ouro. As pernas trago-as ainda inchadas do tormento infernal, mais rendoso que um engenho ou uma fazenda. Imagine a prima, pelo que rapidamente lhe estou narrando, o que não padeceram as onze victimas que compuzeram a primeira remessa para Lisboa, o que não padeceram André Dias de Figueiredo, Bernardo Vieira de Mello, Cosme Bezerra, Cosme Bezerra Cavalcanti — nosso primo, João de Barros Corrêa, José Tavares de Hollanda, Leonardo Bezerra Cavalcanti, Lourenço da Silva e Manoel Bezerra, illustres martyres em que o governador e os infames ministros primeiro ensaiaram a sua sanha.

D. Damiana escutava, attenta e commovida, esta rapida relação dos padecimentos infligidos aos nobres pelos instrumentos do governador. Por vezes benzia-se, de assombrada do que ouvia, e em que difficilmente queria crer.

Amador proseguiu :

— Com a chegada do desembargador Christovam Soares Romão, que veio substituir Bacalhão, a sorte dos nobres, si não peiorou, não melhorou.

Tinhamos visto passarem os pés de um cadaver com um sovelão, para verificarem si a morte fôra real ou mentida, como fizeram ao do respeitavel capitão-mór João de Barros ; tinhamos visto metterem no subterraneo das Cinco-pontas o licenciado David de Albuquerque, porque « sendo advogado insigne e perfeitissimo, conhecido por tal, e finalmente homem grande nas lettras e nome, temeram o governador e o ouvidor que por seu conselho viessem a pagar o mal que a tantos sem razão estavam fazendo — um homem quasi morto, chagado e sem mãos para servir-se » ; tinhamos visto mandarem matar o crioulo do capitão Nicoláu Pereira, cortarem-lhe a cabeça, levarem-n'a ao ouvidor, e receberem deste 3\$000 de gratificação, por haver aquelle crioulo — instrumento da justiça divina — tirado a vida ao malvado bandido Pedro de Lima...

— Pedro de Lima! exclamou a viuva. Já me pagou os insultos e ousadias.

— ... Tinhamos visto todas estas estranhezas, sem contarmos as prisões, os sequestros, os despotismos contra a nobreza ; e parecia-nos que o novo ministro, comquanto de muitos conhecido por apaixonado e ambicioso, viria pôr cobro a tamanhos desatinos ; mas o males não tiveram termo, prima ; a ambição e o odio não desappareceram da face de Pernambuco : Christovam Romão seguiu o caminho de Marques Bacalháo. Um dos seus primeiros passos foi instar para que fossem embarcados os

onze martyres, que a esta hora, talvez, já tenham sido degolados em Lisboa. Tratou depois da devassa, na qual ouviu como testemunhas, hoje um mulato, amanhã um captivo, um vil, um desatinado, e com esta madeira pôdre erigiu a execravel fabrica destinada a servir de cadafalso á nobreza. O capitão Antonio da Silva Maranhão foi morto á espingarda pelos que o deviam prender; e da morte ficou tão contente Bacalháo, que de alviçaras deu uma moeda de ouro aos que lhe levaram a noticia. O capitão Antonio Bezerra foi recebido a toque de charrellas pelos mascates, regozijados da sua prisão. O capitão Francisco de Freitas andou quatorze léguas, presas as mãos ambas nas algemas: Por impedir que os nobres se entendessem, foram estabelecidos presidios em varios pontos, dos quaes não passam os passageiros, sejam brancos ou pretos, clérigos ou frades, por não terem licença de ir adiante, nem ainda de voltar para traz por mais que o desejem; sómente em Tracunhaem se contam nove. E porque o odio ainda não se sentia satisfeito, ordenou o governador que o Tunda-Cumbe, com trezentos e sessenta vagabundos, se unisse com o Camarão e seus trezentos indios, para baterem novamente as mattas, com cães de caça, « a fim de levantarem aos que, por fugirem dos homens, se haviam acolhido ao trato das feras. Neste exercicio passaram largos dias sem verem rasto de pessoa alguma, andando mais de quatrocentas escondidas, e nem de todas as que chegaram

a esconder-se, puderam prender jamais algumas, porque não eram no matto tão afoitos os que as buscavam, como nas casas onde sabiam não haver mais poder que o das mulheres! » Prima, o que têm feito contra a nobreza os portuguezes europeus com o seu ouro e os seus instrumentos de baixa ou de alta origem, nunca, nunca havemos de esquecer.

Amador sobreteve um instante. Tinha os olhos inundados de estranho e insolito brilho. Depois continuou:

— « Cinco dias passou sem comer, o capitão-mór Mathias Coelho, dentro de um páo ôco sem delle sahir; e o capitão Gonçalo Carneiro, homem de mais de setenta annos, outros cinco esteve debaixo da terra em um caixão bem coberto, ficando parte dentro de um casa, e outra parte fóra della, sem ser visto, aberto para ter entrada o ar. O sargento-mór Domingos Coelho Nunes assistiu uma temporada no meio do Capibaribe, entre umas lapas, sem mais commercio, nem mais trato que com as aguas do mesmo rio, e um filho que lhe levava o sustento. » Prima, a valentia dos pernambucos em lutar com todos os inimigos que esta guerra assanhou com o fim de abater egregias tradições, tem-se manifestado por varios modos que eu me sinto insufficiente para dar a conhecer.

Em idénticas recordações levou Amador o resto do dia.

Na manhã seguinte, deixando o campo das di-

vagações, e mostrando-e mais ligado aos interesses da familia, disse á cunhada :

— Não lhe parece ser tempo de tratarmos da nossa ida ?

— Devo dizer-lhe, Amador, que, perdendo meu marido, encontrei uma protecção amiga — respondeu d. Damiana.

— Esta declaração enche-me de satisfação; mas devo tambem dizer-lhe que vindo a Goyanna, não tenho outro fim sinão levar você commigo, para o seio de minha familia, que não é sinão a sua mesma.

D. Damiana não disse uma palavra. Notando este silencio, accrescentou Amador :

— Esteja prompta no mais breve tempo que fôr possivel. Preciso muito de mim no meu engenho. Não posso demorar-me aqui sinão o tempo necessario aos aprestos para a partida.

— Primo — tornou-lhe d. Damiana — muito lhe agradeço o seu desvelo; mas não estou resoluta a deixar Goyanna. Por que razão deixarei a terra onde nasci? Bem sei que estou pobre, porque tudo me roubaram os perseguidores da nobreza; mas bem depressa me conformei com a adversidade e vivo hoje tranquillamente neste ermo, sem outra cobiça sinão a de continuar a viver nelle. Você não conhece os thesouros de ternura das pessoas que me receberam em sua companhia. Marcellina, aos respeitos que, por sua condição obscura, julga dever ter para mim, ajunta affectos que me lembram

os de minha prezada mãe; Lourenço, filho de Marcellina, não sabe onde me ponha : a solicitude delle para mim não se póde avaliar. Entre os meus, Amador, nunca encontrei nem hei de encontrar mais verdadeira estima.

Estas palavras, impondo silencio ao irmão de João da Cunha, deram-lhe que pensar por alguns momentos.

Horas depois, voltou ao mesmo assumpto. Outra era a expressão do seu rosto, outro o tom da sua voz.

Disse :

— Em poucos mezes, prima Damiana, aprendeu você uma lição que é a repulsa viva e absoluta de todas as lições da nossa família e da sua vida passada. Muito póde a adversidade; seja, porém, qual fôr a sua conformidade com as circumstancias que tanto lhe mudaram os sentimentos, devo declarar-lhe que não acho para isso explicação razoavel. Compreendo, e todos comprehendem, que, tendo você o espirito elevado e o coração catholico, as vicissitudes da sorte gerassem nelles menos o desespero que a resignação, e que você visse nos ultimos infortunios largas occasiões offerecidas por Deus, para dar provas das grandes qualidades de que é dotada. O que nem eu, nem você, nem ninguém poderá explicar, é este enfraquecimento dos laços que a ligaram por tanto tempo a uma vida distincta e limpa. Nem ainda é isto o que mais me admira. Quer saber o que me parece verdadeiramente mys-

terioso e incomprehensível? E' a sua indifferença ás relações da familia; é o seu desapego aos affectos que sempre lhe tiveram os seus parentes, e, entre estes, eu sobre todos.

— Mas quem lhe diz, Amador, que sou indifferente á sua benevolencia, ás relações da nossa familia? Será prova de desamor querer viver no meu retiro?

— Não é o retiro o que se lhe pôde estranhar, prima. E' natural que, havendo perdido aquelle a quem deve o seu maior lustre, busque occultar do mundo as suas lagrimas. O que não é natural é que você troque pela protecção que lhe devem os parentes, a que, por caridade, lhe dão humildes estranhos. Isto é inexplicavel. Attente bem nisso, prima. O mundo tem mil boccas maldizentes. Vendo você viver ás costas de uma familia anonyma e pobre, o mundo ha de ter para mim os maiores baldões. Não ha de faltar quem diga que, á baixeza minha, e não ao seu capricho, na realidade difficil de comprehender, se deve o facto de ficar você vivendo de esmola, quando eu disponho de largos meios.

D. Damiana foi sentar-se mais perto de Amador.

— Amador, disse-lhe com voz supplicante, que interesse tem você de privar-me de uma illusão que me resta na vida? Quero ter toda a franqueza para você. Tudo o que acabou de figurar, já me tinha passado antes pelo espirito. O que o mundo poderá dizer de mim, já o ouvi eu da minha cons-

ciencia. Mas, Amador — porque não lhe hei de dizer toda a verdade? — já não poderei viver apartada desta família sem sentir o coração despedaçado. Não ha muitos mezes que estou aqui; mas as cadeias que me prendem a esta gente, são tão fortes, que si alguém as quebrasse, quebraria com ellas as veias do meu corpo, e não sei como poderia viver depois disso. Sinto que não terei forças para libertar-me de prisões que são hoje cordas do meu coração.

Amador em poucas horas estava informado de tudo. Soubera de Felicia a historia da restituição della; soubera da triste scena da estrada entre Lourenço e Marianninha. Suspeitou que este e a viuva o amor os enleirara em estreitos laços.

Ergueu-se, e deu alguns passos pela sala. Voltou-se depois para a cunhada, em cujas faces a pallidez se estampava. Fitou-a, não revelando odio, sim tristeza, não ira, sim desdem.

— Sra. d. Damiana — disse-lhe — si se tratasse simplesmente da felicidade de uma mulher, fosse nobre ou mecanica, não seria Amador Cavalcanti quem se interpuzesse entre essa mulher e a fonte da sua felicidade, posto que as mulheres, além de caprichosas, são muito faceis de cegar-se e acham muitas vezes grandeza de leão no verme que rasteja pelo pó. Trata-se porém de uma mulher que foi recebida por um nobre, como legitima consorte, digna do seu nome e do seu sangue, á face da igreja e do mundo. Dobrada cobardia seria a

minha, si eu fosse tão facil em retroceder, quanto foi facil a senhora em adiantar-se : como irmão desse nobre, tenho o dever de afastar de sobre o seu nome uma mancha imminente. Si eu não procedesse assim, seria mais villão que o villão que, valendo-se da adversidade de uma senhora para quem nunca jamais devera erguer as vistas, poude lançar no coração della germens fataes, de que se geraram serpentes peçonhentas.

— A sua intenção é occulta, Amador. Seja claro.

— Já comprehendí tudo, sra. d. Damiana; de tudo fui sabedor : o mysterio de ha pouco, penetrei-o. Aquelle que morreu martyr da sua nobreza, vae ter um successor que nem um appellido tem. Os mascates não calcularam com esta vingança, que muito mais os deve alegrar do que a da propria morte do sargento-mór João da Cunha. A viuva deste nobre será amanhã mulher de um ente anonymo, que percorre as estradas de Pernambuco, descalço e maltrapilho, vendendo os seus serviços por muito menos dinheiro do que vendia outr'ora os seus o Tunda-Cumbe.

— Meu Deus ! Que está dizendo, Amador ! Que fiz eu, que o autorise a formar de mim este conceito ? O senhor offende-me sem razão. Não preciso das suas lições para saber respeitar-me.

— Si esta desgraça houvesse chegado ao meu conhecimento, antes de me ver outra vez livre, eu diria que Deus resolvera extinguir de todo a nobreza de Pernambuco, pela prisão, pela morte, e pela in-

famia. Não posso compellir, porque não tenho este direito, não posso compellir a sra. d. Damiana a zelar a sua propria honra : a minha nobreza, herdada de meus avoengos, augmentada com a educação que me deram meus paes, impede-me de constrianger a ter nobre procedimento qualquer mulher que o não queira ter, ainda que essa mulher seja a viuva de meu irmão. Mas o direito de desprezar essa mulher, que é a primeira a desprezar-se, este eu o tenho, e ninguem póde impedir-me de o exercitar. A sra. d. Damiana é livre ; póde acompanhar-me, póde ficar. O que porém lhe affianço é que Amador Cavalcanti saberá perseverar na altura a que tem direito, e aonde não chegarão jamais nunca os salpicos das lamas levantadas pelos animaes dos arrieiros, ou pelos proprios pés destes.

Amador não deixou tempo para mais a d. Damiana. Voltando-lhe as costas, chamou immediatamente por um dos famulos, e, em voz alta, deu-lhe ordem a fim de ter os animaes prestes para a volta, no dia seguinte muito cedo.

A' noitinha um vulto veio rompendo do fundo do sitio, e, conhecendo gente de mais na casa, esteve para voltar: pouco depois, tirou para a cozinha. Era Lourenço que, sem animo para deixar Goyanna, tornava ao Cajueiro. Felicia informou-o de tudo. O rapaz quasi perde o uso das faculdades mentaes.

Passada esta primeira impressão, tomou para a palhoça, onde foi encontrar Marcellina chorando.

Com a sua presença a cabocla reanimou-se.

— Não imaginas o que tem acontecido nestas vinte e quatro horas. Joaquina com Marianninha mudou-se das nossas vizinhanças; e sinhá d. Damiana segue de madrugada para Jabotão. O Cajueiro vae ficar bem triste. Quanta novidade em tão pouco tempo, sem a gente esperar! Felizmente, vejo-te ao pé de mim, filho.

— Que lhe disse sinhá d. Damiana, minha mãe?

— Saliu ha pouquinho daqui. Ia banhada em lagrimas. « Nunca julguei — disse-me ella — que havia de passar por este golpe. Tinha para mim tão resoluta o meu destino! Mas, que hei de fazer, minha boa amiga? Amador é duro. Falou-me em nome da memoria de meu marido. Disse-me que si eu o não acompanhasse, cobrir-me-ia de infamia; que os mascates, para menoscabarem essa memoria, me levantariam mil aleives. Tenho medo da má fama, muito medo. Além disso, não me pertença, comquanto pareça que sou senhora de mim; pertença a uma familia. Como havia de ser feliz si não tivesse um nome! Na riqueza não vivi melhor que na pobreza. Mas, que hei de fazer sinão pagar o tributo que se exige de mim? Nunca me esquecerei de ti, Marcellina, nem de Lourenço. » « Ah! — disse ainda ella — dize a teu filho que eu lhe quero falar antes de partir. »

— Sinhá d. Damiana não sabia que eu me havia ido embora?

— Não sabia. Eu não quiz contar-lhe o acto de desespero praticado hontem por ti.

— Fez bem, minha mãe; mas o que não farei é vel-a mais.

— Porque não has de vel-a, Lourenço, si a pobre senhora se mostra tão agradecida a todos nós?

— Mostra-se muito agradecida? Não tem de que. Não passamos de uns miseraveis que não lhe fizemos sinão o nosso dever. Si ella não nos tivesse nesta conta, não havia de deixar-nos com tanta ingratição.

Quando ia a proseguir, Lourenço sentiu sobre o hombro uma pressão mciga. Voltando-se rapidamente, viu junto delle a gentil viuva. A mão, que lhe pousara no hombro um instante, tomou uma das delle. Nunca o rapaz tinha sentido o doce contacto dessa mão fina e deliciosa, sinão por occasião do desmaio da viuva, ou nos fantasticos delirios em que elle se absorvia, durante as ultimas noites no sobrado.

— Nãa me queiras mal pelo que eu faço contra a minha vontade, Lourenço, disse ella enternecida. Tenho o coração despedaçado. Minha alma fica no Cajueiro, ao lado de vocês. Mereço mais a tua compaixão do que o teu agravo. Levo commigo a saudade e a tristezza, bem crueis companheiras; levo-as para bem longe, donde talvez não torne mais nunca a esta terra dos meus paes, das minhas recordações, das minhas maguas. Não te esqueças intencionalmente de mim, Marcellina, nem tu, Lourenço.

— Ninguém ha de esquecer-se aqui do sinhá d. Damiana, respondeu o rapaz commovido.

As lagrimas acudiram-lhe aos olhos. Deu o andar para a porta e desapareceu nas ultimas sombras do lusco-fusco, hora atroz para os amantes que se despedem certos de nunca mais se avistarem.

A liga de Tracunhaem engrossara. Reduzida, pela caçada geral, a trinta membros, compunha-se de quinhentos um annos depois, não se comprehendendo neste numero os escravos e aggregados dos senhores de engenho que com elles se haviam asy-lado nas mattas. O nome do chefe andava de bocca em bocca. Falcão d'Eça era a egide dos expatriados a providencia dos perseguidos; alguns dos nobres tinham-n'o por doudo, muitos por temerario, a maioria delles por defensor das suas pessoas e fortunas.

Falcão não descansava. Mensageiros de confiança levavam os seus convites suasorios aos pontos mais afastados. Os nobres, que pela distancia em que ficavam de Tracunhaem, não podiam sem perigo vir augmentar com suas pessoas o grande nucleo da resistencia, remetiam mantimentos, roupas

e munições. Alguns tinham contribuído com escravos e moradores.

Todas estas diligencias porém realisavam-se com grandes cautelas por evitar os grandes perigos a que se expunham os que nellas se mettiam.

Como era este o unico ponto que o açoite do governo ainda não lograra reduzir á ultima expressão, o governador tinha nelle concentradas as vistas. Muitos piquetes varriam quasi constantemente as estradas que iam ter a Tracunhaem ; muitos percorriam as proximidades do refugio. A ca la momento, para assim dizermos, estavam sendo espiados os menores passos dos refugiados, e sómente á conhecida valentia do chefe da liga se devia não se animarem os troços ambulantes do governador a penetrar no esconderijo onde aquelle chefe devia ter o centro das suas operações, e que elles por maiores esforços empregados não haviam logrado devassar.

Coisas maravilhosas diziam-se sobre o ponto. Exaggerando as forças e recursos dos asylados, o povo propalava e acreditava que o inimigo, por mais poderoso, que penetrasse alli, estaria irremisivelmente perdido. No dizer popular, as mattas estavam cortadas de minas. Inexpugnaveis fortificações haviam sido construidas para defendel-os de assaltos. Existia dentro um verdadeiro arraial de guerra, onde nada faltava.

Havia exaggeração nesses boatos, que explicam a reputação quasi lendaria, que cercava o nome do chefe da liga e a propria liga.

Ao contrario disso, Falcão d'Eça assentara por maior segurança não ter pouso fixo e ter muitos em varios pontos. Certo havia dentro das mattas uma região, um vasto perimetro que os nobres tinham por seguro, e consideravam do seu exclusivo dominio. Dentro dessa região, rica de naturaes defesas, em parte augmentadas pelo trabalho dos refugiados, moviam-se estes, segundo convinha. Certo tinham elles armas e munições, viveres e gente para luctar quando se offerecesse occasião; mas — pôde-se quasi affirmar — não passavam d'ahi os seus elementos de defesa; porque o pensamento de Falcão não era ficar nas mattas por muito tempo, não era sómente defender-se, mas principalmente, quando a medida dos seus recursos estivesse completa, fazer irrupção sobre a villa odiada, e dar cabo do governador e dos ministros, ou, ao menos, expulsal-os de Pernambuco, a exemplo do que em 1710 haviam feito a Sebastião de Castro Caldas.

— Nós não somos negros fugidos, dissera elle uma vez a um dos companheiros. Os negros contentam-se com o seu esconderijo. Quanto mais occulto é este, tanto mais lhes convem; porque os negros fugidos, como os morcegos, têm horror á luz. Nos somos patriotas, que nos ajuntamos aqui especialmente para combinarmos sobre os meios de lançar fóra da terra, que nos deixaram nossos avós, os intrusos que miram apoderar-se da herança que nos deixaram nossos paes. As mattas de Tracuaem não são os Palmares. Aqui ha homens livres

que tratam de castigar o despotismo; aqui ha patriotas que esperam quebrar as cadeias com que pretendem encorrental-os aventureiros ralados de cobiça; aqui não ha escravos, ha senhores, que hão de castigar, como a escravos, esses estrangeiros, que inculcando-se amigos de povo e attrahindo-o a si, têm o pensamento clandestinado de tornar-se donos de Pernambuco.

Em um dos primeiros dias de junho de 1714, cortando por manhosas veredas que iam dar na região dos homisiados, onde eram esperados, quatro sujeitos chegaram a um dos pousos.

Seriam dez para onze horas da noite. Chovia copiosamente; as gottas de agua, cahindo na vasta folhagem da matta, produziam rumor monotono e surdo que se assemelhava ao do vento nas folhas do coqueiral.

No pouso estava o chefe da liga, que foi o primeiro a recebê-los. Dois d'elles eram Faustino Figueira e Domingos Gonçalves Freire que, depois de muito buscados pelos bandos do governador, e depois de varias tentativas abortados para chegarem ás mattas, tinham enfim realisado o seu intento, auxiliados por mensageiros de Falcão d'Eça. O terceiro era o nosso conhecido Francisco dos Prazeres, marido de Marcellina. O quarto era Saturnino.

O aspecto do pouso era simples. Em um ponto onde os mattos haviam deixado um pequeno espaço livre, mostrava-se suspensa, sobre quatro forquilhas de boa altura, uma ramada mais baixa para um la-

do que para o outro, em forma de meia-agua, sob a qual ardia uma fogueira que esclarecia, tanto quanto era preciso, o ambito. Não obstante ser muito copiosa, a chuva não offendia o fogo assim abrigado.

Para livrar-se do mau tempo, tinham os refugiados posto em pratica o meio simples que em certas tribus os selvagens empregam : em altura conveniente haviam sido fortemente ligados por cipós aos troncos de grandes arvores folhas de palmeira, de um e outro lado, inclinadas obliquamente, de modo que ao mesmo tempo serviam de conductores das aguas e de coberta ás rêdes pendentes dos primeiros galhos, destinadas ao repouso dos donos durante a noite. Não eram poucas as arvores que se mostravam decoradas com estas palmas largas e compridas, o que indicava não ser pequeno o numero das pessoas existentes naquelle pouso. Todavia, como nesta industria não intervieria sinão materia prima offerecida pela floresta, mal se imaginaria, si não fôra a fogueira, que por alli passara a mão do homem.

Faustino Figueira era capitão do terço de linha de Olinda. Por occasião do levante dos mascates, em 1711, marchara contra o Camarão. Pelo seu arrojo e intrepidez, na batalha de Sibiró, onde praticara actos de bravura, pondo duas vezes em retirada as forças daquelle caudilho, tanto se expuzera que, perdida a batalha, teve de cahir no poder dos inimigos. Remettido para o Recife, foi solto pelo bispo, que

era então o governador ; mas, com a mudança dos tempos, sendo tenazmente perseguido, escapava ás perseguições, asylando-se nas mattas de Tracunhaem.

O outro, Domingos Gonçalves Freire, sargento-mór da ordenanças em Olinda, e que, na distribuição dos presidios, quando os mascates estiveram sitiados, tivera a seu cargo o commando e inspecção dos pontos que pelo lado daquelle cidade fechavam o assedio, receioso de pagar com a sua liberdade estes actos de hostilidade contra os mascates, viera com o mesmo destino de Figueira.

Quanto a Francisco, bastará dizer que, não podendo vencer o remorso de prestar serviços aos perseguidores da nobreza, resolvera emfim passar-se para os perseguidos. O ajudante-de-tenente indicara-o a Figueira, exaltando muito a sua fidelidade e discrição.

Foi, talvez, elle o principal guia ao pouso, isto é, o que melhor comprehendeu as indicações.

— Graças a Deus que já posso dizer — « não estou com os mascates » dissera o matuto, penetrando na matta. Eu sei bem que si elles me pegam, me penduram logo no primeiro pé de páu que encontrarem ; porque antes de tudo, eu sou desertor — dirão elles. Mas eu direi que desertor era eu quando lá estava, porque a minha gente sempre foi a nobreza, e nunca os pés de chumbo. Si estive com elles todos este tempo, só Deus sabe quanto isto me custou. Por vontade minha não foi ; foi porque, encontrando-me com a farda nas costas e o páu

furado na mão, puderam dar-me leis e obrigar-me a fazer coisas que, em meu juízo e em minha liberdade, eu não faria nunca. Mas agora, lá se avenham; aguentem-se como puderem, que eu, si puder, ajudo a lhes tirarem o couro. Estou muito pratico no serviço da arma; sou hoje um soldato de patente; podia até ser um sargento-mór. Estou prompto para entrar em fogo, tendo á minha frente seu Falcão, que é só em quem se fala. Eu tambem só falo nelle, porque tenho muita fé em quem mostra tanta coragem.

Tudo isto dissera Francisco ao entrar na matta. Parecia ter ganhado ahí alma nova, ter recuperado os seus antigos espiritos, e até a sua graça e bom humor natural,

— Capitão — disse Figueira, logo que avistou Falcão d'Eça — trago-vos uma noticia cruel.

— Mais uma que venha não fará moッサ na minha couraça. Ha dois annos que não recebo aqui noticias de outra natureza. Mas dizei-me sempre o que é, dizei logo, sr. capitão Figueira.

— Tranquillisae-vos. Não é nada contra as mattas de Tracunhaem.

— Contra as mattas, retorquíu Falcão, já elles não têm mais nada que pôr por obra. O seu entendimento esgotou-se; digo mal, esgotou-se a sua cobardia, a sua perfidia. Sómente lhes resta hoje um meio, que a chuva do ceu não lhes permite pôr em pratica : é tocar fogo nas mattas. Si não fora esta invernada, parece que estas leguas de espessura já

teriam ardido, e com ellas os que existem aqui dentro, mais promptos para morrer que cuidados da vida.

Tinham desembocado na pequena aberta onde ardia a fogueira. Vendo-os chegar salvos, varios dos refugiados, saltando das rêdes e dos troncos seccos onde estavam, correram ao seu encontro : havia uma como communição de alegria em todos, sempre que chegava um novo companheiro. Ao reflexo do fogo, aquelles vultos de barbas e cabellos compridos, de variados trajos, uns altos e esguios, outros baixos e cheios do corpo, quasi todos silenciosos ; alguns trazendo arma de fogo na mão, e cartuxeira a tira-collo, alguns com espadim, ou catana pendentes da cintura, alguns arrimados a grossos cipó-páus; estes trazendo chapéus na cabeça, aquelles trazendo unicamente esta parte do corpo envolta em lenços de cór, como praticam com lenços brancos as mulheres beatas, ou as de humilde condição, mal se cuidara que alli estava representada a primeira nobreza da provincia, e que homens de clara estirpe, muitos delles senhores de grandes fortunas, se confundiam assim pelas mostras, com um bando de malfeitores, réos de todos os crimes. Havia, comtudo, alli corações verdadeiramente nobres; espiritos verdadeiramente dignos, pelas idéas de engrandecer a terra natal; entre esses mesmos havia muitos que eram realistas sinceros, inimigos do governadar, mas vassallos fieis que, não sem magua, viam em collisão a sua vida e a

hostilidade aos representantes do rei, os depositários da autoridade publica.

Restabelecido o silencio, Falcão voltou ao assumpto de que tratara momentos antes :

— Não nos dissestes ainda qual é a triste noticia que tendes para dar-nos.

Figueira respondeu :

— Não fostes sabedor de ter chegado ao Recife uma esquadra de Lisboa, e nella ordem para que o bispo se retirasse cem leguas da sua cathedral, a fim de não influir suborno nas testemunhas ?

— Fomos sabedores, sim, dessa gentileza do governo da metropole, respondeu Falcão.

— Pois bem. O bispo já está de marcha para as Alagôas, cumprindo humildemente a vontade caprichosa dos phariseus.

Depois de rapidos instantes de silencio que succederam a estas palavras :

— Que vos disse eu, padre Guerra? perguntou Falcão, voltando-se para um dos nobres que cercavam os recém-chegados. Eu esperava que assim tratassem quem já os teria posto fóra, si houvesse accitado o convite para ser o chefe da revolução.

— Mas, senhores — disse o padre — já a igreja não merece nenhum respeito a quem tem o dever de velar pela magestade della? Quando a impiedade partia dos aventureiros, nada havia que dizer : os aventureiros profanam os logares sagrados, e arrancam dos santos as joias que vendem nas tabernas a troco de cachaça ou bertangel; mas que

da côrte de Lisboa venha semelhante desacato, cousa me parece esta que excede a medida da maldade humana, e bem indica o odio de Portugal contra a nobreza de Pernambuco.

— A chegada daquella frota não foi de todo má visto que esta noticia nos trouxe outra com que devemos alegrar-nos. Veiu ordem para que devasasse dos levantes o desembargador Christovan Soares Romão... disse Domingos Freire.

— O *Cutia*, o *Cutia* — acudiu Falcão d'Eça.. Sim... E' boa chita o *Cutia*. Falaes ironicamente não é assim?

— Não vos pareceu sempre um pouquinho melhor que o Bacalhão, a quem os drs. Ortiz e Brandão deram por suspeito em Lisboa pela sua notoria parcialidade a favor dos mascates?

— Melhor! exclamou Antonio Bezerra. Achae pouco o que tem feito? Conheci na Parahyba o *Cutia*. E' capaz de todas as aleivosias, e o tempo vae mostrando si eu não tenho razão Ah! pensaes que nos ha de chegar de Lisbôa cousa que preste?

Falcão concentrou-se um nomento, emquanto os campanheiros praticavam de varios assumptos relativos ao ponto principal.

Domingos Freire, que era dotado de genio jovial quando os outros consideravam o assumpto pelo lado serio, attrahiu a attenção de alguns, encarando o lado comico.

— Senhores, tenho um presente que lhes dar mas antes de tudo, quero cachaça para tomar uns

golles, porque estou resfriado; e depois dos golles, alguma cousa que comer, ainda que sejam pasteis fresquinhos, ou queijadas doces, como as que apparecem nos presepes de d. Ursula.

— Pasteis frescos e queijadas doces nestas alturas! Sempre te conheci chalaceiro, Domingos, disse Manoel Bezerra.

— Não desconversem. Vocês, que são os donos do rancho, estão na obrigação de dar boa ceia a hospede da minha prosapia. Si, por gulosos, comeram na janta todo o Perú e toda a aletria, contento-me com uma pouca de carne de sol assada allí na fogueira. Quem é o dispenseiro?

— A dispensa é franca. Do jantar nos ficou allí um quarto de carneiro. Tira um pedaço, mette-o no espeto, assa-o tu mesmo.

— Asso eu, asso eu — gritou Francisco.

— Então faze logo esta obra de caridade ás nossas barrigas famintas. Molharemos depois a guéla com bom vinho de Lisboa, que deve haver na adega de Falcão.

— Aquí não entra nada de Lisboa, nada da santa terrinha.

— Perdão, perdão. Não adverti que estava n'um acampamento onde se trama contra tudo quando é europeu.

— Mas olha : allí ha optima aguardente n'um garrafão. Chegou hontem do engenho Cumbe. Presente que mandaram a Bulhões.

— Mas enquanto não chega o carneiro, dá-nos o

mimoque nos trouxeste, observou Francisco Botelho.

— Isto só ao pé da fogueira.

Encaminharam-se para alli, e em troncos sentaram-se todos os que com Domingos Freire estavam formando grupo. Além de Mathias Barboza, Antonio Bezerra, Manoel Bezerra e Francisco Botelho, compunham aquelle grupo Francisco de Mello, João Nunes Tinoco, Lourenço Uchôa, Alvaro Marreiros e Simão Mendes.

— Não é em brilhante nem ouro em pó; mas é cousa que vale ouro e brilhante. E' uma decima que compoz para epitaphio do juiz de fóra uma musa nossa patricia.

— Para epitaphio do juiz de fóra?

— Sim o juiz de fóra Paulo Carvalho, que é morto.

— E' verdade.

— Morreu hydropico do muito mal que fez á nobreza, e das largas peitas que recebeu da mascataria. Tão hydropico morresse o Bacalhão que publicamente dizia que « a todos que morassem das pontes do Recife para fóra, si não pudesse tirar a pelle, havia de tirar a camisa. » O diabo os fez e o governador os ajuntou, esse governador alarve, que é capaz de comer um boi de uma assentada, e tão sevandija que estando á mesa, mandou buscar o asqueroso e immundo vaso de espurcias para exoneração do ventre cheio, e á vista dos assistentes, no mesmo tempo do comer, cstar em acto tão contrario. » (1)

(1) *Mem. historia de Pernambuco.*

— Quem pratica « acção tão fidalga, póde presumir-se e afirmar-se que teve o nascimento em alguma estrebaria, e a criação em algum chiqueiro (1), » disse Simão Mendes.

— Vamos á decima, accrescentou Botelho.

Estão Domingos Freire, tirando do bolso um papel, desdobrou-o e leu :

Jaz debaixo de um calhão,
Que é de pederneira galho,
O defunto juiz Carvalho,
Esperando o Bacalháo.
Da morte deste maráo
Nenhum dos mortaes se queixe,
Deixe andar o mundo, deixe,
Que a morte não acabou :
Si ella o Carvalho cortou,
Inda ha de pescar o peixe (2).

Gargalhadas e palmas, succedendo-se irresistivelmente a este producto da musa pernambucana no seculo XVIII, atroaram os ares abafados da floresta.

Quando cessou o estrepito do applauso, Domingos Freire, voltando-se para um lado, gritou :

— Ó Francisco, traze logo o carneiro.

Francisco entrou, quando ainda soavam estas palavras, no pequeno espaço esclarecido pela fogueira ; mas em lugar de carne, o que trazia era um homem, agarrado pela vestia. Com grande

(1) *Idem.*

(2) *Mem. historia de Pernamb.*

esforço pudera arrastal-o até ali. A lucta fôra tão renhida que partê da camisa do matuto vinha em pedaços.

— Tomem contra do cabra, que já não posso commigo mesmo.

Assim dizendo, atirou para o lado da fogueira com quantas forças lhe restavam o desconhecido, e, por não se poder ter mais em pé, cahiu para o outro lado.

Em menos de um minuto o desconhecido estava cercado por todos os que de perto, ou de longe, haviam testemunhado a inesperada scena. Alentada a fogueirâ de proposito, para que pudessem ser bem reconhecidas as feições do espião, puzeram-lhe as cordas, e amarraram-no ao tronco de uma arvore.

Havia por esse tempo no Recife um mascate de nome Gregorio, muito protegido por um Europeu chamado Affonso Maciel, de todos temido. Quando o Camarão, primeiro sustentaculo dos mascates ao sul da provincia, entrou no Racife, para visitar Felix José Machado, chegado de ha pouco, muito escandalo occasionou á nobreza Affonso Maciel com os vituperios e convicios que para ella teve.

Com um grande sequito de conterraneos seus fôra esperar e receber o caudilho em Affogados, ao som de fagotes e charamelas. No momento de Miguel Corrêa lançar ao pescoço do Camarão uma medalha em festão lavrada de ouro, Maciel, não querendo ficar atraz, desabotoou o talabarte donde pendia vistoso cspadim de bainha de ouro, e cingiu

com elle o chefe caboclo. Ao passar pela rua onde morava, alcatifada como si houvera de receber um monarcha, ou um benemerito da humanidade, foi a mulher de Maciel, que de cima das suas janellas adornadas com tapeçarias as que mais custosas ostentava, foi a mulher desse europeu a que mais agua de Cordova, mais flores, mais confeitos e moedas atirou em-honra do Camarão. Foi ella a que, descendo da sua morada até a rua, obtida permissoão do marido, correu e abraçou o chefe caboclo, que arrogante e ancho de tão estrondosa recepção ostentava, á frente dos seus quatrocentos indios, a bizarria de um guerreiro e a altivez de um dictador.

Não lhe faltando meios, porque elle era negociante solido, não lhe faltando estimulo, porque a maioria dos seus conterraneos, reconhecendo de quanto era capaz, lisonjeava a sua vaidade, e o incitava a praticar os maiores desdens para os nobres, disse um dia, no fim de um jantar opiparo, em um dos sobrados da rua dos Judeus, que havia de ser o seu Gregorio quem daria com oesconderijo de Falcão d'Eça, e quando não puzesse as algemas neste rebelde, havia de tirar-lhe a vida, para que não tramasse novo levante, e de uma vez para sempre ficasse ensinado. Fôra dito isto depois de larga comezaina e de copiosos licores que lhe deveram perturbar a consciencia; mas, no outro dia, camaradas exaltados lembraram-lhe o juramento feito no dia precedente, e foi isto bastante para que Affonso

Maciel o ratificasse. Entre os baixos sequazes dos mascates, aquelles que percorriam em continuadas jornadas o sul da provincia, não havia um só que não soubesse entrar nas mattas de Tracunhaem e chegar até a região onde não corria risco inspecção estranha, porque constituia dominio do publico; mas dentre tantos que chegavam até esse terreno ou campo neutro, nenhum se arriscara jamais a dar um passo para diante, temendo, não sem razão, cahir nas enboscadas do celebre chefe da liga.

Gregorio porém, levado por sequazes conhecedores das veredas, animou-se a penetrar nas que eram suspeitas; e com a coragem dos instrumentos da sua condição, deixara-se ficar em paciente observação, occulto pelos mattos, na entrada de uma dessas veredas, aguardando meio de penetrar no segredo.

Duas desgraças esperavam-n'ó porém alli. A primeira foi Faustino Figueira acertar, com os companheiros, de tomar pela mesma vereda para o pouso. Gregorio acompanhou-os, servindo-lhe elles, sem o suspeitarem, de guias no intrincado labyrintho dos mattos, e nas trevas da medonha noite de inverno.

A segunda desgraça foi collocar-se perto da arvore donde pendia a matalotagem que Francisco buscava.

Si isto não fôra, ou elle, cansado de esperar em vão, deixaria o matto sem cousa de maior, desenganado de achar o refugio dos pernambucanos; ou

não seria descoberto por Francisco, e teria sido o heróe de uma alta façanha no conceito dos mascates, occasionando a prisão de quinhentos nobres, entre os quaes o chefe da liga, que por si só valia mais para o governador do que todos os outros quatrocentos e noventa e nove.

XVI

Reconhecendo no espião o acostado de Affonso Maciel, Falcão d'Eça empallideceu. Como pudera penetrar até alli? Teria vindo só, ou seguido de tropas incumbidas de prender os nobres? Estavam estas perto ou longe? Demorar-se-ia o ataque, ou deveria romper já?

A primeira idéa que lhe ocorreu, foi a de mudar de pouso. Os outros companheiros tiveram o mesmo pensamento, em presença do perigo considerado imminente.

— Nem mais um instante aqui! disse um, disseram quasi todos, entreolhando-se confusos, sinão admirados de não haver ainda rompido fogo contra elles.

Sobresaltados e precipites, cada um se muniu das suas armas; cada um, ou seu famulo, ou escravo, pegou da ligeira bagagem; todos tomaram immediatamente o caminho em direitura para o

Rancho do quiri, denominação dada por Falcão a outro arraial que ficava distante, cerca de tres quartos de legua, do que desamparavam. Deviam chegar lá ao amanhecer, depois de atravessarem varios arraiaes, d'onde iriam colligindo todas as forças esparzidas na vasta massa dos bosques. Era esta uma estrategia que o chefe praticava sempre que se presentia ameaçado — concentrar em um só ponto os varios contingentes.

A noite estava medonha, assim pela escuridão, como pelo tempo que não suspendera. Falcão ia na frente. Ninguem sabia, como elle, as sendas amigas. Intrepido e habil, não havia mattos, lamas, barrocaes, desfiladeiros, precipicios, que lhe retivessem a marcha por perigosos ou desconhecidos. A's vezes deslisava-lhe o pé nas folhas humedecidas, ou na argilla escorregadia, e elle vinha em terra; mas logo se levantava, e seguia sem proferir uma palavra que, ao menos, de longe, indicasse indecisão ou desanimo.

Os outros acompanhavam-u'o quasi instinctivamente, como automatos. Os que eram mais sabedores dos caminhos, conduziam os menos praticos, dando-lhes a extremidade de uma vara, e pegando na outra extremidade, como usam os guias com os cegos.

Era de singular effeito a vista offerecida, de tempos a tempos, por aquelle longo cordão de figuras silenciosas em que se notavam semblantes de todas as feições, ao fuzilar dos relampagos nas abertas

dos mattos, ou ao clarear dos vagalumes no mais fechado. Uns de botas, outros descalços, todos, escorrendo agua e tiritando de frio, lembravam, em parte, o tropel de fugitivos que no seculo xvii, deixando o Recife e as estancias vizinhas, que haviam cahido no poder dos hollandezes, caminhava a pé, na direcção do sul, em demanda das Alagôas, por escapar aos vencedores.

O *Rancho do quiri*, que tomava a sua denominação de ser o logar muito abundante daquella madeira, ficava quasi no fim da matta, á beira de uma baixada, que com as grossas chuvas se mudara em vasto lago mediterraneo.

Estavam alli os refugiados mais proprios para entrar em fogo, os de fibra mais rija, pela vida aspera que tinham levado antes. Compunham-se, em sua mayoria, de moradores e foreiros, dedicados aos senhores de engenho. Quasi toda esta gente, passante de cem individuos, se sustentava de caças e frútas agrestes. Uma vez por outra, sahiam alguns do esconderijo, e nos povoados mais proximos iam prover-se de farinha e bebidas, ou iam buscar nos engenhos, onde unham familias, outras provisões ; o matto porém era o seu principal fornecedor, agora lhes dando a paca, o tatú, a cutia, o preá ; agora o jacú, a juruty, o nambú, o pato bravo ; agora o ananaz, o inhame, o ingá, a mangaba, o cajú.

As vezes sahiam a pescar á noite nas lagôas perdidas no interior da espessura : era para ver como tarrafeava habilmente o que se suppunha, á pri-

meira vista, não saber outro officio sinão o de carreguejar. Voltavam trazendo cestos cheios de camarões e trahyras.

Para esses homens não trouxera grandes inclemencias o homisio. Muitos delles preferiam estas industrias grosseiras e selvaticas à do trabalho de plantar, ou almocrevar. Alguns que tinham a sua ponta de indio, compraziam-se nesse viver despreoccupado, proprio e querido dos povos nomades. Taes havia que diziam com sinceridade, quando succedia falar-se-lhes no termo das perseguições e na volta ao antigo estado :

— Deus queira que não acabe mais esta guerra.

Outros completavam a idéa :

— Quero antes esta vida, muito menos trabalhosa, que a do engenho, A unica falta que sinto é a de minha mulher.

Pela madrugada chegaram Falcão com os companheiros ao *Rancho do quiri*, e ao amanhecer, reunidos em figura de conselho os principaes nobres, trataram de sentenciar summariamente o espião.

Notava-se no ponto insolito alvoroço. Todos os semblantes, ainda os de seu natural mais serenos, davam mostras de invencivel inquietação. Muitos dos fugitivos alli reunidos nunca se tinham achado em condições de testemunhar espectaculo identico ao que fôra resolvido.

Chegado o momento, em uma aberta da matta, seis escravos formaram uma roda, como si se appa-

relhassem para certa dança circular que usavam os nossos indios.

Ao meio de circulo fôra arrojado o espião, nú da cintura para cima, com as mãos atadas atraz das costas. Alguns dos refugiados mais animosos, ou mais duros, de pé, ou sentados juntos das arvores que formavam o desigual amphitheatro — grosseira semelhança dos circos romanos, onde prisioneiros de guerra combatiam para divertimento do publico — testemunhavam a punição cruenta que talvez terminasse com a morte do delinquente. Sobre este, que umas vezes implorava perdão, outras soltava imprecações injuriosas, descarregaram os executores os instrumentos da infame e infamante pena.

O paciente, que ao principio rugia de colera, ou gritava ou vociferava, do meio para o fim, quebradas as forças, enfraquecidos os espiritos, recebia em silencio, mal se sustentando de pé, e por ultimo cahido por terra, as varadas brandidas pelos vigorosos pulsos africanos.

Era a isto que se chamava *roda de páo*, castigo muito praticado naquelles tempos por naturaes de Pernambuco, especialmente contra portuguezes europeus.

Varios alvitres tinham sido indicados, varias penas propostas, entre as quaes a do *sacco de areia*, hoje inteiramente desusada, como a da *roda de páo*.

A' surra de sacco de arêa ligava-se uma superstição : o povo acreditava que o paciente de seme-

lhante supplicio não declarava, em caso nenhum, o nome do offensor. Era castigo applicado a culpas graves, e consistia em um longo estojo de lona cheio de areia fina bem socada, que, tanto pela fórma, como pelo tamanho e dureza, se parecia com um cacete. A' circumstancia de ter no fundo uma moeda de cobre e uma rodela de fumo, invenção da superstição do povo ignaro, attribuia este a especial virtude de impôr silencio ao que com elle era castigado, e que, por muito moido em todo o corpo, mui raras vezes sobrevivia ao castigo.

Quando no rancho foi indicada a surra de sacco de areia, para a punição do espião, um dos matutos observou, em tom de chalaça :

— Isto é lá para a beira da praia, onde não ha madeira forte ; não é para aqui, onde não falta quiri nem pitιά, e só temos barro duro, e não areia fina.

Ainda por estas razões, que bem indicam não ser o alludido castigo filho da região das mattas, ou do sertão, mas, sim, do littoral, e talvez até de paiz estrangeiro, provavelmente da Hollanda, prevaleceu o da roda de páo, o qual, parecendo mais atroz que o outro, nem sempre, na crença do povo, tinha, como aquelle, resultados fataes ; porque á roda de páo muitos sobreviviam, ao sacco de areia quasi nenhum ; o primeiro tinha por fim castigar, ou *ensinar*, como se dizia então, ao passo que o ultimo tinha por fim matar.

Ora, os nobres não quizeram sentenciar á morte

o espião ; ao contrario, entrara no seu plano que, longe de occultar o nome de quem lhe applicara o castigo, fosse depois o espião revelal-o áquelles cujo era mandatario, Havia nisto particular sabor de vingança — o desdem por não ter o ardil sortido o esperado effeito. Estava tão enraizada no espirito pernambuco do seculo passado, que não contribuiu pouco para a explosão revolucionaria de 1817, a prevenção contra os portuguezes, até certo ponto justificada pelo exclusivismo que afastava os brasileiros das posições e empregos importantes na região officiál, e tão em voga o castigo corporal como represalia áquelle exclusivismo, á qual se ligava a idéa de ter em pouca conta os preferidos, ou de os rebaixar, que um dos nobres — o sargento-mór Leonardo Bezerra, depois de treze annos de prisão em Lisboa, escreveu da Bahia, onde, voltando ao Brazil, se fixara definitivamente, aos parentes em Pernambuco, logar do seu nascimento : « Não corteis um só *quiri* das mattas ; traitae de poupal-os para em tempo opportuno quebrarem-se nas costas dos marinheiros. » (1) Reproduzindo estas palavras, não sou levado por intuito de picar a nacionalidade irmã, intuito que não teria o menor fundamento, e contra o qual, muito ao contrario, não me seria difficil adduzir provas, tomadas de mim mesmo. O meu fim unico é dar idéa dos costumes e paixões dominantes naquelle tempo ; é autorisar

(1) Abreu e Lima, *Synopsis*, pag. 171.

a narrativa com a tradição, junto da historia.

Terminado o atroz supplicio, mandou Falcão d'Eça pôr um panno nos olhos do suppliciado, e conduzir esta para fóra do pouso. Inutil, sinão irrisoria precaução. Gregorio, molle e esqualido, mettia horror. As alvas costas, para onde, por especial recommendação, tinham convergido os golpes dos executores, haviam ennegrecido : não se notava differença de còr entre os algozes e a victima. Sómente as mãos e os pés attestavam, pela brancura, a raça do infeliz.

Deixaram-n'o, por morto, na entrada da matta, tendo em uma das mãos um papel com este improviso em verso, obra de Domingos Freire :

« Buscar lã veiu o Gregorio,
 Mas volta bem tosquiado ;
 Si vier, por mais finorio,
 O Felix José Machado,
 O Cutia e o Bacalháo,
 Havemos de ter, não uma,
 Mas quatro *rodas de páo.* »

Seria meio-dia. Tinha feito uma estiada. O sol chegou a mostrar-se, ardente e amarelento, como é o sol do inverno. Aproveitando a impressão deixada nos espiritos pela noticia da partida de d. Manoel para as Alagóas, e pela audacia da recente espiagem, aproveitando, emfim, a crença de todos os homisiados de não esperarem remedios aos seus males sinão de si mesmos, e de estarem constante-

mente cercados de emboscadas e perigos, Falcão d'Eça chamou de parte alguns dos amigos, em cujo criterio e decisão mais confiava, para que lhe ouvissem a ultima palavra :

— E' tempo de tomarmos uma resolução. Quando me metti nestas mattas, não foi com o unico intento de escapar á prisão ou á morte. Tendo parentes no Ceará, ser-me-ia facil, si o meu intento fosse sómente evitar a prisão, emigrar para o seio delles, onde estaria ao abrigo de toda hostilidade. Quem primeiro me impelliu para aqui, senhores, não foi um sentimento baixo — o medo ; foi um sentimento elevado — o amor da patria : fio que de vós poderei dizer outro tanto.

— De certo, respondeu o padre Guerra.

— Que viamos antes da lucta ? Dois interesses, um estrangeiro, outro brasileiro. Levados de cobiça, e não satisfeitos com serem senhores do commercio e das industrias, os portuguezes europeus queriam chamar a si a agricultura, impondo aos agricultores obrigações que redundavam em ficarem estes á mercê daquelles. Como não pudessem, por meios licitos, levar a effeito o seu intento, machinaram crear a villa onde tinham e onde têm a sua força, e tornar-se, por este modo, arbitros dos preços dos generos que haviam de ser forçosamente taxados por almotacés do seu panno ; e este diabólico intento estaria de todo realisado, si a nobreza não puzesse para fóra o governador que tivera o arrojo de promover a creação da villa maldita. Sabeis, tão bem

como eu, o que se seguiu ao acto de energia, que nos livrara de Sebastião de Castro Caldas. Foi no senado da camara de Olinda, reunido para providenciar sobre o governo da capitania acephala, foi ahi que o amor da patria, fazendo-nos pulsar os corações, proclamou em nossas consciencias a necessidade de tornarmos Pernambuco independente da metropole, madrasta e não mãe. O amor da patria, pernambucanos, o amor da patria é uma paixão grande que se gera, não do ajuntamento de dois seres como se geram as creaturas, mas do ajuntamento de milhares de seres, do ajuntamento dos povos ; que nasce, não sob tecto particular, ou em leito clandestino, mas sob tecto publico, sob a abobada livre e ampla dos céos, no largo leito das praças ; que nasce, não occultamente á luz de candeia nocturna, trancadas as portas, mas nas vistas de todos, fóra de paredes ou cortinas, alumiado pelo sol do dia ; que nasce, não como nascem as creanças que accendem rubor na face das mães, mas como nascem os sentimentos immortaes, trazendo á face dos patriotas o sangue vivo do coração, porque o amor da patria não é uma paixão vergonhosa, e sim uma paixão egregia, que dignifica os que nella se abraçam. Sabeis, tão bem como eu, que a primeira palavra nesse consorcio do senado da camara com a nobreza, foi no sentido de Pernambuco declarar-se republica ; mas, como naturalmente acontece sempre que se congregam muitas vontades, os que assim pensavam, encontraram da parte

de outros pensar, sinão inteiramente opposto, ao menos restrictivo quanto á oportunidade da declaração. O que os *exaltados*, a cujo numero tenho o orgulho de pertencer hoje mais do que então, porque os acontecimentos posteriores, confirmando a nossa razão, vieram provar que dos meios brandos nada colheríamos, queriam realisar immediatamente, isto é, a separação, entenderam os *moderados* que se devia adiar para logo. Não faltou nestes, senhores, amor da patria, faltou uma pouca de previsão, um pouco do conhecimento dos homens, e sobejou prudencia que não mereciam os nossos inimigos. Os moderados, no pensamento de conciliarem os animos, propuzeram a eleição do bispo, ficando este obrigado a conceder aos nobres o perdão em nome de el-rei. Entendiam elles, e entenderam todos, menos alguns, de cujo numero faço parte, que esta providencia reconduziria a Pernambuco a tranquillidade e a paz, fazendo entrar nos seus justos limites os mascates exorbitantes. Sabeis, tão bem como eu, que em vez de se *submitterem* a tão prudente alvitre, os mascates levaram seis mezes a *apparelhar* o golpe, que descarregaram contra nós, e occasionou o sitio do Recife, até á chegada de Felix José Machado; o que trouxe a certeza da sua perseverança e contumacia em sotopor-nos. Succedendo as prisões, quasi em massa, e por sentenças arbitrarias dos novos ministros contra os nobres, o unico remedio que a estes se offereceu, foi desemparar as suas familias e

propriedades, para se metterem como feras nos bosques. Depois desta prova da inefficacia do meio palliativo, proposto em Olinda pelos moderados, que se devia fazer? O que se devia fazer era voltar á primeira idéa, aventada em Olinda pelos exaltados, ou antes pelos de maior previdencia — á idéa da separação; era pôr em campo a revolução nacional. Sabeis, tão bem como eu, que do seio destas mattas vozes eloquentes, soltadas por quem na tribuna sagrada está affeito a arrebatarse os mais vastos auditorios — vozes eloquentes do padre Guerra — representando a aspiração de trinta refugiados illustres pelos seus troncos e haveres, foram levar ao bispo d. Manoel — ponto culminante do nosso partido, não só pela sua posição na igreja, mas também por ter sido o nosso chefe e governador no levante dos mascates, — as nossas supplicas e instancias para que aceitasse o primeiro logar á frente de nós, nessa revolução tão nobre quanto justa. Sabeis, tão bem como eu, que, surdo ás nossas rogativas, a sua resposta foi uma recusa formal, foi um acto de desanimo, inspirado talvez em piedosa ingratição. Todavia, alguns dos que me escutam aqui agora, não afastaram de todo as vistas de sobre o prelado; e esperavam que mais cedo ou mais tarde, vendo os destroços daquelles que o haviam elegido em Olinda para chefe, se resolvesse a dar o passo directo, e unico adequado á nossa salvação e gloria. Acabamos porém de saber que d. Manoel, intimado para

se ausentar da séde do levante cem leguas, já está de marcha para as Alagôas, como corre' a longinquo estabulo fraco cordeirinho apavorado por lobos carniceiros. Depois desta solução final da abortada esperança, dizei-nos, senhores, o que nos resta? Devemos continuar aqui foragidos, nós e crús, ausentes de nossos filhos, os nossos engenhos e fazendas destroçados e sequestrados, a nossa saude enfraquecida pelas injurias do tempo, fomes, vigalias, febres e frialdades, sem um physico que nos receite um xarope, os mantiments escasseando de dia a dia, os inimigos levantando cada vez mais a cabeça delles, emquanto nós cada vez abaixamos mais a nossa? Preciso de saber o que resolveis.

Falcão calou-se.

O padre Guerra, como si estivera de intelligencia com o chefe da liga, respondeu-lhe, depois de curta intêrruptão :

— Não nos pergunteis, Falcão, o que resolvemos; dizei-nos o que tendes resolvido. Vós que haveis sido a nossa columna neste ermo de amarguras, tendes o direito de indicar-nos a vossa vontade. Por minha parte dir-vos-ei que estarei cegamente pelo que vos parecer melhor. Entendeis que devemos continuar, doentes, famintos, rotos e esfarrapados, sem tranquillidade de espirito nem commodidades physicas, a cada momento julgando-nos descobertos como ainda hontem, emfim com o coração nas mãos, e a alma sómente entregue a Deus e á aventura? Si é este o vosso parecer, estarei

por elle; ficaremos aqui indefinidamente, até que nos mares encapellados da adversidade sobrenade uma taboa de salvação. Entendeis que, tendo em menoscabo todos os sacrificios por que ha dois annos estamos passando, devemos nós, enfim, para epilogo condigno de tamanha tragedia, deixar o nosso asylo, correr á villa maldita, subir as escadas — escorregadias de vinho e devassidão, — do palacio das duas torres, e ali, batendo com a mão nos peitos, como penitente em artigo de morte, confessar ao governador culpas que na realidade não temos, e pedir perdão que provavelmente nos será recusado? Si vos parece decisivo, para termo dos nossos males, este recurso sem nome, acompanhar-vos-ei até á morada da soberba, da avareza, da luxuria, da ira, da gula, de todos os peccados mortaes, e ali rojar-me-ei aos pés do que tem feito do officio de governador edificio de odio, immoralidade, vicios e crimes. Si vos parecer.....

Falcão interrompeu o padre Guerra, com uma interrogação habil e estrategica, e um gesto rasgado que accusava irrupção de sentimentos por muito tempo sustidos :

— Padre, falaes em vosso nome, sómente, ou falaes tambem em nome de todos os que nos escutam ?

O padre Guerra, que estava sentado em um tóro secco, ergueu-se immediatamente. Quem fóra estranho ao congresso da selva, não dissera que estava alli um padre. Os cabellos e a barba de mais deanno, trazidos em parte pela difficuldade de serem apa-

rados a tempo e a hora, em parte pela conveniencia de ter o rosto mudado, chegavam-lhe aos peitos e e ás espadoas, e davam-lhe uns longes da solemnidade que deviam ás suas grenhas os antigos prophetas. Os olhos brilhantes, o nariz alto no meio e grosso na ponta, as maçãs e a testa salientes, a tez entre pallida e tostada, ajudavam a expressão da guedelha, dando ao antigo propheta parte do moderno tribuno.

— Creio poder afiançar-vos, capitão, disse elle, percorrendo rapido olhar por sobre os companheiros, alguns do quaes, imitando-o, pela força communitativa do seu gesto, já estavam de pé, entregues a poderosa commoção — creio poder jurar-vos que nem uma voz divergente virá contradizer o meu enunciado, filho da nobreza e lealdade que nos são communs a todos, filho principalmente da confiança sem limites que, pelo vosso procedimento alevantado, nos tendes merecido até este momento.

Falcão deu alguns instantes ao silencio, como quem aguardava manifestação mais larga e positiva. O seu silencio era na raalidade uma interrogação.

Comprehendendo-o talvez, alguns dos nobres, e entre estes Ribeiro da Silva, Faustino Figueira e Bernardo de Allemão, adiantaram-se para clamarem com certa emphase :

— Está dito, capitão. Queremos ouvir o que resolvestes. Dizei-nos já e já o que nos cumpre fazer.

Falcão, que era um homem bonito, nesse mo-

mento alliaua á graça do seu gesto o prestigio que lhe haviam captado dois annos de perseverantes esforços em triumphar das machinações e traições dos inimigos, dois annos de insano lidar. Alto, espadaúdo, o rosto corado, os olhos, retintos, de fulgor secco e vivo, offerecia magestoso e insinuativo aspecto. Era o typo da força e da resolução — um desses homens que nos parlamentos, com a sua simples presença na tribuna, afastam della os adversarios e commnicam aos amigos grande e heroica firmeza — um desses homens em que se encontram qualidades de dois dos mais admiraveis representantes do espirito revolucionario — Cromwel e Mirabeau.

— Darei a minha resposta em poucas palavras: somos quinhentos nobres, temos quatrocentos escravos e duzentos camaradas; mil e cem homens bem armados e municados podem tomar a villa de surpresa, pôr abaixo o governador e os ministros, expulsar os mascates que não quizerem submeter-se, proclamara independencia de Pernambuco. O meu intento não é outro, senhores! O meu intento é libertar a terra que nos viu nascer. Eu quero a liberdade de Pernambuco, ou do Brazil, eu quero acabar, de uma vez por todas, com o jugo dessa metropole ingrata que nos traz em baixa vassallagem.

Apenas tinlia acabado de proferir estas palavras, quando se ouviu ruído de passos de cavallo em uma das veredas que vinham dar no pouso.

— Quem será? disse um dos nobres em tom de quem se assustava.

E a esta voz, todos os outros presentes, levantando-se como um só homem, lançaram mão das armas. Falcão, empallidecendo levemente, fez-lhes signal que ficassem silenciosos e quedos.

O papel arriscado de ir ao encontro de quem quer que fosse, elle o não quiz passar a ninguem. Rompendo por entre troncos seculares, desapareceu das vistas dos outros, n'um abrir e fechar d'olhos.

Mas logo tornou ao recinto, possuido de differentes impressões, ouvindo uma voz conhecida — a de Lourenço. O semblante do rapaz indicava extraordinaria satisfação.

— Alviçaras, seu Falcão, alviçaras!

— Que noticia trazes? perguntou o capitão espantado.

— O perdão.

— O perdão? inquiriram dez, vinte, cem boccas ao mesmo tempo.

— Sim, o perdão que o rei mandou para a nobreza: chegou hontem. Andei toda a noite debaixo de chuva que Deus dava, para ser o primeiro que trouxesse a vosmecês este alegre presente.

Por entre a multidão, que acorrera ao ponto, a fim de ouvir de perto a grande nova, Lourenço enxergou Francisco e Saturnino que se adiantavam para elle. Atirou-se ao seu encontro, tendo antes entregado a Falcão uma carta que este leu em voz alta, depois de a haver lido para si:

« Amigo e senhor.

« Não tenho tempo sinão para lhe partieipar, sunnivamente regozijado, que chegou esta manhã de Lisboa um navio com a noticia de estarem perdoados os nobres.

« O governador ainda não fez publico o perdão com quel el-rei se amereceu dos pernambucanos ; mas varias cartas do reino a amigos nossos são unanimes em affiançar que o perdão foi concedido, e o governador será mudado.

« Reeeba os meus parabens, e abraçe todos os nossos amigos e patricios.

« Salinas, 3 de junho de 1714.

« GIL RIBEIRO. »

Apenas acabada a leitura, muitos, exultando de prazer, soltaram irresistivelmente vivas a el-rei, que foram calorosamente correspondidos.

O padre Guerra não poude fugir de dizer :

— Eu logo vi, senhores, que el-rei não havia de ser surdo ás nossas supplicas conteúdas nas cartas dos clerigos, das matronas pernambucanas.

— Não esqueçaes as vossas eloquentes cartas — accrescentou Christovam de Hollanda.

— Senhores, senhores, tornou o padre, demos graças a Deus por este celestial beneficio.

O ruido, o borborinho produzido pelos que celebravam e commentavam a nova ; os sorrisos de uns, os gracejos de outros, os abraços e as alegrias geraes

indicavam que a idéa da separação politica, ha pouco aceita e proclamada por todos os homisiados, não tinha grandes raizes sinão em Falcão d'Eça, o qual emmudecera, triste e eclipsado, quando o jubilo dava brilho a todos os semblantes, e eloquencia a todas as vozes.

XVII

Vinte e quatro horas antes chegara Lourenço ao sitio do ajudante-de-tenente Gil Ribeiro, nas Salinas: viera saber o que era feito de Francisco.

O ajudante mal o reconheceu, não porque o rapaz se mostrasse outro no trajar, como quando voltara ao Cajueiro, depois da sua longa ausencia, mas porque no rosto cadaverico trazia vestigios de resignada angustia. Os ultimos acontecimentos passados alli tinham-lhe deixado no coração grandes estragos que a sua physionomia indiscreta, sem a escola da hypocrisia, estampava como vago esboço.

Apressara a jornada a fim de attenuar a intensidade da dor occasionada pela mudança da viuva do sargento-mór; a jornada, porém, por paragens e regiões que lhe eram familiares, pouco ou nenhum allivio trouxera ao rapaz, em quem o ajudante viu antes um enfermo do que o robusto athleta que ad-

mirara em Goyanna por occasião de se bater com as tropas de Luiz Soares.

Mas o que a jornada não conseguira, devia Lourenço encontrar no Recife — o seu restabelecimento por violenta e grande commoção que lhe abalou e restaurou os abatidos espiritos — a commoção que despertou nelle a noticia do perdão aos nobres, noticia immensamente grata, que elle teve a dita de ser o primeiro a levar aos refugiados de Tracunhaem.

Estava o Recife possuido de febril impaciencia por saber a causa de vir entrando um navio adornado com enfiadas de galhardetes, ostentando alegres ares, e disparando artilharia de tempos a tempos.

Usurpando os fóros de Olinda, á qual ainda hoje está preso pelo isthmo — cordão umbilical que parece destinado a certificar perpetuamente as relações de mãe e filha entre a cidade de Albuquerque e a cidade de Nassau — o Recife, não obstante ser então villa, concentrara em si desde a chegada do governador Machado, toda a vida da capitania, enquanto Olinda, triste e chorosa, decahida do seu illustre orgulho, curtia longos dias e agras noites em silencio, parecido com o que cerca os tumulos.

Com aquelles indicios de extraordinario acontecimento, a villa alvoroçou-se, como sóe fazer joven garrida aos primeiros sons de orchestra festiva em salão de baile. Sorriu feliz, agitou-se, pensou em mil assumptos, espreitando a occasião de transbordarem as suas commoções.

Alguns dos mais insofridos habitantes correram

ao porto, onde deviam ter trocada em magua a leviana alegria. Contra todas as presumpções, a noticia trazida pelo mensageiro auspicioso não era agradável; ao contrario, vinha impregnada em aze-dúme e fel. A causa da estrondosa manifestação era o perdão concedido aos nobres por el-rei.

Conhecida esta causa, a agitação augmentou: uns corriam para aqui, outros para acolá, a levarem a noticia; mas, depois começaram a debandar-se, a fugir do logares publicos, a concentrar-se no interior dos estabelecimentos e das casas, onde se espraíram em reflexões sobre o novo thema.

As praças e esquinas ficaram desertas. Subita paralyza pareceu tomar as ruas. Zacarias de Brito, mercador apatacado, deva ao diabo a fatalidade que escolhera o seu navio para portador de tão infausta novidade.

Penetremos, por volta de sete hora da noite, no palacio das duas torres, outr'ora morada de Mauricio de Nassau, agora residencia do governador Machado.

A' luz de um candieiro de prata, seis sujeitos conversam sentados em torno de uma mesa, sobre a qual se vê estendido um papel que, pela flacidez, está denunciando ter andado de mão em mão.

O primeiro destes sujeitos, á vista das attenções que os outros lhe prestam, é o governador. Os seus olhos ás vezes incendeiam-se em violento brilho; mas logo este amortece e não têm elles outra expressão que a sua expressão usual — a de chata animalidade.

O outro sujeito, o que lhe ficava immediato do lado direito, tinha a fronte estreita, os olhos apertados e piscos, o nariz comprido e fino. Sobre o nariz viam-se ainda os oculos com que o cavalgara seu dono para ler o papel que dalli não sahiram mais; a razão era porque a leitura, ou, ao memos, o exame visual do documento se repetia de momento a momento, ás vezes para se decidir algum ponto acerca do qual a conversação suggeria duvidas, ás vezes como sem intenção, ou simplesmente para illudir o silencio entrecortado de rapidas observações. Era o desembargador Christovam Soares, que da Parahyba, onde se achava de ha muito, viera expressamente por ordem do governo, a fim de proceder á devassa dos levantes de Pernambuco, por terem os drs. Luiz de Valenzuela Ortiz e Pedro Ferreira Brandão dado de suspeito na córte o ouvidor Bacalháo, conforme se disse em outro ponto desta chronica.

O dito desembargador, conhecido por duas alcunhas, que passaram á historia — *Cutia* na Parahyba, *Tubarão* no Ceará — caracterisava-se por certa habilidade que não raro apparece nas administrações acanhadas e decadentes. Cuidava elle mais dos pequenos do que dos grandes assumptos, mais do exterior do que das entranhas delles. Bastarão algumas linhas tomadas ao chronista da famosa guerra para se ajuizar do espirito deste magistrado. « Começou o syndicante os seus trabalhos — pela escolha de papel para a devassa, de maneira

que andou um meirinho de loja em loja. e de venda em venda, sem descobrir papel que agradasse ao ministro.»

Do seu caracter diz ainda o chronista: « Sendo ouvidor da Parahyba, pelas cousas desordenadas quealli fez, veiu para Pernambuco preso, a fim de ir, como foi, para Lisboa; mas porque os máos tiveram sempre padrinhos, que são a quem só servem, pois os bons não carecem delles, por meio dos taes padrinhos teve tal dita que poudé merecer quanto tinha já desmerecido. Tornou para o mesmo logar e occupação, deixando na côrte offuscada a verdade que delle se dissera. E com esta pena, de seus erros se poz tão emendado como d'antes, e como se póde presumir á vista della. Queria com inversões do natural mostrar-se recto; mas isso mesmo o obrigava a descobrir-se; porque quando humano se suppunha, então era vel-o impaciente e desabrido. Depois de ouvidor passou a medir terras, enchendo as medidas de quem lhe enchia as mãos, ainda que a parte lesada se queixasse. E deste modo ficaram nas montanhas de Jaguaribe e Assú, por onde andou feito Silvano, memoraveis historias suas que ainda hoje se celebram. »

Do outro lado do governador achava-se o ouvidor Bacalháo, e junto deste frei Estevão (da reformada), d. Mathias, conego regrante, irmão de João da Maia, o qual chegara da Parahyba por occasião de se dar começo á devassa; e o padre João da Costa (da recoleta da Madre de Deus).

Eis o que rezava o papel :

« Faço saber a vós, governador da capitania de Pernambuco, que, fazendo-se-me presente, pelo meu conselho ultramarino, a conta que me destes das prisões, que se haviam feito nessa capitania nas pessoas comprehendidas nos levantamentos que houve nella, e que tambem me deu o desembargador Christovam Soares Romão sobre o mesmo particular, e que pelo erro que houve na ultima ordem, que se lhe passou, tinha procedido contra os culpados no primeiro e segundo levante; me pareceu mandar-vos estranhar muito severamente, por resolução de 7 do presente mez; pois nella vos declarava que Eu havia confirmado os perdões do primeiro e segundo levantamento, pelo que respeitava aos moradores de Olinda; pois segundo o ministro tivera esta noticia, não inquirira dos ditos levantamentos, pelo que pertencia aos ditos moradores; e assim lhe ordeno se abstenha de perguntar pelos primeiros levantamentos, e que mande soltar os culpados nelles por estarem por mim perdoados, fazendo-lhes repôr, e restituir os bens que lhes foram sequestrados; e o dinheiro que se tiver despellido das pessoas, que indevidamente foram pronunciadas pelo primeiro e segundo levantamento, se pague pelas despezas da justiça, ou minha real fazenda, por ora. El-rei nosso senhor o mandou por Miguel Carlos, conde geral da armada do mar oceano, de seus conselhos de estado e guerra, e presidente do ultramarino: e se passou por qua-

tro vias. Manoel Barboza a fez em Lisboa, a 7 de abril de 1714. O secretario André Lopes de Lavra fez escrever.

« MIGUEL CARLOS. »

— Identica a esta ordem régia — disse o Cutia, pegando pela decima quinta vez no papel — é a que el-rei se serviu mandar-me, segundo viu v. ex.; mas falta-me disposição, sr. governador, para cumprir esta vontade real, em que melhor se está vendo a fatal intervenção do valimento de Antonio de Albuquerque Coelho, do que a justiça usual e natural de el-rei.

— Parece-vos isto, sr. desembargador syndicante? perguntou Felix Machado, a modo de quem não tinha convicção formada sobre o objecto, ou de quem vacillava na que tinha.

— Posso affirmal-o a v. ex., respondeu o Cutia.

— E eu estou de accôrdo com o parecer do sr. syndicante — accrescentou o Bacalhão.

O Cutia continuou :

— Póde v. ex. ter por seguras todas as minhas affirmativas, porque de tudo o que digo estou informado; nem é de hoje que pratico o officio de syndicante, mas pelo contrario de ha muito estou affeito ás indagações. A Albuquerque e não a outrem devemos este revez, que a muitos desastres, quiçá, dará lugar, si a nobreza quizer tirar d'elle todos os desforços a que elle se presta.

— Eu já tive occasião de declarar ao sr. gover-

nador — disse o Bacalháo — quantos males devíamos perar de Antonio de Albuquerque. Durante os dezoito dias de sua estada em Pernambuco, d'onde é natural, não o deixaram desacompanhado um só instante os seus parentes e conterraneos. Sabido é que nada do que se passou lhe foi occulto, e que, ainda não satisfeitos com isso os *mazombos*, grandes invenções lhe metteram na cabeça. Conta-se que de tantos documentos, cartas, requerimentos e informações o fizeram portador para os homens que mais representam diante de el-rei, e até para el-rei mesmo, que uma grande canastra ainda não chegou para os acondiçoar.

— De tudo sei, sr. ouvidor, de tudo sei — disse seccamente o governador. Sei mais o que talvez não saiba o sr. ouvidor — que grande parte de uma historia da guerra que se está escrevendo, recheiada de mentiras e aleivosias, foi entregue a Antonio de Albuquerque para ser presente a el-rei.

Neste ponto tomou a mão o da reformada e disse :

— Mas o que talvez v. ex. ignore, é quem seja o autor desta historia.

— Sei tudo, frei Estevam. O autor é o padre Antonio Gonçalves Leitão — accrescentou o governador — que suppõe muito resguardado o seu nome da publicidade, quando não é desta, mas da minha gaveta, ou da sua syndicancia, sr. desembargador, que elle mais se deve receiar.

— No meu canhenho está elle, disse o Cutia ; e

não se metterá de permeio uma semana que eu não lhe mande bater á porta.

— Agora talvez já não seja tempo, observou o governador.

— V. ex. sabe melhor do que eu que todo tempo é bom para se inquirir de um crime.

— Menos, ajuntou o governador, quando crimes maiores acabaram de ser perdoados, e réos de lesa-magestade são mandados soltar pela propria magestade.

A estas palavras do governador, que em outro circulo de que não fizessem parte o Cutia, o Bacalháo e o frei Estevam, teriam cortado pela raiz a questão, seguiu-se um momento de profundo silencio, mas não todo o silencio que deviam produzir.

O Cutia, quando julgou que era tempo de tornar ao grave objecto que alli os trazia juntos, disse :

— Mas perdõe-me v. ex. : o sr. governador está no animo de fazer cumprir as vontades de Antonio de Albuquerque?

— O que se ha de cumprir, sr. desembargador syndicante, é a ordem de el-rei, respondeu Felix José Machado.

Novo instante de silencio succedeu a esta decisiva sentença do governador, o qual, com uma perna sobre a outra, o lado direito voltado para a mesa, os olhos postos na immensidade escura da noite, que enç lvia do lado de fóra toda a natureza, na qual engolphara a vista atravez da janella do palacio que cahia sobre o Capibaribe, parecia fazer con-

panhia ás visitas mais com o ouvido do que com os olhos e o pensamento.

— Não sei para que serviram os procuradores que foram mandados á cõrte, disse o Bacalhão. Si era para ao cabo de tantos trabalhos e inquietações voltarem a usar, mais altaneiros, do que d'antes, os réos de alta justiça, das antigas licenciosidades e soberbias, melhor fõra que lá não tivessem ido.

— Não devemos culpar desta fatalidade os nossos amigos que foram para Lisboa na frota, e ainda lá estão, respondeu o governador. Antonio Barboza de Lima escreve-me por todos os navios, dando-me parte do muito que fez desde que chegou alli, e está alli fazendo a bem da causa portugueza; e nenhum dos actos deste meu secretario me deu ainda logar a suspeitar da sua lealdade e entendimento. Devemos antes referir a felicidade dos *mazombos* ao grande logar que tem, diante de el-rei, Antonio de Albuquerque, desde que foi governador das Minas do ouro e do Rio de Janeiro, do que a descuido e fraqueza dos nossos procuradores. Nem é só Antonio de Albuquerque o empenhado na defesa destes réos, que a esta hora já deveriam estar degolados por sua alta contumacia e desmesurada traição. Muitas cartas foram mandadas d'aqui a fidalgos de grande porte que não podendo, por estarem longe do logar onde se passam as cousas, ajuizar devidamente da gravidade dellas, dão muito pelo que lhes escrevem uma d. Lourença Tavares, em cujas mãos melhor cabida teriam os bilros do que a penna,

si as cartas que ella assigna, não se devem ao padre Guerra; um Christovam de Hollanda, poço de altivez inaudita; um Miguel da Rocha, emfim tantos outros, entre os quaes mulheres e clerigos, que não conhecem o que devem a seu sexo e a seu ministerio.

Depois do silencio que sempre succedia ás palavras do governador, este, como si accordara de um somno profundo, volta-se inopinadamente para João da Costa e lhe dirige estas palavras :

— E que nos dizeis vós, padre, dos vossos companheiros que foram na frota com o meu secretario? Qual foi o seu papel em tudo o que vemos? Deveis ter delles recebido prolixos esclarecimentos.

— Os da recoleta, excellentissimo, preencheram o mandado que os levara á metropole. Não descansaram ainda, desde que aportaram em Lisboa. Em outra occasião poderei mostrar a v. ex. o estendido relatorio que frei Ferrão me enviou, e onde vem apontados, pelo menor, os meios empregados para o vencimento da causa, infelizmente já perdida.

— O peor de tudo isto, o nosso mal, excellentissimo, está em não se ter feito em Pernambuco a justiça que, por seus crimes, mereciam os *cannelludos*, disse o Cutia.

— E não sabeis vós que sempre foi este o meu parecer e desejo? Ignoraes, sr. desembargador syndicante, que entre estas mesmas paredes que nos estão ouvindo, reuni eu, entre junho e julho de 1712,

com o dr. ouvidor Bacalháo e o defunto juiz de fóra Carvalho, os ouvidores da Parahyba e das Alagóas para, em relação, julgarmos dos crimes commetidos pela nobreza rebelde? Ignoraes que os principaes motores do levante devem o trazerem ainda hoje fixas nos hombros as cabeças serpentinias, não á generosidade minha, que nunca a tive nem a terei jamais para réprobos semelhantes, mas á pertinacia e firmeza brutal do ouvidor das Alagóas, João Soares da Cunha, e do ouvidor da Parahyba, Jeronymo Corrêa do Amaral, muito nosso conhecido, que com o pretexto de na'la poderem resolver sobre o assumpto sem ordem expressa d'el-rei, se retiraram a seus districtos, deixando com isto mais seguros em sua ousadia os réos, então impunes, agora perdoados? Não sabeis vós, sr. syndicante, que do ouvidor das Alagóas corre até ali assignado um infame papel em que declara lhe terem sido offerecidos pelos nossos amigos tres mil cruzados para que votasse pela execução dos réos?

— De tudo sei, excellentissimo — respondeu o Cutia; mas... Emfim, v. ex. sabe o melhor. O que todos nós sabemos e estamos vendo é que o peor de tudo chegou para nós quando não sem fundamento pelo melhor esperavamos. Ahi está o perdão, e a não querer v. ex. fazer que o não recebeu, a fim de irmos por diante na devassa, carregando mais a mão sobre quem não tem tido a sua leve para nós, não sei como poderemos sahir com vida de Pernambuco.

Felix José Machado levantou-se, deu alguns passos pela sala, e voltou a ocupar o lugar e a posição de hapouco. Ao cabo de um momento, disse com voz em que vibrava mistura de pesar e despeito:

— E posso eu occultar o perdão?

— E porque não, sr. governador? perguntaram ao mesmo tempo o Cutia, o Bacalhão e João da Costa, que pareciam estar de antemão combinados em indicar a Machado este indigno e criminoso procedimento. Não se fez o mesmo da outra vez? continuou o syndicante com o calor a que o autorizava a fria e como hesitante pergunta do governador.

— Quereis referir-vos... disse esse.

— Quero referir-me — proseguiu o Cutia — ao perdão mandado por d. Lourenço de Almeida aos portuguezes, quando se achavam eercados pelos *pés-rapados*. Não se occultou o dito perdão, apesar de recebido? E não teve este procedimento por fim impedir que cessasse a guerra, porque, cessada esta, teria cessado tambem a esperança de tirarem os portuguezes a sua desforra dos nobres? Não se praticou tudo isto, sr. governador? E o que se previu não veio a acontecer? Si v. ex. não publicar o perdão, quem mais haverá competente para o fazer, ainda que de Lisbôa o tenha recebido? Si v. ex. declarar que o não recebeu, quem poderá asseverar o contrario?

O governador levantou-se novamente, e dirigiu-se á varanda do palacio.

Neste momento uma como constellação luziu ao longe, e, aos seus reflexos, appareceu no horizonte longinquo o vulto de Olinda.

Mão se metteu muito tempo que de differentes pontos da orgulhosa cidade começaram a levantar-se aos ares girandolas de variados fogos, que por todos os que se achavam com o governador, chamados por este á varanda, foram logo vistos.

— Eis alli a resposta que tenho para dar á vossa ultima interrogação, sr. desembargador syndicante. A noticia do perdão é motivo de festas geraes na soberba cidade. Não védes como está ella illuminada de uma extremidade á outra? A esta hora os restantes da empavezada nobreza que ficaram fóra da devassa cavalcantina, se banqueteam não só com os das linhas que a cruzam, mas tambem com os adultores e aggregados de uma e de outras. Naturalmente da propria secretaria do ultramarino enviaram cópia da ordem que me foi dirigida, a algum mazombo de Olinda, a Duarte Tavares por exemplo, para prevenir a perda do original. Amanhã o perdão estará estampado por todos os cantos da cidade, a fim de que sobre sua existencia não haja duvidas. Não seria, pois, o maior dos desacertos a occultação delle por parte de quem o recebeu para o fazer cumprir sem tardança? Não seria, além de desacerto, perder tempo, com o risco de perder alguma cousa mais?

— Si eu fóra governador — disse então o Bacalhão — assim como sou ministro, e eu lhes cons-

truiria ou fizera construir o que isto é ; e não lhes consentiria estes alguergues e parvoices (1). »

— Sr. ouvidor — disse Machado — o meu animo e o meu desejo não podem ir além dos limites da minha autoridade. A campanha que dei aos nobres está finda ; é tempo de recolher-me á minha tenda de guerra ; si não fui vencedor, não fui vencido. Amanhã se botará bando, fazendo manifesta a graça de sua magestade ; e darei ordem para que desembarquem os que estão nos navios, e sejam todos elles postos em liberdade, exceptuados sómente João Luiz Corrêa, Felipe Cavalcanti, seu irmão Jorge Cavalcanti, Leandro Bezerra e Felipe Bandeira, que interpuzeram recurso para a Bahia. De lá naturalmente voltarão livres, visto que, segundo se me escreve do reino, o novo governador geral e vice-rei vem no animo de compôr todas as discórdias actuaes.

— E quem é o novo governador geral ? perguntou o Cutia.

— D. Pedro Antonio de Noronha, conde de Villa-Verde, marquez de Angeja, respondeu Felix Machado.

— Assim, senhor, está tudo acabado sobre estas terras, e do que fizeram os nobres em sua louca e audaciosa rebeldia nada mais resta, tirante a memoria della ?

— E que quereis que reste mais, sr. ouvidor ?

(1) Palavras escriptas pelo Bacalhão em uma carte a Christovam Paes.

Eu não sou suspeito. Nunca perdoei aos emperrados desta terra, e agora ainda menos lhes perdôo os males que nos trouxeram a sua natural basofia e arrogancia. Por muitô que me desprezem ou que me odeiem, ficarão ainda áquem dos meus o seu odio ou o seu desprezo. Mas, pois o quer e o manda el-rei, que se lhes dê a liberdade, muito embora não venha ella a servir para outros fins que o de revolverem novamente a terra, abaterem a autoridade, impedirem o desenvolvimento material e commercial, cevarem odios, alentarem vinganças, tirarem a vida a quem devera ter muitas para os poder aniquilar um por um, de geração em geração.

— Não se lhes poderia imputar nova rebeldia; novo levante, ainda não perdoado? perguntou o Bacalháo.

— Qual ?

— O levante de Tracunhaem, essa liga tremenda de que é cabeça Falcão d'Eça.

— A liga de Tracunhaem — respondeu Machado — não é propriamente levante, sr. ouvidor, E em que aproveitaria a syndicancia que della se fizesse?

A' proporção que a noite se ia adiantando, a sala onde se realisou este dialogo, enchia-se dos prinpaes da parcialidade opposta á nobreza. Todos corriam a certificar-se da noticia ouvindo-a da bocca de Felix José Machado. Todos tinham os olhos sem Olinda, e os ouvidos á escuta; e não era sem razão que o faziam, porque alli começava a manifestar-se

estranho e geral regosijo. As casas e as igrejas estavam illuminadas. Repicavam os sinos; bandas de musicas, improvisadas em poucos momentos, percorriam as ruas, derramando o movivento e a alegria onde horas antes era tudo immobilidade e recolhimento. Os echos da demonstração febril e vibrante, ondulando por cima das aguas mansas do Capibaribe, por cima dos tufos verde-negros, pittorescos e murmurosos dos mangues, que bordavam as suas ilhas e margens, vinham ferir os tympanos dos ouvidos da burguezia portugueza que enchia as salas do palacio das duas torres, e nesses echos parecia escutar os de uma orchestra funebre.

No outro dia, pela manhã, á porta dos principaes mascates, amanheceram papeis com ridiculas caricaturas e satyras ferinas, allusivas ao destroço daquella parcialidade. Em algumas casas de notorios amigos do Camarão, viam-se côvos com alguns camarões dentro, indicando que os pareiaes do eliefe caboclo tinham cahido na armadilha. Em outras viam-se forcas de varinhas. Andava alli o engenho popular que não perde vasa.

A musa anonyma, que já celebrara a morte do juiz de fóra em graciosa decima, produziu mais duas commemorativas de certo factó que dera muito que falar — o de ter tentado contra os seus dias em Olinda certo partidario do Camarão, o qual morreria enforcado si a mulher o não salvasse.

A chronica, prevenida, recolheu estes productos que me considero na obrigação de trasladar aqui:

Nesta cidade se quiz
 Enforçar um camarão,
 Fazendo, por sua mão,
 O laço como se diz :
 Já pela bocca e nariz,
 Sem poder resfolegar,
 Acudiu, ao pernear,
 A mulher deste madraço ;
 E, cortando-lhe o cadarço,
 O tirou de se enforçar.

« Foi cousa bem mal tirada ;
 Porque a todos desta seita,
 Não vi cousa mais bom feita,
 Que enforcados, quando nada.
 Acção foi desesperada,
 E de um homem já perdido ;
 Mas ficando suspendido
 Pela fê dos camarões,
 Livrava-se de questões,
 E a mulher de tal marido (1).

A cidade de Albuquerque devolvia assim, augmentados, os insultos e mofas com que havia mais de dois annos a ousada e risonha villa respondia aos seus pezarês e lagrimas, dia por dia, ás mãos cheias, como inimigo atroz e implacavel.

(1) *Memor. historic. de Pernamb.*, tomo IV pag. 282.

XVIII

Obra de um mez depois, pacificada a capitania, voltados aos seus lares Francisco e Lourenço, sahiu este uma manhã do sitio do padre Antonio, onde todos moravam agora, emquanto Francisco cortava umas varas na matta para fazer um *caritó* onde guardar goyamús, que começavam a *andar ao atar*, com as ultimas trovoadas. Fôra Marcellina a autora da idéa, dizendo ao marido que os goyamús, bem cevados como ella os sabia cevar, haviam de dar bom dinheiro na villa, e não convinha perder este lucro.

Lourenço, comquanto a manhã estivesse fresca e risonha, levava no rosto a sombra do desgosto intimo que, passada a impressão do grande acontecimento, voltou de novo, não tão intenso como d'antes, mas tenaz e constante como um remorso ou uma chaga incuravel.

E sahira com o pé esquerdo, porque, adiante,

saltando um páo que cortava a passagem, foi cahir com a cabeça de encontro a uma pedra onde se feriu, ficando com a camisa lavrada de longas manchas de sangue.

Como tinha feito tenção de ir ver um pedaço de terra, do lado de Japomim, que lhe fôra offerecido pelo dono que o vendia por pouco dinheiro, proseguiu o caminho, não obstante o desastre e a má apparencia.

Depois de andar cêrca de meia hora, deu na varzea que de ha muito não via, a varzea do Japomim, por onde brincara alguns annos antes, pegando canarios e gurinhatãs, quando o seu espirito discorria por horizontes sem nuvens nem limites, quando no seu coração não havia nenhum espinho.

De repente ouviu umas vozes femininas que partiam de ponto não muito distante do em que estava. Com pouco descobriu, de facto, duas mulheres, uma das quaes trazia um sacco nas costas, e era acompanhada por um cão, que farejava de moita em moita, e ás vezes parava a latir. Então a mulher aproximava-se do logar, arceava o sacco, inclinava-se para o chão, e ahi apanhava, ora rindo-se ora fugindo com o corpo e as mãos, um objecto que, com toda a precaução, atirava dentro do sacco. Lourenço comprehendeu logo que a mulher andava apanhando goyamús.

A outra, que estava mais perto d'elle, e parecia mais nova, em vez de imitar a mais velha, collhia araçás aqui e acolá, e atirava-os dentro de uma

cuia, correndo e saltando com os cabellos soltos, de um araçazeiro para outro, como fazem os beija-flôres de roseira em roseira, nos jardins.

Presentindo gente por alli, antes de ver quem era, o cão, mais defensor que caçador, deixou aquella a quem estava prestando seus bons serviços, e correu na direcção de Lourenço, com quem deu em um instante. Logo que a mulher que se achava mais perto, viu o rapaz com a camisa cheia de lavores pouco tranquillizadores, um cacete em uma das mãos, um fação na outra, e as vistas cravadas nella, deixando escapar um grito angustioso, e cahir da mão a cuia, correu para onde estava a outra :

— Minha mãe! minha mãe! gritou ella, assustada e tremula. E' Lourenço! E' elle. Corramos, fujamos, minha mãe. Quem sabe si elle não vem matar-me!

— Cala a bocca, Marianninha. Quem te disse que é Lourenço? respondeu Joaquina, a qual, pela distancia, não pudera ainda distinguir bem as feições do rapaz.

Este reconheceu pelas vozes as suas antigas vizinhas e camaradas.

Penetrante e atroz foi a magua sentida por Lourenço, quando ouviu as acerbadas palavras da filha de Victorino. O seu coração já tão castigado pelos ultimos acontecimentos, o seu coração infeliz que tinha a sensibilidade nervosa dos enfermos de doença moral, experimentou uma dessas impressões produzidas por choques traumaticos a que

muitas vezes não se póde resistir com a vida.

Ao principio, quiz fugir para o lado opposto. Não era este o meio directo de resolver aquella situação afflictiva? Fugir das vistas daquelle a quem desagradamos, não é passo natural e racional?

Lourenço esteve para dal-o; mas, comprehendendo que, si assim procedesse, confirmaria o máo conceito que delle já formava Marianninha, tomou resolução contraria.

— Ellas têm para si que eu sou um assassino; mas eu não sou o que ellas pensam. E' preciso que se desenganem. A's vezes, quando me esquento, sou capaz de comer gente viva; mas isto acontece uma vez na vida.

Eis o que elle pensou, eis o que lhe occorreu, após o primeiro impulso, vencido por estas reflexões. Não hesitou mais, e encaminhou-se para onde estavam mãe e filha.

— Então, que é isto, Marianninha? perguntou elle, ainda de longe. Correu de mim? Eu não venho fazer mal a ninguem. O meu facão não tem ponta; partiu-se alli atraz em um pedra onde quebrei a cabeça; e é por isso que estou com a camisa cheia de sangue.

Assim falando, Lourenço atirou o facão, de feito quebrado, aos pés da menina, a fim de que ella visse distinctamente que elle dissera a verdade.

Não obstante a humildade e brandura destas expressões, Marianninha não ousava levantar os olhos

ao rapaz. Mudas e abaladas, Joaquina e a filha, não sabiam o que dizer.

— Nunca matei ninguém, nem Deus ha de permitir que eu chegue a matar quem quer que seja algum dia. Vim por aqui para as ver. Tenho sentido muitas saudades da sua companhia. Mudaram-se do Cajueiro sem me dizerem adeus, zangadas commigo sem grande razão, porque.....

Lourenço não soube como continuar.

— Si não nos despedimos, disse Joaquina, foi porque você tinha feito o que não devia fazer com Marianninha, que morria por você, que lhe queria tanto bem, que vivia sómente para lhe querer bem.

— Naquelle tempo, tornou o rapaz, eu andava fóra de mim. Agora não hei de sair mais do bom caminho. Foram-se os que tinham vindo, e ficaram os que cá estavam. Com estes é que eu me hei de achar.

Emquanto falava, Lourenço punha os olhos em Marianninha, cujas fórmãs se tinham tornado esplendidas. Quantas differenças lhe notou !

Desgostosa do que acontecera, Marianninha cortara os cabellos logo depois da mudança. Estava agora com cabellos novos, bastos e lindos. Libertada do amor e dos ciumes que a amofinavam, engordou e cobrou côres finas. As espaduas, o pescoço, a raiz dos seios, os braços curtos, as mãos pequeninas, estavam revelando a Lourenço, no boleadado e no lustre, quanto ganhara ella com a transformação.

— Não fujam mais de mim, que me fazem ficar triste — proseguiu o rapaz. Não vivemos sempre em boa harmonia?

— Sempre não — atalhou Joaquina; até certo tempo, enquanto não se meteu entre nós uma nuvem negra que foi a causa do nosso desgosto.

— Está tudo acabado agora. A nuvem foi-se embora. Não está tão bonita esta manhã? Pois quem sabe si não vem com ella a manhã da nossa passada amizade?

— Como está Marcellina? Como está Franciseo? Ainda não o vi depois que chegou, disse Joaquina, como quem se ia accommodando com a nova ordem de idéas suggerida pela imaginação de Lourenço.

— Estão bons. Vou já dizer-lhe que estive aqui, e que depois de amanhã, que é domingo, sinhá Joaquina e Marianninha vão passar o dia lá em casa.

— Não, Lourenço; lá não — disse Joaquina.

— Pois então ha de ser cá. Venho eu, meu pae e minha mãe. Pegaremos a resto dos goyamús. A andada não dura tres dias?

— Si quizerem vir, venham. Aqui nos acharão para os recebermos.

— Havemos de fazer a nossa festa mesmo de baixo destes araçazeiros. Mas, que é isto, Marianninha? Você parece que está muda. Si não diz que posso vir, não venho.

— Minha mãe já não disse que você podia vir? O que ella disse é o que é.

— Então, até domingo.

— Até domingo. Olhe. O caminho é por alli, e a casa é aquella — ponderou a viuva do Victorino, apontando, por ver que o rapaz se resolvia a partir.

No dia seguinte amanheceu Marianninha tratando dos preparativos para a esperada recepção.

A casa era de barro, coberta com palhas. Tinha pertencido a um morador que, por desgostos com a senhora daquellas terras, se passara para outras. Estava ainda muito bem conservada e ficava em boa situação. Do lado direito vinham morrer-lhe no oitão uns cannaviaes; pela esquerda e pelos fundos tinha a varzea; pela frente passava o caminho que levava a Goyanna. Entre a casa e caminho havia um araçazal mais basto do que o que se via na zona intermedia entre aquella e a matta.

Marianninha cortou com facão alguns mattos que fechavam o caminho, decotou umas goiabeiras ramalhudas que tiravam a vista do alpendre, limpou á enxada a frente, a fim de tornar mais espaçoso e alegre o pateo. De tarde a casa mostrava-se graciosa e faceira. Remoçara com o asseio, e estava como sorrindo aos hospedes ainda ausentes.

Quem soubesse dos precedentes entre as duas familias que circumstancias supervenientes tinham separado, havia de cuidar que a filha de Joaquina, tão solícita em preparar digna recepção ás suas antigas amizades, entre as quaes se comprehendia Francisco, seu padrinho, estava nadando em satisfação.

Mas a verdade é que bem diverso sentimento do-

minava Marianninha. Em vez de clarões suavísimos, clarões de esperança, tinha no espirito nuvens negras, nuvens de desgosto invencível. A vista de Lourenço avivara todo o seu passado de que não restavam na lembrança della sinão quadros desbotados, quasi extingtos; e o passado não lhe era agradável, porque nunca Lourenço lhe déra motivos de verdadeira satisfação, antes quasi sempre a contrariara.

Marianninha passou toda a noite pensando no que havia de fazer. Lourenço para ella já tinha morrido, e com elle o grande amor que lhe dedicara. Resurgindo-lhe agora diante dos olhos, devia ella desenterrar o fallecido amor? Lourenço merecia-lhe este milagre? Lourenço, que nunca lhe déra provas de sincera estima, devia voltar a occupar nas aras do seu coração o logar de honra, e receber o culto exclusivo que elle proprio desprezara? Depois de pensar em tudo isto, e de meditar cada uma das graves questões que no espirito se lhe apresentavam, a menina, tomando uma resolução heroica, disse comsigo :

— Lourenço morreu para mim de uma vez. Seja de quem quizer, menos meu; nem eu serei delle. Lourenço acabou-se para mim, como homem a quem eu queria bem.

Com Lourenço déra-se o contrario. Apprecendo-lhe accrescentada de belleza e graça, quando elle tinha a alma devastada e arida, a gentil rapariga deu-lhe frescura e vigor. A sua imagem restituiu-

lhe o amor á vida. Dissuadido do enganoso sonho, sentiu-se voltar todo, como o giral-sol, para aquelle astro que se lhe deparou no horizonte brusco. Marianninha era meiga e boa, era extremosa e dedicada, era paciente e candida. Elle conhecia as suas superiores qualidades, raras numa menina, adoraveis numa esposa. Onde acharia mulher mais digna delle? Nenhuma conhecia que se comparasse com ella na ternura, na modestia, no affecto, e poucas poderiam ser suas rivaes nos encantos.

Aceso em desejos, anhelou pelo domingo. Tinha tomado tambem a sua resolução. Na mesa, por occasião do almoço ou do jantar, recordaria a passada promessa, e designaria dia para o casamento.

No domingo aprazado, ainda com eseuero, bateram á porta da casa da varzea. Marianninha e Joaquina puzeram-se immediatamente de pé, julgando serem as visitas. Era um negro que Lourenço mandara adiante com um carneiro que devia ser sacrificado nas aras da reconciliação, e com algumas garrafas de vinho dentro de um cesto, licor indispensavel em semelhantes sacrificios, como é no sacrificio por excellencia da igreja catholica.

Poucos depois chegaram Marellina, Lourenço e Francisco, que foram recebidos pelas duas mulheres á beira da estrada, onde eram esperados com impaciencia.

Todos sabem ou ao menos avaliam com que atenções e cortezias se tratam no primeiro encontro pessoas que, depois de desavindas, reatam as an

tigas relações. Neste particular, nenhum dos que se achavam presentes levou vantagem a Lourenço, origem da desavença.

Das nove para as dez horas começou o almoço, na parte lateral do alpendre que dava para a varzea. Com ser almoço de gente pobre, foi variado e abundante.

Moquecas de amorés, e frigideiras e ensopados de goyamús, preparados de vespera por Marianninha; sarapatel feito do sangue do carneiro por Marcellina; angú de milho já nesse tempo muito usado entre o povo, e que Joaquina sabia fazer primorosamente, deram-lhe, com café com leite, e as usuaes macaxeiras e batatas doces, honras de lauta refeição de gente abastada.

Quando foi chegando o occasião do café, Francisco pegou do copo e, dirigindo-se a Marianninha, disse-lhe :

— Marianninha, enche o teu copo. Ha de ser de virar. A' saude do teu casamento.

A meniça empallideceu, e guardou silencio.

— Então, Marianninha, que é isto? inquiriu Marcellina. Põe vinho no copo, menina. Não fiques triste. Desta vez ha de fazer-se o que tanto desejas.

— A' saude do teu casamento, Marianninha, repetiu Francisco pondo-se de pé.

E voltando-se para Lourenço :

— Que fazes tambem tu ali que não despejas logo o teu bacamarte? Queres ou não queres casar com Marianninha?

— Quero, sim senhor. Eu já tinha feito tenção de falar nisto hoje, si vosmecê me dêsse licença.

— E porque não? Jurei sobre a cova do compadre Victorino que tu, Lourenço, havias de ser o marido de Marianninha. Chegou a occasião. Mas... que tens, menina? perguntou Francisco, vendo a afilhada com os olhos cheios de lagrimas. Não choras. A occasião é para a gente rir.

Lourenço, Francisco, Marcellina e Joaquina levaram os copos aos labios, e esvaziaram-nos. Sómente Marianninha não bebeu.

— Por que motivo não bebes? perguntou Francisco espantado.

— Porque esse casamento não se ha de fazer, respondeu a menina, com voz chorosa.

— Estás malucando, menina, tornou Francisco.

Os outros, silenciosos e confusos, cravaram as vistas na filha de Victorino, cuja pallidez augmentara.

— Ha de fazer-se o casamento, porque eu quero, Lourenço quer, e tu queres.

— Não, eu não quero, meu padrinho, respondeu ella com firmeza, que a todos deixou por um instante espantados, quasi fulminados.

— Tu não queres! exclamou o matuto, tomado de assombro. Por esta não esperava eu!

— Não quero, não senhor. Não quero, porque sei que Lourenço não me quer bem.

Lourenço, a esta voz, quiz vir ao encontro da rapariga, mas faltaram-lhe expressões. Como havia

de provar o contrario, quando na consciencia de todos parecia existir um tropel de provas a favor da affirmativa de Marianninha?

Houve, por instantes, uma como suspensão da vida em todos os cónvivas. No semblante de alguns, em cujo numero estava Marcellina, revelou-se vaga expressão de pezar.

Francisco, levando as vistas ao rosto de Lourenço, foi o primeiro que rompeu o silencio :

— Quanto a isto, estou calado. Si Lourenço te quer bem ou não quer, só elle é que sabe, só elle poderá dizer.

Lourenço acudiu simplesmente :

— Por meu gosto, quero casar com Marianninha.

Esta retorquiu :

— Eu já quiz, mas agora não quero mais. Si não me casar nunca, nem por isso hei de morrer. Tenho vivido muito bem em companhia de minha mãe.

Tão decisiva resposta poz termo á questão. O casamento estava definitivamente desmanchado.

Neste interim. ouvindo ruido de passos de cavallo no caminho, e, logo depois, o echo de pancadas na porta da frente. correu Joaquina a ver quem era.

— Querem ver que temos por aqui o Saturnino, que volta do *Jatobá* — conjecturou Francisco.

Palavras não eram ditas, quando Joaquina gritou de fóra :

— Marianninha, Marianninha, aqui está Bernardina!

Todos correram ao encontro da filha mais velha do Victorino.

Era de feito ella com o marido, o incomparavel Cypriano, já casados, que, aproveitando a occasião de ter ido ter com elles, por mandado de Joaquina, o Saturnino logo depois da sua chegada do Tracunhaem com Lourenço e Francisco, vinham abraçar a velha e a moça, contentes e felizes.

O convívio, que esfriara um momento, recobrou novo calor.

Bernardina, depois da grave doença que a puzera de cama, botara corpo, e estava outra, isto é, cada vez mais bonita.

Cypriano tambem mudara muito com o casamento. De concentrado e bisonho que era, tornara-se expansivo e sociavel. A' sombra do padre Antonio, formara-se aquella modesta familia, por elle dotada e favorecida.

O padre mandara a Lourenço uma carta.

— Que diz essa carta, Lourenço? perguntou Francisco, vendo o rapaz passar as vistas por cima das regras tremidas.

Lourenço leu em voz alta, para todos ouvirem :

« Lourenço, Deus te abençõe.

« Depois de casados e arrançados aqui junto de mim, Cypriano e Bernardina resolveram mudar-se para Goyanna, onde ella diz querer morrer. Lá nasceu, lá lhe correram os dias da primeira mocidade, lá tem as cinzas de seu pae, lá quer acabar,

ao lado da mãe e da irmã. Para que tudo se arranjasse do melhor modo, fiquei com a parte de terra, que tinha dado de dote á menina, e dei-lhe o equivalente em dinheiro, com a condição de comprarem ahí outra terra onde vivam, sem serem pesados a ninguém.

« Estando eu já no fim da vida, e vendo-me assim só neste ermo, venho propor-te a tua mudança para aqui.

« Em casa deste padre velho e achacado acharás, ao menos, bons conselhos que de muito te devem servir no governo da vida.

« Cypriano porá nas tuas mãos novo papel de doação do sitio do Cajueiro, onde poderão ficar morando Francisco e Marcellina.

« Está com os olhos nò caminho o

« Padre ANTONIO »

Quando Lourenço terminou a leitura, Marcellina tinha os olhos nadando em lagrimas, Francisco emmudecera commovido, e o proprio rapaz, dobrando o papel, sentia um grande aperto no coração. A carta era uma ordem terminante, a que elle devia obedecer. A separação era inevitavel.

— Vaes assim deixar-nos, meu filho! exclamou Marcellina. Meu Deus! Quantas cousas neste dia! Só consinto que nos deixes, porque sei que tu não me pertences.

Depois, enxugando os olhos, a cabocla disse com voz segura :

— Deves ir, Lourenço. A felicidade está te chamando. É a felicidade, filho; acredita nas minhas palavras, porque eu sei o que estou dizendo. Seu padre, que te abençôa, é porque elle quer ser teu pae.

Dizendo estas palavras, a cabocla parecia querer fazer-se forte; mas, foi em vão. As lagrimas, desta vez copiosas, voltaram-lhe aos olhos; e com pouco, entrou a soluçar. Sem se poder conter, correu ao rapaz, abraçou-o ternamente, como quem ia separar-se de uma vez, por morte.

No outro dia, pela manhã, deu-se uma scena ainda mais viva do que esta entre Marcellina e Lourenço.

— Minha mãe, perguntou este, vosmecê viu o que fez Marianninha hontem?

— Vi sim. Eu não esperava por aquillo, ainda que tu...

— Nãome diga nada, minha mãe, que eu tudo sei. Si lhe falo nisto agora, é para lhe dizer que antes de sahir do Cajueiro para o Jatobá, hei de vingar-me de Marianninha.

Um raio que cahisse aos pé da cabocla não a teria aterrado tanto como estas palavras do rapaz.

— Lourenço, Lourenço, que estás dizendo, Lourenço?! respondeu ella com os tons de suprema angustia.

E atirando-se de joelhos aos pés do rapaz com as mãos postas, em attitude de quem supplicava, continuou :

— Por minha benção te rogo, Lourenço, que te esqueças de semelhante delirio.

— Deixe-me falar, minha mãe — tornou elle, levantando-a; vosmecê não sabe o que eu vou dizer. Pensa que, para vingar-me do que Marianninha me fez, quero matal-a?

— Nem por graça digas esta palavra, filho.

— Eu quero vingar-me della de modo muito differente. Quando ella souber para quanto presto, não ha de fugir de mim, ha de correr para me abraçar; mas já não ha de encontrar-me, minha mãe, porque eu estarei bem longe desta terra onde tenho soffrido tanto desgosto, onde só eu tenho sido o infeliz.

— E que é que tu queres fazer?

— Vosmecê sabe que Saturnino, desde pequeno, sempre quiz muito bem a Marianninha.

— É verdade.

— Pois, sim : eu quero fazer um presente a Marianninha com a condição de casar com Saturnino; mas o presente depende de vosmecê e de meu pae.

— Que presente é?

— Quero dar-lhe este sitio, que seu padre me deu.

— O teu sitio, Lourenço? O teu sitio tão bom, tão bonito?

— Bom e bonito? Sim; elle é tudo isto; mas elle me recorda sempre cousas muito tristes. Eu não passo aqui sem me lembrar de sinhá d. Damiana, e de tudo mais que houve. Além disso, para que

eu o quero, si eu não hei de voltar mais a Goyanna sínão de passagem? Sinhá d. Damiana deve voltar, porque todos os seus bens hão de ser-lhe restituídos. Ora Deus me livre de ter terras e casa junto das della. Vosmecês tambem não precisam delle, para morarem, porque têm o seu pedacinho de terra e a sua casa. Assim, minha mãe, deixe-me tomar a vingança a meu modo. Só assim sahirei de Goyanna consolado.

— Pois faze o que quizeres, Lourenço.

Tres dias depois, quando os gallos começaram a amiudar, Lourenço montou a cavallo á porta do sitio do Cajueiro. Francisco e Marcellina, de pé, do lado de fóra, viram-n' o partir, viram-n' o desaparecer, ouviram ambos, com as faces inundadas de lagrimas, os ultimos ruidos dos passos do cavallo, que conduzia para bem longe o melhor das esperanças, o melhor dos affectos d'aquellas existencias tão boas, tão dignas, tão irmãs, — d'aquellas existencias tão ricas na sua pobreza, tão grandes no seu pequenino mundo, tão nobres na sua humilde condição — dois tomos de uma obra que se poderia intitular — *Trabalho, bom senso e virtude*.

EXTRACTO DO CATALOGO
DA
LIVRARIA DE H. GARNIER

RIO DE JANEIRO
71-73, RUA OUVIDOR, 71-73

I. — LITTERATURA

1.° — PROSA

- Alfarrabios.** Chronica dos tempos coloniaes, por J. M. DE ALENCAR; contendo :
I. **O Garatuja.** 1 v. in-8.° enc. 3\$000, br. 2\$000
II. **O Ermitão da Gloria e a Alma de Lazaro.** 1. in-8.° enc. 3\$000, br. 2\$000
Alma (A) e o cerebro, estudos de psychologia e de physiologia. Obras do Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-4.° 8\$000
Baroneza (A) de amor, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 2 vs. in-8.° enc. 6\$000, br. 4\$000
Brazileiras celebres, por J. NORBERTO DE SOUZA SILVA. 1 v. in-8.° enc. 3\$000
Caça (A) de um baronato. A herança esperada é inesperada, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1\$600, br. 1\$000
Cartas a um Solitario, pelo Dr. A. C. TAVARES BASTOS. 1 v. in-4.° enc. 4\$000, br. 3\$000
Casa de pensão, por ALUIZIO AZEVEDO, 2.ª edição, 1 v. in-8.° enc. 4\$000, br. 3\$000
Casamento de tirar o chapéo. O Diabo não é tão feio como se pinta. Charadas da Campanha. Uma viagem ao sul do Brazil, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1\$600 br. 1\$000
Carteira (A) de meu tio. 4.ª edição, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.° enc. 3\$000 br. 2\$000
Casamento (Um) no arrabalde, por FRANKLIN TAVORA 1 v. in-4.° br 1\$000
Ciganos no Brazil (Os). Contribuição ethnographica, pelo Dr. MELLO MORAES FILHO, 1 v. in-8.° enc. 3\$000, br. 2\$000
Cinco minutos. A Viuvinha. Romances, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.° enc. 3\$000, br. 2\$000
Commentarios e Pensamentos, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-8.° enc. 4\$000
Confederação (A) dos Tamoyos, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA, 3.ª edição, correcta e accrescentada pelo autor. 1 v. 8\$000

- Contos da roça**, por EMILIO AUGUSTO ZALUAR, 2 vs. enc. 3\$000, br. 2\$000
- Contos ephemeros**, por ARTHUR AZEVEDO, 1 v. enc. 4\$000, br. 3\$000
- Contos Fluminenses**, contendo Miss Dollar, Luiz Soares. A mulher de preto. O segredo de Augusta, Confissão de uma moça, Frei Simão, Linha recta e linha curva, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º enc. 5\$000, br. 4\$000
- Contos possiveis**, por ARTHUR AZEVEDO, 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Contos sem pretensão**. A alma do outro mundo. O ultimo concerto. O homem e o Cão, por LUIZ GUIMARÃES JUNIOR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Correr (Ao) da Penna**. (Folhetins.) Revista hebdomaearia das paginas menores do "Correio Mercantil", por J. M. DE ALENCAR, 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Cortico (O)**, por ALUIZIO AZEVEDO, 3.ª edição, 1 v. in-8.º, enc. 4\$000, br. 3\$000
- Coruja (O)**, por ALUIZIO AZEVEDO, 1 v. in-8.º, enc. 4\$000 br. 3\$000
- Crime (O) do Padre Amaro**, por EÇA DE QUEIROZ, 1 gr. v. in-8.º br. 9\$000
- Culto (O) do Dever**. Romance, pelo do Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 1 v. in-8.º enc. 3\$000 br. 2\$000
- Curiosidades**, Noticias e variedades historicas brazileiras, por MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Curso de litteratura brazileira**. Ou escolha de varios trechos em prosa e verso de autores nacionaes antigos e modernos, seguido dos *Cantos do Padre Anchieta*. pelo Dr. A. S. DE MELLO MORAES FILHO, 3.ª edição consideravelmente melhorada. 1 grosso v. in-4.º enc. 6\$000
- Curvas e Zig-Zags**. Cantos humoristicos, por LUIZ GUIMARÃES JUNIOR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Diva**. Perfil de Mulher. Romance, por J. M. DE ALENCAR. 5.ª edição. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Dom Casmurro**, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º enc. 5\$000, br. 4\$000
- Dous (Os) Amores**. Romance brazileiro, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br. 4\$000
- Dous dias de felicidade no campo**, seguido do Curso de experiencia repentina. Pensamentos de pequena superficie, mas de grande profundidade. O relógio de Gertrudes, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1\$600, br. 1\$000
- Doutor (O) Benignus**, por EMILIO AUGUSTO ZALUAR. 2 vs. in-8.º enc. 2\$000 br. 3\$000
- Epochas e Individualidades**. Estudos litterarios por CLOVIS BEVILAQUA. 1 v. in-8.º enc. 4\$000 br. 3\$000
- Ermittão (O) da Gloria, A Alma de Lazaro**, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.º 3\$000 br. 2\$000
- Ermittão (O) de Muquem**, ou a historia da romaria de

- Muquem na provincia de Goyaz, romance de costumes nacionaes, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Escrava (A) Isaura**, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Factos do Espirito Humano**, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA, 2.ª edição. 1 v. in-4.º enc. 8\$000
- Fantina**, scenas da escravidão, por F. C. DUARTE BADARÓ. 1 v. in-12 enc. 1\$600, br. 1\$000
- Fatalidades (As) de dous jovens**. Recordações dos tempos coloniaes, por TEIXERA E SOUZA. 1 v. in-8.º enc. 5\$000, br. 4\$000
- Favos e Travos**, por ROZENDO MUNIZ. Romance. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Foragido (O)**, por PEDRO AMERICO DE FIGUEIREDO, com uma noticia biographica, por J. M. CARDOSO DE OLIVEIRA. 1 v. in-8.º, enc. 4\$000, br. 3\$000
- Festas e tradições populares do Brazil**, pelo Dr. MELLO MORAES Filho, 2.ª edição correcta
- Forasteiro (O)**, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 3 vs. in-8.º enc. 9\$000, br. 6\$000
- Os Francezes no Rio de Janeiro**. Romance historico, pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Garatuja (O)**, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Garimpeiro (O)**, romance por BERNARDO GUIMARÃES, 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Gaúcho (O)**, por SENIO (J. M. DE ALENCAR). 2 v. in-8.º enc. 6\$000, br. 4\$000
- Gnarany (O)**. Episodios da Historia do Brazil nos primeiros tempos coloniaes, por J. M. DE ALENCAR. Nova edição. 2 v. in-8.º enc. 6\$000, br. 4\$000
- Virandola de Amores** já publicado com o titulo. Mysterio da Tijuca, litteratura dos vinte annos, por ALUIZIO AZEVEDO, 1 vol. in-8.º enc. 4\$000. br. 3\$000
- Guerra dos Mascates**, chronica dos tempos coloniaes, por SENIO (J. M. ALENCAR). 2 v. in-8.º enc. 6\$000 br. 4\$000
- Helena**, romance, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Historias Brazileiras**, por SYLVIO DINARTE. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Historia da litteratura Brazileira**, por SYLVIO ROMERO. 2 grossos v. encadernados. 20\$000
- Historias da Meia Noite**, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Historias sem data**, por MACHADO DE ASSIS. 1 elegante volume in-8.º nitidamente impresso, enc. 3\$000, br. 2\$000
- Holocausto**, romance por XAVIER MARQUES. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. 3\$000

- Homem (O)**, por ALUIZIO AZEVEDO. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Ilha (A) maldita. — O pão de Ouro**, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Indio (O) Affonso**, seguido de : **A Morte de Gonçalves Dias**, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-12.º enc. 1\$600, br. 1\$000
- Instrução (A) publica no Brazil**, pelo Conselheiro Dr. JOSÉ LIBERATO BARROSO. 1 v. in-4.º enc. 7\$000
- Iraccma**, lenda do Ceará, por J. M. DE ALENCAR, 4.ª edição. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Lendas e Romances**. Uma Historia de Quilombolas. A Garganta do Inferno. A Dansa dos Ossos, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.º, enc. 3\$000, br. 2\$000
- Livro (O) de nma sogra**, por ALUIZIO AZEVEDO, 3.ª edição. 1 v. in-8.º, enc. 4\$000, br. 3\$000
- Lobos de Pariz (Os)**, por JULIO LERMINA. 3 v. br. 9\$000
- Lourenço de Mendonça**. Episodio dos tempos coloniaes, pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Luciola**. Perfil de Mulher. Romance, por J. M. DE ALENCAR. 4.ª edição. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Luneta (A) magica**, pelo Dr JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br. 4\$000
- Mãe Tapuia** (contos), por MEDEIROS E ALBUQUERQUE (da Academia Brasileira). 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Maías (Os)**, episodios da vida romantica, por EÇA DE QUEIROZ, 2 grossos volumes in-8.º br. 16\$000
- Mandarim (O)**, por EÇA DE QUEIROZ, 1 v. in-8.º, br. 4\$000
- Manuscripto de uma mulher**, pelo visconde DE TAUNAY, 1 v. in-8.º, enc. 4\$000, br. 3\$000
- Mariposas**, romance brasileiro, por EDMUNDO FRANK 2 v. in-8.º enc. 6\$000, br. 4\$000
- Martyres da vida intima**, por PIRES DE ALMEIDA. Photographias. 1 v. in-12.º enc. 1\$600 br. 1\$000
- Martyrio (O) do Tiradentes**, ou Frei José do Desterro, lenda brasileira, por NORBERTO DE SOUZA. 1 v. in-12.º, enc. 1\$600, br. 1\$000
- Manricio** ou os Paulistas em S. João d'El-Rei, por BERNARDO GUIMARÃES. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br. 4\$000
- Memorias posthumas de Braz Cubas**, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Memorias da rua Ouvidor**, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-4.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Memorias de um condemnado**, 2.ª edição, por ALUIZIO AZEVEDO. 1 v. in-8.º enc. 4\$000 br. 3\$000
- Memorias de um Sargento de Milicias** (romance de costumes brasileiros), por M. A. DE ALMEIDA, precedido de uma Introducção litteraria, pelo Dr. JOSÉ VERISSIMO, da Academia brasileira. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000

- Memorias do Sobrinho de meu Tio**, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br. . . . 4\$000
- Minas (As) de Prata**. Complemento do «Guarany». Episodio da Historia do Brazil nos primeiros tempos coloniaes. Romance historico; por J. M. DE ALENCAR. 3 v. in-8.º enc. 12\$000, br. 9\$000
- Mocidade de Trajano**, por SYLVIO DINARTE. 2 v. in-8.º enc. 6\$000, br. 4\$000
- Moço (O) Loiro**, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000 br. 4\$000
- Modernas ideias (As) na Litteratura Portugueza**, por THEOPHILO BRAGA. 2 vs. enc. 12\$000, br. 10\$000
- Moreninha (A)**, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Morte moral (A)**. Novella por A. D. DE PASCUAL. 4 v. in-8.º enc. 16\$000, br. 12\$000
- Parte primeira. — *Cesar*.
 Parte segunda. — *Antonieta*.
 Parte terceira. — *Annibal*.
 Parte quarta. — *Almerinda*.
- Mulato (O)**. por ALUIZIO AZEVEDO. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Mulheres (As) de Mantilha**, romance historico, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 v. in-8.º enc. 6\$000, br. 4\$000
- Mysterios da Tijuca**. Vide *Girandola de Amores*.
- Mythos e Poemas**. Nacionalismo, pelo Dr. MELLO MORAES FILHO. 1 v. nitidamente impresso, enc. 4\$000, br. . . 3\$000
- Namoradeira (A)**. Romance pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 3 vs. in-8.º enc. 9\$000, br. 6\$000
- Narrativas militares** (scenas e typos), por SYLVIO DINARTE. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Nina**. Romance, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 v. in-8.º enc. 6\$000, br. 4\$000
- Noivo (Um) a Duas Noivas**. Romance, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 3 vs. in-8.º enc. 9\$000, br. . . 6\$000
- Necturnos**. Prosa, por LUIZ GUIMARÃES JUNIOR, com uma introdução do Conselheiro JOSÉ DE ALENCAR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Noivos (Os)** de MANZONI, traducção do Dr. JOSÉ VERISSIMO, da Adademia Brasileira. 0\$00
- Novos estudos de Litteratura Contemporanea**, por SYLVIO ROMERO. 1 v. in-8.º enc. 5\$000, br. . . . 4\$000
- Obras** do Dr. ANTONIO FERREIRA. 4.ª edição annotada e precedida de um estudo sobre a vida e obras do poeta, pelo conego FERNANDES PINHEIRO, 2 vs. enc. 8\$000, rica enc. 12\$000
- Obras** de MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO, precedidas do juizo critico dos escriptores nacionaes e estran-

- geiros, e de uma noticia sobre o autor e suas obras por J. Norberto de Souza e Silva. 5.^a edição, inteiramente refundida e augmentada. 3 v. in-8.^o enc. 9\$000, br. 6\$000
- Opusculos historicos e litterarios**, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA, 2.^a edição. 1 v. in-4.^o enc. 8\$000
- Opusculos recreativos e populares**, pelo Dr. HAMVULTANDO. 1 v. in-4.^o enc. 5\$000, br. 4\$000
- Ouro sobre azul**, pelo visconde DE TAUNAY, 3.^a edição. 1 v. in-8.^o enc. 5\$000, br. 4\$000
- Paginas recolhidas**, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.^o enc. 5\$000, br. 4\$000
- Papeis avulsos**, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.^o enc. 4\$000, br. 3\$000
- Passelo (Um) pela cidade do Rio de Janeiro**, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-4.^o com numerosas estampas. 8\$000
- Pata (A) da Gazella**, por SENIO (J. M. DE ALENCAR). 1 v. in-8.^o enc. 3\$000, br. 2\$000
- Pégadas**, por ALUIZIO AZEVEDO. 1 v. in-8.^o enc. 5\$000, br. 4\$000
- Philomena Borges**, por ALUIZIO AZEVEDO, 2.^a edição. 1 v. in-8.^o enc. 4\$000, br. 3\$000
- Picciola**, por X. B. SAINTINE. Obra premiada pelo Instituto de França, versão portugueza de FRANCISCO LADISLAU ALVARES DE ANDRADE. 2.^a edição escrupulosamente revista com a 36.^a do original, unica traducção approvada e consentida pelo autor. 1 v. in-8.^o enc. 4\$000
- Primo (O)** Bazilio episodio domestico, por EÇA DE QUEIROZ, 1 grosso volume in-8.^o br. 8\$000
- Provinciano (Um) ladino**. Onde se encontra a verdadeira felicidade, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1\$600, br. 1\$000
- Quadros e chronicas**, por MELLO MORAES FILHO, com um Estudo por SYLVIO ROMERO. 1 v. in-8.^o enc. 6\$000, br. 5\$000
- Quatro (Os) Pontos Cardcaes. A Mysterosa**. Romances, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 grosso volume in-8.^o enc. 3\$000, br. 2\$000
- Quincas Borba**, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.^o enc. 4\$000, br. 3\$000
- Reliquia (A)**, por EÇA DE QUEIROZ. 1 v. in-8.^o br. 6\$000
- Resurreição**. Romance, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.^o enc. 3\$000, br. 2\$000
- Retirada da Laguma (A)**, pelo Visconde DE TAUNAY, traducção do Dr. B. F. RAMIZ GALVÃO. 0\$000
- Rio (O) do Quarto**, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 v. in-8.^o enc. 3\$000, br. 2\$000
- Romances da Semana**, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.^o enc. 2\$000, br. 3\$000
- Rosa**. Romance, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.^o enc. 6\$000, br. 4\$000

Rosaura, A Eugêitada , romance brasileiro, por BERNARDO GUIMARÃES, 2 vs. in-8.º, enc. 6\$000, br.	4\$000
Scenas da vida republicana , reminiscencias do feliz tempo escolar, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1\$600 br.	1\$000
Seminarista (O) , romance brasileiro por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br.	2\$000
Senhora . Perfil de Mulher, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br.	2\$000
Sertanejo (O) , romance brasileiro, por J. M. DE ALENCAR. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000 br.	4\$000
Sonhos d'Oiro , por J. M. DE ALENCAR. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br.	4\$000
Trouço (O) do Ipé , por SENIO (J. M. DE ALENCAR). 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br.	3\$000
Til . Romance, por J. M. DE ALENCAR. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000. br.	4\$000
Ubirajara , lenda tupy, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br.	2\$000
Uma lagrima de Mulher , por ALUIZIO AZEVEDO. 2.ª edição, enc. 4\$000, br.	3\$000
Valle (O) do Amazonas , pelo Dr. A. C. TAVARES BASTOS. 1 v. in-4.º enc.	8\$000
Vicentina , romance, por JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br.	4\$000
Victimas Algozes (As) . Quadros da Escravidão pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000 br.	4\$000
Yayá Garcia , por MACHADO DE ASSIS. 2.ª edição, 1 v. in-8.º enc. 5\$000, br.	4\$000

2.º — POESIA

Album do Trovador Brasileiro , escolha de lindas modinhas, recitativos, lundús, romances, arias, canções, melodias, etc., etc. 1 vol. in-8.º br.	5\$00
Alcyones , poesias por CARLOS FERREIRA. 1 vol. in-8.º enc. 4\$000, br.	3\$000
Alvoradas , versos de LUCIO DE MENDONÇA. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br.	2\$000
Americanas , poesias, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br.	2\$000
Aspasia , poesias, pelo Conselheiro PEREIRA DA SILVA. 1 vol. in-8.º nitidamente impresso, enc. 3\$000, br.	2\$000
Brazilianas , poesias por MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALFRE. 1 vol. in-8.º enc.	6\$000
Cachoeira (A) de Paulo Afonso . Poema original brasileiro. Fragmento dos escravos, sob o titulo de <i>Manuscriptos de Senio</i> , por CASTRO ALVES. 1 v. in-4.º enc. 3\$000, br.	2\$000

- Cancioneiro dos Ciganos.** Poesia popular dos Ciganos da Cidade-Nova, precedida de um estudo sobre a genealogia de seu caracter poetico, contendo fórmulas magicas, velorias e superstições d'esse povo, pelo Dr. MELLO MORAES FILHO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Cancioneiro do Brazil,** pelo Dr. MELLO MORAES FILHO. Collecção escolhida de poesias, lendas e canções populares do Brazil. E composta dos tres volumes seguintes, que se vendem separadamente :
- I. — *Tradicionaes* : Bailes pastoris.
- II. — *Actualidades* : Scenas comicas, monologos e cançonetas, recitativos ao piano ou ao violão.
- III. — *Hymnos* : Modinhas e lundús, seneratas, barcarolas.
- Canticos Funebres,** pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-4.º enc. 8\$000
- Cantora brasileira (A.)** Nova collecção de Poesias tanto amorosas como sentimentaes, precedida de algumas reflexões sobre a musica no Brazil. E composta dos tres volumes seguintes :
- Modinhas brasileiras.* 1 v. in-12 enc. 2\$000 br. 1\$500
- Recitativos.* 1 v. in-12 enc. 2\$000, br. 1\$500
- Hymnos, Canções e Lundús.* 1 v. in-12 enc. 2\$000, br. 1\$500
- Cantos do Equador,** por MELLO MORAES Filho. Edição definitiva com estudos literarias de SYLVIO ROMERO e XAVIER MARQUES. 1 v. in-12 enc. 3\$000 br. 2\$000
- Caramuru poema epico do descobrimento da Bahía,** por FR. JOSÉ DE SANTA-RITA DURÃO.
- Nova edição brasileira, precedida da biographia do autor pelo VISCONDE DE PORTO SEGURO, 1 vol. in-8.º enc. 3\$000
- Chrysalidas,** poesias por MACHADO DE ASSIS. com um prefacio do Dr. CAETANO FILGUEIRAS. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Colombo,** poema por MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE. 2 v. in-4.º enc. 8\$000
- Corymbos.** Poesias por LUIZ GUIMARAES JUNIOR. 1 v. in-4.º br. 3\$000
- Espumas fluctuantes,** por CASTRO ALVES. Nova edição, 1 v. enc. 3\$000, br. 2\$000
- Filigranas,** por LUIZ GUIMARAES JUNIOR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Flóres e Fructos,** poesias por BRUNO SEABRA. 1 v. in-8.º enc. 3\$000 br. 2\$000
- Flóres entre espinhos,** contos poeticos, por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 1 v. in-8.º enc. 3\$000
- Flóres Silvestres.** Poesias, por F. L. BITTENCOURT SAMPAIO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Folhas do Outomno,** collecção de primorosas poesias, por BERNARDO GUIMARAES. 1 v. in-8.º enc. 3\$000. br. 2\$000
- Hugonianas,** poesias de VICTOR HUGO, traduzidas por poetas

- brazileiros, collegidas por MUCIO TEIXEIRA. 1 v. in-4.º enc. 10\$000, br. 8\$000
- Iliada de Homero.** Trad. em verso portuguez por MANOEL ODORICO MENDES. 1 v. in-4.º enc. 6\$000
- Os Lusíadas**, por LUIZ DE CAMÕES, poema epico, edição classica com uma noticia sobre a vida e obras de autor pelo Conego Dr. J.-C. FERNANDES PINHEIRO e com um estudo sobre *Camões e os Lusíadas* pelo Dr. JOSÉ VERISSIMO, da Academia Brasileira. 1 v. in-12, dourado 5\$000, enc. 4\$000, br. 3\$000
- Lyra do trovador.** Collecção de modinhas, lundús, serenatas, etc. 1 v. in-8.º br. 1\$000
- Marília de Dirceu**, por THOMAZ ANTONIO GONZAGA, nova edição revista por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000
- Moniz Barretto, o repentista**, estudo, por ROZENDO MONIZ. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Nebulosa (A).** Poema, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-4.º enc. 4\$000
- Novas Poesias**, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.º enc. br. 2\$000
- Obras completas** de J. M. CASIMIRO DE ABREU, colligidas, annotadas, precedidas de um juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e de uma noticia sobre o autor e seus escriptos por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA, nova edição. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Obras poeticas**, de IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO, colligidas e precedidas de um juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e de uma noticia sobre o autor e suas obras, com documentos historicos, por J. NORBERTO E SOUZA E SILVA. 1 v. in-8.º enc. 3\$000
- Obras poeticas** de LAURINDO RABELLO, colligidas, annotadas, precedidas do juizo critico de escriptores, e de uma noticia sobre o autor e suas obras, por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 1 v. in-8.º nitidamente impresso, enc. 3\$000 br. 2\$000
- Obras poeticas**, de MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA, colligidas, annotadas e precedidas do juizo dos autores nacionaes estrangeiros, e de uma noticia biographica sobre o autor e suas obras, por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000
- O outomno**, collecção de poesias de ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO. 1 v. in-4.º enc. 5\$000, br. 4\$000
- Opalas**, poesias por FONTOURA XAVIER. 1 v. in-8.º br. 2\$000
- Paraiso Perdido (O)**, epopéa de João Milton, vertida do original inglez para verso portuguez, por ANTONIO JOSÉ DE LIMA LEITÃO. 2 vs. in-4.º enc. 12\$000
- Parnaso Brasileiro**, comprehendendo toda a evolução da poesia nacional desde 1556. época em que foi representado o *Auto de S. Lourenço*, do padre Anchieta, até 1880, pelo Dr.

- MELLO MORAES FILHO. 2 grossos vs. in-8.º enc. 10\$000,
br. 8\$000
- Parnaso Juvenil** ou **poesias moraes**, colleccionadas, adaptadas e offerecidas á mocidade, por ANTONIO MARIA BARKER. 3.ª edição 1 v. in-8.º enc 3\$000
- Obras posthumas** de A. GONÇALVES DIAS, precedidas de uma noticia de sua vida e obras pelo Dr. ANTONIO HENRIQUES LEAL. 6 vs. in-4.º enc. 25\$000
- Phalenas**, por MACHADO DE ASSIS. Poesias: Varia, Lyra chinesa. Uma ode de Anachreonte, Pallida Elvira. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Poesias**. Cantos da Solidão, Inspirações da tarde, Poesias diversas, Evocações, seguidas de notas, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Poesias avulsas**, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-4.º enc. 8\$000
- Poesias**, de A. GONÇALVES DIAS, 8.ª edição augmentada com muitas poesias, inclusive os Tymbras, e cuidadosamente revista por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA, precedida da biographia do autor, pelo Sr. Conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000 br. 4\$000
- Poesias** de FRANCISCO DE PAULA BRITO, precedidas de uma noticia sobre o autor pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-4.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Poesias**, por ALBERTO OLIVEIRA. Meridionaes, Sonetos e poemas. Versos e Rimas, por amor de uma lagrima e Livro de Emma, edição definitiva, com juizos criticos de Machado de Assis, Araupe Junior e Affonso Celso (todos da Academia Brasileira) cem o retrato do autor. 1 vol. nitidamente impresso em Paris, enc. 6\$000, br. 5\$000
- Poesias posthumas** de FAUSTINO XAVIER DE NOVAES. 1 vol. in-4.º enc. 6\$000
- Primeiros versos**, por JULIO DE CASTILHO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Quadros**, Poesias, de JOAQUIM SERRA. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Revelações**, poesias de AUGUSTO EMILIO ZALUAR. Esta edição, ornada do retrato do autor gravado em aço, é das mais nitidas e primorosas que têm apparecido entre nós. 1 v. in-4.º enc. 5\$000
- Suspiros Poeticos e Saudades**, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-8.º enc. 8\$000
- Urania**. Colleção de 100 poesias ineditas, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 vol. in-4.º nitidamente impresso sob as vistas do autor e elegantemente encadernado. 8\$000
- Esperas**, poesias dispersas, por THOMAZ RIBEIRO, 1 v. in-4.º br. 7\$000

3.º — THEATRO

- Azas (As) de um Anjo.** Comedia em um prologo, 4 a. e 1 epi-
logo, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Cincinato Quebra-Louça.** Comedia em 5 actos, pelo Dr. JOA-
QUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.º br. 2\$000
- Comedias de Martins Penna,** com um estudo critico sobre
o autor e o theatro no Rio de Janeiro por MELLO MORAES
FILHO e SYLVIO ROMERO, enc. 5\$000, br. 4\$000
- Demonio (O) Familiar.** Comedia em 4 a. por J. M. DE ALEN-
CAR. 1 v. in-8.º br. 2\$000
- D. Ignez de Castro.** Drama em 5 actos e em verso, por
JULIO DE CASTILHO. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Jesuita (O).** Drama em 4 a., por J. M. DE ALENCAR. 1 v.
in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Mie.** Drama em 4 actos, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.º enc.
3\$000, br. 2\$000
- Moleiro de Alcalá (O).** Operetta em 3 actos e 4 qua-
dros, por EDUARDO GARRIDO; musica de J. CLERICE. 1 v.
br. 3\$000
- Oligioto.** Tragedia em 5 actos, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES,
visconde de ARAGUAY. 1 v. in-4.º br. 2\$000
- Peccados Velhos,** farça em um acto, por EDUARDO GARRIDO
1 vd. in-8.º 3\$000
- A Pena de Satanaz,** magica por EDUARDO GARRIDO. 1 vol.
in-8.º, br. 3\$000
- O Prino da California.** Opera em 2 actos, pelo Dr. JOAQUIM
MANOEL DE MACEDO, 1 v. in-8.º br. 1\$000
- Scenas e Cançonetas** em prosa e em verso, por EDUARDO
GARRIDO. 1 vol. in-8.º, enc. 4\$000, br. 3\$000
- Scenas e Monologas,** em prosa e em verso, por EDUARDO
GARRIDO. 1 vol. in-8.º, enc. 4\$000, br. 3\$000
- Theatro alegre,** comedias, operetas, magicos, etc., por
EDUARDO GARRIDO, tomo I. O moleiro d'Alcalá, opereta. A
pera de Satanaz, magica e Peccados velhos farça. 1 vol. in-8.º,
enc. 5\$000
- Theatro lo** Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 3 vs. in-8.º ni-
tidamente impressos, enc. 9\$000, br. 6\$000
- Volume I : Luxo é Vaidade, Primo da California, Amor
e Patria.
Volume II : A Torre em Concurso, o Cégo, Cobé, Aברהão.
Volume III : Lusbella, Fantasma Branco, Novo Othelo.
- As seguintes peças também vendem-se separadamente :*
- A Torre em concurso.** 1\$500
Lusbella 1\$500
Fantasma Branco. 1\$500
Novo Othelo. \$500

Tragedias : Antonio José, Olgiate, Othelo, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-4.º enc. 8\$000
Verso e Reverso. Comedia em 2 actos, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. br. 1\$000

4.º VIAGENS

Peregrinação pela provincia de S. Paulo, por EMILIO AUGUSTO ZALUAR. 1860-1861, 1 v. in-4.º. 6\$000
Viagem ao redor do Brazil, por Severiano da FONSECA. 2 vols. enc. (raro). 25\$000
Viagem Imperial, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-4.º br. \$400

5.º — HISTORIA

Memorias do meu tempo, pelo Conselheiro, J. M. PEREIRA DA SILVA. 2 v. in-4.º enc. 14\$000, br. 16\$000
Apointamentos para a Historia da Republica dos Estados Unidos do Brazil, por M. E. DE CAMPOS PORTO. 1 v. in-4.º enc. 8\$000, br. 5\$000
Criminosos celebres. Episodios historicos : Pedro Hespanhol, Vasco de Moraes, os Salteadores da Ilha da Caqueirada, pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
Estadistas parlamentares, ou biographias de 24 notaveis parlamentares brasileiros, por TIMON. 1 v. in-folio br. contendo 7 retratos. 4\$000
Galeria historica da Revolução Brasileira, pelo Dr. URIAS DA SILVEIRA. 1 v. in-4.º gr. enc. 6\$000
Historias e Tradições da Provincia de Minas Geraes. A Cabeça do Tira-Dentes. A Filha do Fazendeiro, Jupira, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
Historia da Guerra do Paraguay por TH. FIX traduzida por J. FERNANDES DOS REIS. e annotada por *** 1 v. in-4.º enc. 6\$000, br. 4\$000
Historia da Republica jesuitica do Paraguay desde o descobrimento do Rio da Prata até nossos dias, pelo CONEGO JOÃO PEDRO GAY, 1 grosso volume in-4.º enc. 12\$000, br. 10\$000
Historia Geral do Paraguay, desde a sua descoberta até nossos dias, seguida de uma noticia biographica do estado actual do Paraguay, por DEMERSAY 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
Historia dos Jesuitas, por A. J. DE MELLO MORAES. 2 vs. in-4.º enc. 16\$000
Historia dos Martyres da Liberdade. por A. ESQUIROS, vertida da lingua franceza por A. GALLO, e augmentada

- com episodios tirados da Historia do Brazil e da de Portugal. 2 v. in-4.º enc. 10\$000, br. 8\$000
- Historia Universal da Igreja**, pelo Dr. JOÃO ALZOG; traducção de JOSÉ ANTONIO DE FREITAS; obra publicada com a approvação e sob os auspicios do episcopado lusitano e brazileiro. 4 v. in-4.º enc. 40\$000
- Homens do passado**, chronicas dos seculos XVIII e XIX; pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Jeronymo Corte-Real**. Chronica do seculo XIV, pelo Conselheiro J. M. PEREIRA DA SILVA, 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Manoel de Moraes**. Chronica do seculo XVI, pelo Conselheiro J. M. PEREIRA DA SILVA. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Marquez (O) de Pombal**. Obra commemorativa do centenario de sua morte, mandada publicar pelo Club de regatas GUANABARENSE do Rio de Janeiro, ornada de um retrato do Marquez. 1 grosso vol. br. 6\$000
- Memorias do Marquez de Santa Cruz**, Arcebispo da Bahia, D. Romualdo Antonio de Seixas, metropolitano e primaz do Brazil. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Primeiras lhas da Historia da Republica dos Estados Unidos do Brazil**, pelo Dr. JOAQUIM JOSÉ DE CARVALHO. 1 v. in-8.º br. 2\$000
- Primero (O) Reinado** estudado á luz da sciencia, ou a revolução de 7 Abril de 1831 justificada pelo direito e pela historia, por L. F. DA VEIGA. 1 grosso volume in-4.º gr. enc. 8\$000, br. 6\$000
- Resumo da Historia Contemporanea**, desde 1814-1865, pelo Conego Dr. J. G. FERNANDES PINHEIRO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000
- Resumo da Historia Litteraria**, pelo Conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO. 2 grossos volumes in-4.º nitidamente impressos, enc. 17\$000, br. 14\$000
- Rio (O) de Janeiro**, sua historia, monumentos, homens notaveis, usos e curiosidades, pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 2 vs. in-4.º enc. 15\$000, br. 12\$000
- Um estadista do Imperio Nabuco de Araujo**, sua vida, suas opiniões e sua epoca, por seu filho JOAQUIM NABUCO.
Tomo primeiro 1817-1852, enc. 15\$000, br. 10\$000
— segundo 1857-1866, enc. 15\$000, br. 10\$000
— terceiro, 1866-1879, enc. 15\$000, br. 10\$000
Vendem-se separadamente cada volume.
- Varões (Os) illustres do Brazil durante os tempos coloniaes**, pelo Conselheiro PEREIRA DA SILVA. 3.ª edição, augmentada e correctá. 2 v. in-8.º 8\$000
- Viagens em Marrocos**, por RUY DA CAMARA, com illustrações. 1 v. in-4.º br. 5\$000

Vida do grande cidadão brasileiro Luiz Alves de Lima e Silva, barão, conde, Marquez de Caxias, desde o seu nascimento, em 1803, até 1878, pelo Padre PINTO DE CAMPOS. Ornado de um bello retrato do Duque de Caxias. 1 v. in-4.º br. 5\$000

6.º — POLITICA

- Atribuições dos Presidentes da Província**, por CAETANO JOSÉ DE ANDRADE PINTO, juiz de direito. Estudo dividido em duas partes : 1.ª. O commentario á lei n. 38 de 3 de outubro de 1834, 2.ª. Nomenclatura dos serviços administrativos pertencentes aos presidentes de provincia. 1 v. in-4.º 6\$000
- Brazil em 1870 (O)**. Estudo politico, pelo Dr. A. A. DE SOUZA CARVALHO. 1 v. in-8.º br. 1\$000
- Brazil Social e Politico (O)**, ou o que fomos e o que somos, com trechos analogos extrahidos do sermonario do famoso politico Padre Antonio Vieira por A. J. DE MELLO MORAES. 1 v. in-4.º br. 1\$000
- Discursos** proferidos nas sessões do parlamento brasileiro de 1870 e 1871, pelo Conselheiro J. M. PEREIRA DA SILVA. 1 v. in-4.º br. 3\$000
- Discursos** proferidos na Camara dos Deputados e no Senado na sessão de 1869, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-4.º br. (G.). 2\$000
- Discursos** proferidos na sessão de 1871 da Camara dos Deputados, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-4.º br. 3\$000
- Discursos Parlamentares**, proferidos nas sessões de 1867-1869, pelo Conselheiro J. M. PEREIRA DA SILVA. 1 v. in-4.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Empire du Brésil (L')**, situation sociale, politique et économique, pelo Conselheiro J. M. PEREIRA DA SILVA. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Imperialismo (O) e a Reforma**, pelo Dr. A. A. DE SOUZA CARVALHO. 1 v. in-8.º br. 1\$000
- Liberdade (A) da Industria**, nas suas relações com a politica e com a historia da civilização, por CANDIDO DE FIGUEIREDO. 1 v. in-4.º br. 1\$000
- Obras Litterarias e Politicas**. Recordações de viagens e esboços historicos, pelo Conselheiro J. M. PEREIRA DA SILVA. 2 vs. in-4.º enc. 10\$000
- Repertorio da Constituição politica do Imperio do Brazil e do Acto adicional**, com a citação das leis, decretos e avisos relativos da mesma Constituição organizado por J. P. M. PORTELLA. 1 v. in-8.º enc. 3\$000
- Systema (O) representativo**, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-4.º enc. 4\$000, br. 3\$000

7.º — OBRAS DIVERSAS DE INSTRUÇÃO
E ESPIRITISMO

- Alcorão (O)**, escripto por MAHOMET e traduzido cuidadosamente para o portuguez. 1 v. in-4.º grande enc 25\$000, enc. de luxo. 30\$000
- De Foë : Aventuras de Robinson Crusóé**, traduzidas do original Inglez. Dous volumes nitidamente impressos, e illustrados com 24 lindas gravuras. 10\$000
- Bertoldo e Familia**. 1 v. in-12 enc. perc. 2\$000
- Confissão de um badense**, seguida de : **O Coronel Hap-petaler**. Lembrança da guerra Franco-Prussiana; Estudos humorísticos sobre o genio, temperamento, caracter, inclinações, usos e costumes dos Allemães, pintados á imitação da natureza, por A. ASSOLANT. Versão de A. GALLO. 1 v. in-12 enc. 1\$600, br. 1\$000
- Depois da morte ou a vida futura**, segundo a sciencia por LUIZ FIGUIER, versão do Dr. FERREIRA DE ARAUJO. 1 v. in-8.º enc. 4\$000 br. 3\$000
- Deus na Natureza**, por CAMILLO FLAMMARION, traduzido da 14.ª edição. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br. 4\$000
- Diccionario abreviado da fabula**, por CHAMPRÉ, para intelligencia dos autores antigos, dos paineis e das estatuas, cujos argumentos são tirados da historia poetica. 1 v. in-18 enc. 3\$000
- Dr. Judassohn (O)**. Estudo sobre o caracter allemão, por A. ASSOLANT, vertido do francez por A. GALLO. 1 v. in-12 enc. 1\$600, br. 1\$000
- Evolução Aninica (A)**, por GABRIEL DELANNE. Unica traducção autorisada pelo autor e approvada pela FEDERAÇÃO SPIRITA BRAZILEIRA. 1 v. in-8.º enc. 5\$000, br. 4\$000
- Grandes Invenções (As)** antigas e modernas nas sciencias, industrias e artes : a Imprensa, a Gravura, a Lithographia, a Polvora, a Bussola, o Papel, os Relogios, a Porcellana e Louçaria, o Vidre, os Oculos de alcance, o Telescopio, o Barometro, o Thermometro, o Vapor, a Electricidade, as Applicações da electricidade estatistica, Applicações da electricidade dynamica, os diversos systemas de iluminação, os Aerostatos, Poços Artesianos, Pontes pensis, o Tear, o Jacquard, a Photographia, o Estereoscopio, a Drenagem, por LUIZ FIGUIER, 1 v. in-4.º enc. 25\$000
- Homem primitivo (O)**, por LUIZ FIGUIER, obra illustrada com 40 scenas da vida do homem primitivo, desenhadas, por EMILIO BAYARD e com 256 figuras representado os objectos usuaes das primeiras épocas da humanidade. Traduzida por MANOEL JOSÉ FELGUEIRAS. 1 v. in-4.º enc. 16\$000
- Os mundos Imaginarios e os mundos Reaes**. Viagem pit-

- toresca pelo céu, por C. FLAMMARION. Revista critica das theorias humanas, scientificas e romanticas, antigas e modernas, sobre os habitantes dos astros. Ornados de uma bonita gravura. 1 grosso volume in-8.º enc. 5\$000, br. 4\$000
- Narrações do infinito. — Lumen. — Historia de um Alma. — Historia de um Cometa. — A vida Universal e Eterna,** por C. FLAMMARION. 1 grosso volume in-8.º enc. 5\$000, br. 4\$000
- Nos templos de Himalaya,** por VAN DER NAILLEN. Unica traducção autorizada pelo autor e approvada pela FEDERACÃO SPIRITA BRAZILEIRA. 1 v. enc. 5\$000, br. 4\$000
- Phenomeno Espirita (O).** Testemunhos dos Sabios com 20 gravuras. Unica traducção autorizada pelo autor e approvada pela FEDERACÃO SPIRITA BRAZILEIRA, por GARRIEL DELANNE. 1 v. in-8.º enc. 5\$000, br. 4\$000
- Pluralidade dos Mundos Habitados.** Estudo em que se expõe as condições de habitabilidade das terras celestes discutidas sob o ponto de vista da astronomia, da physiologia e da philosophia natural por C. FLAMMARION. Traduzida da 23.ª edição por M. VAZ PINTO COELHO e ornada de gravuras. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br. 4\$000
- Paulo e Virginia,** por BERNARDIN DE SAINT-PIERRE, com estampas. 1 v. in-18.º enc. 2\$500
- As Raças humanas,** por LUIZ FIGUIER, versão de ABILIO LOBO. 1 v. in-4.º enc. 2\$500
- Os Sabios illustres** (Christovão Colombo), por LUIZ FIGUIER, traducção de A. E. ZALUAR. 1 v. in-4.º br. 2\$500
- Supremacia intellectual da Raça Latina,** resposta ás allegações germanicas; por EMM. LIAIS. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000

II. — MISCELLANEA

1.º — OBRAS DE UTILIDADE PRATICA. — ECONOMIA DOMESTICA, ETC.

- Arte (A) do Alfaiate,** por E. COMPAING, director do « Jornal dos Alfaiates. » Traducção completa do côrte do vestuario. 1 v. in-folio com gravuras explicativas, enc. 4\$000
- Conselheiro (O) da Familia Brasileira,** encyclopedia dos conhecimentos indispensaveis na vida pratica. Um grosso volume nitidamente impresso, contendo diversos artigos sobre : habitação, vestidos, toucador, alimentação, hygiene, meninos, doenças, conselhos uteis, usos e deveres da sociedade, cartas, bailes e reuniões, palavras e phrasas viciosas, receitas culinarias, etc., etc., pelo Dr. FELIPPE NERY COLLAÇO, bem encadernado. 6\$000

- Conselheiro (O) secreto das damas**, segredos de toucador e receitas infallíveis para conservar e embelezar as diversas partes do corpo 1 v. in-32. 2\$000
- Correspondencia commercial (A)**, contendo mais de 300 cartas, circulares, offerecimentos de serviços, cartas de introdução et de recommendação, cartas de credito, pedido de informações, ordens de bolsa, operações de cambio, negocios em participação, consignações, transportes, seguros, transacções geraes, etc., etc., por HENRIQUE PAGE. 1 v. in-8.º enc. 5\$000
- Cozinheiro nacional** ou collecção das melhores receitas das cozinhas brasileira e europeas, para a preparação de sopas, molhos, carnes, caça, peixe, crustaceos, ovos, leite, legumes, pudins, pasteis, doces de massa e conservas para sobre-mesa, etc. etc., acompanhado das regras de servir a mesa e de trinchar. 1 grosso vol. in-8.º ornado com numerosas e finas estampas 3\$000
- Cultura das abelhas**, tratado completo e pratico de apicultura. por A PAULO SALLES. 1 v. in-8.º enc. 2\$500
- Doceiro Nacional** ou Arte de fazer toda a qualidade de doces. Obra contendo 1,200 receitas conhecidas e ineditas acompanhada dos diversos processos usados para a depuração e extracção do assucar contido nas plantas saccharinas. Ornado com numerosas estampas. 1 v. impresso em Pariz 3\$000
- Encyclopedia popular** (leituras uteis). Noções escriptas e notas referentes aos mais interessantes conhecimentos humanos; noticias relativas ás cousas e instituições do Brazil; apontamentos historicos, geographicos, estatísticos, biographicos, industriaes, litterarios, etc.; por BERNARDO SATURNINO DA VEIGA. 1 v. in-4.º grande enc. 16\$000
- Guia pratico do distillador** por E. ROBINET 1 v. in-8.º enc. 6\$000
- Jardineiro brasileiro**, por PAULO SALLES. 4.ª edição. 1 v. in-8.º com numerosas gravuras. 4\$000
- Manual de Arboricultura**. Tratado theorico e pratico da cultura das arvores fructíferas com 100 estampas, por A. DE SOUZA FIGUEIREDO. 1 v. in-4º enc. 8\$000
- Manual do Capitalista**, por BONNET. 1 v. in-4.º enc. percalina 6\$000
- Com alguma pratica em compulsar este livro, pratica que aliás se adquire facilmente, o negociante, o banqueiro, o guarda-livros, o empregado de fazenda ficam habilitados a effectuar a mais complicada operação de juros, de conta corrente, de percentagem, emquanto o diabo esfrega um olho...
- Manual do Gallinheiro**. Arte de melhorar e tratar as galinhas e mais aves domesticas, contendo regras e conselhos sobre o cruzamento e descripção das raças, criação e producção, construcção e hygiene do gallinheiro, molestias e

- seu tratamento, etc.; por A. PAULO SALLES. 1 nitido vol. in-8.º com gravuras, enc. 3\$000
- Manual pratico de Viticultura**, por GUSTAVO FOEX. 1 v. in-8.º enc. 4\$000
- Memoria sobre a sericultura no Brazil**, por José PEREIRA TAVARES. 1 v. in-4.º com 5 grandes estampas explicativas, br. 4\$000
- Novo manual do cozinheiro**, ou Arte da cozinha posta ao alcance de todos, por CONSTANTIN CARNEIRO, chefe de cozinha. 1 v. in-18 com estampas, enc. 2\$500
- Novo manual epistoliar**, ou Arte de Escrever todo o genero de cartas segundo o gosto actual. 1 v. in-18 enc. 2\$000
- Orador popular**, por José ALVES CASTILHO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000
- Este livro contém modelos de discursos, uma infinidade de modelos, desde o de « duas palavras » que se dizem á sobre-mesa, em dia de annos, até a oração funebre, que se pronuncia á beira de um tumulto aberto. E de grande utilidade practica.
- Secretario brasileiro**. 1 v. in-8.º enc. 3\$000
- O *Secretario* é um livro que contém nada menos de 306 modelos de cartas; ha n'elle cartas para o que a gente precisar, desde pedir desculpa de não ir a uma festa, até rogar ao senhorio mais alguns dias de praso para o pagamento da casa. O *Secretario* não é um livro — é um thesouro.
- O *Secretario* e com o *Orador*, tendo-se boa memoria, um homem pôde rir desdenhosamente das cartas em que ha *amigo* com dous *mm* e dos discursos interrompidos frequentes vezes por aquillo a que chamam « caroço ».
- Thesouro das familias** ou encyclopedia dos conhecimentos da vida pratica. Collecção de 1952 receitas utilissimas e necessarias a todas as classes da sociedade, sobre economia domestica, sciencias, artes, industria, officios, manufacturas, agricultura, etc., etc. Obra extrahida e compilada dos autores os mais afamados e os mais modernos de todos os paizes e augmentada de muitas e variadas receitas privadas e ineditas; por VICTOR RENAULT. 1 grosso v. nitidamente impresso e enc. 6\$000
- Tratado completo sobre o porco**, sua origem e utilidades, raças, criação e engorda pelos systemas modernos, *molestias e seu tratamento*, seguida da *criação do coelho* e dos diferentes modos de accomodar a carne aos paladares mais delicados, e de noticias sobre a *anta*, a *cupivara*, a *paca a cutia* e o *porquinho da India*, acompanhado do **Charcuteiro nacional** ou arte de fazer numerosos preparados e conservas de carne de porco, taes como: presuntos, salames, salsichas, murcellas, linguas, queijo de porco, salames, geléas, etc., por A. PAULO SALLES. 1 v. in-8.º ornado de numerosas gravuras, enc. 3\$000
- Tratado de cultura da Canna de assucar**, trad. ophes-

- panhol por REYNOSO, e impresso por ordem do Ministro da Agricultura. 1 v. in-4.º enc. 6\$000, br. 4\$000
- Tratado pratico de Medicina veterinaria.** Arte da prevenir e curar as enfermidades que atacam geralmente o cavallo, o asno, os muares, o boi, o carneiro, o porco e o cão; e contendo a Anatomia, a Physiologia e Hygiene, Symptomas, o Tratamento das doenças, a Therapeutica, o modo de administrar os remedios e a inoculação preventiva por H. VILLIERS, medico-veterinario, e A. LARBALÉTRIER, professor de Agricultura. Obra traduzida da ultima edição franceza, ornada de 35 gravuras. 1 vol. in-8.º, enc. broché. 3\$000
- Tratado pratico da fabricação do queijo e da manteiga,** acompanhado de um tratado sobre as *vaccas, cabras e carneiros* meios praticos sobre a criação, reproducção e aproveitamento, por PAULO SALLES. 1 v. com gravuras enc. 3\$000
- Trado do mundo (O),** por DUBAUX DE LA JONCHÈRE, traducção de SIMÕES DA FONSECA. 1 v. in-8.º enc. 5\$000
- Util Cultivador (O)** instruido em todo o manejo rural e accommodado a qualquer clima, pelo Dr. JOSÉ PRAXEDES PEREIRA PACHECO. 1 v. in-4.º enc. 5\$000

OBRAS DE SAMUEL SMILES

- Ajuda-te,** ou caracter, comportamento e perseverança. Trad. de". 1.ª edição. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Caracter (O),** traduzido por D. ADELAIDE PEREIRA. 1 grosso v. in-8.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Dever (O),** com exemplos de coragem, paciencia e resignação. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Economia Domestica Moral** ou a felicitação e a independencia pelo trabalho e pela economia. 1 v. in-8.º br. 3\$000,
- Poder da Vontade,** ou caracter, comportamento e perseverança. Trad. de A. J. FERNANDES DOS REIS, 2.ª edição. 1 vol. in-8.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Vida (A) e o Trabalho,** traducção de CORINNA COARACY. 1 vol. in-8.º enc. 4\$000, br. 3\$000

HYGIENE DA GERACAO

Pelo Dr. P. GARNIER

- O Matrimonio** considerado nos seus deveres, relaçãoes e efeitos conjugaes desde o ponto de vista legal, hygieni, physiologico e moral, 1 v. in-8.º, com 36 gravuras, ecs 5\$000, br. 4\$000

- A Geração Universal**, Leis, Segredos e Mystérios no homem e na mulher, 1 vol. in-8.º numerosas gravuras no texto, enc. 5\$000, br. 4\$000
- O Onanismo só e a dois**, desde todas as fôrmas e consequências, 1 gr. v. in-8.º 4\$000
- Impotencia physica e moral nos dois sexos**. Causas signaes, remedios, 1 v. in-8.º, com gravuras. enc. 5\$000, br. 4\$000
- Hypnotismo e suggestão**, esboço de estudo por MONT'ALVERNE DE SEQUEIRA, 1 v. in-4º enc. 10\$000
- Medicina domestica homœopathica** ou Guia pratica da arte de curar homœopathicamente, contendo tudo quanto de mais util se pôde encontrar nos autores homœopathas Hahneman, Hering, Currie, Dunsford, Laurie, Hartmaan, Bœnninghausen, Ruoff, Hartlaub e outros ; pelo Dr. THOMAS COCHRANE. 2 grossos vs. in-4º enc. 16\$000
- Phytographia ou Botanica Brasileira** applicada ás artes e industrias, seguida de um supplemento de materia medica, inclusive as plantas conhecidas e applicadas pelos indios em suas enfermidades pelo Dr. J. A. DE MELLO MORAES. Um grosso volume in-4º, com 550 paginas, em bom papel e nitida impressão, enc. 15\$000
- Revista da Exposição Anthropologica**, pelo Dr. MELLO MORAES FILHO. Obra illustrada com gravuras em madeira, 1 v. in-folio enc. 10\$000

Em preparação :

- A Esterilidade humana e o hermaphrodismo no homem e na mulher**. 1 vol. in-8.º com gravuras, enc. 5\$000, br. 4\$000
- O Celibato e os celibatarios**, caracteres, perigos e hygiene nos dois sexos, 1 vol. in-8.º enc. 5\$000, br. 4\$000
- As Anomalias sexuaes**, apparentes e occultas, com 230 observações, 1 v. in-8.º enc. 5\$000, br. 4\$000
- O Males de Amor**, contagio, preservativos e remedios com 112 observações, 1 vol. in-8.º enc. 5\$000, br. 4\$000

JBRAS RECREATIVAS, HUMORISTICAS, ETC.

BIBLIOTHECA POPULAR

Cada vol. 500 reis.

- Historia da Princesa Magalona**. Novissima edição, 1 v. br.
- Historia da Dozella Theodora**, em que se trata da sua grande formosura e sabedoria. Novissima edição, 1 v. br.

- Historia de João de Calais.** Novissima edição, 1 v. br.
- Historia do Pelle de Asno, ou a Vida do Principe Cyrillo** Novissima edição, 1 v. br.
- Historia jocosa dos Tres corcovados de Setubal,** Lucrecio, Flavio e Juliano, onde se descreve o equivoco gracioso das suas vidas. Novissima edição, 1 v. br.
- Historia do Grande Roberto do Diabo,** Cuque de Normandia e Imperador de Roma, em que se trata da sua concepção e nascimento e de sua depravada vida, pelo que mereceu ser chamado *Roberto do Diabo* e do seu grande arrependimento e prodigiosa penitencia, pelo que mereceu ser chamado *Roberto de Deus*, e prodigios que por mandado de Deus obrou em batalha. Novissima edição, 1 v. br.
- Historia da Imperatriz Porcina,** mulher do Imperador Ladonio de Roma. Novissima edição, 1 v. br.
- Nova Historia do Imperador Carlos Magno e dos Doze pares de França,** contendo a grande batalha que teve com Malaco, rei de Fez, a qual venceu Reinaldos de Montalvão. Novissima edição, 1 v. br.
- Confissão geral do Marujo Vicente** por via das rogativas que lhe fez sua mulher *Joanna* e sua aparição com o confessor. Novissima edição augmentada, 1 v. br.
- Despedida de João Brandão a sua mulher, filhos, amigos e collegas,** seguida da **Resposta de Corolina Augusta.** Novissima edição, 1 v. br.
- Maria José,** ou a filha que assassinou, degolou e esquarterjou sua propria mãe Mathilde do Rozario da Luz, na cidade de Lisboa em 1848. 1 v. br.
- Simplicidades de Bertoldinho,** filho do sublime e astuto Bertoldo, e agudas respostas de Marcofia, sua mãe. Novissima edição, 1 v. br.
- Vida de Cacasseno,** filho de simples Bertoldinho e neto do astuto Bertoldo. Novissima edição, 1 v. br.
- A noite na Taverna,** cantos phantasticos por ALVARES DE AZEVEDO. Precedido de um esboço biographico pelo DR. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. br.
- Galatca. Egloga.** 1 v. br.
- Vozes d'Africa. O Navio negreiro,** tragedia no mar. 1 v. br.
- Disputa divertida** das grandes bulhas que teve um homem com sua mulher por não lhe querer deitar uns fundilhos em uns calções velhos. Obra alegre e necessaria para e pessoa que fór casada. 1 v. br.
- Os Escravos. Manuscriptos de Stenio.** 1 v. br.
- Bom (O) do Sr. Leitão,** por KOCK JUNIOR. 1 v. in-12°, enc 1\$600, br 1\$000
- Cartas Fatidicas,** respostas infalliveis a todos os problemas

- da vida humana. As respostas são sempre certas. Alexandre, Cesar, Annibal e Napoleão as consultaram, e a ellas deveram os seus triumphos. Com estas cartas adivinha-se a sorte de qualquer pessoa, 100 cartões nitidamente impressos 1\$600
- Cartas Magicas.** Adivinhações faceis por meio da leitura de amenos versos. Novissimo entretenimento de imaginação para desenfado da gente séria nas noites de reuniões da sociedade brasileira. Um estojo com 32 cartas comprehendendo os quatro naipes, bem impressos e dignas do fim a que se destinam. 1\$600
- Conselheiro dos Amantes (O).** Collecção de diferentes modelos de cartas amorosas para ambos os sexos, seguido de um appendice contendo a linguagem das flôres, emblema das côres, terminando pelo telegrapho amatorio, ou modo de fazer signaes, nova edição. 1 v. in-8° br. 500
- Contos Jocosos,** por KOCK JUNIOR. 1 v. in-12° enc. 1\$600, br 1\$600
- Cornucopia dos Salões.** Livro indispensavel a todos quantos desejem passar e emplena alegria. Mil noites festivas. Contendo completa collecção de sortes, jogos de sociedades, perguntas enygmaticas, charadas, cartomancia, meio facil de adivinhar o futurc, prestidigitação e subtilidades, jogos de cartas, solo, voltarete, marimbo, besigue, emprestimo, diabrete, quatro reis, tontinha, venda, etc. 1 v. in-8° enc. 3\$000, br. 2\$000
- Dados da Fortuna.** Modernissimo livro de sortes para recreio da sociedade brasileira, nas noites de Santo Antonio, S. João, S. Pedro e Sant'Anna, contendo 48 perguntas e 1,056 respostas em quadras rimadas. Edição apropriada tanto á côrte como ás provincias do Imperio. 1 v. in-8°, br. 1\$600
- Diccionario das Flôres,** folhas, fructas, hervas e objectos mais usuaes, com significações, ou vade-mecum dos namorados, offerecido aos fieis subditos de Cupido. 1 v. br. 500
- Espinge (A).** Palestra enigmatica ou livro de adivinhações proprias a aguçar o espirito e a entreter a imaginação nas reuniões brasileiras, e para desenfado, recreio e passatempo sempre agradável nas noites de fogueiras de Santo Antonio, S. João, S. Pedro e Sant'Anna. Publicado para a felicidade de quem o possuir comprando-o. 1 v. bem impresso, in-8°. 1\$600
- Jogo da Conversação** bello entretenimento de perguntas e respostas ou disparates e acertos engraçados para passatempo das familias brasileiras, 2 estujos com 100 perguntas e 100 respostas. 3\$200
- Letras Mysteriosas. — Adivinhações faceis** por meio da leitura de trechos em prosa. Novissimo entretenimento da imaginação para desenfado das noites de reuniões da sociedade brasileira. Um elegante estojo com 25 bonitos cartões nitidamente impressos. 1\$600

- Livro dos Sonhos**, no qual se encontra a sua explicação ao alcance de qualquer pessoa. 1 v. in-12, br. 500
- Livro (O) dos Sonhos**, ou Explicação clara e facil das visões e inspirações nocturnas, segundo os mais famosos cabalistas gregos, arabes, egypcios e persas, seguido da Cartomancia, ou Arte de ler o futuro nas cartas. Nova edição revista e corrigida, illustrada. 1 v. in-18°. 2\$000
- Advinhador. Livro feiticeiro das Senhoras**, ou Novissimo oraculo de donas e donzellas, contendo 70 perguntas e 1,120 respostas de fazer pasmar pelo seu acerto, por O ADIVINHADOR. 1 v. in-8°, nítida edição. 1\$600
- Cartões de amor**. Jogo dialogado e em versos entre damas e cavalleiros para desenfado das noites de inverno. Um estojo com 100 cartões. 1\$600
- Um marido por um pé de meia**, por KOCK JUNIOR, 1 v. in-12°, enc. 1\$600 1\$000
- Mata-Horas (O) Aborrecidas**. Nova e interessantissima collecção de jogos de sociedade, comprehendendo 127 jogos de prendas e de espirito ou imaginação, de dansa, de musica, de penitencia e de mystificação. 1 volume in-8°, bem impresso. 1\$600
- Mensageiro dos amantes**, ou Arte de agradar e obter successos em amores. Contém modelos de correspondencia galante em todos os casos possiveis. 1 estampa. 1 volume in-18° 2\$000
- Mosaico Brasileiro**, ou collecção de ditos, respostas, pensamentos, epigrammas, poesias, aneddotas, curiosidades e factos historicos de brasileiros illustres, pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8°, enc 3\$000
- Novissimo e completo Manual de dança**, tratado theorico e pratico das danças de sociedade, por ALVARO DIAS PATRICIO. 1 v. in-8° enc. 3\$000 br. 2\$000
- Novo manual de Jogos de sociedade e de prendas**. 1 estampa. 1 v. in-18° 2\$000
- Pandego (O)**, por KOCK JUNIOR. 1 volume in-12° enc. 1\$600, br. 1\$000
- « O Pandego » é uma narrativa cheia de interesse que, sobretudo, se recomanda pela proveitosa lição de moralidade que encerra; n'ella se vê o quanto se torna prejudicial ao futuro dos filhos a demasiada solicitude paterna, e como as maiores provações e contratempos da vida, em vez de alquebrar, retemperam e engrandecem os caracteres nobres, embora da infima condição.
- Oraculo das familias**. 1 v. br. 1\$600
- Pequeno Diccionario dos nomes proprios** mais usados no Brazil e em Porgal, com a respectiva significação; por L. F. DA VEIGA. 1 v. in-12 br. 1\$000, enc. 1\$600
- Prestidigitação**, por ROBERT. br. 2\$000, enc. 3\$000

- Roda do Destino.** Novo e completo livro de sortes para entretenimento das familias brasileiras nas noites de fogueiras, composto segundo as melhores indagações philosophicas, physiologicas e astrologicas, feitas no horoscopo da humanidade e debaixo das inspirações somnambulisticas, contendo 51 perguntas de novos e interessantes assumptos, e 1248 respostas em 4992 versos! Acompanhada de um mecanismo expressamente inventado para se tirar as sortes com toda a certeza e infaillibilidade. 1 v. 3\$500
- Segredo** de triumphar das mulheres e fixal-as, seguido dos signaes que annuncião propensão ao amor. 1 v. in-18° 2\$500
- Sortes de physica recreativa.** 1 v. br. 2\$000, enc. 3\$000
- Sortes de Cartas.** 1 v. br. 2\$000, enc. 3\$000
- Verdadeiro oraculo** dos maridos e dos amantes, que responde de um modo infallivel a todas as perguntas. 1 v. in-12° 1\$500
- Verdadeiro oraculo** das damas e donzellas, que responde de um modo infallivel a todas as perguntas relativas ás epochas e successos mais notaveis da vida. 1 volume in-12° 1\$500
- Verdadeiro livro de S. Cypriano (O.).** Edição a mais completa, por POSSIDONIO TAVARES. 1 vol. in-8°, br. 3\$000

DICCIONARIO ENCYCLOPEDICO

ILLUSTRADO

DA

LINGUA PORTUGUEZA

CONTENDO

Vocabulario portuguez. — Historia. — Biographia.
Geographia. — Mythologia.

POR

SIMÕES DA FONSECA

Antigo professor de Litteratura portugueza em Pariz; Membro e antigo Secretario da Associação litteraria e artistica internacional.

Terceira edição melhorada

1 vol. gr. in-18 encadernado.

8\$000

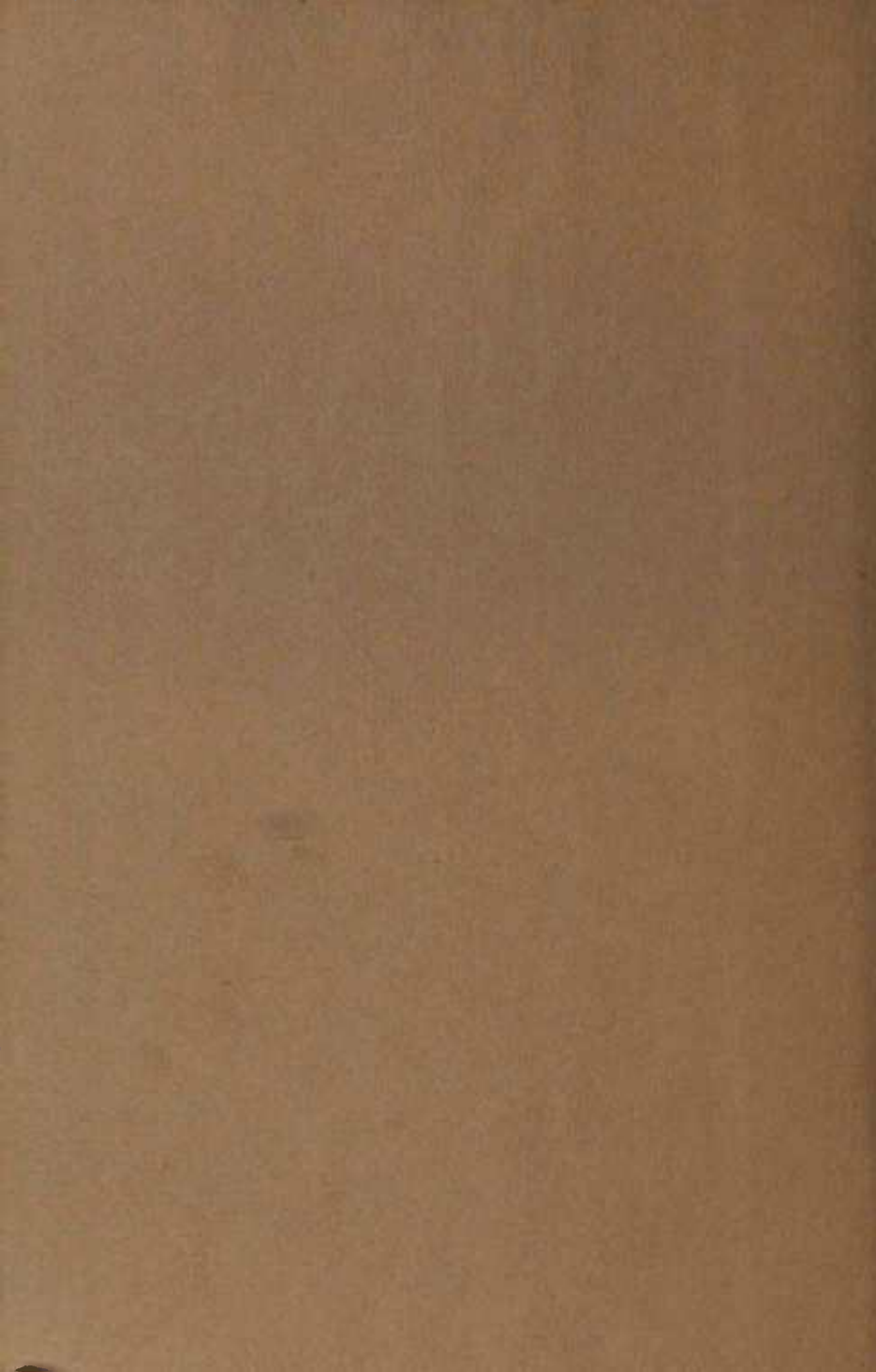
Paris — Typ. GARNIER IRMAOS, 6, rue des Saints-Pères.

H. GARNIER, EDITOR, RIO DE JANEIRO

- Alvarenga Peixoto** (Ign. José de). *Obras poeticas.*
1 vol. in-8° enc. 3\$000, br. 2\$000
- Casimiro de Abreu** (J.M.). *Obras completas.* 1 vol.
in-8° enc 3\$000, br. 2\$000
- Castro Alves.** *Obras poeticas.* 2 vol. in-8°.
- Francisco de S. Carlos** (Frei) *A Assumpção,*
poema. 1 vol, in-8° enc. 3\$000, br. 2\$000
- Gonçalves Dias.** *Obras poeticas.* 2 vol. in-8°
enc. 6\$000, br. 4\$000
- Gonzaga.** Poema. 1 vol. in-8° enc. 3\$000
- Gonzaga** (Th. Ant.). *Narilia de Dirceu.* 2 vol. in-8°
enc. 6\$000
- Guimarães** (Bernardo). *Obras poeticas.* 3 vol. in-8°
enc. 10\$000, br. 7\$000
- Guimarães Junior** (Luiz). *Corymbos.* 1 vol. in-4°
br. 3\$ 00
- *Filigranas.* 1 vol. in-8° encad. 3\$000, br. 2\$000
- Junqueira Freire.** *Obras poeticas.* 2 vol. in-8°
enc. 6\$000, br 4\$000
- Laurindo Rabello.** *Obras poeticas.* 1 vol. in-8°
enc. 3\$000, br. 2\$000
- Machado de Assis.** *Obras poeticas.* 3 vol. in-8°
enc. 9\$000, br. 6\$000
- Macedo** (Dr. J.-M. de). *A Nebulosa,* poema. 1 vol.
in-4° 4\$000
- Magalhães de Araguaya** (Dr. J.-G. de). *Obras,*
3 vol. in-4° 24\$000
- Mello Moraes Filho.** *Obras poeticas.* 4 vol. in-8°
enc. 19\$000, br. 15\$000
- Santa Rita Durão** (Fr. José). *Caramurú.* 1 vol.
in-8° encad. 3\$000, br. 2\$000
- Silva Alvarenga** (M.-J. da). *Obras poeticas.* 2 vol.
in-8° enc. 6\$000, br. 4\$000

H. GARNIER, EDITOR, RIO DE JANEIRO

- Alvarenga Peixoto** (Ign. José de). *Obras poeticas*. 1 vol. in-8° enc. 3\$000, br. 2\$
- Casimiro de Abreu** (J.M.). *Obras completas*. 1 vol. in-8° enc. 3\$000, br. 2\$
- Castro Alves**. *Obras poeticas*. 2 vol. in-8°. 4\$
- Francisco de S. Carlos** (Frei). *A Assumpção*. poema. 1 vol. in-8° enc. 3\$000, br. 2\$
- Gonçalves Dias**. *Obras poeticas*. 2 vol. in-8°. enc. 6\$000, br. 4\$
- Gonzaga**. *Poema*. 1 vol. in-8° enc. 3\$
- Gonzaga** (Th. Ant.). *Marilia de Dirceu*. 2 vol. in-8°. enc. 6\$
- Guimarães** (Bernardo). *Obras poeticas*. 3 vol. in-8°. enc. 10\$000, br. 7\$
- Guimarães Junior** (Luiz). *Corymbos*. 1 vol. in-8°. br. 3\$
- *Fitigranas*. 1 vol. in-8° encad. 3\$000, br. 2\$
- Junqueira Freire**. *Obras poeticas*. 2 vol. in-8°. enc. 6\$000, br. 4\$
- Laurindo Rabello**. *Obras poeticas*. 1 vol. in-8°. enc. 3\$000, br. 2\$
- Machado de Assis**. *Obras poeticas*. 3 vol. in-8°. enc. 9\$000, br. 6\$
- Macedo** (Dr. J.-M. de). *A Nebulosa*, poema. 1 vol. in-4°. 4\$
- Magalhães de Araguaya** (Dr. J.-G. de). *Obras poeticas*. 3 vol. in-4°. 24\$
- Mello Moraes Filho**. *Obras poeticas*. 4 vol. in-8°. enc. 19\$000, br. 13\$
- Santa Rita Durão** (Fr. José). *Caramurá*. 1 vol. in-8° encad. 3\$000, br. 2\$
- Silva Alvarenga** (M.-J. da). *Obras poeticas*. 2 vol. in-8° enc. 6\$000, br. 4\$







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).